ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

VIAGEM FILOSÓFICA

pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro Mato Grosso e Cuiabá

MEMÓRIAS

ZOOLOGIA
BOTÂNICA

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA
1972

CAPA:

Pseudacanthicus hystrix (Valenciennes, 1840)

Uacariguaçu — Livro Museu Nacional — Peixes, Estampa 39

Dr. Mário Ypiranga Monteiro

Rio de Janeiro, agosto, 1975

Registrado protocolo nº 2820 (Folhas numero verso) 5º Livro

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

VIAGEM FILOSÓFICA

PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO NEGRO, MATO GROSSO E CUIABÁ

MEMÓRIAS
Zoologia
Botânica

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA
1972

INTRODUÇÃO

Neste volume acham-se reproduzidas as «Memórias» sobre Zoologia e Botânica deixadas sob forma de manuscrito, pelo Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, fruto de sua «Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá», no período de 1783-1792.

A fim de facilitar a leitura foi necessário atualizar a ortografia e mesmo mudar a construção de frases e outros detalhes de linguagem, sem que, a nosso ver, o conteúdo geral fosse modificado ou deixasse de exprimir o sentido exato pretendido pelo Autor.

No fim de cada «Memória» acham-se anotações, procurando esclarecer um ou outro ponto ou situar as espécies mencionadas dentro dos atuais Códigos de Nomenclatura Zoológica e Botânica.

Trata-se, também, da primeira publicação que enfeixa todos os manuscritos, nesses assuntos deixados por Alexandre Rodrigues Ferreira e reconhecidos, como de sua autoria, ao percorrer larga faixa do território brasileiro, a serviço de Portugal.

Essa tarefa só foi possível graças à compreensão e recursos materiais fornecidos pelo Conselho Federal de Cultura, mediante programação estabelecida pelo seu Presidente, Professor Arthur Cezar Ferreira Reis.

Pessoalmente, como naturalista, embora cento e cinqüenta anos depois, pude percorrer grande número das localidades mencionadas por Alexandre Rodrigues Ferreira. Vejo, nos seus relatos, grande fidelidade e destaque em relação aos conhecimentos então existentes no período em que as «Memórias» foram escritas. Elas nos mostram a imagem de uma Amazônia já distante, pelo menos faunisticamente, na qual o homem esteve durante quase três séculos na exclusiva dependência da fauna e da flora regionais para seu sustento diário. Decorrido século e meio da Viagem Filosófica, algumas das espécies mencionadas como abundantes na região acham-se hoje incluídas na «Lista Oficial das Espécies de Animais e Plantas Ameaçadas de Extinção no Brasil». Já naquela época, em dois de seus manuscritos, Alexandre Rodrigues Ferreira alertava as autoridades nesse sentido.

Como será mencionado nos comentários, seu trabalho representa grande valor, como fonte de conhecimentos zoogeográficos ou fitogeográficos, pelo conteúdo em dados biológicos e sobretudo pelo uso e costumes referentes a esses recursos naturais na época. Além disso, acrescido, ainda, do sabor de suas descrições e da viagem ao passado que as mesmas nos proporciona, numa região extraordinária, onde pela primeira vez um naturalista palmilhava em busca de novos conhecimentos científicos e aplicados.

Cabe-nos, com pesar, lamentar os inúmeros imprevistos adversos que ocorreram com as «Memórias» e as ilustrações de Alexandre Rodrigues Ferreira. Como exemplo, citaremos o mais grave deles que foi o confisco das «Memórias» e do material zoológico para o Museu de Paris.

Segundo Carlos França (Boletim da Sociedade Broteriana, Volume I, 2ª série, 1922), Junot requisitou, a pedido de Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire, naturalista do Museu de Paris, durante a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, as «Memórias» originais e desenhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, usurpando, assim, várias espécies descritas e ilustradas pelo naturalista. Como se pode verificar pelo documento transcrito a seguir, pertencente ao Museu Zoológico de Lisboa, 417 espécies de animais, representadas por 592 exemplares, foram utilizadas pelo naturalista francês em suas pesquisas.

«Le Duc d'Abrantes, General en Chef de l'armée du Portugal, autorize Mr. Geoffroy, membre de l'Institut de France envoyé par le Ministre de l'Interieur pour faire des recherches sur les objects de Histoire Naturelle existants en Portugal et utiles au Cabinet de Paris, à enlever et faire encaisser pour être transportés en France les objects spécifiés dans le present... par nous depuis 1'1 jusqu'a 4 et comprenant 65 espèces et 76 individus de mammifères, 238 espèces et 384 individus des oiseaux, 25 espèces et 32 individus de reptiles et 89 espèces et 100 individus de poissons. Le Directeur du Cabinet Mr. Vandelli donnera à Mr. Geoffroy toutes les facilités qui dependront de lui pour les objects, et la présente ordre restera deposée entre les mains de Mr. Vandelli pour sa decharge.

Lisbonne, le 3 juin 1808 — Le Duc d'Abrantes.

Conforme nos relata Goeldi (1895) lendo o «*Catalogue méthodique de la collection de mammifères du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris. I.ère partie: Introduction et catalogue des primates par Isidore Geoffroy St. Hilaire*», *Paris, 1851*, podemos ter uma idéia das dimensões da colheita feita em Lisboa pelo zoólogo francês.

Assim é que o filho Isidore relata que o pai Etienne... *«dont Mr. Geoffroy St. Hilaire, par son voyage en Portugal, avait procuré avant tous aux Muséum les riches productions...»* ... *«La collection que Mr. Geoffroy St. Hilaire a formée en 1808, en Portugal, enfermait, avec un très-grand nombre d'espèces bresiliennes»*...

Ainda é Goeldi que nos confirma serem, apenas de macacos, um total de 19 espécies seqüestradas do Real Museu de Lisboa, a maioria deles tipos das espécies de Geoffroy, das quais pelo menos 15 seriam de Alexandre Rodrigues Ferreira. À lista dos primatas poder-se-á acrescentar ainda o guará (lobo), a uiara ou boto-vermelho da Amazônia e o rato *Dactylomys* I. Geoffroy. Para Goeldi, isso representa «uma das maiores injustiças que jamais se praticaram» no campo da zoologia, pois nem o pai e nem o filho daquela dinastia de zoólogos nem sequer uma sílaba escreveram para confessar a quem a ciência deve o descobrimento de tantos animais.

As «Memórias» sobre Botânica foram preparadas para publicação pelas pesquisadoras Emilia Albina Alves dos Santos e Elza Fromm Trinta, da Divisão de Botânica do Museu Nacional. Os comentários e anotações que se seguem a cada «Memória» são de sua autoria. Coube aos zoólogos Luis Carlos Souto e Paulo Sérgio Fiuza Ferreira o preparo da Memória «Observações Gerais e Particulares sobre a Classe dos Mamíferos etc.», que também apresentam comentários. As anotações na «Relação dos Peixes dos Sertões do Pará» e referências bibliográficas foram feitas pelos colegas Heraldo Britski e José de Lima Figueiredo, ictiólogos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. As demais «Memórias» foram preparadas por mim.

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia em 27 de abril de 1756. Após receber seus primeiros ensinamentos, ingressou na carreira eclesiástica, sendo-lhe conferido as primeiras ordens clericais em 20 de setembro de 1768, matriculando-se, logo a seguir, na Cadeira de Instituta Universidade de Coimbra. Nessa Universidade exerceu a função de Preparador de História Natural, até o seu regresso para Lisboa em 15 de julho de 1778, época em que foi indicado por Domingos Vandelli para cumprir missão de ultramar, a pedido de Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretário de Estado de Negócios e Domínios Ultramarinos. Antes de iniciar sua nova tarefa, realizou trabalho sobre a Mina de Carvão de Pedra de Buarcos.

Em janeiro de 1779 doutorou-se pela Universidade de Coimbra, passando a trabalhar no Real Museu D'Ajuda, posto que manteve até 1783. A Real Academia das Ciências de Lisboa acolheu-o como membro correspondente em 22 de maio de 1780.

Nomeado em princípio de 1783, «para na qualidade de naturalista», segundo nos afirma Manoel José Maria da Costa e Sá (1818), empreender a VIAGEM FLOSÓFICA PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO NEGRO, MATO GROSSO E CUIABÁ, no reinado de Dona Maria I, partiu para Belém do Pará, em setembro de 1783, na charrua Águia e Coração de Jesus, com a missão de recolher e aprontar todos os produtos dos três reinos da natureza que encontrasse e remetê-los ao Real Museu de Lisboa, bem como fazer particulares observações filosóficas e políticas acerca de todos os objetos da viagem.

Chegando ao Pará em outubro, iniciou seus estudos pela grande Ilha de Joannes ou Marajó, indo a seguir a Cametá, Baião, Pederneiras e Alcobaça. Em fins de 1784, partiu para o Rio Negro, que percorreu até a fronteira, regressando para subir o Rio Branco até a Serra de Canauaru ou Nevada, retornando a Barcelos, então capital da Capitania de São José do Rio Negro.

Em fins de agosto de 1788 deixou Barcelos para subir o Rio Madeira e, a seguir, o Guaporé, atingindo Vila Bela, a capital de Mato Grosso, em 1789, após 13 meses de viagem, durante a qual foi acometido de severa malária. Seguiu para a Vila de Cuiabá em 27 de junho, descendo pelo rio deste nome ao de São Lourenço e Paraguai.

Retornando ao Pará, chegou a Belém em janeiro de 1792, a fim de regressar a Portugal. Ao saber que nada havia sido pago ao capitão Luiz Pereira da Cunha, que remetera todo o material da expedição para a Corte, despesa essa considerável, com a qual, segundo ele, poderia dotar uma filha, afirmou Alexandre Rodrigues Ferreira àquela autoridade: «Isso não servirá de embaraço a seu casamento; eu serei quem receba essa sua filha por mulher.» E assim o fez, casando com Dona Germana Pereira de Queiroz Ferreira em 16 de setembro de 1792.

Regressou a Lisboa em janeiro de 1793, sendo nomeado Oficial da Secretaria, Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. No ano seguinte foi condecorado com a Ordem de Cristo em 25 de julho e assumiu o cargo de Diretor interino do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico em 7 de setembro. Passou a Vice-Diretor em 11 de setembro de 1795, ano em que foi designado, ainda, Administrador das Reais Quintas e posteriormente Deputado da Real Junta de Comércio.

Já no fim de sua vida, em 24 de julho de 1807, lhe foi dado propriedade de um Ofício na Alfândega do Maranhão. Faleceu em Lisboa a 23 de abril de 1815.

Acompanharam Alexandre Rodrigues Ferreira, na «Viagem Filosófica», dois desenhistas: Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, além do jardineiro botânico Joaquim do Cabo.

Em julho de 1815 foram entregues a Felix de Avelar Brotero, por Dona Germana, para ser conservado no Real Museu da Ajuda, os papéis e manuscritos, pertencentes à Viagem, devidamente catalogados por Antônio de Azevedo Coutinho, com 18 folhas não numeradas.

A fim de que o Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá opinasse sobre a publicação do acervo deixado por Alexandre Rodrigues Ferreira, foram os manuscritos, desenhos, plantas e demais papéis da Viagem Filosófica transferidos para a Real Academia das Ciências.

Com intuito de dar divulgação à obra, deveriam os manuscritos vir para o Brasil, segundo se diz, por ordem do Governo Português. A história da vinda desses manuscritos e de sua completa debandada, segundo Alfredo do Valle Cabral (1876), «é bem curiosa, mas não cabe aqui narrá-la: acresce que, contá-la, equivaleria a ofender sem dúvida algumas dezenas de suscetibilidades, e tal não é o nosso intuito». O Ministro do Brasil em Lisboa, Antônio de Menezes Vasconcellos Drummond, enviou para o Rio de Janeiro cinco volumes que encerraram 912 estampas, acreditando-se que todas elas foram copiadas dos originais ainda em vida de Alexandre Rodrigues Ferreira, e provavelmente sob sua direção, no Real Museu da Ajuda, e passam, por conseguinte, na opinião de Valle Cabral, como autênticas. Outros códices, segundo ainda Valle Cabral, «uns todos escritos da própria mão do autor e outros por letra de seu amanuense, mas que trazem correções e acrescentamentos do próprio punho do naturalista, ou sua assinatura autógrafa», também acham-se na Seção de Manuscritos de nossa Biblioteca Nacional.

Ao todo, foram encontrados, no inventário original de Antônio Azevedo Coutinho, 57 obras: Memórias, Notícias, Diários de Viagem, Prospectos, Relações, Observações Gerais, Descrições etc. pertencentes à «Viagem Filosófica». Além dessas, incluem-se 17 outras não pertencentes à «Viagem» e 29 outras que, embora sem indicação do nome de Alexandre Rodrigues Ferreira, não trazem a de nenhum outro autor, sendo que pela natureza e outros argumentos se devem atribuir ao naturalista, segundo Manoel José Maria da Costa e Sá (1818), totalizando 103 obras, das quais 86 poderão ser consignadas à «Viagem Filosófica». José Honório Rodrigues (1925) registra 89 obras atribuídas a Alexandre Rodrigues Ferreira, além de 44 cartas, requerimentos, ofícios, representações, solicitações, memórias etc. e mais 69 documentos sobre

as obras de Alexandre Rodrigues Ferreira e 9 documentos em manuscrito, pertencentes a outras instituições brasileiras ou de localização desconhecida, num total de 211 trabalhos referindo-se à «Viagem Filosófica» até 1952.

Segundo José Honório Rodrigues (1952) «a publicação das obras de Alexandre Rodrigues Ferreira é um ideal longamente mantido pelos melhores espíritos da cultura brasileira». Nesse sentido, a Câmara dos Deputados, pelo Projeto nº 629, de 17 de outubro de 1949, abriu um crédito de Cr$ 500,00 destinado à reprodução, pelo Ministério da Educação e Cultura, dos manuscritos da «Viagem Filosófica». Novamente o Projeto n.º 560, de 4 de junho de 1951, do Congresso Nacional, mandou abrir, no Ministério da Educação e Cultura, um crédito de um milhão e quinhentos mil cruzeiros antigos, a serem distribuídos em parcelas de 300 mil cruzeiros durante 5 anos, para imprimir as obras completas do naturalista, através de proposição dos deputados Coutinho Cavalcanti, Afonso Arinos de Melo Franco e Nelson Carneiro. A Lei nº 1.706, de 22 de outubro de 1952, também autorizou o Poder Executivo a imprimir as obras de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nenhuma dessas iniciativas foi coroada de êxito.

A Comissão do Ministério da Educação e Cultura que tinha a seu cargo a organização das obras do naturalista, conforme Portaria nº 241, de 2/8/55, *ex vi* da Lei nº 1.706, tendo em conta o interesse demonstrado pelo então Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Professor Olympio Ribeiro da Fonseca Filho, em avocar para este Instituto o empreendimento, assim como a capacidade científica e financeira do INPA para realizá-lo, resolveu propor ao MEC fosse dada por finda a atividade da Comissão e deferida a pretensão do Instituto. Tal fato foi aceito pelo Ministro e comunicado ao INPA pelo ofício nº 983/55, de 20/12/55. Composta dos Professores João Ribeiro Mendes, Jorge Agostinho da Silva e Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes, procedeu o inventário dos códices, não sendo, todavia, continuado o trabalho, por escassez de recursos.

Coube ao Conselho Federal de Cultura retomar essa determinação, tantas vezes projetada e não executada, salvo casos especiais, em que algumas monografias ou memórias foram reproduzidas em publicações brasileiras. Esse o fundamento da presente edição.

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1972.

José Candido de Melo Carvalho, Ph. D.

Professor Titular — Museu Nacional

ZOOLOGIA

I. DESCRIÇÃO DO PEIXE PIRARUCU

E

MEMÓRIA SOBRE O PEIXE PIRARUCU, DE QUE JÁ SE REMETERAM DOIS DA VILA DE SANTARÉM PARA O REAL GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL E AGORA SE REMETEM MAIS CINCO DESTA VILA DE BARCELOS, OS QUAIS VÃO INCLUÍDOS NOS CINCO CAIXÕES QUE CONSTITUEM PARTE DA SEXTA REMESSA DO RIO NEGRO (*)

PISCES

LINNAEUS SYSTEMA NATURAE

ABDOMINALES

Paraensibus *Pirarucu*

CAPUT oblongum, porrectum, depressum, declive, corpore angustius, supra planum, nudum, osseo loricatum, scabrum, hinc inde longitudinaliter radiatum; radiis scabris, tuberculatis, distinctis, interdum dichotomis. Os adscendens, rictu amplo, maxilla superiore plana, breviore; inferiore adscendente, paulo longiore. OCULI poene rictum; supra angulos oris; magni, rotundi, distantes. Irides flavae. Pupilla nigra. NARES foramina 4; rotunda; anterioribus e cute communi tentaculatis. DENTES in maxillis ossei; distincti, obtusi, superioribus, maioribus, minutissimi in palato, confertissimi incisores maxillae superioris longiores; molares in utraque breviores. LINGUA osse scatens ligulato, subtus lovi concavi, supra plano, denticulato; denticulae confertis, acutis. OPERCULA ossea, lamellata, longitudinali radiata; radiis scabris, distinctis, interdum dichotomis. MEMBRANA BRANCHIOS-

(*) Esta Memória foi publicada na sua versão original, por Alípio de Miranda Ribeiro, nos Arquivos do Museu Nacional, volume 12: 155 — 158, 1903. Os dois manuscritos — Descrição e Memória — na Biblioteca Nacional, possuem o mesmo conteúdo.

TEGA radiis 9-10, osseis, planis. TRUNCUS corpus elongatum, teres, octopedale, et ultra; crassities 4 pedum. Pondus non raro 200 tb, et ultra. LINEA LATERALIS tecta; e singulis excavationibus in squamis singulis. SQUAMAE magnae, fixae, osseae, scabrae, rhombeae, imbricatae, marginibus membranaceis, kermesino colore pictis, unde paraensibus pirarucu; lixa quod ad junt tornariorum pro radendis lignis.

ARTUS PINNAE PECTORALES abdominalibus longiores, latiores; 9-11 radiatae; radiis osseis, muticis. ABDOMINALES remotae, 5-6 radiatae. DORSALIS solitaria supra caudam; páulo longior anali; utraque opposita, ad cauda excurrens, et cum caudali fere coadunata. D. radiis 35-40. A paullo minus. CAUDALIS parva, integra, rotunda, radiis 24. PISCES pulcher, valens, edulis, victus non tenuis, nec saporis delicati. Victitat insectis, vermibus fluvialibus, piscibus aliis, etc. Faemina ova ab ipsis depositae, imo et pisciculos exclusos sub operculis fovent. HABITAT in flumine Amazonico, et in coeteris confluentibus.

HISTÓRIA

Os índios das duas Capitanias do Estado do Grão-Pará denominam este peixe de pirá-urucu, devido à cor que possuem as membranas das margens exteriores de suas escamas, que orlam as mesmas, significando, entre nós, peixe pintado de urucu. Assim se chama uma árvore do país, que já é muito conhecida pelos botânicos europeus, sob a denominação de *Bixa orellana*, de cujas sementes se extrai a fécula chamada Urucu entre nossos droguistas ou «achiote», ou «le rocou», etc., entre os franceses. Quase todo índio se pinta com ela e talvez por esta razão, refletindo eles na cor do peixe, lhe dessem o nome que até hoje se conserva.

Os nativos, quanto à cor interna, depois do peixe esfolado, distinguem-nas em cores branca e amarela. Ele se alimenta de insetos e vermes aquáticos e de outros peixes tais como a pescada, o aruanã, o tucunaré, a traíra, o pirapucu, o mapará e outros que eu encontrei em seu estômago. As fêmeas desovam no início das enchentes de maneira muito interessante. Colocam a cauda contra a correnteza do rio e abrem os opérculos das brânquias, como a galinha abre as asas para agasalhar os pintos, esperam que os ovos desçam com a correnteza para dentro do opérculo onde se recolhem para não se extraviarem. Eles se abrigam dentro dos opérculos, se agasalham e daí saem os alevinos, já em forma de peixe, os quais, quando pequenos, sempre andam em cardumes, ora soltos ora presos ao dorso e aos lados do corpo de suas mães,

sem nunca perderem o tino de se refugiarem debaixo de seus opérculos, principalmente quando perseguidos por outros peixes que os devoram.

Existem ovas que têm comprimento de 3 palmos, tendo cada ovo o volume de um grão de chumbo grosso, porém nem todos entram debaixo dos opérculos sendo devorados pelos outros peixes. Contudo em ambas as Capitanias do Pará e do Rio Negro é tal a quantidade de pirarucu, que dele fazem provisões, de peixe seco e peixe na salmoura, o primeiro para alimento dos índios remadores das canoas, o segundo para as mesas particulares, quando não há o peixe fresco. Em todo tempo se pesca, porém no verão é a época melhor, pois o pirarucu é retido nos lagos e nesse período a carne salgada seca melhor ao sol.

Pesca-se de modos diferentes: com anzol, com arpão, com redes, com tapumes de vara. O mais comum é arpoá-los com arpoeiras de preferência com as cordas da entrecasca do castanheiro novo, pois o pirarucu é um peixe alentado e furioso, e para segurá-lo depois de arpoado é necessário braço e arpoeira fortes. Ele também é um dos maiores peixes do Estado, chega a três varas de comprimento por uma vara e dois palmos de grossura. O ferro do arpão deve ser mais comprido do que o usado para o peixe-boi, para lhe furar bem o dorso, já que seus músculos dorsais são flácidos e ele escapa se o arpão prender superficialmente. A arpoada sobre o lombo não é bem sucedida: quanto mais se aproxima da cauda, melhor para segurar o peixe, porque ali tem os músculos mais firmes e tenazes e ali também a sua maior força, que perde com facilidade desde que sangre.

Não há rede de fiado de algodão que resista à sua força e por este motivo costumam arpoá-lo com rede de corda da entrecasca da castanheira preta ou da embira preta, com malha de um palmo de largura. Os cacuris, ou tapumes, devem ser fortes para o peixe não os quebrar com a força de seus músculos.

Quanto aos seus usos dietéticos, é um peixe selvagem, de pouco ou nenhum sabor; come-se cozido, assado e de escabeche. enquanto fresco. Há pirarucus que dão duas arrobas de peso quando salgados e uma arroba quando secos. Primeiramente se esfola todo o peixe, depois se espolpa e se retalha, antes de o salgar por cerimônias, porque, com um alqueire de sal moído, nunca se salgam menos de 30 arrobas. Se não lhe espremerem o óleo, como se faz ao peixe que se vai conservar espremendo em prensas próprias para isso. Da falta dessa cautela e não colocarem sal suficiente lhe sucede o mesmo que ao peixe-boi, logo se torna rançoso e em pouco tempo adquire uma cor, um cheio e sabor que

não se tolera; e se comer assim, não há remédio senão padecer por força dos vasos sanguíneos (câmaras de sangue), corrupção e outras enfermidades que não tardam muito a acometer os índios remadores nas viagens mais longas. O pirarucu bem salgado e seco é o bacalhau do Pará, assim como o peixe-boi em salmoura lembra um pouco do atum do Reino.

O osso da língua do pirarucu é o ralador com que os nativos costumam ralar o guaraná, o cravo da terra ou puchuri, a noz-moscada etc. As suas escamas são a principal lixa dos carpinteiros e torneiros e outros profissionais de classes diferentes.

Barcellos, 30 de abril de 1787.

(Códices B. N. 21.1.1 nº 26 e 21.1.1 nº 28)

Fosse esta Memória publicada antes de 1829, época em que primeiro Cuvier e logo a seguir, no mesmo ano, Agassiz, publicaram descrições desse peixe, sua autoria seria de Alexandre Rodrigues Ferreira, já que apresentada em latim e em nomenclatura binominal teria prioridade de acordo com as regras internacionais de nomenclatura zoológica.

Os dados apresentados sobre a biologia e alimentação da espécie, sobretudo no processo da desova, foram as primeiras anotações nesse sentido e são de importância.

II. RELAÇÃO DOS PEIXES DOS SERTÕES DO PARÁ (*)

1. piraíba, grande	*Brachyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819). Pimelodidae.
2. piramutaba	*Brachyplatystoma vaillantii* (Valenciennes, 1840). Pimelodidae.
3. piramiuna ou dourada, grande	*Brachyplatystoma flavicans* (Castelnau, 1855). Pimelodidae.
4. bagre	Designação genérica de várias espécies de Ariidae.
5. cangatá, bom	Segundo Goeldi, é um sinônimo de gurijuba (vide relação dos peixes da costa). Ariidae.
6. mandii, bom	Provavelmente uma espécie de *Pimelodus*. Pimelodidae.
7. piracatinga	De acordo com Goeldi, este nome se refere a *Luciopimelodus pati* (Valenciennes, 1840). Porém, designa também *Calophysus macropterus* (Lichtenstein, 1819). Pimelodidae.
8. piranambu, bom	*Pinirampus pirinampu* (Sprix, 1829). Pimelodidae.
9. cuiucuiú, bom, grande	*Oxydoras niger* (Valenciennes, 1817). Doradidae.
10. bacu, muita espinha nas costas	Nome genérico de várias espécies da família Doradidae.
11. pirá-andira, bom	Provavelmente *Rhaphyodon vulpinus* Agassiz, 1829. Cynodontidae.
12. mandubé, bom	Designa várias espécies do gênero *Ageneiosus*. Ageneiosidae.

(*) As anotações à direita da lista ou relação e as referências bibliográficas são de autoria dos doutores Heraldo Britski e José Lima de Figueiredo, ictiólogos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

13. cataraí	*Centromochlus heckeli* (Filippi, 1853). Segundo Goeldi, designa também *Pseudauchenipterus nodosus* (Bloch, 1794) em Magoari e *Anadoras wedellii* (Castelnau, 1855) em Marajó.
14. arraia-iaueira	Não conheço nenhuma referência sobre este nome. Provavelmente, trata-se de um Potamotrygonidae.
15. narinari, espécie de raia	Segundo Vasconcellos, designa uma arraia marinha, *Aetobatis narinari* (Euphrasen, 1790). Entretanto, sendo esta uma lista de peixes de água doce, permanece a dúvida. Myliobatidae.
16. jataurana, carregado, muita espinha	Goeldi cita «jatoarana» como *Hemiodus microcephalus* Günther, 1864 e «jatuarana» como *Chalceus taeniatus*
17. curimatá, bom	Refere-se a várias espécies do gênero *Prochilodus*. Prochilodontidae.
18. jaraqui, bom	Designa algumas espécies do gênero *Prochilodus* de porte pequeno que têm a nadadeira dorsal e caudal atravessadas por barras escuras, inclinadas. Prochilodontidae.
19. tucunaré, bom	*Cichla ocellaris* Schneider, 1801 e/ou *Cichla temensis* Humboldt, 1833. Cichlidae.
20. surubim, bom, grande	*Pseudoplatystoma fasciatum* (Linnaeus, 1766) e/ou *Pseudoplatystoma tigrinum* (Valenciennes, 1840). Pimelodidae.
21. pirá-ipeaua, p e i x e-pau, bom, grande	*Platystomatichthys sturio* (Kner, 1857). Pimelodidae. Segundo Ihering, escreve-se também «pirapeuaua».
22. tambaqui, muita espinha	*Colossoma macropomum* Cuvier, 1818. Characidae.
23. pirapitinga, muita espinha	*Colossoma bidens* Agassiz, 1829. Characidae.
24. piranha	Designação genérica de várias espécies do gênero *Serrasalmus*. Characidae.
25. pacutinga, bom	Para Goeldi, este nome é dado à espécie *Myloplus rubripinnis* (Mueller & Troschel, 1844); entretanto, penso

	que também deve referir-se a *Mylossoma duriventris* (Cuvier, 1818) e *Mylossoma aureum* (Agassiz, 1829). Characidae.
26. taraíra, bom, muita espinha	*Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794). Erythrinidae.
27. jundiá, bom	«Jandiá» designa várias espécies de Pimelodidae, especialmente as do gênero *Pimelodus* e *Rhamdia*.
28. jacundá, bom	Designa as espécies do gênero *Crenicichla* e *Batrachosp*, isto é, os Cichlidae de corpo alongado.
29. jeju, bom, muita espinha	*Hoplerythrinus unitaeniatus* (Spix, 1829) Erythrinidae.
30. muçu	Também muçum. *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795. Synbranchidae.
31. carapé, muita espinha	Nada sei a respeito desse nome. Se for uma corruptela de acarapeba, designa um Cichlidae.
32. puraquê, muita espinha	Também poraquê e peixe-elétrico. *Electrophorus electricus*. Electrophoridae.
33. acará-açu, bom	Também apaiari. *Astronotus ocellatus* (Cuvier, 1829). Cichlidae.
34. acaratinga, bom	*Geophagus surinamensis* (Bloch, 1791), de acordo com Goeldi, Cichlidae.
35. acarapixuna, bom	*Cichlaurus coryphaenoides* (Heckel, 1840) de acordo com Vasconcellos. Cichlidae. Goeldi cita também sob este nome *Tetragonopterus abramis* (Characidae), no que ele está errado, pelo menos com respeito à espécie.
36. acará-araruá, bom	*Uaru amphiacanthoides* Heckel, 1840, segundo Goeldi. Cichlidae.
37. acará-mererê, bom	Goeldi cita «acará-bererê» como *Cichlaurus festivus* (Heckel, 1840) e Vasconcellos «morerê» ou «acará-disco», referindo-se a *Symphysodon discus* Heckel, 1840. Cichlidae.
38. acarapixuna, bom	Vide nº 35.
39. mafurá, bom	Refere-se a uma espécie de Serrasalminae, muitas vezes chamada «piranha-

	mafurá», provavelmente se tratando de espécie do gênero *Pygopristis*.
40. acaraponga	Não conheço qualquer referência sobre este nome. Provavelmente, trata-se de uma espécie de acará. Cichlidae.
41. acaratauá-puá, bom	Idem.
42. uatucupá ou pescada, bom	Sob este nome são designados os Sciaenidae do gênero *Plagioscion*.
43. pacupitanga, bom	Não conheço qualquer referência sobre este nome. Porém, evidentemente, trata-se de um Myleinae. Se for uma corruptela de pacupiranga, trata-se de *Myleus sp.* Characidae.
44. aracu, muita espinha	Designação genérica de várias espécies de *Leporrinus*, principalmente *L. fasciatus* (Bloch, 1794). Anostomidae.
45. arauiri ou sardinha, muita espinha	Refere-se às espécies do gênero *Triportheus*. Characidae.
46. aramaçá	Linguado de água doce do gênero *Achirus*. Achiridae.
47. j a n d i á-a ç u, carregado, grande	Deve referir-se a um Pimelodidae de grande porte, que não tenho elementos para especificar.
48. mamaiacu, não se come	*Colomesus asellus* Mueller & Troschel, 1848. Tetrodontidae.
49. pirarucu, grande	*Arapaima gigas* (Cuvier, 1829). Osteoglossidae.
50. itui, muita espinha	Nome de várias espécies de gymnotóideos, também conhecidas como sarapó e tuvira.
51. acari ou cascudo	Designação dos peixes da família Loricariidae, especialmente os do gênero *Plecostomus* e *Pterygoplichthys*.
52. tamoatá ou cascudo	Designa os peixes da família Callichthyidae, principalmente *Hoplosternum litorale* (Hancock, 1828) e *Hoplosternum thoracatum* (Valenciennes, 1840).
53. pirarara, grande	*Phractocephalus hemiliopterus* (Schneider, 1801). Pimelodidae.

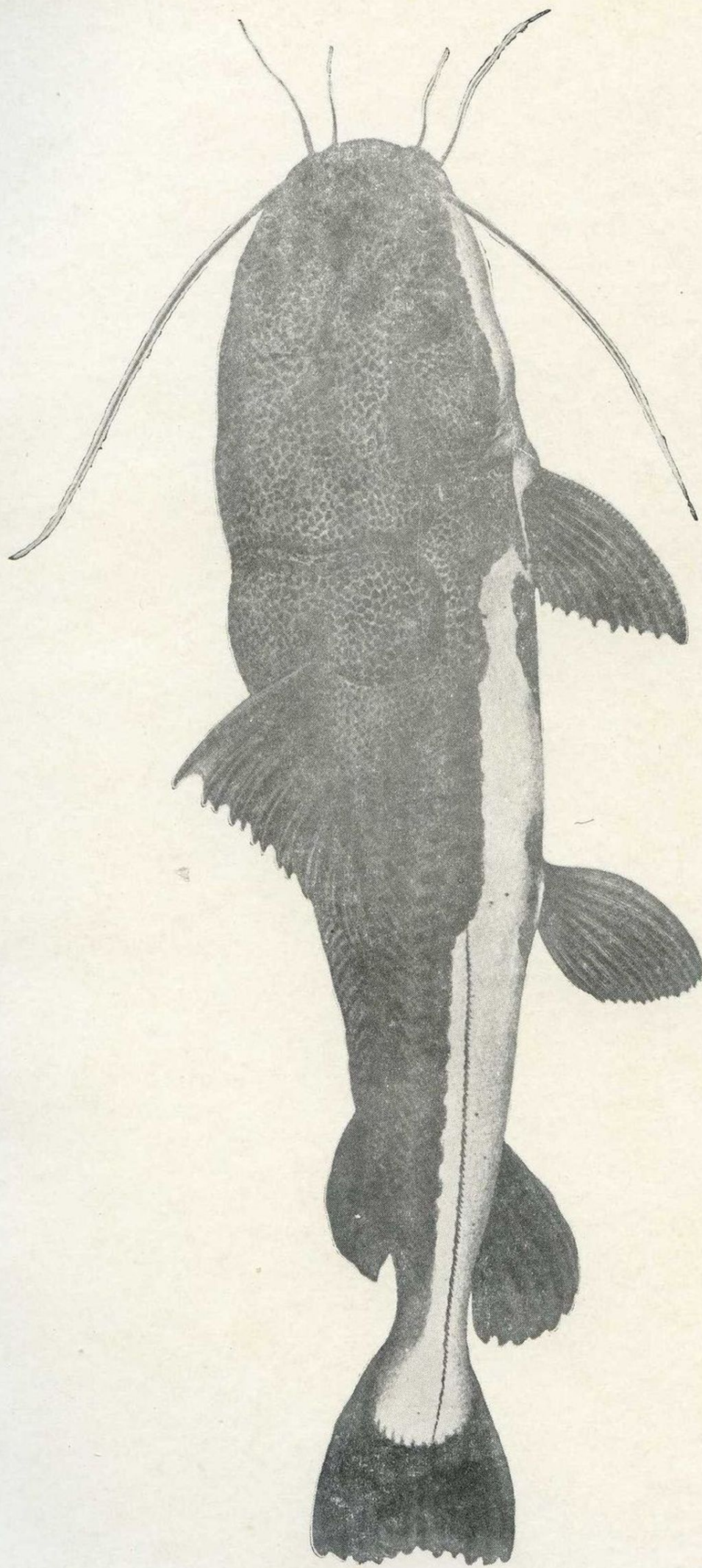



Fig. 1 — Phractocephalus hemiliopterus (Schneider, 1801)
Pirarara — Livro Museu Nacional — Peixes, Estampa 49.

54. aruaná, bom, muita espinha na cabeça	*Osteoglossum bicirrhosum* Vandelli, 1829. Osteoglossidae.
55. anujá, bom	Denominação genérica para os peixes do gênero *Trachycorystes*. Auchenipteridae.
56. aracapuri, muita espinha	Não conheço nenhuma referência sobre este nome.
57. apapá, muita espinha	Nome dos Clupeidae de água doce do gênero *Neosteus*.
58. mapará, bom	*Hypophthalmus edentatus* (Spix, 1829). Hypophthalmidae.
59. arumará	Não conheço nenhuma referência sobre este nome.
60. tararipirá	Idem.
61. pirá-tapioca	Segundo Goeldi, trata-se de *Roeboides myersii* Gill, 1870. Characidae.
62. matupiri	Designação genérica para muitas espécies de tetragonopteríneos, especialmente as do gênero *Tetragonopterus* Characidae.
63. cação, grande	Seláquio de água doce do gênero *Carcharhinus*. Carcharhinidae.
64. candiru	Designa muitas espécies de Trichomycteridae (*Vandellia, Stegophilus, Pareiodon*) e Cetopsidae (*Cetopsis* e *Hemicetopsis*).

PEIXES DA COSTA

65. gurijuba, grande	Segundo Ribeiro, a espécie a que se refere o nome é *Tachysurus luniscutis* (Valenciennes, 1840); porém, Ihering chama a atenção para o fato de *Tachysurus luniscutis* não apresentar tonalidades amareladas como sugere no nome comum acima. Ariidae.
66. mero, grande	*Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822). Serranidae.
67. parati ou tainha	Os nomes correspondem a diferentes espécies do gênero *Mugil*. Ihering diz que o nome do norte do Brasil que corresponde a parati (nome do sul)

é pratiqueira. Fowler (1941) chama *M. brasiliensis* Agassiz, 1829, de tainha, *M. curema,* Valenciennes, 1836, de parati-olho-de-fogo e *M. trichodon* Poey, 1875, de parati. Mugilidae.

68. pirapema, grande — *Megalops atlanticus* Valenciennes, 1846. Elopidae.

69. arauauá ou peixe-espadarte — Designa espécies do gênero *Pristis*. Pristidae.

70. tacaraúna — Deve ser o mesmo que acaraúna, que, segundo Vasconcellos, é o nome dos peixes do gênero *Acanthurus*. Acanthuridae.

71. uriaçu ou uiriaçu-bagre — *Bagre bagre* (Linhaeus, 1766). Ariidae.

72. xaréu — *Caranx hippos* (Linnaeus, 1766) Carangidae.

73. jerupiranga — *Tachysurus rugispinis* (Valenciennes, 1840). Ariidae.

74. uiriatuaia — Não conheço referências a esse nome. Talvez seja uma corruptela de aratubaia, que, segundo Vasconcellos, refere-se a *Trachinotus goodei* Jordan & Evermann, 1896. Carangidae.

75. corvina — *Micropogon sp.* Sciaenidae

76. cururuca — *Micropogon sp.* Sciaenidae

77. camuri — *Centropomus undecimalis* (Bloch, 1792). Centropomidae.

78. pacamão ou xarrôco — Pacamão é nome de várias espécies da família Batrachoididae, segundo Vasconcellos. O nome xarrôco não deve ser brasileiro; o mesmo autor se refere com este nome a peixes das famílias Lophiidae, Uranoscopidae etc.

79. amoré-guaçu — *Awaous taiacica* (Lichtenstein, 1822). Gobiidae.

80. amorei — Não conheço referências a este nome. Provavelmente é um Gobiidae.

81. piraitá ou peixe-pedra — Segundo Goeldi, peixe-pedra é o nome de *Diagramma goeldii* (= *Boridia grossidens* Cuvier, 1830). Sparidae.

82. acarapiranga — O nome se refere a peixes da família Lutjanidae, principalmente do gênero *Lutjanus*.

83. aiaça-guaçu ou raia-grande — Fowler (1948) cita o nome raia-grande por *Paratrygon motoro* (Müller & Henle, 1841). Paratrygonidae.

(Códice B.N. 21.2.2, nº 21)

REFERÊNCIAS

CARVALHO, João de Paiva, 1964: Comentários sobre os peixes mencionados na obra «História dos animais e árvores do Maranhão» de Frei Cristóvão de Lisboa. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará, 4* (1): 1-39.

FOWLER, Henry W., 1941: A list of the fishes known from the coast of Brazil. *Arq. Zool. Estado de São Paulo, 3:* 115-184.

————, 1948: Os peixes de água doce do Brasil. *Idem, 6:* 1-204, 237 fig.

GOELDI, Emilio A., 1898: Primeira contribuição para o conhecimento dos Peixes do vale do Amazonas e das Guianas. *Bol. Mus. Paraense Hist. Nat. Ethnogr., 2:* 443-448, 4 fig.

IHERING, Rodolpho v., 1968: *Dicionário dos animais do Brasil*. Edit. Univ. Brasília, 790 pp., figs.

RIBEIRO, Alípio M., 1912: Fauna Brasiliense: Peixes, tomo IV (A), Eleutherobranchios Aspirophoros. *Arq. Mus. Nac.,* Rio de Janeiro, *16:* 504 pp., 33 estampas, 144 fig.

VASCONCELLOS, Alberto, 1938: *Vocabulário de ictiologia e pesca*. Edição da Liga Naval Brasileira (Delegação de Pernambuco). Recife, 144 pp.

III. MEMÓRIA SOBRE AS TARTARUGAS

São 15 as variedades de tartarugas que há no Estado do Grão-Pará, e que os índios denominam pelos seguintes nomes:

1.º *Iurará-uaçu* ou *retê* que quer dizer tartaruga-grande ou verdadeira. Este nome é dado no interior do Estado do Pará, pois nos arrabaldes da cidade chamam tartaruga-verdadeira a que dá casco de que se fazem os pentes, como adiante me referirei. Aos machos destas, chamam de *capitaris*, que são bem menores que as fêmes e de rabo mais comprido. Supõe-se que já no rio Tocantins, distante da cidade dez dias de viagem, existem destas tartarugas; e nas praias circunvizinhas à Vila de Almerim ou Paru principiam por havê-las em maior abundância, porém não são tantas quantas desta Vila para cima, por todo o rio Amazonas e seus afluentes, rios Madeira, Solimões e seus afluentes. Já no rio Negro não existem tantas quantas há nos seus afluentes ou como no rio Branco. Em toda época se coletam, porém melhor é nas vazantes dos rios, desde setembro até dezembro, tempo este das desovas, que elas fazem nas praias; não há necessidade de instrumentos, somente as mãos. Nesta época elas estão muito magras e por conseguinte menos gostosas. Nos meses em que os rios estão cheios, de abril até julho, são mais difíceis de apanhar, porém estão mais gordas e gostosas. Cinco são os modos de as apanhar:

1. por flecha;
2. com redes;
3. com anzol;
4. com harpão;
5. de viração.

Para as flecharem, os pescadores embarcam em uma canoa com duas pessoas com os seus arcos e flechas prontas com um bico de ferro quadrado e pontudo, a que se chamam *sararaca*, metido em uma das extremidades da flecha, porém mal seguro, somente o suficiente para aguentar até a flecha bater no casco da tartaruga, então salta o ferro, que fica grudado na tartaruga,

porém seguro por uma linha fina, feita de fio de algodão, que está amarrada à ponta da flecha. Em dia claro, sereno e sem vento que altere o rio, se encaminham na esteira delas pelas beiradas do rio e dos lagos, evitando todo o ruído na água, com os remos. Quando as avistam, numa distância para mandar a flecha correm com a *sararaca* ou ferro, então elas tentam escapar, mas sem proveito, porque depois que o pescador apanhar a flecha que está servindo de bóia, na qual está a ponta da linha em que foi segura a *sararaca,* ele as vai puxando para a superfície da água e as segura, cravando um ferro que chama de arpão, mais forte que a *sararaca;* e assim seguras as embarcam, tendo o cuidado de lhes tapar os buracos para não entrar água, e morrerem; e desta forma vivem nos currais de 4 a 6 meses.

Com uma rede, que chamam de *puçá,* se encaminham os pescadores para as regiões onde os rios fazem seus braços, colocando-a à boca desses braços, na época em que estes estão esvaziando. As tartarugas saem desses braços e encontram a rede, ali se juntando até que o pescador ache que é tempo de suspendê-la, de maneira que não se arrebente, como tem acontecido, devido ao peso delas; desta forma as apanham quando o rio está em meio vazante. As ditas redes ou *puçás,* que é o nome dado pelos índios, são feitas de algodão ou com folhas da palmeira tucuim, porém as de algodão são mais duráveis.

Com anzol, procuram os pescadores os lugares em que o rio corre mais, enfiam na correnteza a linha com o anzol, pondo-lhes primeiro isca, peixe, frutos como o araçá-rana, tucumaré-reçá, etc.

Com arpão, somente na enchente total dos rios, nos meses de junho até agosto, onde elas estão medidas pelos igapós e lagos, procuram os pescadores o seu lugar, pondo-se a sondar o fundo com grandes varas em que estão seguros os arpões, da mesma forma que as sararacas nas flechas; quando esbarram com elas no fundo, as arpoam, se têm a felicidade de as acertar, pois a operação é embaixo da água e desta forma é que se faz a pescaria de arpão, que é entre outras a menos frutuosa por custarem muito a achar pelos motivos referidos: de estarem metidas pelos igapós e lagos a pastarem.

De viração, que é feita nos meses de outubro, novembro e dezembro, quando o rio está na maior vazante, tempo em que elas costumam sair para as praias para desovar, se encaminham os pescadores para elas, levando canoas grandes, na certeza de maior pescaria, e ficam a observar, quando elas apontam nas praias e que tenham subido um determinado espaço, para não voltarem correndo para o rio, saltam-lhe em cima na hora que estão fazendo as covas na areia para nelas desovarem, e virando-as de peito

para cima, para não poderem andar, fazem em pouco tempo e com pouco custo a pescaria de 50 a 100 tartarugas, de acordo com o número de pessoas que levam e as que saem nas praias. Há ocasião em que saem 200, 300 ou mais.

Depois de apanhadas as tartarugas, tratam de aproveitar-se os ovos, para este fim saem de cada povoação uma canoa chamada de comércio das manteigas e ainda particulares que as podem ter providas de potes que podem levar, se encaminham para as praias. Porém quem se destina à feitura de manteiga somente, não se encaminham para as praias, logo que sai a primeira fileira delas: esperam que saiam 2 e 3 vezes diferentes fileiras, e quando notam que a praia está cheia de covas com ovos, e que as tartarugas já não saem em tanta quantidade, se lançam sobre elas. Juntam aos montes sobre as praias os ovos que descobrem nas covas, que são 100, 150 e às vezes 200 em cada uma, que é a postura de cada tartaruga. Se querem que funda mais a manteiga, deixam-se fermentar por 4 a 5 dias, então ela sai rançosa e com mais cheiro. Se os ovos se preparam frescos, são logo metidos em uma canoa que é reservada para esse fim e vão pisando com os pés, como se faz em Portugal com as uvas. Sobre os ovos pisados lançam água, a qual depois de mexida e incorporada com eles, deixa sobrenadar o óleo. Com a mesma água se dissolve muita parte da clara. As cuias e com preferência as válvulas das conchas *itãs,* são colheres com que a tiram de cima da água sobrenadante e a lançam dentro dos tachos. Segue-se colocarem no fogo, depois esfriam em panelões à parte e daí para potes. Serve para temperar as comidas e fritar peixe, para as luzes domésticas, e para se incorporar com o breu, quando fazem para calafetarem as canoas. A melhor manteiga é a que se faz das banhas das tartarugas. Consiste o método de a fazer em frigir simplesmente as banhas. Se as frigem frescas, a manteiga sai boa para com ela se temperar as comidas, não possui mau cheiro nem tem sabor ruim. Não a usam para a iluminação. Não há tanta como a dos ovos, nem se conserva fluida como a manteiga feita deles.

É este um dos animais mais usados no Estado. Sua carne é comida quando fresca, cozida, assada ou frita, em tudo se assemelha com a carne de vaca. Dela se fazem as importantíssimas provisões das carnes secas, de conservas em potes de manteiga da mesma, a que chamam mixira, e de salmoura. Tudo isso de um consumo notável por todo o Estado.

As maiores que vi não passavam de 5 palmos e meio de comprimento, porém os práticos me afirmaram haver de 7 até 8 palmos. Uma tartaruga dá de comer a 10 pessoas, assim está arbitrada uma para cada 10 soldados e às vezes sobra para quem

saiba aproveitá-la. Dela fazem mesmos pratos que a carne de vaca: cozida, assada, guisada, picada, nos pastéis, nas empadas, etc., com arroz cozido com bucho, à imitação do arroz com dobrada; o bucho guisado, os miúdos cozidos, guisados no mesmo casco servindo como de panela, a que chamam *sarapatel*, ovos fritos ou assados, etc. Uma tartaruga das grandes, não é qualquer homem que levanta do chão para colocá-la nas costas; os que são mais fortes é que conseguem, sem aguentá-las muito tempo. O seu valor é de 240 até 400 réis, isto na Capitania do rio Negro, porque na cidade do Pará e nos seus arredores o seu preço menor é de 640 réis, e quando há falta delas chegam a valer 1.000 réis. A arroba dela seca a 500 e a 640 réis. O pote da mixira de 640 até 1.000 réis. Cada pote de manteiga no rio Negro de 800 até 1.600, e na Cidade de 1.920 até 3.000 réis.

As tartarugas maiores são as criadas no rio Amazonas e Solimões, porém menos gostosas que as do rio Negro, que são menores. Ambas são melhores quando são ainda novas e que ainda não tenham desovado, a que os índios chamam *Cunhã-mucú*, que quer dizer Mocetona. O casco superior serve em lugar dos cestos de vime de que usam os trabalhadores na Europa; a parte inferior ou peito serve para ocasiões de muita chuva, servindo de passadeiras.

Existem três pesqueiros certos por conta da Fazenda Real, para sustento da tropa do rio Negro e para a mesa da demarcação: o primeiro e mais antigo, o que está situado um dia de viagem, dentro da foz do rio dos Solimões, chamado do Caldeirão ou de Manacapuru, que é o do sustento da Guarnição do rio Negro; o que está no rio Amazonas, chamado de Poraquecoara, e o do Rio Branco são para sustento dos Empregados da Real Demarcação, que existe na Vila de Barcelos.

A *Iurará-acânga-uaçú*, que quer dizer tartaruga de cabeça grande. Não são tão grandes nem tão comuns como as verdadeiras e não tão apreciadas; se os pescadores as acham, trazem-nas, mas não as procuram. Essas tartarugas têm muita força na boca e mordem muito. Nos currais de El Rei não entram delas, nem às mesas graves, comem-na porém os pobres que não têm outra coisa e os índios.

Tracajá, tartaruga de comprimento de 2 até 3 palmos. São mais apreciadas que as precedentes e principalmente os seus ovos, porém não tanto como as primeiras. São muito astutas para fugirem: por mais que pareçam estarem seguras, elas escapam muitas vezes. Os seus ovos são menores e mais oblongos que os da tartaruga verdadeira.

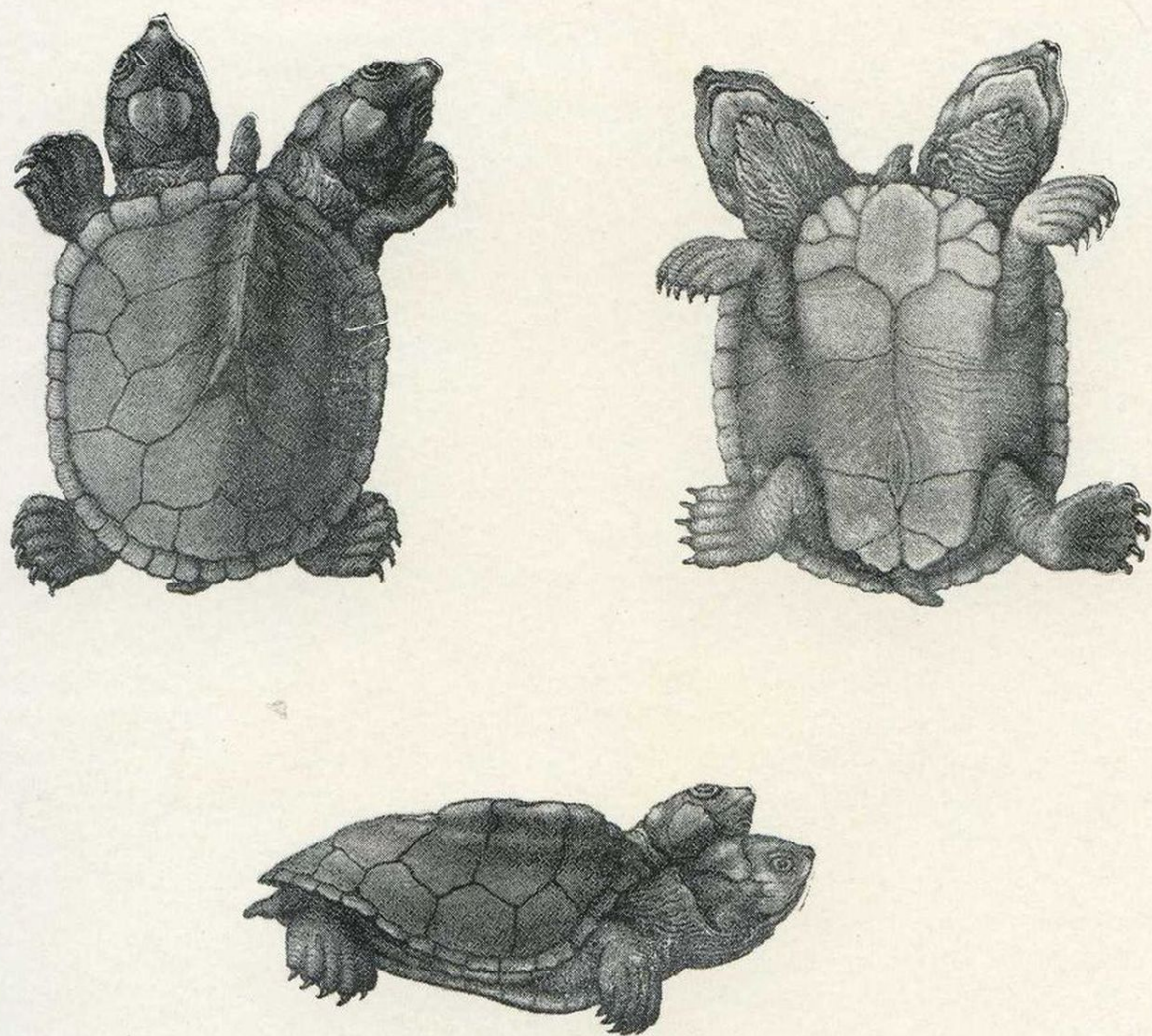



Fig. 2 — *Podcnemis unifilis* (*Troschel, 1848*)
Tracajá — *Livro* 21.1.0. *Biblioteca Nacional,* Estampa 71 (anômalo)

Matamatá. Não passam de 2 até 3 palmos de comprimento; seu pescoço é tão comprido quanto o seu casco. Não são muito apreciadas, porém a plebe dos brancos e os índios em geral a comem com a mesma avidez que a *Iurará-acânga-uaçú*. Apanham-na cravadas no tijuco, quando vão desovar em terra. Os ovos são do feitio dos da tartaruga verdadeira, porém menores. É a mais rara de todas as tartarugas.

Iurará-pitiú, ou tartaruga-de-cheiro. A maior não passa de 1 palmo, até meio, e por não terem a capacidade para as partirem pelo seu tamanho, tiram suas tripas por um orifício que abrem no seu peito sem partirem-na, colocam nesse orifício os adubos necessários e põem no fogo para assar sem mais resguardo que o do casco posto em cima do fogo; os que têm forno, assam-nas melhor com mais asseio, mas em qualquer das duas partes que seja assada não perde o nome que lhe dão de tartaruga-de-peito furado, e desta forma não deixam de ser mais saborosas que cozida. Os seus ovos também se comem.

Iurará-uirapequê. Não difere da precedente a não ser por ter a cabeça mais redonda que ela, e a malha que tem em cima dela ser encarnada e a da outra amarela desmaiada; no mais se seguem as mesmas propriedades.

Jabutim-tinga. A maior que vi era de 3 palmos e 1/2 de comprimento. São melhores os fígados assados ou guisados de que a carne, pois esta, por mais que se cozinhe, sempre fica dura. Habitam pelo centro do mato em partes cerradas e nos buracos que fazem na terra em partes úmidas, e permanecem neles por mais tempo no verão que no inverno, porque logo que vêm as primeiras águas, saem para comer os frutos das árvores que estão caídos pelo chão. Nesta época os pescadores se encaminham para pescá-las com mais esperanças de bom sucesso do que em outra época, e, sem precisar de instrumento algum para as apanhar, se metem no mato para procurá-las. Logo que o pescador, ou melhor, caçador avista uma delas, já conta com certeza de as pegar, pois o jabutim, quando pressente gente, a única coisa que faz é esconder a cabeça e as patas dentro do casco, parecendo-lhe que assim escapa; o caçador não faz mais que pegar-lhe com as mãos. Com a mesma facilidade com que se apanham, se domesticam, pois chegam a andar soltos pelas casas. Vivem muito tempo e aguentam bastante tempo sem comer.

Jabutim-piranga. Difere do precedente por possuirem os pés, mãos e cabeça com malhas encarnadas, onde o outro possui amarelas. Sua carne não é tão apreciada quanto a do primeiro e é nociva ao sujeito que a come, se pesca em humor gálico.

Jabutim-carumbé. Sendo em tudo como o piranga, só que tem o casco com lavores e o outro tem o casco liso e malhas encarnadas.

Jabutim-aperema. É menor que os precedentes e tem o casco liso como as *jurarás-uirapequês epitiús*. A sua habitação é porém pelos lagos e pelos igapós que existem no centro do mato. Desta espécie existem duas qualidades, uma maior e uma menor.

Jabutim-juruparigê. Ainda menor que o antecedente, sendo os maiores que vi não superiores a 3/4 de palmo. Possuem o casco cheio de cavidades, com malhas amarelas na cabeça, nas mãos, nos pés e no peito.

Jabutim-putiá-pêna, ou *muçuãs*: é pouco maior que o *juruparigê*, redondo e não comprido como ele, e tem o peito dividido em duas metades, isto é, em duas peças ligadas e não uma só como nos outros.

Uruaná: Tartaruga na configuração do corpo, que nos pés e nas mãos assemelha-se ao peixe-boi. O seu tamanho não é como as verdadeiras do sertão; as maiores não passam de 4 palmos e não são tão gordas como elas. Têm a mesma estimação na cidade do Pará, que as do sertão, e também os mesmos usos. Vivem na costa do Pará, até onde alcança a água salgada, sendo a Baía de Marapatós o local onde elas penetram mais pelo rio do Pará a dentro, distante 4 dias da cidade. A película de que é coberto o casco é muito fina e mole, saindo com facilidade com o menor grau de calor que se lhe aplicar.

Tartaruga de casco: São as maiores de todas as qualidades de tartaruga que tem o Estado do Grão-Pará. Vivem no oceano, fazendo seu giro pela costa do Pará; é ali que os pescadores vão em sua procura. Embarcados em uma igarité, pelo menos 56 índios para melhor segurança da embarcação e das marés do oceano, vão a sua procura a 40 ou 50 léguas ao longo da costa, após terem calculado que poderão chegar até lá no período das águas vivas, isto é, da maior enchente e da maior vazante. Ficam postados em qualquer das ilhas que possuem grandes praias onde elas costumam sair, tais como as de *Acajutuá*, *Muruaituá*, *Juniurutuá*, *Cambu*, *Umirituá*, *Araratuá*, *Frecheira* e de *São José*, além de muitas outras. Fazem nelas os tijupares para neles permanecerem durante a demora e para abrigo das embarcações em uma costa tão desabrigada, principalmente quando ocorrem trovoadas. Com o barulho delas, nas horas mais altas da noite, um pouco além da meia noite, na madrugada seguinte e no princípio da enchente, costumam elas sair às praias para desovar. Os pescadores que se acham escondidos na escuridão com porretes nas mãos, deles se

valem para matá-las, porém com grande cautela para que não sejam pressentidos; avançam no momento em que elas estão distraídas fazendo os buracos ou covas para neles desovarem. Elas são abatidas com pancadas com o porrete na cabeça, tendo sempre o cuidado de não lhes ofender o casco. Se quiserem logo tirarem-lhes os cascos, as põem no calor do fogo, e estalando aos pedaços, lhe tiram tudo o que pode servir para pentes, caixas, etc., aproveitando-se também da carne que é gostosa. Dessa forma porém o casco sai muito quebrado e imperfeito. Se querem tirá-lo melhor, encravam-nas na areia por tempo de 3 a 4 dias para fermentar e chegar aos termos da podridão, e desta forma se tira o casco mais perfeito e se aproveita até o último bocado.

(Códice B.N. 21.1.19)

Aos nomes comuns mencionados por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, em sua *Memória sobre as Tartarugas*, correspondem atualmente os seguintes nomes científicos:

1. Jurará-açu ou Jurararetê — *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812)
2. Jurará-acanguçu ou Jurará-acangauaçu — *Podocnemis dumeriliana* (Schweigger, 1812)
3. Tracajá — *Podocnemis unifilis* (Troschel, 1848)
4. Matamatá — *Chelus fimbriatus* (Schneider, 1783)
5. Jurarapitiú — Exemplar jovem *Podocnemis* ou provavelmente o muçuan — *Kinosternon Scorpioides* (Linnaeus, 1766)
6. Jurarê-uirapequê — *Podocnemis cayennesis* (Schweigger, 1812
7. Jabutitinga — *Testudo denticulata* (Linnaeus, 1766)
8. Jabutipiranga — *Testudo carbonaria* (Spix, 1824)
9. Jabuticarumbé — Exemplar macho de *Testudo denticulata* (Linnaeus, 1766)
10. Jabuti-aperêma — *Geomyda punctularia* (Daudiun, 1802)
11. Jabuti-juruparigê — *Platemys platycephala* (Schneider, 1792)
12. Jabuti-putiápêna — *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus, 1766)
13. Uruaná ou Suruaná — *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)
14. Tartaruga de casco — *Eretmochelis imbricata* (Linnaeus, 1766)

IV. MEMÓRIA SOBRE AS VARIEDADES DE TARTARUGAS QUE HÁ NO ESTADO DO GRÃO-PARÁ E DO USO QUE LHE DÃO

Há a jurará-açu que quer dizer tartaruga grande. Aos machos destas tartarugas chamam de *capitaris*. Eles são menores que as fêmeas. As filhas quando novas são chamadas de *cunhans-mucus*, que significa mocetonas. Há ainda a *jurará-acangaçu*, que quer dizer tartaruga de cabeça grande; a *jurará-pitiu*, que quer dizer tartaruga de cheiro; a *jurará-uirapequê* e outras muitas a que chamam de *tracajás*, *matamatás* e, nos rios de água doce misturadas com água salgada, há a *jurará-suruaná* e a de casco, de que se fazem os pentes. Além das sobreditas, há pela terra firme nos charcos e lagoas, que são chamadas de *igapós*, o *jabuti-aperêma*, o *jabuti-putiapena*, o *jabuti-juruparigê*, o *jabuti-piranga*, o *jabuti-carumbé*, o *jabuti-murutinga* e as fêmeas deste ou jabotas; e também as muçuans acima referidas com o nome de *jabuti-putiapena*. As maiores tartarugas que há não excedem a 8 palmos de comprimento, porém destas existem menos, sendo mais comuns as de 5 palmos.

MODO DE AS APANHAR

São apanhadas a flecha, que na língua geral dos índios é conhecida pelo nome de *sararaca;* ou com redes que chamam de *puçás;* com anzol ou enganando-as com frutas araçaranas, das quais gostam muito, para depois as arpoarem, ou ainda quando vão desovar nas praias, ao que chamam de viração. De 5 formas se apanham assim as tartarugas.

O primeiro modo ou sararaca consiste numa flecha tendo na extremidade um ferrão quadrangular, apenas embutido na haste, preso à outra extremidade por uma corda comprida, que serve de guia para depois se recolherem as flechas com o animal arpoado. Embarcados em uma pequena canoa, procuram os lugares onde elas são mais abundantes. Ao vê-las boiando sobre a água, fazem a pontaria e descarregam-lhe em cima a flecha com tal força que o ferrão de ferro fica cravado, levando consigo o cordel, que

serve de guia, enquanto a haste que é a flecha permanece sobre a água servindo de bóia, presa com a outra ponta do cordel. Depois de flechadas ficam tão enfurecidas que mergulham até perder a força, sem nunca todavia os pescadores perderem a flecha de vista, através da qual vão puxando o animal depois, até trazê-lo à superfície da água, quando lhe metem outro arpão manual muito forte, com o qual a seguram melhor, até a colocarem dentro da canoa.

O segundo modo é a pesca de anzol. Após a fisgada, a tartaruga é trazida a superfície da água e arpoada para melhor segurança, sendo então metida na canoa. O terceiro modo é com frutas *araçaranas*, a que chamam de *iapuna*, que quer dizer água batida. Cortam uma vara de 4 ou 5 palmos de comprimento e atam-lhe na ponta um cordel e na outra ponta do cordel a fruta *araçarana*. Esta é a melhor isca por ser o seu alimento, porém não sendo encontrada usa-se qualquer outra que seja redonda, imitando a outra, bate-se com ela repetidas vezes na água, de forma a que as tartarugas pressentem que são as frutas da araçarana que estão caindo das árvores. e vêm à superfície para apanhá-las. Nesse momento o pescador, que está atento, a fisga com o arpão e as conduz para a canoa.

O quarto modo de pescar é com rede, que chamam de *puçá*. Procuram os lugares onde o rio tem penetrações pela terra, os quais chamam de igarapés e onde existe menor quantidade d'água, para ali lancearem.

O quinto que é a viração. Sabem já os pescadores que nos meses de outubro a novembro até dezembro saem as tartarugas às praias, fazem covas na areia, onde desovam 100, 120 até 150 ovos. Para isso embarcam em canoas maiores, já na certeza de uma maior safra. Ficam à espera até que saiam numerosas delas às praias e quando percebem que a quantidade é suficiente, lhes assaltam repentinamente, virando-as com a barriga para cima, maneira pela qual apanham maior quantidade, privando-as de locomoção. Não consiste a colheita apenas nisso, porque depois de seguras as tartarugas, retiram-se também os ovos que foram postos nas covas, que após serem mantidos 4 a 5 dias no sol e ao se tornarem meio decompostos, é que fazem manteiga, com a qual se ilumina quase todo o Estado. Os ovos são colocados dentro de uma canoa pequena ou qualquer objeto oval que possa resistir até serem reduzidos a uma massa, à qual é adicionada certa porção de água, de acordo com a experiência que possuem (sempre cobrindo a massa); e mexendo-a depois, a manteiga vem para cima, sobrenadando n'água. A casca, a clara e a areia ficam no fundo. Depois de retirarem a manteiga para vasilhas de barro ou

tachos, ela é colocada para ferver ao fogo para ser apurada. Pouco tempo depois de retirá-la do fogo para esfriar, a colocam em potes de barro, que na língua geral dos índios chamam de *camotins*, para serem vendidos nas povoações de 640 até 960 réis e nas cidades de 1.000 até 2.000 réis, na ocasião de maior escassez. No ano de 1787, chegaram a valer na cidade 3.000 réis e em Barcelos até 1.000 ou 1.200 réis. Também das banhas da tartaruga se faz manteiga que serve para temperar as comidas que se costumam temperar com manteiga do reino. Tirada a banha da tartaruga e colocada para enxugar, colocam-na para derreter no fogo, sendo depois temperada com sal e guardada em potes para serem vendidos de 1.200 até 2.000 réis. Da tartaruga se faz os mesmos pratos que da carne de vaca, cozida com toucinho, assada, guizada, etc. Também dela se fazem provisões de conserva em manteiga de peixe-boi no tempo de maior carestia, que é nos meses de março até julho, quando o rio está cheio. Retalham em pedaços compridos a ventrecha da tartaruga, colocam-nos para cozinhar em uma panela temperados com sal, retirando-se a seguir para escorrer a água adquirida. Passa-se a frigir depois, divididos em postas menores, na manteiga do peixe-boi, e assim frita conserva-se em outra manteiga nova do mesmo peixe-boi, dentro de potes, que depois são vendidos a 700 e 800 réis nas povoações e nas cidades de 900 até 1.200 réis.

As melhores de todas as tartarugas são as criadas no Rio Negro, um pouco menores que as do Amazonas. O seu valor, nas povoações, quando há muita fartura, período da vazante do rio, é de 160 até 240 réis e no período da enchente, que é quando há maior falta, chegam a valer até 500 réis. As do Rio Amazonas têm o mesmo valor.

Pesqueiros certos de tartarugas havia três: — O primeiro em Puraquecuara, Capitania do Rio Negro, feito de novo por causa da Demarcação dos Reais Domínios, com uma canoa destinada para esse fim. O segundo, no Rio Solimões, chamado Caldeirão, era muito mais antigo, porque dele iam provisões para a tropa, que atualmente está aquartelada na Vila de Barcelos, Capital do Rio Negro. O terceiro, no Rio Branco, também é antigo e dele vêm provisões para a Comissão de Demarcações e para a tropa da Capitania do Rio Negro.

(Códice B.N. 21.2.6 n.º 3)

Nesta Memória Alexandre Rodrigues Ferreira repete em linhas gerais a «Memória sobre as Tartarugas», sem descrever as espécies, procurando dar maior ênfase no modo de as apanhar e do uso que lhe dão.

V. MEMÓRIA SOBRE A JURARARETÊ (*)

AS TARTARUGAS QUE FORAM PREPARADAS E REMETIDAS NOS CAIXÕES Nº 1 ATÉ 7 DA PRIMEIRA REMESSA (**)

Na língua geral dos índios chama-se esta tartaruga de *jurararetê,* o que significa em português — tartaruga verdadeira.

Há maior número delas no Rio Amazonas do que nos outros que desaguam nele. A tartaruga de concha verdadeira só habita na costa, do Pará para baixo. As jurararás que remeto juntamente com outras espécies, foram recolhidas nos rios Amazonas, Negro e Branco. É um animal utilíssimo entre os animais úteis do Pará, pois além de ser a carne cotidiana das mesas dos portugueses e das dos índios das povoações, onde se come cozida, assada e frita ou ensopada, dos seus ovos, que são comidos cozidos, assados e fritos, se tira também o importantíssimo produto chamado manteiga de tartaruga.

Existe diferença entre a manteiga das banhas e dos ovos, mas de ambas se utilizam os habitantes para fritarem o peixe. A manteiga dos ovos é utilizada também para a iluminação caseira, o que não sucede com a das banhas por não ser tão líquida como a outra. No fabrico da manteiga das banhas desperdiçam-se inúmeras tartarugas, porque das que são abatidas nem todas dão banha suficiente e das que a possuem, não são aproveitadas as carnes. Para dar consumo à carne de todas as tartarugas que são abatidas nas feitorias, muito mais numerosas que os índios que equipam as canoas, grande é o número das que são lançadas no rio para sustento dos urubus, jacarés e peixes tais como a piranha, pirarara, etc. Consiste o método de fabricar a manteiga em fritar as banhas, que, quando são usadas frescas, dão boa manteiga para

---

(*) Publicada no original por *Alípio de Miranda Ribeiro* nos arquivos do Museu Nacional, XII: 181-186, 1903.

(**) Acredito que o texto relativo às tartarugas que foram preparadas e remetidas para Lisboa tenha se perdido. O conteúdo desta «Memória» condiz com a «Memória sobre as tartarugas jurararetê».

temperar a comida, sem cheiro ou mau sabor. Quando desejam obter maior rendimento deixam-nas apodrecer um pouco, ficando a manteiga rançosa e adquirindo rapidamente mau cheiro.

Para buscarem ovos para fabricação de manteiga, as canoas saem das povoações geralmente no mês de outubro na Capitania do Pará e em princípio de novembro no Rio Negro.

Vão as canoas, segundo as distâncias e a ocasião, para as praias de Bejuçu, abaixo de Saracá no Rio Amazonas, para outras praias no mesmo rio próximas ao primeiro furo de Saracá, por onde se entra para a Vila de Silves, estabelecendo-se as feitorias praias acima até o Matari, que fica abaixo de Puraquecuara. Do mesmo modo, no Rio Solimões freqüentam as praias do Catalão, do Cuidaiá, do Periquito, de Manacapuruincuí, do Camaleão, de Camarapurupuru e a de El-Rei, onde privativamente se faz a manteiga para as provisões reais, num período geralmente de um mês e meio até dois meses, de novembro a dezembro. A desova das tartarugas ocorre desde outubro, época em que as praias estão enxutas.

Elas cavam com os pés na areia covas de até dois palmos de altura e cada fêmea põe de 80 a 120 ovos, podendo às vezes chegar a 140, havendo casos de 200. No Tapajós contou-se extraordinariamente uma com 300 ovos e o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont, noutra que foi abatida no rio Uatiparaná, porém proveniente de outra região, viu tirarem 500 ovos. Os ovos são cobertos de areia, de forma a não serem percebidos, chocando-se ao sol, do qual recebem calor. Os práticos, porém, que já estão acostumados a distinguirem as eminências que se fazem na areia sobre o nível do terreno, descobrem as covas e delas extraem os ovos.

Depois da postura, quando não se distinguem as eminências no terreno, as pessoas vão tenteando o areal com um pau ou bastão e onde sentirem a areia fofa, aí cavam, porque existe a ninhada oculta. No período de fazer manteiga, logo que chegam às praias demarcadas, os índios estabelecem nelas suas feitorias, levantando palhoças nas quais se agasalham e dão início os preparativos para o fabrico da manteiga, debaixo de inspeção de um Cabo que os comanda. Durante a fabricação da manteiga, não se preocupam com o sustento, pois alimentam-se da carne e dos ovos das numerosas tartarugas que vão desovar e do grande número de peixes que acodem às praias devido ao cheiro das tartarugas. A única tarefa é preparar a lenha para o fogo, antes de começar a tirar os ovos. Assim que os tiram, ajuntam-nos em um monte, sobre a praia e, se desejar maior rendimento de manteiga, deixa-se os mesmos fermentarem durante 4 ou 5 dias, saindo ela contudo, como

já disse, rançosa e de mau cheiro. Quando os ovos são preparados frescos colocam-nos numa canoa reservada de propósito para esse uso e amassam-nos com os pés como em Portugal se faz para as uvas. Sobre os ovos pisados lançam água, que depois de bem mexida e incorporada com eles deixa sobrenadar o óleo. Com a mesma água se dissolve muita parte da clara. O óleo sobrenadante é retirado com cuias ou conchas chamadas itãs, utilizadas como colheres, e lançado dentro dos tachos. Vão ao fogo, sendo posteriormente esfriados em panelões à parte, e daí mudados para os potes. Dizem os práticos que onze ninhadas dão um pote de manteiga. Uma canoa provida de gente hábil, em ano que não corra mal, faz cerca de 1.000 potes e nas grandes safras, dobram essa quantia. Cada pote é vendido na cidade a razão de 1.000 réis, não havendo falta do produto, porém se isso acontece, chega a 1.600 e até 2.000 réis. As enchentes repentinas e extemporâneas provocam sua escassez, inundando as praias antes da retirada dos ovos. A concorrência dos índios, que nessa época acodem às praias para também obterem o seu sustento das tartarugas e de seus ovos, os grandes estragos que neles fazem os urubus, etc., os desperdícios feitos ao se virarem milhares de tartarugas nos anos de abundância, são sem dúvidas fatores importantes de sua diminuição em número. Chamam-se de *viração* aquelas que depois da postura dos ovos (antes disso ou ao subirem a praia para desovarem), ao regressarem à água, são viradas de peito para cima, motivo pelo qual, não podendo se locomover, ficam presas pelo tempo que o virador necessitar esperar até que seus auxiliares recolham uma por uma e depois passe a beneficiá-las. O seu maior peso pouco excede a 3 arrobas.

Ainda não vi tartaruga de comprimento maior que 3 pés e meio e grossura de 4 pés e um terço.

As tartarugas são pescadas de vários modos: de anzol como peixe, arpão ou flecha. A flecha para este uso não tem ponta de taquara e chamam-na especialmente de sararaca. Um ferrão de aço é metido num pedaço de pau, que por sua vez é embutido em torno da cavidade onde termina a flecha, representando assim a sua continuação. Ao pedaço de pau se prende um cordel, que vai enrolado na flecha. Com a arpoagem no casco da tartaruga, ao se prender o ferrão de aço, o torno salta fora da cavidade, ficando crivado no casco, permanecendo a flecha que está presa nele boiando sobre a água. Tal é o método de flechar quando elas estão nos rios, sem virem à terra, onde sustentam-se em suas margens, de frutos de araçarana, da anhinga e da paracutáca, bem como das gramíneas canarana e jeticarana. No meio do rio para

onde se refugiam as menores para fugirem da perseguição das piranhas e das pirararas, alimentam-se de frutos que por acaso aparecem.

Mencionando novamente a pesca que se faz a beira dos rios, nela se faz também tapagens nas bocas dos igarapés e nas margens de ângulos agudos ou reentrâncias, onde ficam presas. São então embarcadas para os currais, que cada qual trata de possuir no quintal de suas casas ou fora delas.

Chama-se curral de tartarugas, um lago natural ou artificial cercado de varas para evitar a fuga delas. Se a tartaruga for presa sem receber ferimento que ponha em risco sua vida ou se ao embarcar ou desembarcar das canoas não levar quedas ou pancadas grandes e se o curral é proporcional ao seu número, elas vivem nele em tempo assaz considerável. Ainda que a ponta do ferrão tenha penetrado no casco, se não penetrar água pelo mesmo ferimento, continua a viver; para que isso não aconteça, embute-se no ferimento um torno de pau e assim fica feita a cura. Observa-se que à proporção que vai nascendo a camada inferior do casco, retira-se superiormente o torno que tapava o furo, porque o casco o cospe fora. Os donos dos currais não só têm o cuidado de evitar as grandes quedas e pancadas, mas vigiar também o trabalho dos ratoneiros, que nesta região costumam aplicar nos narizes das tartarugas o sarro do tabaco ou fumo, bastante para as matar, sem saber do que morreram, fato esse que utilizam em seu proveito próprio.

A carne da tartaruga cozida supre simplesmente a de vaca, mas para ela ser boa deve ser gorda. As mãos e os pés são as partes mais saborosas que se comem; a mucilagem de pele é muito desenfastiada; os fígados assados, embora não sejam tão agradáveis ao paladar como os dos jabutis, não deixam de ter a sua delicadeza. A mesma carne cozida, quando é boa, se apresenta branca como a da vitela, mas é seca. Um dos pratos mais estimados nas mesas para convidados é o do picado, servido na concha inferior e por isso dispensa o prato. A carne assada come-se com mais apetite, a guizada imita a do carneiro assim preparada e talvez o exceda em sabor, o bucho cozido com arroz é feito da mesma maneira que em Portugal, e chama-se de dobrado.

Os mazombos e os índios gostam muito de comer as pequenas tartaruguinhas logo que saem dos ovos. Assam-nas sobre as brazas, inteira com o casco e tripas, comendo com muita avidez tudo, exceto o casco. Os ovos são comidos cozidos, assados e fritos. Comidos em excesso são indigestos, de qualquer maneira. Para mim, levar à boca um bocado de ovo frito é como se levasse um pouco de esponja. Os índios batem a clara e a gema, amassam

nela a farinha de mandioca ou maniva e põem essas tortas no fogo, as quais comem com tanto gosto como as nossas. Fazem mixiras de sua carne, pelo método que vai explicado para o peixe-boi. Alguns barris de carne salgada são vendidos, porém dão preço baixo. (Sobre o preço ultimamente arbitrado para cada tartaruga, que é o que vale e pelo que se desconta no soldo das tropas da guarnição da Capitania para sua alimentação, veja a ordem expedida pelo Excelentíssimo Senhor João Pereira Caldas aos Governadores Interinos em 10 de fevereiro de 1780 — n.º 4).

Este anfíbio tão útil ao Estado ainda não mereceu cuidados ou providências que são requeridas para evitar os abusos que se praticam contra ele. Uma tartaruga para chegar ao seu devido crescimento gasta alguns anos. Anualmente são inúmeras as que se desperdiçam ao arbítrio absoluto dos índios; todas as ninhadas são descobertas, pisadas a eito e a maior parte das tartaruguinhas são comidas sem necessidade, o que em conjunto vem influir para sua raridade no decorrer do tempo.

O Senhor Joaquim Tinoco Valente, Governador que foi desta Capitania do Rio Negro, por Ato de 19 de setembro de 1769, proibiu a sua viração no Rio Branco. Mas atualmente, que reside nesta Vila de Barcelos o Excelentíssimo Senhor João Pereira Caldas, encarregado da demarcação de limites e do sustento dos empregados não só nessa missão mas também em outras Expedições, não tem mais validade a referida proibição, pela necessidade deste tipo de alimento, que supre a falta de carne. Veja-se o número das tartarugas que tem entrado e morrido no curral das tartarugas da Fazenda Real de Barcelos, pertencente à Demarcação de Limites, entre 1780 e 1785:

proibição

ANEXO 1

PESQUEIROS

ANO	TARTARUGAS RECOLHIDAS AO CURRAL			TARTARUGAS MORTAS
	PURAQUEQUARA	RIO BRANCO	ARAÇA (extinto em 1781)	
1780	1.572	247	73	375
1781	2.834	2.208	73	2.219
1782	3.466	1.297	—	1.608
1783	2.826	1.731	—	2.964
1784	2.659	2.259	—	1.972
1785	2.090	2.320	—	2.262
TOTAL	15.048	10.062	146	11.400

(1) NOTA

"Faz-se a mixira da sua carne pelo método usado para o Peixe-Boi. Alguns barrís de carne salgada são vendidos, necessitando-se para isso muitas tartarugas"

Deve-se esta relação ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor João Pereira Caldas, que com muito gosto de promover as observações filosóficas desta Capitania, gentilmente mandou preparar e nos fornecer. Daí se vê, que tendo entrado para essa Vila, num período de 6 anos, nada menos de 36.656 tartarugas, foram aproveitadas 25.400 e desperdiçadas 11.400. Parece incrível a mortandade delas que houve no mês de abril de 1785, porque num curto período de 30 dias morreram 462 (maior número ainda morreu no mês de janeiro passado (1786), alcançando o total de 557). Considere-se que tais dados dizem respeito somente ao curral pertencente à Demarcação de Limites, porque as que entraram e morreram no mesmo período, em outro curral pertencente à Capitania, também acha-se registrado na seguinte relação:

ANEXO 2

ANO	TARTARUGAS RECEBIDAS	TARTARUGAS MORTAS
1780	2.740	765
1781	2.846	876
1782	2.728	770
1783	2.892	833
1784	2.710	1.217
1785	2.896	1.600
TOTAL	16.812	6.061

Somem-se a ambos os totais de 36.656 tartarugas que entraram no primeiro e o de 16.812 que entraram no segundo e ver-se-á que em ambos os currais, pelo espaço de 6 anos, entraram 53.468; que em ambos se aproveitaram 36.007 e que em ambos se desperdiçaram 17.461. Nesse número não figuram tartarugas entradas e mortas em outros currais de particulares, que são bastante numerosos pelo fato de elas serem o suprimento diário de carne de vaca de suas mesas. Tampouco vão incluídas as que morrem nas canoas durante a viagem dos pesqueiros até esta Vila, que são em maior ou menor número, segundo a estação quente ou fresca, segundo a maior ou menor carga das canoas ou se já têm ou não desovado.

Das tartarugas finalmente, não se aproveitam somente as carnes, os ovos e as manteigas. Das peles do pescoço depois de enxutas ao sol, fazem os índios os seus «adufes», tampos de isqueiros e de bocetas e excelente cola. A carapaça ou concha superior é uma «alguidar» de lavar e de amassar, serve também para os pedreiros conduzirem o barro, de cesto para transportar terra para obras. Nesta Vila de Barcelos, toda cortada de alaga-

diços, os cascos servem até de «poldras» ou passadores para se atravessar de uma rua para outra. Fazem também marcas dos ditos cascos. Não se tendo a casca da árvore caraipé, para se misturar com o barro, de que se faz louça, na falta das escórias de ferro, suprem-nos com os cascos calcinados.

Aos machos das jurararetês chamam os índios de capitaris. Tal nome é dado também pelas índias aos rapazes. Distinguem-se os machos das fêmeas pelo tamanho do corpo, porque são menores; pela figura do dorso, porque são mais gibosos; pelo comprimento da cauda, porque excede ao da fêmea e pela inclinação dela para um dos lados. Acrescente-se a diferença da carne que não é tão boa como a das fêmeas. Se a carne da fêmea é seca, a dos capitaris é muito mais seca e dura, particularmente no tempo do cio. Daí o fato dos índios recusarem alimentar-se com a carne dos jurarás, no Hospital de Barcelos, quando há falta de galinhas, devido à experiência transmitida de pais para filhos, rejeitam então a carne dos capitaris e mais ainda a respeitam se a doença consiste em diarréias, desinterias, etc.

Barcelos, 3 de fevereiro de 1786.

(Códice B.N. 21.1.18, n.º 1)

A jurararetê, jurará-açu, *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1912) é conhecida atualmente como tartaruga verdadeira, tartaruga do Amazonas, jurará ou simplesmente tartaruga.

Nesta Memória, Alexandre Rodrigues Ferreira, traz contribuição valiosa sobre métodos de pesca, utilização da espécie e detalhes de sua biologia colhidos no fim do século passado quando era ainda muito abundante.

Novamente demonstra preocupação conservacionista ao mencionar: «Este anfíbio tão útil ao Estado ainda não mereceu cuidados ou providências que são requeridas para evitar os abusos que se praticam contra ele.»

Os dados numéricos que apresenta corroboram sua afirmativa e evidenciam a abundância da espécie antes do fim do século XIX.

Atualmente essa tartaruga passou a receber proteção governamental, tendo o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal envidado esforços na proteção de alguns dos principais tabuleiros de desova (Trombetas e Tapajós). A Lei de Proteção a Fauna, também inclui em seu artigo primeiro, os criadouros naturais como propriedade do Estado sendo proibida a sua destruição. Graças a essas medidas a espécie poderá ser mantida com número razoável de indivíduos em locais onde antes era muito abundante.

Ainda sobre as tartarugas, que Alexandre Rodrigues Ferreira denomina de «vaca cotidiana das mesas portuguesas», menciona em seu Diário de Viagem pela Capitania do Rio Negro, o número das que eram capturadas em relação com a mortalidade, demonstrando o seu espírito conservacionista.

«De 2.896 tartarugas que entraram no ano de 1785 para o curral da Capitania, morreram 1.600, que não se aproveitaram. No de 1784, entraram 2.710 e morreram 1.217. No de 1783 entraram 2.892 e morreram 833. Em uma palavra, das 53.468 tartarugas, que desde o ano de 1780 até o de 1785 entraram em ambos os currais da Demarcação da Capitania, aproveitaram-se tão somente 36.007 e morreram 17.461.»

VI. MEMÓRIAS SOBRE OS JACARÉS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ

Há três variedades de jacarés: a primeira chamada de *jacaré-açu* ou grande, a segunda chamada *jacaré-tinga* ou branca e a terceira *jacaré-curuba* ou de sarna. Supõe-se que existem em maior ou menor abundância nos rios do Estado do Pará; contudo, não vi tantos nem tão grandes como na Ilha Grande de Joanes, também chamada Marajó; no lugar de Outeiro ou Urubuquara, na Vila de Monte Alegre ou Curupatuba, na Vila de Santarém ou Tapajós, na Vila de Alter do Chão ou Murari, nos Lagos de Vila Franca ou Cumaru, em Vila Boim e na de Pinhel, todos no rio Tapajós.

Também há muitos deles no rio Amazonas, na Vila de Óbidos ou Pauis, nos Lagos da Vila de Faro ou Nhamundá, nos Lagos da Vila Saracá ou Silves e em suma abundância no trecho do Amazonas chamado Solimões.

Os jacarés-tingas e curubas são menos abundantes que os açus; contudo, não deixa de haver uma porção muito boa deles na Ilha das Onças, fronteira à cidade, e para os lados de Abaeté com maior ou menor abundância em todos os rios. São sempre encontrados nos igarapés, que são braços que saem dos rios, pois suas águas são calmas e os jacarés nadam em busca de caça sem maiores dificuldades.

Além destas três variedades bem distintas, ou seja: o *jacaré-açu* pelo seu tamanho e mau cheiro, o *jacaré-tinga* por ser menor, esbranquiçado e sem cheiro, e o *curuba* por ter as escamas do pescoço mais altas que os outros, há uma variedade que é muito parecida com o lagarto grande na forma e no tamanho e só no serrilhado do rabo se parece com o jacaré. Esta variedade é chamada jacaré-ilegítimo ou jacaré-rana, expressão dada pelos nativos a todas as formas que se pareçam com o jacaré verdadeiro.

Os maiores jacarés que vi tinham 20 palmos de comprimento e há quem afirme existirem maiores que, no entanto, não ultrapassam 30 palmos, ao contrário do que escreveu o Ouvidor Sampaio no seu Diário de Viagem às povoações do Rio Negro.

Os jacarés pequenos são capturados a tiros de espingarda com chumbo bem grosso apontados nos ouvidos ou olhos, por serem as partes mais vulneráveis; para os maiores é necessário bala, arpão ou laço. Dos jacarés grandes os *açus* só se aproveita a banha para fazer azeite, o qual tem pouco uso devido ao seu mau cheiro, que os nativos chamam de *catinga*. Os padres da Mercês nas suas fazendas da Ilha de Marajó, usam muito este azeite nas lamparinas. As outras duas variedades de jacarés, a *tinga* e *curuba*, não têm cheiro e índios portugueses e seus descendentes brasileiros os comem admiravelmente, assados ou cozidos, temperados como peixe.

(Códice B.N. 21-1-29, nº 5).

Às espécies mencionadas por Alexandre Rodrigues Ferreira nesta Memória, correspondem os seguintes nomes científicos atuais:

1. Jacaré-açu, *Melanosuchus niger* (Spix, 1825).
2. Jacaretinga, *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758).
3. Jacaré-curuba, *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807).
4. Jacarerana, *Crocodilurus lacertinus* (Daudin, 1802).

O jacaré-açu ou jacaré-uná é a maior espécie brasileira, restrita à Amazônia. O corpo é preto com faixas amarelas transversais, estreitas e espaçadas; possui manchas pretas nas mandíbulas; pode alcançar até 5m de comprimento.

O jacaretinga ou jacaré-de-óculos, é restrito às bacias do Amazonas e do Parnaíba. Mede até 2,20m de comprimento. Diferencia-se do jacaré-açu por ter o focinho muito alongado, muito mais comprido que largo.

O jacaré-curuba ou jacaré-coroa, jacaré curuá ou curulana é o jacaré de maior dispersão no Brasil, não atingindo nunca a 2m. de comprimento; possui focinho curto e largo.

jacaré coroa

A jacarerana é um lacertílio, família dos teídeos, da Amazônia. Possui coloração parda em cima, pintada de preto, dedos com anéis pretos, barriga amarela com pintas negras esparsas. A presença de quilha caudal motivou o nome genérico. Possui hábitos aquáticos.

VII. RELAÇÃO DOS ANIMAIS QUADRÚPEDES, SILVESTRES, QUE HABITAM NAS MATAS DE TODO O CONTINENTE DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ, DIVIDIDOS EM TRÊS PARTES: PRIMEIRA, DOS QUE SE APRESENTAM NAS MESAS POR MELHORES; SEGUNDA, DOS QUE COMEM OS ÍNDIOS EM GERAL E ALGUNS BRANCOS QUANDO ANDAM EM DILIGÊNCIA PELO SERTÃO; TERCEIRA, DOS QUE NÃO SE COMEM

PRIMEIRA

OS MAIS UTILIZADOS NA ALIMENTAÇÃO EM GERAL

1. *QUEIXADA* — porco bravo ou do mato, que nunca atinge o tamanho dos porcos domésticos. Sua carne é excelente, feita de qualquer forma seja: cozida, assada, frita ou afogada.

2. *QUEIXADA-BRANCA* — Idêntica à acima diferenciando-se por ser mais brava e por ter o queixo branco.

3. *CAITETU* — menor que os antecedentes.

Dos porcos do mato em geral os índios do Rio Branco fazem colares e brincos com seus dentes, e suas presas são utilizadas em trabalhos de braganças.

4. *PACA* — animal com pele toda pintada de branco e carne muito gostosa, feita de qualquer maneira.

5. *VEADO-BRANCO* — a carne do veado branco, tida como seda, é muito gostosa quando estão gordos.

As peles curtidas são excelentes para assentos de cadeira e os sertanejos as usam muito para vestimenta, calções ,etc., etc. A pele do veado mateiro substitui a falta de sola por ser mais grossa. Os seus habitats são diferentes, porque, embora supostamente habite as matas, cada espécie tem locais prediletos onde costuma pastar, uns nas campinas, outros nas lagoas, outros nas capoeiras, outros nas matas virgens.

São seis as espécies de veados reconhecidos pelos práticos, com os seguintes nomes:

6. *SUAÇUCARIAÇU*
7. *SUAÇUANHANGA*
8. *SUAÇURETÊ*
9. *SUAÇUAPARA*
10. *SUAÇUCAATINGA*

11. *CUTIA-LOURA* — é um animal de 2 até 2,5 palmos de comprimento. Sua carne é gostosa, embora tida como seca. Existem mais duas espécies: uma preta do mesmo tamanho que a loura e outra loura, menor e com rabo.

Das peles curtidas são feitos excelentes «cordovões» para sapatos que duram muito e são mais macios do que os que vêm de Lisboa. Os índios utilizam seus dentes como goivas nos seus trabalhos de braçangas, e outros enfeites.

12. *CUTIA-PRETA* — menor que a loura.

13. *CUTIA-DE-RABO* — com rabo e é menor que todas.

14. *ANTA OU VACA-DO-MATO* — animal do tamanho de uma pequena vitela, porém muito valente quando acuada em fuga, podendo atravessar um rio a nado de uma margem a outra. Há ainda uma outra espécie menor.

SEGUNDA

ANIMAIS QUE OS ÍNDIOS E ALGUNS BRANCOS COMEM

15. *TAMANDUÁ-GRANDE* — Animal grande e muito valente, com algumas malhas brancas, o focinho e as unhas das mãos e dos pés muito compridas; cauda longa e em forma de leque, por isso sendo chamados por alguns de tamanduá-bandeira e também porque, quando anda, coloca a cauda sobre as costas fazendo-lhe sombra; é tão valente que chega a brigar com a onça, defendendo-se valentemente, a ponto de ambos morrerem no combate. Sustenta-se de formigas e outros pequenos animais. Nas suas caminhadas chegam a atravessar o rio de uma margem a outra. Há mais duas outras espécies, porém muito menores.

16. *TAMANDUÁ-PEQUENO* — menor, todo louro, pelo curto e menos áspero que o tamanduá-grande.

17. *TAMANDUÁ-MIRIM* — o de menor porte, pelo macio semelhante ao arminho, vive em cima das árvores, das quais apenas desce para comer capim, formiga ou outros pequenos animais.

18. *TATU-GRANDE* — é o maior de todos, chega a ter 2 a 3 palmos de comprimento. Sua carne é apreciada como a das outras 3 espécies. Vive em buracos profundos que cava na terra, nos quais é apanhado com mais facilidade.

19. *TATU-CHATO* — difere do tatu-grande por ser menor e ter a cabeça e as costas chatas e não redonda como nos outros. Vive também nas matas virgens em buracos que cava na terra.

20. *TATU-BRANCO* — ainda menor que o tatu-chato e todo branco. Sua carne é mais saborosa que a dos dois precedentes. Vive também em buracos na terra, porém em descampados.

21. *TATU-BOLA* — o menor de todos e muito saboroso. Quando amedrontado, enrola-se de tal forma que fica como uma bola, comportando-se como tal ao ser chutado. Vive nos descampados.

22. *PREGUIÇA-GRANDE* — a maior das 3 espécies do gênero. Possui pêlo louro cinzento-escuro e muito áspero. É um animal muito pouco sensível, a ponto de que se recebe pauladas quando dormindo, resiste a elas com insensibilidade pasmosa. É apanhada viva, principalmente quando está dormindo abraçada aos troncos das árvores, possuindo tal força nos pés e nas mãos que, se não lhe baterem com paus, resiste aos puxões de um só homem. Sustentam-se de folhas, principalmente da Embaubeira. Possuindo exemplares vivos em casa, ofereci-lhes várias folhas diferentes para sua alimentação e verifiquei que apenas as de embauba eram comidas. Os índios e alguns brancos quando em suas viagens comem a sua carne muito dura, seca e preta. Das peles se fazem excelentes cordovões.

23. *PREGUIÇA-DE-FOGO* — menor, com pêlo cinzento e mais macio, tendo nas costas um escudo amarelo e preto que lhe dá muita graça e da qual provém o nome de aí-tatá.

24. *PREGUIÇA-PEQUENA* — de coloração cinzenta é a menor de todas.

25. *CUANDU-GRANDE* — animal cheio de espinhos por todo o corpo, imitando os ouriços da Europa, quando estão enraivecidos se sacodem e expelem os espinhos com tanta violência que se encravam onde baterem. Conforme constatei com o dese-

nhista José Joaquim Codina, quando desenhava um exemplar vivo; com muito custo os tirou, sangrando bastante num dos pés, devido às farpas que são opostas nas suas pontas e que dilaceram a carne ao sair.

A diferença entre esta espécie e a outra que é menor reside em ter os espinhos maiores e malhados de preto e um pouco de branco. Os índios e alguns brancos que os comem dizem que são muito gostosos e gordos. Vivem em buracos de paus elevados do solo, de onde saem para comerem frutos.

26. *CUANDU-PINTADO* — menor que o precedente e com os espinhos pintados de amarelo, branco e preto e a pele do costado cor de jade, muito engraçada.

27. *GUARIBA-RUIVO* — o maior de todos; alguns todo louros, outros ruivo-escuro com uma grande papada no pescoço, andam em grandes bandos por cima das árvores e fazem tamanha berraria que se ouve muito longe. As peles não têm uso comercial, porém, alguns curiosos as curtem para delas fazerem suas patronas de caça; são muito bonitas pela sua cor e abundância de pelos, muito macios, e seriam boas para trabalhos nesse gênero se para tal fossem utilizadas.

28. *GUARIBA-PRETO* — semelhante ao precedente, com a diferença de ser preto.

29. *CUXIU* — macaco semelhante ao guariba-preto, porém mais felpudo, sobretudo o rabo. Da pele desse macaco os soldados granadeiros fazem os «bonitos» para as bocas de suas armas.

30. *MACACO-PREGO* — Também muito grande, todo louro, com as extremidades dos pés, das mãos e do frontispício da cabeça negros, este último de tal forma como se fosse um topete aparado de propósito.

31. *MACACO-DE-BARRIGA* — branco e grande, todo preto-fusco, com o focinho, pés e mãos pretos e a barriga muito grande. Domesticam-se com a mesma facilidade com que também morrem. Vivem no rio Solimões não sendo encontrados em nenhum outro. Também os recolhi no rio Madeira.

32. *CAIARARA* — macaco com o fio do lombo louro e o restante do corpo esbranquiçado, muito magro, mais esperto que os demais; quando domesticados tornam-se extremamente mansos.

33. *PARAUACU* — muito preto e muito gadelhudo, com a ponta dos pés, mãos e focinho amarelos cor de ouro; são mais raros que os outros.

34. *BOCA-PRETA* — grande, todo louro, tornando-se amarelo pelo lombo e branço pela barriga; o focinho é preto, motivo pelo qual os índios o chamam de macaco-de-boca preta, da mesma forma que uma tribo de índios do rio Japurá, hoje habitantes da margem superior do rio Negro, são chamados Jurupixunas porque possuem também a boca preta. Este macaco, embora muito esperto, morre facilmente ao ser domesticado.

35. *BOCA-PRETA-PEQUENA* — muito menor, do tamanho de um sagüí.

36. *MACACO-UAIAPUÇÁ* — pequeno, pardo, pardo claro nas costas, esbranquiçado na barriga, com as extremidades das mãos, dos pés e o focinho até a testa de cor amarelo claro. Também são raros.

37. *MACACO-JUPARÁ* — pequeno, de cor ruivo-clara tornando-se vermelho, com olhos grandes; é noturno, passando os dias nos buracos dos paus, saindo à noite para se alimentar, razão pela qual são difíceis de apanhar.

38. *MACACO-IÁ* — também muito pequeno, pardo, com a testa até os olhos de cor amarelo-clara, olhos muito grandes e também de hábitos noturnos.

39. *COATÁ* — macaco de movimento muito lento, que ao caminhar lança primeiro a cauda à semelhança de um arpão; é preto, grande como uma guarida negro e tem a barriga muito grande.

40. *IRARA* — espécie de macaco pardo com a testa branca, por baixo do pescoço amarelo, quase ouro. Sustenta-se do mel das abelhas silvestres chamadas entre os índios e os brancos *cabas*, que fazem o mel nos buracos dos troncos das árvores; e por isso também lhe chamam papa-mel.

41. *GUAXINI* (*)

42. *QUATI-MUNDÉU* — espécie de macaco de cor loura e focinho comprido, semelhante à raposa, e a cauda malhada de preto, pardo louro. Dorme em cima das árvores como os macacos, mas durante o dia desce para caçar, sustentando-se de minhocas e de outros pequenos animais, não perdoando cobra, por venenosa que seja, e, nem ao jaboti, porque lhe come os pés e as mãos até onde possa introduzir o focinho. É muito carniceiro,

(*) Sem texto na Memória da B.N.

e «arrenegado» porque possuindo um numa gaiola, comeu o rabo em desespero até que disto veio a morrer.

43. *QUATI-Í* — idêntico ao precedente, porém menor.

44. *SAGÜI-PRETO* — todo preto e muito felpudo, com algumas mechas pardo-claras.

45. *SAGÜI-BRANCO* — branco e felpudo; consta que ocorram apenas no Estado do Pará.

46. *ONÇA-GRANDE* — animal muito valente e destro, mata o jacaré por maior que ele seja e o puxa para a terra para comer, esforço para o qual se necessitaria pelo menos 4 homens. O mesmo faz com o peixe-boi, que ao carregá-lo nos causa muito mais admiração, pois são mais pesados que os jacarés.

Também faz o mesmo com as tartarugas e tudo que pode apanhar, até os porcos mansos criados em casa quando estas são feitas perto das matas, vindo furtá-los à noite; o mesmo faz com os cães e demais animais domésticos, como cabras, ovelhas e mesmo vitelas, que enquanto são pequenas as carregam. Nos currais onde são presas as tartarugas, vêm à noite arrombar as tapagens e furtá-las, principiando a comê-las pela cabeça, mãos e pés, e com as garras lhes vão tirando de dentro do casco as entranhas e tudo o mais, até ficar o casco limpo. Para apanhar os jacarés, espreitam na margem do rio, esperando que encostem na terra e logo que elas os vêm do local onde estão escondidas, lhes saltam em cima do pescoço e mergulham com eles até matar, depois com sua própria força os puxam pelo barranco acima, o que causa admiração. Eu, mesmo não acreditaria se não tivesse constatado o fato no pesqueiro real do Caldeirão no rio Solimões, quando por ali passei, onde uma onça puxou um jacaré por um barranco, de mais de 16 palmos de comprimento. Da mesma forma apanham os peixes-bois, não causando admiração matá-los, mas sim carregá-los, pois, são de pêso muito maior que os jacarés. O mesmo fazem com as tartarugas, colocando-se nos troncos de árvores pendentes sôbre os rios, com a ponta da cauda no rio, fingindo os frutos das árvores que estão caindo; saltam sobre elas logo que sobem à superfície, lutando com elas para o fundo, não descansando até matá-las. Nas matas do Pará é o animal mais forte que há, caçando os porcos bravos, os veados, e finalmente a anta, por maior que ela seja. Em suas andanças atravessam o rio a nado de uma margem a outra. Caçam-na a tiros de espingardas com chumbo grosso, e um homem corre o risco de encontrar-se com elas e não acertar logo no primeiro tiro, pois se não acertar e ela ficar com vida, corre o risco de ser assaltado por ela, como já tem sucedido, mas com felicidade, pois além da

espingarda levam um facão e com ele se defendem; há os que levam cães de caça e por meio deles também se defendem, porque, enquanto a onça se entretem com eles, o caçador tem tempo de carregar a espingarda; mas quando isso acontece sempre morre um cão e a onça não precisa mais que bater no cão com as mãos no espinhaço para derrubá-lo, fato este que também vi no referido Pesqueiro; e era um cão dos maiores.

Dos assaltos que a onça faz em algumas povoações situadas em partes onde as há em maior abundância, não só atacam o gado e os cães, também atacam o homem, entrando pelas casas sem serem pressentidas (pois as portas e as paredes são algumas vezes de palha) e avançam no primeiro que topam dormindo em redes; como vi no lugar de Airão, primeira povoação do rio Negro, uma menina menor de idade quase cega de um olho e muito ferida no rosto devido a uma pancada dada por uma onça enquanto dormia, e teria sido pior se a mãe não acudisse logo. As onças vivem em todas as matas do Pará.

47. *MARACAJÁ* — onça muito pequena, pouco maior que um gato; quando capturadas em pequenas se domesticam como um gato, mas não perdoam as galinhas, os pintos e os ovos. Existem duas espécies: uma maior e uma menor.

ANIMAIS QUE NÃO SE COMEM

48. *ONÇA-PRETA* — animal parecido na configuração do corpo com a onça, com a diferença de ser todo preto, ao que eu ouvi chamar em Lisboa tigre, e no Pará onça preta. Não são tão comuns como as onças pintadas.

49. *VEADO-ILEGÍTIMO* — todo pardo, parecido no formato do corpo com a onça. Chamam-no de veado ilegítimo, suaçuarana, por se parecer na cor com os veados; eu porém lhe chamo de leopardo, pois assim ouvi chamar no Real Gabinete de História Natural. Há outros semelhantes, e os habitantes do Pará têm mais medo dele que da onça.

50. *ONÇA-DE-CUTIA* — toda pardo-escura, semelhante à onça na forma do corpo; seu nome é devido à semelhança das cores com a cutia.

51. *CÃO-DO-MATO* — do tamanho de um cão pequeno, porém muito esperto e rapinador de pintos. Todo cinzento com pelos pretos misturados, o focinho é comprido, a cauda curta e as extremidades das mãos e dos pés são pretas. Possui uma catinga insuportável e ainda muito maior quando é o seu excre-

mento, que por mais que se limpe o local onde esteve, conserva por muitos dias o mau cheiro. Domesticam-se com facilidade quando apanhados pequenos. São bastante raros.

52. *CÃO-DO-MATO* — animal pequeno, do tamanho de uma raposa, todo pardo, cauda comprida e o focinho como o de um cão. Também são raros.

53. *RAPOSA* — pequeno, pardo, com o rabo muito cabeludo em tudo semelhante às raposas da Europa; os brancos do Pará também o chamam assim. Também são raros.

54 *MUCURA-UAÇU* — pequeno, louro-escuro e a cauda pelada como os ratos; são caçadores de galinha e seus ovos, tanto que saem do mato onde normalmente vivem e entram nos quintais das casas das povoações onde estão os galinheiros e causam tanta devastação que se não tomarem cautela em fechá-los serão dizimados em poucos dias.

No meu quintal, da noite para o dia, comeram uma galinha de tal forma que deixaram só os ossos, que parecia um esqueleto bem descarnado. Possuem uma catinga insuportável, mas os índios e alguns brancos os comem com tanto gosto que dizem que é a galinha do mato.

55. *MUCURA-XIXICA* — mucura muito menor que a outra; toda parda-clara e o pêlo muito mais macio. Apanham-se nos quintais em cima dos cafezais e goiabeiras. Este animal possui na barriga um fole ou saco onde recolhe os filhotes.

56. *ACUTIPURU-PRETO* — animal todo preto com cauda grande muito felpuda e muito esperto. Vivem quase sempre em cima das árvores, só descendo para comer. Os índios os comem admiravelmente.

57. *ACUTIPURU-LOIRO* — do mesmo tamanho que o precedente, de cor castanha nas costas e mais claro na barriga.

58. *ACUTIPURU-PARDO* — menor, todo pardo. Trepam pelos troncos das árvores como um lagarto.

N.B. — Que o animal que se segue não foi no número dos melhores por esquecimento.

59. *CAPIVARA* — animal do tamanho de um porco comum e semelhante na forma do corpo, mas com rabo muito curto, pardo-escuro, outros louros. Sua carne é seca, porém a comem; os brancos pobres que nem sempre podem comer carne de vaca, gostam bastante de sua carne, como os moradores da Capitania do Rio Negro; também costumam salgar sua carne.

N.B. — Nesta relação vão incluídos todos os animais de que até o presente se tem notícia, que vivem nas matas do Estado do Pará e que têm sido remetidos para o Real Gabinete de História Natural, uns preparados e outros conservados em aguardente.

(Códice B.N. 21-1-35).

Nesta Memória o autor demonstra que, na época, como era de se esperar, a sistemática zoológica ainda era bastante precária. Assim é que trata a irara e o quati como macacos.

Por razões que desconhecemos o guaxini ou mão-pelada ficou sem descrição no códice.

Curioso é o fato de ter chamado a onça-parda ou Suçuarana de *veado-ilegítimo*, dando-lhe este nome quando se refere às onças e gatos do mato. No texto diz «eu porém lhe chamo de leopardo» pois assim ouvi chamar no Gabinete de História Natural. Tal fato revela-nos que a maioria de suas observações são colhidas dos nativos.

Como os veados das matas do Pará são apenas o suaçuretê (veado verdadeiro ou vermelho), suaçucariaçu (cariaçu) ou suaçucaatinga (veado catingueiro) certamente teve apenas referências do suaçuapara (veado-galheiro) e do suaçuanhanga (veado-duende) da Amazônia, já que não os descreve e fatalmente mencionaria a grande diferença nas galhadas entre o cervo e o veado-campeiro, caso os tivesse visto.

Vários mamíferos desta Memória citados por Alexandre Rodrigues Ferreira teriam sua autoria se os tivesse descrito no sistema Lineano (nomenclatura binominal). São êles o suaçutinga, suaçucaatinga, acutipixuna, guariuba, cuxiu, macaco-maricaçu, caiarara, parauacu, macacoiá, acutirana, jaguara-caafora, cachorro-do-mato-de-orelha-curta e acutipuru-pixuna.

Como meio de atualização da Memória apresentamos uma lista de nomes científicos preparada tentativamente pelo zoólogo Luiz Carlos Souto, a fim de identificar os mamíferos relacionados por Alexandre Rodrigues Ferreira em sua maior parte, com descrições insuficientes e, algumas vezes apenas o nome vulgar.

No nº 22, o fato de ser «a maior das três espécies do gênero», além de possuir o pêlo muito áspero (em comparação com as outras duas), mostra ser o ai-açu desta espécie e não *Bradypus tridypus tridactylus*, como entendeu Carvalho, C.T. (Comentários sobre os mamíferos descritos e figurados por Alexandre R. Ferreira, em 1790, Arq. Zool. São Paulo, Vol. 2:28, 1965). 1965).

O nº 55, por possuir na barriga «saco ou fole onde recolhe os filhotes» torna indiscutível a identificação desta espécie como um *P. opossum*, o único indidelfídeo, além de *Didelphis* (do qual «é muito menor»), que possui uma verdadeira bolsa marsupial. Além disso, vários autores têm registrado o nome mucura-xixica como sendo dado, na Amazônia, para esta espécie.

RELAÇÃO DOS MAMÍFEROS DO PARÁ E SEUS NOMES CIENTÍFICOS ATUAIS

1. taiaçuarum — *Tayassu albirostris* (Illiger, 811) — Jovem.
2. taiaçuiarum-de-queixada-branca —
   Tayassu albirostris — (Illiger, 1811) — Adulto
3. taititu — *Tayassu tajacu* (Linnaeus, 1758)
4. paca — *Agouti paca* (Linnaeus, 1756)
5. suaçutinga — *Mazama guazoubira* (Fischer, 1814)
6. suaçucariaçu — *Odocoileus virginianus cariacou* (Boddaert, 1784)
7. suaçuanhanga — *Mazama americana* (Erxleben, 1777)
8. suaçuetê — *Mazama americana* (Erxleben, 1777)
9. suaçuapara — *Ozotocerus bezoarticus* (Linnaeus, 1758)
10. suaçucaatinga — *Mazama simplicicornis* (Illiger, 1811)
11. acutipiranga — *Dasyprocta aguti* (Linnaeus, 1766)
12. acutipixuna — *Dasyprocta fuliginosa* (Wagler, 1832)
13. acutiuaia — *Myoprocta acouchy* (Erxleben, 1777)
14. tapira-caapora — *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758)
15. tamanduá-açu — *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus, 1758)
16. tamanduá-mirim — *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758)
17. tamanduaí — *Ciclopes didactylus* (Linnaeus, 1758)
18. tatuaçu — *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758)
19. tatupeba — *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758)
20. tatutinga — *Dasypus novemcinctus* (Linnaeus, 1758)
21. tatu-bola — *Tolypeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758)
22. aí-açu — *Choloepus didactylus* (Linnaeus, 1758)
23. aí-tatá — *Bradypus tridactylus* (Linnaeus, 1758) — macho
24. aí-mirim — *Bradypus tridactylus* (Linnaeus, 1758) — fêmea
25. cuanduaçu — *Coendou (Coendou) prehensilis* (Linnaeus, 1758)
26. cuandupinima — *Coendou (Sphigguruus) sp.*
27. guariúba — *Alouatta seniculus straminea* (Humboldt, 1812)
28. guariba-pixuna — *Alouatta belsebul* — (Linnaeus, 1766)
29. cuxiú — *Chiropotes satanas* (Hoffmannsegg, 1807)
30. macaco-itapuá — *Cebus apella* (Linnaeus, 1758)
31. macaco-maricaçu — *Lagothrix cana* (Geoffroy, 1812)
32. caiarara — *Cebus nigrivittatus* (Wagner, 1847)
33. parauacu — *Pithecia monachus* (Geoffroy, 1812)
34. jurupixuna-açu — Gen. sp. (?)
35. jurupixuna-mirim — *Saimiri sciureus* (Linnaeus, 1758)
36. macaco-uapuça — *Pithecia sp.* (?)
37. macaco-jupará — *Potos flavus* (Schreber, 1774)
38. macacoiá — *Aotus trivirgatus* — (Humboldt, 1811)
39. cuatá — *Ateles paniscus* (Linnaeus, 1758)
40. irara — *Eira barbara* (Linnaeus, 1758)

41. guaxinim — *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798)
42. quatimundé — *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766)
43. quati-í — *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766)
44. sauí-pixuna — *Leontocebus tamarin* (Link, 1794)
45. sauí-tinga — *Callithrix argentata* (Linnaeus, 1766)
46. Jaguaretê-açu-pinima — *Leo onca* (Linnaeus, 1758)
47. maracajá —
Felis tigrina (Schreber, 1777)
Felis pardalis (Linnaeus, 1758) — a maior
48. jaguaretê-pixuna — *Leo onca*
(Linnaeus, 1758) — forma melânica
49. suaçurana — *Felis concolor* (Linnaues, 1771)
50. acutirana — *Felis yagouaroundi* (Geoffroy, 1803)
51. jaguara-caapora — *Speothos venaticus* (Lund, 1842)
52. jaguara caapora — *Atelocynus microtis* (Sclater, 1882)
53. jaguara — *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766)
54. mucura-açu — *Didelphis marsupialis* — (Linnaeus, 1758)
55. mucura-xixica — *Philander opossum* (Linnaeus, 1758)
56. acutipuru-pixuna —
Sciurus (*Hadrosciurus*) *ingiventris* (Wagner, 1842) — forma melânica
57. acutipuru — loiro — *Sciurus* (*Hadrosciurus*) sp.
58. acutipuru-pardo — *Sciurus* (*Guerlinguetus*) *aestuans*
(Linnaeus, 1766)
59. capivara — *Hydrochaeris hydrocharis* (Linnaeus, 1766)

VIII. MEMÓRIA SOBRE O PEIXE-BOI E DO USO QUE LHE DÃO NO ESTADO DO GRÃO-PARÁ (*)

Devido à semelhança que este mamífero aquático tem com o boi e mais precisamente com a vitela, no formato da cabeça e do focinho, nos hábitos alimentares e nas diferentes partes de seu corpo, recebeu o nome de *peixe-boi,* o macho, e, de vaca-marinha, a fêmea. A analogia que tem suas nadadeiras com as mãos dos quadrúpedes na economia animal do movimento progressivo lhe deu entre os espanhóis o nome de *Manatus,* como se dissessem peixe-com-mãos, e daí ser colocado no Sistema de Linnaeus no gênero *Trichechus* e na espécie *manatus.* Os índios lhe dão o nome de *Iuárauha.*

Embora no rio Arari, na Ilha Grande de Johannes ou de Marajó, que eu visitei, nos outros rios da mesma ilha e na baia do Marapatá haja alguns, não são tantos nem tão grandes como os da Vila de Gurupá para cima. Ainda desde o Curupá até Almirim, também chamada Paru, não são tão comuns como no lugar do Outeiro ou Urubuquara, na Vila de Monte Alegre ou Curupatuba, nos lagos de Vila Franca antigamente chamada Cumaru, onde há muitos lagos cobertos de grama canarana e ieticarana, que lhes servem como alimento. Nos lagos da Vila de Faro ou Nhamundás, é notável a sua quantidade, também há bastante nos lagos de Silves ou Saracá. São raros, porém, os chamados peixes-boi de manteiga. Nos rios com cachoeiras não passam por cima de seus saltos.

Arpoam-nos por todo o ano, porém, mais na vazante dos rios pelos meses de agosto, setembro e outubro e nas repontas da enchente. Nessa época estão no cio, e muitos são mortos principalmente se o arpoador tiver a sorte de prender uma fêmea e utilizá-la como isca para atrair os machos.

Para os arpoarem sobem uma canoa dois a três índios, providos de arpões de duas farpas; ao romper ou ao findar um dia

(*) Publicada no original por *Alípio de Miranda Ribeiro* nos arquivos do Museu Nacional XII: 169-174, 1903.

sereno e sossegado, sem vento que altere o rio, como também ao sair da lua, nas noites de luar, é uma boa ocasião de navegar na espreita deles. Pelas margens dos rios e dos lagos, evitando qualquer ruído na água com os remos, pois o peixe-boi sente qualquer ruído. A estas horas e em semelhantes lugares eles estão comendo grama, ora só com a cabeça fora da superfície, ora com a maior parte do corpo, conforme a situação e como lhes convier. É preciso avançar sobre eles no maior silêncio possível, até chegar-se a distância de os arpoar com sucesso. A melhor arpoada é a da parte superior da cabeça e na parte superior do pescoço.

Quando não são encontrados pelas margens dos rios, corta-se uma grande quantidade de grama e leva-se presa à canoa pela correntesa abaixo, até virem comê-la. É uma experiência feita diariamente com muito sucesso. Acontece em outras vezes do peixe-boi estar comendo no fundo do rio (o que se nota pelos movimentos da grama na superfície da água), neste caso é preciso tocar-lhe o dorso com alguma parte da mesma grama, de maneira a que ele, sendo arisco como é, suba, atemorizado para a superfície da água. Há certos lugares nos lagos, em que eles costumam boiar e brincar uns com os outros onde os arpoadores ficam à sua espera. Também se pratica a tapagem que não deixa de ser lucrativa para seus donos, caso o rio não encha repentinamente ou fora de tempo, pois, se isto acontecer, o peixe-boi passará por cima delas. Quando arpoado, largam o peixe-boi preso ao cabo e a canoa vai seguindo até que sangre todo e desfaleça, aí puxam, e quando chegam à borda da canoa, dão com um pau algumas pancadas fortes no focinho e na cabeça, então o peixe-boi geme de modo que provoca a compaixão de quem ouve, parecendo ser um gemido de criança. Por este fato os franceses lhe dão o nome de «lamatin». Depois de morto, para o embarcarem encostam a canoa perto da terra e alagando-a vão chegando a mesma por debaixo do seu corpo, até que ele fique sobre ela e depois tirando a água, sem terem carregado o peixe-boi, se acham com ele embarcado.

Este animal é um dos animais mais utilizados no Estado do Pará. Comem sua carne que é muito parecida com a carne do porco e com suas mesmas qualidades, cozida, assada, ou frita, particularmente a ventrecha.

Por esta e outras razões me perguntou o Padre Martinho Pereira Lima, Vigário de Santarém, se era peixe ou mamífero, porque escrupulizava-se a comer ou ver comer nos dias de jejum ou de abstinência de carne. Da carne também se faz as importantíssimas provisões de peixe seco e de salmoura, as chamadas mixi-

ras, as linguiças, e das banhas se preparam as manteigas, tudo isto com um notável consumo para todo o Estado.

Para fazerem peixe-boi seco, destinado para as ocasiões da falta de carne fresca e para rações dos índios nas suas viagens de canoa, espolpa-se o peixe-boi, retalham-no e passam a salgá-lo com um algueire de sal, nem salgam menos de 14, nem mais que 20 arrobas, tanto apreciam o sal por estas partes. É muito comum o peixe-boi seco não durar muito sem principiar a esverdinhar-se e apodrecer, e por causa deste alimento estragado pode adoecer gravemente toda a tripulação de uma canoa. E o cheiro que esta carne apodrecida emana nas canoas é insuportável. Isto ocorre sempre em virtude de não haver retirado o óleo em que abundam nas postas lardeadas de banhas e também devido ao fato de lhe terem salgado com a mão.

Um bom peixe-boi, aproveitadas as banhas em manteiga, chega a dar 3 até 4 arrobas de peixe seco; vende-se nas povoações a arroba desde 500 até 640 réis e na cidade de 800 até 3.000 réis.

Os lombos são usados principalmente na salmoura; esta consiste em sal, vinagre ou, na sua falta, o limão, o cravo e pimenta-do-reino, para assim se conservar dentro de potes em que o vendem, nas povoações por 640 réis e na cidade por 3.000 réis. Pode-se considerá-lo como o atum do Estado, assim como o pirarucu é conhecido como bacalhau.

A mixira é feita do seguinte modo: retalhada a ventrecha em postas compridas, leva-se ao fogo, dando uma fervura em água; dependura-se depois para escorrer a água e fritam-nas na manteiga das banhas do mesmo peixe, para nela se conservarem dentro de potes. Como são conservadas no óleo extraído das banhas, além de terem sido fritas, duram bastante tempo sem se arruinarem. Por isso, todos preferem a sua compra, não só porque duram muito em razão da preparação e da conservação, mas porque são gostosas. Os filhos dos portugueses comem muito frita ou simplesmente com ovos, algumas vêzes cozida com feijão, outras vêzes cozida só com água e sal. Usualmente também aproveitam a manteiga da conserva para comer e para as luzes. Custa cada pote nas povoações 800 réis até 3.000 réis e na cidade 3.200 réis.

As linguiças, quanto ao modo de fazer, não há diferença de como se faz em Portugal. Para isto aproveitam as tripas do peixe-boi, lavam-nas, enchem-nas de vento e deixam-nas arejar. Enchem-nas depois com ventrecha, cortada em pedaços menores, temperada com sal, vinagre ou limão, cravo e pimenta da terra. Depois dão-lhes uma fervura, crivadas primeiramente as tripas e, tiradas

do fogo, as deixam escorrer à sombra e as guardam em potes, conservadas também na sua mesma manteiga. Sendo bem temperadas são tão boas como as de Portugal. Custa cada pote nas povoações 800 réis e nas cidades 3.200 réis.

A manteiga é feita das banhas fritas pelo método que já expliquei para as banhas de tartarugas. Também as deixam apodrecer um pouco, para fundirem mais. Serve para comer, para iluminação, para o calafêto das canoas, misturadas com breu. Custa cada pote nas povoações 500 réis e na cidade geralmente 3.000 ıéis, e não há falta.

Há peixes-bois particularmente chamados manteiga, porque nela se desfaz todo o seu corpo e a respeito deste tipo me informaram alguns práticos. Entre eles, Francisco L. Ribeiro de Sampaio, que foi Dr. Ouvidor desta Capitania, escreve em seu diário de viagem em visita à Correição nos anos de 1774 e 1775. que o peixe-boi-manteiga dá acima de 20 potes de manteiga; por aí se pode ver o seu peso. De seu tamanho escreve o citado Ouvidor que era de 3 a 4 varas. Eu até o presente não os tenho visto de tal tamanho. Em Monte Alegre, tive ocasião de observar seis dos que ali se chamavam grandes e nenhum deles chegava a 3 varas. Porém me assegura o soldado José Gomes Pereira, o qual, como homem prático e de probidade, foi designado para esta Expedição pelo Ilustríssimo Senhor Martinho de Souza e Albuquerque, que no Pesqueiro Real dos peixes-bois de Faro, há uns 3 anos os viu grandes, mas que não passavam de 3 varas. O mesmo soldado me assegurou que os tem visto pesar até 15 arrobas.

Sem dúvida de tantas utilidades quantas são as que deste mamífero se tiram, nenhum policiamento é feito de sua pesca. Um peixe-boi para chegar ao seu devido crescimento deve gastar anos e todos os que aparecem são arpoados, mesmo as fêmeas prenhas. As fêmeas não parem mais de um até dois filhos por ano. Os filhotes tirados do ventre das mães que são arpoadas, para nada servem. Não se conhece o tempo de criação e o arpoador fica feliz quando encontra um filhote para mais fácil arpoar a mãe. Arpoam-nos em todos os tamanhos, sem distinção de idade. Por isto não deve causar espanto a sua raridade em alguns lagos onde já não os encontramos há alguns anos. Conservava antes Sua Majestade dois pesqueiros reais, um nos lagos de Vila Franca e outro nos de Faro. Deles tirava o peixe seco e manteiga para os provimentos da gente empregada no seu serviço, mas não tirava tantos quantos correspondessem ao número dos índios empregados nos 2 pesqueiros e por conseguinte as outras

despesas. O contrário disto havia entendido o General Fernando da Costa de Ataíde e Freire, quando criou a ambos na esperança de tirar deles o proveito premeditado. Conheço que tal não tirava o Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, e tendo igualmente percebido a distração dos índios, em carta de 4 de setembro de 1778 dirigida ao Real Erário, pela junta dele, em resposta ao que se lhe havia ordenado sobre a moderação das despesas, escreveu o seguinte «que o Pesqueiro Real que se havia estabelecido no rio Tapajós no lago de Sapucuá, e no lago Grande, com motivo das obras do Macapá, Mazagão e Vila Vistosa, se mandou inteiramente suspender pondo arrecadação todos os seus móveis. O mesmo sucedeu ao de Faro.

Governando depois o Ilmo. Exmo. Sr. Capitão General José de Nápoles Tello de Menezes, fês arrematar o contrato do Pesqueiro Real de Vila Franca pela quantia de dez mil cruzados, dentro do triênio consignado para as obras do Rio Tocantins. Veja-se o que a respeito dela consta do papel que me dirigiu o atual administrador Dionísio Gonçalves Lisboa, em resposta às minhas perguntas. É do seguinte teor: «Encarregando-me o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira de lhe declarar como administrador do Real Pesqueiro dos lagos de Vila Franca, o seu rendimento, sua formulação e outros informes, que cabe declarar-lhe que o rendimento do Pesqueiro não é certo, em razão de em uns anos avultar a mais o número das arrobas de peixe, e dos potes de manteiga, do que em outros, pelo motivo de se verificarem mais cedo as enchentes dos lagos, circunstância esta que faz diminuir as pescarias. Certifico contudo que nos dois anos da minha administração rendeu 3.873 arrobas de peixe e 8.683 potes de manteiga, havendo para isto a mortandade de 8.500 peixes-bois pouco mais ou menos. Advertindo que qualquer dos referidos gêneros são igualmente de avultadas quebras, as quais com bastante prejuízo tem experimentado o presente contratador daquele Pesqueiro.

No que diz respeito ao seu estabelecimento, este foi formalizado por contrato pelo Ilmo. Exmo. Sr. José de Nápoles Tello de Menezes com o rendimento de dez mil cruzados em três anos para a Real Fazenda, concedendo-se ao Contratador que os rematou quarenta índios e vinte rapazes de diferentes povoações do Estado, durante o tempo do seu contrato. Sobre este estabelecimento passo a dizer que indispensavelmente há de experimentar sempre o presente contratador ou outro qualquer que haja de o arrematar, um vigoroso prejuízo, não só por se lhe não darem índios pescadores das povoações que lhe são concedidos, ajuntando a isto a pouca prontidão com que os diretores cumprem as Porta-

rias do Ilmo. Exmo. Sr. General do Estado, não se achando nunca aquele número completo; como também pelo grande prejuízo que causam as miudas pescarias mandadas fazer por pessoas particulares; as quais juntas avultam a muito maior número de peixe e manteigas, que o próprio Pesqueiro Real, pagando este a referida quantia à Real Fazenda, além das avultadas despesas que se fazem para seu manejo; e é bem certo que as referidas pessoas particulares não pagam estipêndio algum à Real Fazenda, ficando-lhe livres os seus gêneros, em cujos termos os podem dar mais cômodos nos preços, o que tudo dá motivo a prejudicar o Contratador do Pesqueiro. Assim falando, de baixo de toda a verdade, e segundo a experiência que tenho, podia o estabelecimento do Pesqueiro de que se trata ser muito mais interessante às reais rendas de Sua Majestade dando um mais avultado estipêndio à Real Fazenda, concedendo-se maior número de gente ao Contratador que arrematasse bem entendido, e proibidas as pescarias de pessoas particulares. E, finalizando, no que diz respeito ao Real Pesqueiro dos lagos de Vila Franca, passo a noticiar das Pescarias que se podem fazer na Contra Costa da Ilha Grande de Johannes, hoje Marajó, até os Lagos do Rio Araguari.

Sei pela experiência que tenho das Pescarias que se fazem no Distrito da sobredita Contra Costa e informações que me deram os moradores brancos de Vila de Chaves e índios pertencentes à mesma Vila, que se pode estabelecer um novo Pesqueiro, em que interessem também às Reais rendas de Sua Majestade.

Nos lagos do Rio Araguari se podem fazer as pescarias de peixe-boi e fatura de manteigas, pois há os ditos com abundância. Já fica estabelecido este pesqueiro depois que da Contra Costa saiu o Administrador.

Há também outra abundante pescaria de linha de Piraibas, Gurijubas e Bagres naqueles referidos distritos, em pouca distância da Ilha Caviana e de outra denominada Coroa, advertindo que esta pescaria é já feita em água salgada. À vista do referido, é bem certo que, se naquele distrito se fizesse um novo estabelecimento de pesqueiro, não só interessava às Rendas Reais, mas também socorria aos moradores da cidade Praça do Macapá e às duas Vilas circunvizinhas, Marzagão e Vila Vistosa, por tudo ficar em pouca distância da Contra Costa. Nada mais sei em razão do que me foi encarregado. «Até aqui a informação do Administrador».

Da pele do peixe-boi, apenas se servem os habitantes para alguns vergalhos que fazem. Não se tem deixado contudo de

tentar algumas experiências. Tal foi a da cola que tirou dela o citado Tenente-Coronel Theodósio Constantino de Chermont, o qual observou que guardada em frascos se conservava, derrancando-se logo que se deixava exposta ao ar. O mesmo Tenente-Coronel tentou curti-la, e assim o pôs em execução no Marajó, mas não lhe correspondeu o bom êxito que esperava.

Fêz cobrir toda a pele de cinzas quentes, repetindo tantas vêzes quantas ela mostrava pelas manchas que ainda continha gordura: passou a cobri-la de pó de tijolo, que também repetiu até não ficar mancha; aplicou-lhe finalmente a cal, com repetições que lhe pareceram, e depois de haver feito passar pelas três mencionadas preparações, infundiu-a na água de cal e sujeitou-a ao curtume. De todas estas experiências o resultado foi o seguinte: profundar alguma coisa a mais a superfície curtida da parte carnaz e menos da parte flor, conservando-se no interior por curtir como dantes e adquirindo uma cor hialina.

Barcelos, 2 de fevereiro de 1786.

(Códice B.N. 21.1.13 — Documento 1)

A Memória apresenta dados interessantes sobre a biologia e usos do peixe-boi, em período que ainda era muito abundante nos rios e lagos amazônicos.

Também fatos curiosos, como a citação do vigário que indagara do Autor «se o peixe-boi era peixe ou mamífero, porque escrupulizava-se a comer ou ver comer nos dias de jejum ou de abstinência de carne».

Como em outros casos inclui uma advertência sobre sua conservação «sem dúvida de tantas utilidades quantas são as que deste mamífero se tiram, nenhum policiamento é feito de sua pesca»... «um arpoador fica feliz quando encontra um filhote para mais fácil arpoar a mãe»... «por isto não deve causar espanto, a sua raridade em alguns lagos onde já não os encontramos há alguns anos»... «certifico que nos dois anos... havendo mortandade de 8.500 peixes-bois». Atualmente acha-se entre as espécies incluídas na «Lista Oficial das espécies de animais e plantas ameaçados de extinção no Brasil», recebendo proteção legislativa total do Governo.

IX. OBSERVAÇÕES GERAIS E PARTICULARES, SOBRE A CLASSE DOS MAMÍFEROS OBSERVADOS NOS TERRITÓRIOS DOS TRÊS RIOS, DAS AMAZONAS, NEGRO, E DA MADEIRA: COM DESCRIÇÕES CIRCUNSTANCIADAS, QUE QUASE TODOS ELES, DERAM OS ANTIGOS, E MODERNOS NATURALISTAS, E PRINCIPALMENTE, COM A DOS TAPUIOS (*)

OBSERVAÇÕES GERAIS

Esta é a primeira das seis classes em que se divide o Reino Animal, no Sistema de Linnaeus, ou seja a que compreende os Corpos Naturais que são organizados, vivem e sentem. Aos vegetais pertencem somente a organização e o viver, porém não sentem. E aos minerais por último, os que não são organizados (Syst. Nat. Edit. 12 Tom 1 pg 15), nem vivem e nem sentem (Scopol. Inf. ad Hist. Nat. Regn. Animal. Trib. 42. Pag. 501). Nos minerais a matéria dorme na inércia e espera que a chamem à VIDA. Nos vegetais ela está animada mas como ainda não sente fica SEMI-VIVA. Nos animais vem o SENTIMENTO unir-se à VIDA que deste modo completa a matéria. Young. Tom. I Noit IX A Imortalidade.

A Máquina Animal, no que se refere a vida vegetativa, em quase tudo corresponde a Máquina Vegetal, se bem que a animal difere (Philosoph. Botan. Aphor. 3) na posição vertical (Syst. Nat. Edit. 12 tom 1 pg 15) na motividade de lugar, (Aphor. 133. 11) e em diferentes comportamentos relacionados às suas diferentes faculdades. (Syst. Nat. Edit. 12 tom 1 pg. 15) Mostra que as plantas mesmo privadas de sensação vivem igualmente aos animais sob os seguintes aspectos: 1 — o Nascimento; 2 — a Nutrição: 3 — a Idade; 4 — o Movimento; 5 — a Propul-

---

(*) A Memória original pertenceu ao Barão da Penha, que ofereceu ao seu neto Doutor Ernesto Lopes da Fonseca Costa. Foi feita cópia datilografada, por ordem do Doutor Arthur Neiva e por este oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia para edição (Rev. Inst. Hist. Geog. Bahia, 60: 5-217, 1934).

são; 6 — a Enfermidade; 7 — a Morte; 8 — a Anatomia; 9 — O Organismo (Aphor. 133. 11).

Ambas as Máquinas (Animal e Vegetal) são hidráulicas. As suas partes sólidas correspondem ao tutano nos animais e à medula nos vegetais; os ossos ao lenho; os músculos aos galhos; à pele o córtex; à cutícula a epiderme; os pulmões às folhas; os dutos venosos aos arteriosos, etc., os vasos suctórios que conduzem os fluidos, as vesículas que os retém e conservam; as traquéias que atraem o ar. Aos órgãos genitais que correspondem à frutificação, temos que os estames nas flores são os órgãos genitais masculinos cujos cálices servem de lábios ou de prepúcio, e as corolas de ninfa; o pólen de semen, as anteras de testículos, e os filamentos de vasos espermáticos. Os pistilos são femininos cujo estigma é a vulva; o estilete é a vagina; o germe, o ovário por fecundar; o pericárpio, o ovário já fecundado, e a semente, o ovo. A tudo isso provam:

1 — A sua eficiência; 2 — a Origem; 3 — a Situação; 4 — o Tempo; 5 — as Divisões; 6 — a Castração; 7 — a Estrutura do pólen (Amoenif. Academ. Sponsalia Plantarum).

Aos cinco estados ou idades do animal correspondem semelhantemente outros tantos nas plantas.

À Infância que passa em meio aquático, sensível e inerte, corresponde à Germinação.

À Puericia que é mucosa, inconstante, corresponde à Adolescência.

À Juventude que é fogosa, audaz e dócil, à Florescência.

À Virilidade que é sanguínea, forte, relaciona-se à Frutificação.

À Senectude que é melancólica, débil e ossuda, à Esfoliação (Scopol. Inf. ad Hist. Nat. Regn. Animal. Trib. 42 pag. 501).

O intestino das plantas é a terra; as raízes servem de vasos quilíferos; os troncos, de ossos; as folhas, de pulmões; o calor, de coração; e a planta em si, como disseram os antigos, é um animal invertido.

O antigo nome de quadrúpedes como a maioria dos naturalistas distinguiam esta classe, foi substituída por Linnaeus para mamíferos; porque são as mamas um caráter universalmente constante quer sejam terrestres como o boi, a ovelha, o porco e a cabra, quer sejam aquáticos como a lontra, a anta e a capivara ou aéreos como o morcego e o lemur. Além deste possuem outros caracteres distintos que lhe devem pertencer segundo um sistema

natural e não arbitrário. Os aquáticos além de não possuírem pés, nem mãos iguais à dos terrestres, apresentam outras diferenças tanto internas como externas, porém ambos apresentam mamas. Pela denominação de Mamíferos, que engloba a todos, é que se deve especificar, e não pela de Quadrúpedes que compreendem somente os terrestres e alguns anfíbios.

Por esta razão, esta classe compreende somente aqueles animais que se integram senão em todos, porém na maior parte dos caracteres seguintes:

(*a*) PELA ESTRUTURA INTERNA

(1) O Coração com dois ventrículos e duas aurículas; o sangue quente e vermelho.

(2) A respiração pulmonar, recíproca.

Todos têm dentro da sua máquina animal para os exercícios de suas faculdades, as cinco câmaras seguintes:

I — ANIMAL — que é a medular, a superior das outras e a motora de tudo. Está retida num bulbo organizado e tem o papel de exercitar o espírito para as funções de sentir, raciocinar, reger, etc.

II — VITAL — ou pneumática que é a dos pulmões, pelos quais se inspira e expira o ar.

III — NATURAL ou hidráulica, que é a dos vasos por onde circulam os fluidos. Depende do coração onde tem o seu movimento perpétuo.

IV — ALIMENTAR ou digestiva que é a dos intestinos. Prepara os sucos dentro dos tubos intestinais que passam aos vasos e daí às diversas partes do corpo.

V — GENITAL ou espermática a qual reune na dicotomia do tronco as substâncias medular e cortical. Neste encontro sai a máquina animal de tamanho diminuto porém distinta (Syst. Nat. Tom 1 pag. 16).

(*b*) PELA ESTRUTURA EXTERNA

(3) As maxilas têm o seu papel na alimentação e são cobertas; a maior parte têm dentes introduzidos nos alvéolos.

As baleias em vez de dentes têm umas lâminas córneas.

(4) O órgão genital masculino é penetrante no feminino para gerar os filhos os quais mamam o leite, com que se criam, em suas mães

Também os machos têm mamas, exceto o cavalo.

(5) Todos os cinco sentidos, com diferença em agudeza e perfeição: O homem excede no tato, o cão no olfato, o gato no ver, o porco no ouvir.

(6) Para tegumentos de seus corpos quase todos têm pelos exceção feita às índias e aos animais aquáticos. Da união destes pelos resultam os espinhos do ouriço e porco espinho na Europa, e do coandu na América. Os espinhos unidos formam as escamas do manis; que é o Armadillo escamoso de Séba ou o Demônio Thebaico de Herm. E as escamas unidas formam o casco do tatu.

(7) Seus membros são: duas mãos e dois pés nos terrestres: os aéreos têm asas, os aquáticos servem-se de duas mãos em forma de barbatanas, e de pés, uma cauda.

(8) Quase todos possuem os caracteres acima, exceto o homem, alguns macacos e ratos.

Estes são os caracteres dos mamíferos tanto europeus como americanos. Eu passo a considerar os segundos pelos diversos aspectos das diferentes observações que eles têm me fornecido.

1º

Observo também que o princípio da vida animal, excetuando a dos insetos, não têm uma tão grande força e atividade como a da vegetal, na América Meridional. Por qualquer destas províncias onde se lance a vista, o calor do sol, a umidade do clima e a fertilidade do terreno cooperam para uma abundância vegetal. A maior parte das terras estão reduzidas a matas impenetráveis cobertas de arvoredos grossos e altos. O que se vê é um país selvagem e sombrio, uma terra bruta e abandonada a si mesma; toda a sua superfície está coberta de infinitas plantas de todas as famílias. Era de se esperar que aqui, semelhante às matas do antigo continente, fossem estas também habitadas por grandes e ferozes animais como elefantes, rinocerontes, tigres e leões. Na verdade, não é assim.

2º

Apesar de todos estes vastos abrigos e mesmo da variedade de climas, os mamíferos da América Meridional são menos volumosos e robustos que os já citados do antigo hemisfério. Parece que estes pequenos quadrúpedes, que originalmente pertencem àqueles, sejam de uma raça inferior visto que em volume o maior de todos daqui é a anta, e em ferocidade, a onça.

Não se encontra outro animal que inspire tanto medo pela sua grandeza e ferocidade. Apesar da onça em relação ao homem, mesmo quando se encontra fora do cio e da fome não deixa de oferecer perigo como é o caso do tigre e do leão. A onça às vezes chamada de tigre é um termo impróprio empregado no Brasil. Os veados e porcos monteses da Europa excedem aos destes países. Pelas observações de Buffon, a América se achava, logo quando descoberta, com apenas a terça parte de espécies de quadrúpedes que povoavam a superfície do globo. (De Buffon: Hist. Nat. Tom. 9 pág. 86).

3º

Desta terça parte o maior número consta de pequenos quadrúpedes tais como diversas espécies de macacos, preguiças de «taoizo» para cria, de um carneiro que foi morto no Forte do Príncipe, achando-me ali em junho e julho de 1789. Presenciei somente a retirada de sebo.

Os cavalos no Rio Grande parecem ursos: são impetuosos e valentes. Os machos e mulas que não carregam mais de 10 arrôbas não são utilizados pelos negociantes para as suas viagens. Estes fatos são exceções porque não sucedem nas outras províncias do Brasil.

O contrário se dá com os répteis e serpentes na classe dos anfíbios e com as dos vermes e insetos. Parece que a natureza despende toda a atividade da vida na produção destas classes. Em razão disto é que as mesmas causas que diminuem a força e o volume dos grandes são as que favorecem e aumentam a proporção dos pequenos. Só quem por aqui viaja é que pode formar uma justa idéia das núvens de insetos que toldam o céu, o número prodigioso de cobras e de lagartos que alastram a terra. Não existem famílias mais odiosas aos viajantes do que a classe dos insetos, as das mutucas, marimbondos, cabas, as dos mosquitos, muriçoca, carapanã, pium, maruim. As formigas com suas muitas espécies são chamadas pelos Tapuias de Rei do Brasil pelo supremo império que exercem

sobre as plantações, constituindo uma das pragas do país. Ela deveria encher o seu celeiro sem produzir tanto estrago. Ela no entanto é o exemplo de como se deve aprender a trabalhar quando se diz no provérbio — *Vade ad formicam, ópiger* — Cap. 6.º Da Hispaniola, escrito por Herrera quando em 1518 se viu invadido por inúmeras legiões que consumiram todas as produções vegetais — Os colonos espanhóis (diz ele) depois de empregarem todos os meios possíveis para as destruirem, resolveram recorrer ao patrocínio de algum santo mas não sabiam a que patrono invocar por ser aquela, uma calamidade nova. Depois de embaraçados com a sua escolha, resolveram jogar com a sorte, saindo nela S. Saturnino cuja solenidade celebraram com grande pompa, a qual, diz o citado Herrera, foi recompensada com a destruição daquela praga (Decad. 2ª. Lib. 3º Cap. 15º pág. 307).

Entre nós há uma notícia célebre do extraordinário pleito que ocorreu entre os Religiosos Menores da Província da Piedade no Maranhão e as formigas daquele terreno. Encontra-se referido na obra intitulada «Nova Floresta» cujo autor é o padre Manoel Bernardes, da Congregação do Oratório. O padre narra que as formigas não cessavam de minar a dispensa dos frades, solapando a terra do fundamento de maneira tal que ameaçava ruir. Por voto de um dos frades que se assentou no Tribunal da Divina Providência, essas criaturas deviam ser postas em demanda. Foram assinalados procuradores tanto por parte deles como por parte das rés. O prelado ficaria servindo de juiz que em nome da Suprema Eqüidade se encarregaria da sentença. O mesmo depois de visto os autos (ajunta o padre Bernardes) com as réplicas e contra réplicas, que foram contra o libelo, deu a sentença: que os frades fossem obrigados a demarcar dentro de sua cerca, um sítio competente para a vivenda das formigas e que elas sob pena de excomunhão mudassem logo de habitação, visto que ambas as partes podiam ficar acomodadas sem prejuízo. Eles, religiosos, tinham vindo ali mandados por obediência a semear o grão evangélico — era digno o trabalho para o seu sustento; e as formigas podiam fixar-se em outra parte por meio de sua indústria a menos custo. Declarada a sentença deu-se um caso maravilhoso (exclama o nosso historiador) e que mostra o quanto agradou este requerimento ao Senhor de quem está escrito que brinca com as suas criaturas — *Ludens inorbe terrarum* — Provérbio 2 V 31. Imediatamente sairam à toda pressa milhares e milhares daqueles animalescos formando longas e grossas fileiras em direção ao campo assinalado, deixando aqueles religiosos livres de sua molestíssima agressão.

PROBLEMA

A América desde o seu princípio só produziu animais pequenos em comparação com os do mundo antigo. Segundo observação do diário do Coronel Jorge Croglan que perto do rio Ohio se encontram em grandes quantidades e enterrados na profundidade de cinco a seis pés, uns certos ossos de grandezas fabulosas que os naturalistas não sabem até hoje da existência de algum quadrúpede de estatura semelhante a não ser o elefante cujos ossos supõe ser. Como se explica o fato do doutor Hunter, depois de examinar alguns fragmentos de dentes e maxilar enviados a ele, em Londres, concluir que se trata de outro grande animal até agora desconhecido?

Sem sair do Brasil, bem no seu sertão, há uma célebre descoberta deste gênero entre os anos de 1770 e 71. Segundo me informou o capitão Ignacio Roiz da Silva, testemunha ocular daquele achado, na parte superior do rio Grande em distância de légua e meia do arraial de S. Gonçalo da Ibituruna, comarca do Rio das Mortes, dez léguas da Vila de S. João del Rei e setenta do porto do Rio de Janeiro, estando alguns mineiros a lavrar o fundo do rio para retirarem ouro, em terras do capitão-mor Bartholomeu Bueno do Prado, em um lugar onde havia doze palmos de água e dez de cascalho cavado, encontraram primeiramente uma costela de seis palmos de comprimento e um de largura. No tocante ao seu comprimento indicava não estar inteira. Em segundo lugar um dente mandibular inteiro com a sua raiz e coroa. Juntos tinham um palmo de comprimento e outro de largura. Em terceiro, um fragmento de maxila inferior que apesar de quebrada deixava ver dois alvéolos; um deles com a metade de um dente e o outro com um dente inteiro introduzido. Estes dentes foram mostrados aos cirurgiões Laureano Palhares e Domingos Ferreira que lhes pareceram ter muita analogia com os do humano. Tanto o dente como a maxila e a costela ficaram na casa do guarda-mor, Diogo Bueno da Fonseca.

Estas descobertas não dão lugar a milhares de conjecturas? Isto prova as revoluções pelas quais o nosso Globo tem passado; porém nada se sabe com precisão se não o pouco que consta na história dos mamíferos que não passa além do princípio do descobrimento da América. A forma com que foram vistos, com que o são é justamente como digo.

Linnaeus divide os mamíferos em seis ordens:

1º

Dos Primatas

Compreendem os mamíferos com os seguintes caracteres: 1) Na maxila superior, quatro dentes incisivos e paralelos; os caninos são separados. 2) Duas mamas no peito, uma de cada lado. 3) Os pés dianteiros servem de mãos; as unhas são esplanadas e ovais. 4) Os braços são divergentes em face da presença de clavículas o andar é sobre quatro pés. (5) O seu sustento natural é geralmente à base de frutos (Syst. Nat. Tom. 1. pág. 24).

Nesta primeira ordem o homem ocupa o primeiro lugar. O caráter de distinção do seu gênero consiste no conhecimento de si mesmo. «Noscele ipsum», foi a inscrição que Solon mandou escrever com letras de ouro e colocá-la no Templo de Diana (Mus. Adolph. Frid. Prof.). Porém são muitas as deduções tiradas do «conhecimento de si mesmo». E em cada uma destas deduções sobrava a matéria. Esta ocupava os estudos não de uma, mas de muitas vidas. Algumas destas se consumiram para que se adquirisse somente o conhecimento fisiológico, outras o dietético e assim por diante: o patológico, o político, o moral e o teológico. Por este modo, cada um nos deu a conhecer o homem naquele ponto de vista em que melhor foi observado. O homem natural ficou sendo o objeto das observações dos naturalistas. A sabedoria ligada à sua alma, a docilidade e o ensino, formam o caráter essencial de sua espécie. A diversidade de sua cor, os diversos lugares em que habita, os seus usos e faculdades corporais, indicam que, como em outros animais, também a sua espécie apresenta variedades. Neste sentido, o índio Tapuia é uma delas. Ele é tão homem como o europeu, o asiático e o africano; em razão da diversidade de sua cor e do país de sua habitação, nós pelo nome de sua própria língua os denominamos de Tapuia. Eles também nos denominaram de Tapuitinga ou Tapuias brancos. Por sermos europeus somos distinguidos hoje entre os índios domesticados pelo nome de Cariba suaivara ou Branco europeu. Aos pretos chamam de Tapaiuna-Tapuia preto. Os Tapuias não têm outras diferenças senão as que são acidentais ao ser humano. Diversificam na cor a qual, como se verá adiante, é mais ou menos acastanhada, segundo as alturas em que habitam; segundo o estado físico de seus corpos ou seja: sãos ou enfermos e segundo a vida que levam, mais ou menos exposta às impressões do tempo. Diversificam na língua porque não é como a nossa e entre eles, nem todos falam a mesma, sendo tantas as suas línguas quantas as diversas tribos de gentios que habitam as ilhas e o continente da América. Diversificam na

energia e no exercício das potências e faculdades intelectuais. Apesar de seu espírito não ser tão vivo e ativo como os pretos, também selvagens, são capazes de ensinar aquilo que os desperta e os faça refletir o que lhes traga melhorias. As observações abaixo nos darão uma idéia melhor, mais circunstanciada a este respeito.

A primeira coisa de imediato que todo e qualquer europeu chegado à América sente, é a novidade que imprime, no seu espírito, a presença de um Tapuia: um homem de uma cor, feições, língua, usos e instituições diversas.

À primeira vista reparou, em outros tempos, o sr. de Balsamão (o ilmo. sr. Luiz Pinto de Souza Coutinho: o qual pelo espaço de 4 anos governou as capitanias de Mato Grosso e Cuiabá, comunicou algumas notícias do que nela viu e observou, ao da História da América). O Tapuia representa um homem dócil, tranqüilo e tratável. Mas examinado de perto, logo deixa transparecer um ar selvagem, de desconfiança e sombrio. O que facilita estas observações é que, segundo a reflexão do espanhol D. Antonio de U — ao se ver um, pode-se dizer que estamos vendo todos — (Notícias Americanas, pág. 308). Muito antes dele, havia feito o mesmo reparo, um outro espanhol, D. Pedro de Cieca da Leão, quando noticiou todos eles, homens e mulheres pareciam filhos de um mesmo pai e de uma mesma mãe, apesar da infinidade de nações e da diversidade de climas onde habitam. Há, com efeito, em todos eles uma certa combinação de feições e um certo ar, tão privativamente seu, que nele se deve estabelecer a característica de uma figura americana.

A segunda é a da sua cor. Todos a têm ou de cobre ou de castanho, com diferenças somente que em algumas nações é mais ou menos retinta que em outras. Isto, não devido à proporção da sua distância ao Equador (observou a sua Excelência) mas sim, segundo o grau de elevação do terreno onde habitam. Assim os que vivem nas partes úmidas das serras e das montanhas são muito mais alvos que os que povoam as suas fraldas; e uns e outros, na proporção da elevação de seu país, são mais alvos que aqueles ocupantes das planícies, das terras baixas e pantanais. Isto acontece nos que povoam as cordilheiras da parte superior dos rios Branco e Madeira de sorte que alguns mais parecem mamelucos, isto é, filhos de branco e de Tapuia, do que simplesmente Tapuias. Contudo, por mais retintos que sejam, não deixa de existir entre eles a diferenciação para menos carregada a cor aos que menos trabalham expostos ao tempo e para mais a dos que sofrem a influência do mesmo. Um Tapuia, depois de passar dois

meses fazendo manteigas numa praia do Solimões ou do Madeira, sempre exposto ao calor do sol ou ao fogo das caldeiras, pouco difere de um preto. E neste caso sendo um branco, há de parecer um mulato. Ao contrário, os que se empregam em serviços domésticos, sempre são mais alvos. As enfermidades tais como a obstrução, a caquexia, a consunção, os apresentam mais esbranquiçados e pálidos. Os Purupurus que habitam no rio Purus, confluente do Solimões, com o nome de Catavixis, têm as mãos e os pés malhados de branco.

Os historiadores que não se dão ao trabalho de filosofar, estão sempre a perguntar: donde procede a diversidade de sua cor nativa e originária? Eles não cessam de recomendar aos físicos e anatomistas a explicação deste fenômeno. Contentam-se em pormenorizar com milhares de exemplos e de casos particulares as observações a seguir:

1º — Sendo toda a Europa habitada de brancos, há no entanto um reparo crítico a fazer: à proporção que nos distanciamos do norte e dos países frios, por sua vez expondo-nos, aos poucos ao calor do sol, assim vamos observando que gradualmente a alvura da pele humana vai diminuindo. Os gregos, napolitanos, sicilianos e os habitantes de Córsega, da Sardenha e os espanhóis que se encontram a pouca diferença debaixo do mesmo paralelo, são indiscutivelmente mais trigueiros que os franceses, ingleses, alemães, poloneses, moldavos e os demais povos do norte até a Lapônia. A cor trigueira se espalha dos primeiros e se distribui por mais alguns povos da terra, gradativamente, até que por fim termina em um preto fixo e uniforme. O espanhol é mais trigueiro que o francês; o mouro mais que o espanhol e o negro mais que o mouro.

2º — Em quase toda a Ásia e ainda nos climas temperados da África, os seus habitantes são brancos e somente abaixo da zona tórrida na África ou nos países que lhe ficam vizinhos, é que são pretos. Este fato também ocorre em alguns cantos da Ásia. Da mesma forma que entre os brancos uns são mais que os outros, ocorre a mesma sorte entre os pretos.

Exemplificando, os que habitam a margem meridional do Senegal e os Talofos que são os que ocupam as terras compreendidas entre aqueles e o rio Gambam, os da ilha Goréia e da costa do Cabo Verde são muito negros, de uma cor profundamente azevichada. Menos pretos que estes, são os da serra Leoa, e os da Guiné. Ainda menos pretos que estes e os Congos, são os da costa de Sudá, de Arada, e outros lugares circunvizinhos.

Geralmente os mais negros de todos são os de Senegal, Gamboa, Cabo Verde, Angola e Congo.

3º — Porém nos países do Novo Mundo onde se encontram as Antilhas, o México, o Reino de Santa Fé, a Guiana, o País das Amazonas e o Peru, que certamente têm a sua maior parte situada debaixo da mesma zona tórrida, ao invés de habitarem homens de cor preta à semelhança dos que habitam nas regiões correspondentes da África, habitam índios que supostos não serem brancos como os europeus, também não são pretos como os africanos. São de uma cor de cobre ou de castanha.

4º — É certo que desta cor de cobre uns se afastam mais e outros menos e os Tapuias, como os brancos e os pretos, têm entre si nações que são mais ou menos retintas. Nas partes mais setentrionais da América habitam espécies de Lapônios semelhantes aos da Europa. Depois destes vamos encontrar outros gentios que são brancos e têm as feições muito regulares. (Roterd. Hist. Nat. des Isles. 1658 — pág. 189). Entre os referidos gentios há alguns que têm até mesmo os cabelos louros como os europeus setentrionais. Os gentios do Canadá e de todas a terra firme até o Golfo do México, se assemelham em tudo aos Tártaros. Mais trigueiros que os do Canadá, são os da Flórida e Mississipi. Os das Ilhas Lucaias são mais que os das de S. Domingos e de Cuba.

Entre os habitantes do Istmo da América que Wafer reconheceu (Voyag. de Dampierre. Tom. 4º pág. 152), como sendo da cor de cobre amarelo ou de laranja, vivem outros indivíduos que são brancos da cor do leite. Os índios do Peru que povoam as costas do mar e as terras baixas, são da mesma cor de cobre que os de todo o Brasil. As diferenças bem pouca ou nenhuma como acontece entre os habitantes das Cordilheiras e os europeus, são também encontradas em suas cores. Porém a mais geral, a que lhes é nativa e originária é a de cobre e não a preta, a mais constante.

O que foi estabelecido, produz a seguinte dúvida: se for atribuído ao calor a diversidade das cores, a primeira observação será favorecida, e para se subscrever a ela evidentemente se opõem a terceira visto que as cores não correspondem aos climas vigentes.

Com efeito, atribuindo-se principalmente ao calor, a diversidade de cores, nenhuma dúvida obstará ao refletir-se:

a) Para se determinar com exatidão a temperatura do clima em algumas partes do Globo, não basta medir somente a sua

distância ao Equador, mas também é necessário examinar: 1º — a altura que estão sobre o nível do mar; 2º — a elevação das montanhas em que se encontram situadas ou as suas vizinhas; 3º — a extensão do país; 4º — a natureza do terreno; 5º — os ventos locais.

As latitudes nem sempre correspondem aos climas; se bem que no mundo antigo uma vez determinada a posição de alguns países, fica ordinariamente determinado o seu clima.

b) O americano situado debaixo da zona tórrida pode padecer menos calor que o africano, o seu correspondente; e por conseguinte pode mostrar diferença na cor, de ser de cobre e não preta. As observações que continuam nos darão uma percepção mais exata e clara.

5º — Faz realmente menos calor debaixo da zona tórrida, na América, do que na África. Sabendo que debaixo daquela zona, no novo Mundo, o México, a Nova Espanha, o Peru, etc., não possuem tão grande calor, como deveria ser a temperatura destas referidas províncias, se não fossem extremamente elevadas acima do nível da superfície do Globo. Nos grandes calores, o termômetro não chega a subir tanto no Peru como na França. As neves que cobrem os cumes daquelas serras, resfriam o ar; esta é a primeira causa que influi muito sobre a temperatura do clima, e os habitantes, por conseguinte, em vez de serem pretos, são avermelhados ou de cor de cobre.

No que diz a respeito às terras do Amazonas, que são baixas, são tantos os rios, os lagos e os bosques que por mais quente que seja o ar que para ali se dirige, jamais pode deixar de se umedecer e refrescar mais do que aconteceria em outro país mais seco. Ultimamente não se encontram pretos senão em climas onde todas as circunstâncias concorrem para que produzam um calor constante e sempre excessivo (De Buffon. Hist. Nat. Tom. 6. pág. 308).

6º — Em outras partes da América, da Ásia e África, que se encontram debaixo do mesmo paralelo onde o calor é fecundo e benéfico, há predominância de um frio excessivo; e o inverno se faz sentir com um rigor extremo.

7º — Este mesmo frio se estende mais adiante como experimentam os que atravessam a América para a zona tórrida onde ele serve para moderar a intensidade do seu calor. De sorte que quando na costa da África os pretos estão ardendo em calor, os habitantes do Peru respiram um ar fresco e temperado (Viag.

d'Uòa. Tom. 1. pág. 453. Anson. voyag. pág. 184). Sabe-se que, nas raras vezes que na França, fora da zona tórrida, o termômetro sobe a 30º e no Senegal até 38º, no Peru a temperatura jamais se eleva acima de 25º.

8º — Sabendo-se que a América se estende mais para o polo do que a Ásia ou a Europa, o vento, que passa por aquela vasta extensão de terra elevada e gelada, se apresenta numa cadeia de altas montanhas de neve eterna, se resfria, de tal maneira que nem depois de atravessar para os climas mais temperados, chega a perder a sua atividade. Somente quando entra no México é que se modera. A noroeste da América Setentrional o frio é excessivo.

Voltando ao vento daquela região, estando ou não na força do mais ardente estio, imediatamente se experimentam os efeitos de uma súbita transição de calor para frio. As províncias meridionais sofrem a invasão deste vento (Charlcvoix Nov. Franc. Tom. 3 pág. 165; Hist. des voyag. Tom. 15, pág. 214).

9º — Na parte do trópico meridional encontram-se, mais do que na boreal, mares gelados e países horríveis, estéreis e quase inabitáveis devido ao rigor do frio que também por sua vez se comunica às províncias interiores (Anson. s. voyag. pág. 74. voyag. des Quitos Hist. G. des voyag. Tom. 14 pág. 83).

10º — O vento, que invariavelmente sopra na direção de leste a oeste, sobre as regiões da América situadas entre os trópicos, antes de chegar às costas destas últimas, se enriquece de infinitas partículas ígneas as quais são responsáveis pelas ardentes planícies da Ásia e pelas áreas abrasadoras dos desertos da África. Porém, como o vento atravessa o mar Atlântico antes de chegar às costas americanas, ele se refresca neste mar e não somente diminui a intensidade do seu calor, mas também se faz sentir como uma branda e suave viração. E por esta razão o Brasil é um país fresco e temperado em relação às latitudes correspondentes às da África, onde o calor deveria ter enfraquecido e moderado em razão de sua posição e pelas causas mencionadas. Não só o calor mas também a cor dos seus habitantes vem a diferir sendo a dos pretos mais variada que a dos brancos, pois o calor excessivo como é no Senegal e em Guiné torna os homens pretos, mais pretos. Sendo menos ativo, como sucede nas costas orientais da África, os pretos são menos pretos; e passando a mais temperado como é o da Berberia, Magol, Arábia, etc., os homens passam a trigueiros; e sendo totalmente temperado, como na Europa e Ásia, os homens são brancos.

A cor preta ou a trigueira parece depender principalmente do calor do clima, como ficou suficientemente explicado pelas observações acima.

Mas em que parte do corpo reside a cor preta dos negros? Será no corpo reticular de *Malpigio* (De Tactus Órgano), segundo o qual a epiderme dos pretos é tão cândida como a dos brancos, o que parece estar confirmado pelas experiências de Ruysch? (Anat. pág. 489). Será a epiderme, como sustenta e mostra Wins louu (Advers. Anat. Decad. 3, pág. 26), ser realmente preta, se bem que não parece pela sua nímia delicadeza e transparência? Será no sangue, como o mesmo Wins louu diz ter visto ser mais negro que nos brancos? (Ecrit du D. Towns, adressé à la Soc. Roy de Londres). Ou será na bílis como afirma Barrere (Dissert. sur la couleur des Negres. Paris, 1741), pelas repetidas experiências que fez, demonstrando que ela nos pretos não é amarela como nos brancos, mas tão negra como a tinta?

Ora, tudo isso é querer mais do que se propôs, ou seja, examinar a causa que produz e não inquirir como ela atua.

Quanto a mim, diz De Buffon, confesso que sempre me pareceu que a mesma causa que nos faz mais trigueiros quando nos expomos ao ar livre e aos ardores do sol, faz os espanhóis mais trigueiros que os franceses, os mouros mais que os espanhóis e os negros mais do que os mouros. Nós não queremos indagar como esta causa atua mas assegurar-nos somente que ela é a responsável (Tom. 6 pág. 328).

A terceira observação, quanto aos tapuias, é a lisura de sua pele, o quanto ela é polida e unida, de maneira que não somente carecem de pelos, exceto a cabeça, axilas e o púbis também de porção escamosa e rugas ou sinuosidades que regulam a transpiração. A pele fica tão lisa que tocando-a com a mão, se sente como aveludada. Há por outro lado alguns, principalmente entre os domesticados que, à imitação dos brancos, têm bastantes pelos nas mãos braços e pernas. Na maior parte dos Muras, já homens, que vi pelo rio Madeira, observei um fenômeno que é raro entre os tapuias, ou seja a presença de barba; poucos a tinham cerrada. É certo que se trata de exceções, porque comumente, já disse, têm a pele nua, lisa e unida. Esta é a razão por que no caso de necessitarem de diaforéticos, estes têm de ser mais fortes que os que se aplicam aos brancos. Muitas outras observações podem ser feitas neste lugar, porém sigamos o fio de todas elas, dividindo-as em três classes gerais: primeira — de sua constituição física; segunda — da moral; terceira — da política.

Constituição física

a) Corporal:

Como ela diz respeito a seus corpos dando-se a conhecer pelos caracteres externos, tomá-la-emos da divisão natural do corpo humano: cabeça, tronco e extremidades.

Cabeça — é perfeitamente arredondada quando não desfigurada com alguma deformação provocada, como por exemplo, os Cambebas que as entalam quando crianças para ficarem chatas. Todos as têm repletas de cabelos, que podem ser *a*) perfeitamente negros e só quando já idosos se tornam ruços; *b*) compridos, soltos e desalinhados quando gentios; *c*) lisos, isto é corrediços, exceto os Muras na sua maioria os têm crespos e parecem amulatados; *d*) grossos, e tão rude em alguns, que parecem seda. Raros são os tapuias calvos, seja entre os jovens ou velhos.

Face — é larga e chata, afastando-se o mais possível da forma oval, comum aos europeus. Porém entre os povos do antigo mundo, assemelham-se mais às feições dos asiáticos. Uns a conservam no seu estado natural, outros a desfiguram com alguma deformidade ou mascarando-a como fazem os Turipichunas, ou distendendo, mutilando, furando e rasgando algumas de suas partes como procedem muitos outros.

Testa — muito pequena e estreita com os cabelos quase descidos até as sobrancelhas.

Olhos — pequenos com a pupila preta ou castanha; são muito perspicazes.

Orelhas — de natureza grande, porém ainda maiores naqueles que a sua grandeza constitui a formosura da face, distendendo-se ao ponto de as descerem até os ombros como fazem os Uerequenas, denominados também Orelhudos. Uns as conservam inteiras, outros as furam ou rasgam — são chamados pelos índios domesticados de Nambi Soroca, isto é, orelha furada. Introduzem nos furos tornos de paus, molhos de palha, fragmentos de resina, de pedra, de ossos, de cristais, conchas e de alguns metais.

Nariz — mais plano do que elevado, porém de olfato apurado. Alguns farejam como os cães. Da mesma forma ou o conservam inteiro ou com as ventas furadas exteriormente para nelas introduzirem penas de aves como os Miranhas, ou com um só furo praticado na cartilagem que as divide interiormente, para nelas trazerem atravessado algum tubo de resina como os Cariprinas das cachoeiras do rio Madeira.

Boca — grande, com os lábios grossos e também inteiros ou furados para lhes introduzirem os botoques que fazem de flechas, de paus, de coquilhos, ossos e pedras. Não existem lábios tão disformes como os dos Gamelas do Maranhão.

Barba — quando presente é como a dos europeus, porém é coisa rara entre os tapuias. Dos Muras, já disse o que vi e notei, o mesmo de alguns índios domesticados. O que mais comumente se chega a ver nos adultos é uma espécie de buço no lábio superior. Nos velhos crescem na barba, alguns raros pelos grossos. Isto não é um sinal de vigor e de virilidade?

Tronco — Nos tapuias do Pará, Rio Negro e Madeira, em geral de estatura medíocre, o tronco é reto e bem talhado; todos são espadaúdos e quadrados com os peitos largos, o abdome plano e o dorso musculoso. Porém os Maváz que habitam um dos confluentes do Japurá, o desfiguram espartilhando-o de tal sorte que nem as mais delicadas damas da Europa o fazem.

Extremidades — Os braços e as pernas bem talhados e musculosos. As mãos e os pés proporcionais à estatura de seus corpos. Os pés, no entanto, são largos, as solas ásperas como lixa e nos gentios principalmente, o dedo grande do pé é afastado do seu imediato. Entre os Muras os dedos do pé esquerdo são maiores que os do direito por apoiarem entre eles as extremidades de seus arcos na ação de expedirem as flechas. Em outros gentios, em ambos os pés, os dedos são separados, uma vez que lhes servem de mãos ao levantar-se do chão, quando nele cai ou se encontra e com eles se seguram ao treparem pelos troncos das árvores da mesma forma como se observa entre os quadrúpedes, no papagaio, na arara, no tucano e outras aves, que para treparem não usam outro artifício senão o que já trazem da natureza — o caráter distintivo de dois dedos separados.

Da descrição acima, conclui-se que há em seus corpos, quando não desfigurados, aquela proporção e regularidade em que consiste a perfeição de uma figura americana. O talhe airoso do corpo, a estatura proporcional, as feições delicadas, enfim, de tudo a natureza vai distribuindo entre eles como melhor lhe parece. Mas por que ela não reparte igualmente pelos tapuias, assim como entre nós, tantos vícios orgânicos que se denotam na Europa, tais como milhares de pigmeus, corcundas, aleijados, cegos, surdos e mudos? Apesar de existirem estes defeitos e outras grandes deformações naturais entre os gentios, o seu número é reduzido e as ocorrências são raras. O que responde a esta observação é que assim como os tapuias, nas ocasiões de conflito, de desgosto e de grandes trabalhos corporais, procuram mediante os abortos, evitar o

feto tido como obstáculo, da mesma forma, depois de nascidos os filhos, se eles saem fracos, defeituosos e mal constituídos, são abandonados como incapazes de exercer qualquer atividade na vida selvagem. Quando são criados, o tratamento é muito rigoroso e raros chegam a uma idade avançada. Desta forma está explicado por que se pensa que a natureza não reparte entre eles os vícios como o faz entre nós. Se visitarmos as nossas aldeias onde as índias já sabem da severidade das nossas leis tanto sobre os infanticídios, como sobre os outros delitos ofensivos à população, acharemos nelas alguns defeituosos em maior número do que se observa entre grandes nações de gentios. E mesmo contrariando a lei muitas das nossas índias o fazem, para diferentes fins: para se pouparem da vergonha, para se vingarem dos pais, para evitarem a mortificação de os criar. Evidentemente esta liberdade é menor do que no mato.

Alguns dos nossos europeus, em seus escritos, acham que a «proporção» é mais justa e mais natural em seus corpos que nos nossos. Pison (Nulli Strabones, lusciosi, claudi aut gibbo de format inter illos inveniunter, cum fasciis, aut. Linteolis infantes numquam involvantur, aut Europeorum more Ligentur. Brasil. Mechc. Lib. I. pág. 6) e Marcgrav (Nec facile est inter illos invenire distortum, velluscum, aut claulum, cum infantes recens natos numquam fasciis involvanit, aut Ligent. Brasil. Lib. 8 Cap. 5 pág. 269) deram a razão deste fato. É que eles não fazem parte dos que desfiguram a forma humana, não enfaixam as crianças, não espartilham as meninas para adquirirem cinturas delicadas, não ligam colarinhos aos pescoços dos filhos, os pulsos com os manguitos, o ventre com os cintos, os joelhos com as ligas, e os pés com os calçados.

Ninguém se iluda, porém, afirmando que a esta regularidade de figura corresponde um igual vigor. O que tenho observado nesta parte da América, é que a agilidade excede a força.

Um preto para uma diligência ao mato é menos ágil que um gentio, assim também para o serviço das canoas e em tudo que se relacione ao pescar, nadar, remar pelos rios, ele não tem a sua esperteza. Por outro lado, para o trabalho da enxada e do machado o preto é mais forte. Há gentio que quando obrigado a trabalhar, imediatamente se deixa levar pela violência. Um preto, constrangido ou não, dá conta da tarefa que se lhe impõe, contanto que não lhe falte o sustento. Isto porque sofrem menos a fome do que os gentios e bem alimentados recompensam a despesa e o cuidado de seus senhores. Os gentios, alimentados ou não, são inimigos do trabalho porque não podem fazê-lo quando lhes falta alimento e mesmo abastados, não querem. Pelo contrário,

quanto mais bem alimentados e folgados tanto mais cedo se fazem — Ventres pigrimalo bestio — como os Cretenses citado por São Paulo e repetido por Epimenides (Epist. Ia. ad. Fit. cap. IV. 11.). A debilidade é o caráter de seus corpos e a frieza é o de suas almas. Eis aqui a conseqüência não de uma nem de duas causas somente, como julgam muitos, atribuindo uns, à temperatura do clima quente e úmido e outros, à pouca substância e muita simplicidade dos alimentos. Elas procedem de muitas causas: *a*) de não estarem, desde que nasceram, acostumados a trabalhar, visto que o hábito ao trabalho faz dos fracos, robustos. É o que se vê nos tapuias domesticados que excedem em força e robustez aos selvagens. São no entanto por natureza, tão fracos como estes. *b*) E mesmo que quisessem trabalhar, os meios que facilitam o trabalho são ausentes: 1º não há instrumentos, 2º ignoram a arte da fundição e o uso dos metais úteis, 3º não se servem da ajuda de animais para os diferentes usos da vida; sabemos que o boi e o cavalo servem ao europeu, o elefante ao asiático, o camelo ao árabe, a rena ao lapônio e o cão ao kans katka. *c*) A natureza tudo lhes oferece sem cobrar fadigas e trabalhos em troca do sustento e do regalo. *d*) É tão limitada a esfera de seus desejos e necessidades que na menor atividade praticada, ficam amplamente satisfeitos, sem precisarem de se fadigarem para alcançar os meios necessários à satisfação. *e*) A liberdade de relação dos dois sexos, onde, quando e como lhe apetecem. Todos eles são homens de natureza tal que por não trabalharem, são capazes de passar pelos maiores trabalhos.

De todas as observações que se tem feito a respeito deste assunto, a que mais se conforma com o que tenho visto, é a de Mr. Godin. Razão de sobra teve para fazê-las, visto que se trata de um talentoso; reuniu experiências de 35 anos entre os quais viveu 15 anos com os índios do Peru e 20 na colônia francesa de Cayena onde manteve relação com os índios do Orenoco. O vigor da constituição dos americanos (diz ele) está exatamente na razão de seu hábito ao trabalho. Os índios dos climas quentes como os das costas do mar do sul e dos rios Amazonas e Orenoco, não podem ser comparados em força aos das regiões frias. Contudo, cotidianamente estão saindo canoas do porto do Pará. Um estabelecimento português no rio Amazonas faz com que eles se dirijam rio acima, apesar da forte correnteza e sem mudar de remeiros, chegam a São Paulo que está a uma distância de 800 léguas. Não se encontrará uma só equipe que seja, tanto de brancos como de pretos, resistente a uma fadiga semelhante; os portugueses bem o podem dizer. E todos os dias vemos os índios desta maneira; assim estão habituados desde a infância — (Manuscrito de Mr. Godin, o Moço, citado por Robertson).

Sempre que o vigor de seus corpos não for violentamente agitado por alguma súbita variação de conduta, passando de uma longa abstinência para uma voracidade extrema, ociosidade e fadigas excessivas, desassossego e incômodos de guerra, intemperança acarretadas pelas vicissitudes de estação, o clima e o seu modo de viver harmonizam-se para favorecerem uma maior longevidade, tanto assim que a freqüência de indivíduos sadios e longevos é maior entre eles que nos europeus. Estes privilégios que os gentios desfrutam, devem resultar do fato de seus corpos não serem oprimidos por trabalhos e nem os seus espíritos por aquelas cogitações e dissabores que inquietam e atribulam os homens civilizados.

Tenho visto alguns índios bastante curvados e decrépitos, desamparados pela natureza em todos os sentidos; levando em consideração os seus sinais externos, deveria atribuir-se aos mesmos uma extraordinária velhice. Eles, porém, de uns tantos anos para cá, apenas sabem dar conta de sua idade através de fatos notáveis ou notícias de alguns dos antigos generais que conheceram, os quais por outras circunstâncias abrem porta às estimativas. Das mesmas beneficências daquele clima, participam muitos europeus que para lá se dirigiram (Guofit, ut suptra centetimum tatis annum, viridi. Long va senecta, Brasiliani, etip. i quoque Europ i, hie, potiantur, Pison. De Med. Bras. Lib. 1. pág. 6. Long vi sunt admodum. Marcgrav, Brasil Lib. 8. cap. 5. pág. 262).

Entre brancos e índios centenários que vi, de ambos os sexos, somente do estado do Grã-Pará por onde andei desde 21 de outubro de 1783 a 30 de janeiro de 1789, atingiam acima de cinqüenta. Em 6.642 almas de que constava a população dentro do rio Negro em 1787, trinta eram de idade avançada, sendo 28 índios, um cafuz e um branco. Os exemplos abaixo foram tirados de pessoas que ouvi falar ou averiguei a sua existência no tempo em que estive no Estado: *Pará* — Em 1783, quando estive na ilha de Marajó, faleceu na fazenda do Igarapepuca, Domingos Pacheco, natural da ilha de São Miguel onde ele dizia ter sido soldado no tempo do Snor Rei D. Affonço sexto. Por aí se pode conjecturar qual seria a sua idade. Sustentava-se de pequenos peixes e outros alimentos de fácil digestão que conservam as forças necessárias para trabalhar no campo com uma foice. Todos os dias visitava pessoalmente as suas roças, marchando a pé meia légua e delas retornava para jantar em sua casa. Não dava a transparecer o menor sinal de demência.

Em Macapá, ainda vivia Manoel de Bitancourt que também era da ilha de São Miguel e da mesma cidade.

Em 1783 faleceu na cidade, Antonia Maria de Oliveira (a mãe dos generais). Sei que tinha mais de cem anos, porém já padecia de demência.

Rio Negro — Faleceu na idade de cento e dez anos o capitão Constantino Dutra e Ruta, morador da vila Capital de Barcelos em cuja matriz foi sepultado a 4 de agosto de 1786.

Na mesma vila ainda continuava a viver o outro morador centenário, o capitão Francisco Xavier de Moraes.

Com cento e doze anos, faleceu no lugar de Moreira em 1786, o índio Damião. No mesmo lugar, com cento e vinte, faleceu em 1778 a índia Christina.

Não é de se admirar que tudo isso suceda em um clima tão benéfico como é o do Pará e Rio Negro. Vejam os exemplos seguintes que são os do Forte do Príncipe numa capitania tão doentia, a de Mato Grosso.

Mato Grosso — Faleceu aos cento e quatorze anos, Ignacio Ferreira Marinho, natural do Rio de Janeiro, o qual até o ano de 1787 (ano do falecimento) dizia não ter conhecido mais do que as duas mulheres que teve. Montava a cavalo com todo o desembaraço e até o seu falecimento não mostrou a menor falta de juízo e sentidos. Jaz no cemitério do Forte do Príncipe. Também ali jaz o outro morador Antonio Alves, europeu, falecido em 1788 com cento e nove anos. No mesmo ano faleceu com mais de cem anos, Maria Pinheira, natural da cidade de São Paulo.

É ainda vivo o preto Sebastião da Silva que conta cento e sete anos; tem a cabeça e barba brancas; ainda trabalha na roça e nesta idade, no ano passado, em 1788, pretendeu casar-se. Marcha a pé légua e meia sem ficar abatido; trabalha com foice e enxada e tem vida ordenada. Um outro preto, Joze André, vivo, conta acima de cento e dez anos e padece algumas cegueiras periódicas.

Além destes especificados por seus nomes, existem mais cinco pretos centenários. Por aí se vê que entre as 800 almas, de que, quando muito, constaria em 1786 a população do Forte do Príncipe, se incluiam dez centenários.

O que eu tenho até agora escrito refere-se a constituição física dos tapuias.

b) Espiritual:

Pelo que diz respeito às suas faculdades intelectuais e as atividades pelas quais são impulsionados, eu não poderia escrever tanto, e nem ser aceito universalmente entre os sábios, como escreveram os filósofos mencionados no Auto da História da América.

Não haveriam de crer em minha palavra no que tenho a dizer sobre os índios, quer seja em louvor ou em censura; é de boa vontade que renuncio à satisfação de escrever. Deste modo ninguém poderá supor de mim prevenção e exagero.

«Não é a sua cor avermelhada (diz Mr. de Chanvalon, falando dos Caraíbas da Martinica), não são as suas feições diferentes das nossas, responsáveis pela dessemelhança entre eles e nós; é antes, a sua excessiva simplicidade.

A sua razão não é mais iluminada nem mais previdente que o instinto dos animais. A razão dos homens do campo, os mais grosseiros, e a dos negros criados nas partes da África mais afastadas do comércio, algumas vezes deixa entrever uma inteligência, ainda que embrionária, capaz de desenvolver-se. Porém a dos Caraíbas, nem isso é capaz de mostrar.

Se a sã filosofia e a religião não nos ministrassem as suas luzes; se as decisões brotassem dos primeiros impulsos do espírito, inclinar-nos-íamos a crer que semelhantes povos não pertencem à mesma espécie humana que a nossa. Os seus olhos são o verdadeiro espelho de sua alma que parece não ter função alguma — a sua indolência é extrema (Voyag. a La Martinique, págs. 44, 45, 51). Se olham como homens (diz Uchoa), os limites de sua inteligência parecem incompatíveis com a excelência da alma e a sua imbecilidade é tão visível que em bem poucos casos se pode fazer deles, idéia diferente da dos animais. Nada altera a tranqüilidade de suas almas, tão insensíveis aos revezes da fortuna, quanto às prosperidades. Andam tão contentes semi-nus, como o rei mais suntuoso vestido de suas galas. As riquezas para eles não têm o menor atrativo. A autoridade e as dignidades parecem-lhes objetos tão insignificantes para serem ambicionados que um índio receberá com a mesma indiferença o emprego de Juiz ou Alcaide. O interesse não os move, preferem antes não fazer um pequeno serviço por mais seguro que estejam de receber uma grande paga. O temor também não sentem; o respeito menos ainda. Ultimamente não se pode tirá-los desta indiferença, que tantas provas de esforço tem custado aos homens mais hábeis. Nem fazê-los sair desta ignorância grosseira e negligência que desapontam a prudência daqueles que se interessam pelas suas comodidades e se ocupam em fazê-los felizes (Viagem de Uchôa. Tom. 1. págs. 335 e 336).

A insensibilidade (escreveu Mr. Dela Condamine, depois de visto e tratado os índios do Peru e do Pará) forma a base do caráter dos americanos.

Deixo a decidir se deve honrá-la com o nome apatia ou envilecê-la com o de estupidez. Ela nasce sem dúvida do pequeno

número de idéias que não se extende além de suas necessidades. Se empanturram até mesmo com voracidade quando têm de satisfazê-la, são sóbrios quando não há necessidade e dispensam tudo se nada desejarem. Pusilânimes e poltrões quando não se deixam levar pela libertinagem; indiferentes a todos os motivos de glória, honra e reconhecimento; unicamente ocupados com o presente sem inquietação alguma pelo futuro — (Relation abregée de un voyag V. págs. 52 e 53).

Sobre a religião (diz o padre Ribas), durante os muitos anos em que residi entre estes povos, prestei a maior atenção possível e não sei se devia olhá-los como idólatras. Posso assegurar, ainda que em alguns se achem sinais de idolatria, outros não têm o menor conhecimento de Deus nem mesmo de uma falsa divindade e não prestam nem o mais formal culto ao Ser Supremo que governa o mundo. Eles não podem formar idéia da providência de um Criador de quem devem esperar na outra vida o prêmio das suas virtudes e o castigo dos seus vícios. Jamais se reunem em público para praticarem um só ato de religião (Ribas. Triumph. Va. pág. 16).

Para os que são religiosos (completa Pison falando dos índios do Brasil, o trovão, freqüente neste país, e que se lhes apresenta terrível, é tão digno de cultos religiosos que a ele se referem com o nome de Tupana ou seja Deus, em sua língua (De Med. Brazil, pág. 8).

A respeito daqueles que possuem religião, eu já escrevi o bastante em outra parte. Veja a Participação Geral do Rio Negro, Tit. 16, Art. Superstição dos Gentios.

Para os progressos do cristianismo (diz Robertson dos índios espanhóis) ainda que sejam muitos os obstáculos, nem todos são igualmente insuperáveis. É verdade que os primeiros missionários, inflamados do zelo imprudente em fazer prosélitos, admitiram ao grêmio da igreja cristã, muitas nações de gentios, antes mesmo delas estarem catequizadas na religião que se lhes propunha, mas também antes dos missionários possuírem a língua do país para através dela explicarem os mistérios da fé e os preceitos da moral. E foi assim que se viu durante o furor das conversões, um só sacerdote batizar em um dia até 5.000 mexicanos e poucos anos depois da redução do México, já se havia batizado acima de quatro milhões de almas. Disto resultou que os prosélitos inconvenientemente admitidos, conservando sempre toda a sua veneração às antigas superstições, fizeram um mixto absurdos quais foram transmitidos à posteridade. Porém não é este ainda o obstáculo mais insuperável. A inteligência dos índios é tão limitada, eles levam

as suas observações e reflexões tão pouco acima dos objetos, que ferem os seus sentidos, apenas capazes de idéias abstratas, e não têm palavras para exprimi-las. A doutrina sublime e puramente espiritual do cristianismo deve ser incompreensível a semelhantes espíritos tão pouco exercitados. As cerimônias numerosas e brilhantes do culto romano, agradam-lhes tão somente como um espetáculo, porém logo que começa a explicação dos artigos de fé, relativos ao culto exterior, eles simplesmente ouvem com paciência mas percebem tão pouco o que ouvem que a esta submissão não se pode dar o nome de crença. A sua indiferença vai mais longe do que a sua incapacidade. Ocupados tão somente com o presente, refletem tão raras vezes no passado e pensam tão pouco no futuro que nem os tocam as promessas da religião e nem os atemorizam as suas ameaças. Esta foi a razão porque alguns dos primeiros missionários declararam que semelhante raça de homens era muito estúpida para compreender os primeiros princípios da religião.

Um concílio celebrado em Lima, declarou que em razão da sua incapacidade, deviam ser excluídos do sacramento da Eucaristia. E ainda, Paulo 3º pela sua famosa Bula de 1537, declarou-os criaturas racionais e com direito a todos os privilégios do cristianismo. A dois séculos eles tem sido membros da Igreja e os seus progressos foram tão poucos que reduzido número de índios se acha com inteligência bastante para ser olhado como digno de participar da Eucaristia. Por este motivo, quando Felipe estabeleceu a inquisição na América em 1570, os índios foram declarados isentos da jurisdição deste tribunal e ficaram submetidos à inspeção de seus diocesanos (Hist. de L'Amerique, Tom.).

Adverte-se, contudo, que as reflexões acima taxando os americanos de estúpidos e indolentes, em suma, menos gente que nós, conforme definido pelo jesuíta Vieira, é uma análise ao pé da letra. Por outra perspectiva, é de se reconhecer que estão em outro estado de sociedade, em outra ordem de coisas, em outro país e com diferentes necessidades, pelas quais perdem grande parte de toda a sua energia. Como os seus requisitos naturais são poucos, também os seus esforços espirituais e corporais estão na mesma proporção. O que mais inquieta e tira da inação os povos civilizados são as necessidades adquiridas, porém estes, (diz Venégas dos Califórnios) não conhecem honra, nem reputação, títulos, postos, nem distinção alguma de superioridade. De maneira que a ambição, esta poderosa mola das ações humanas que causa tantos bens aparentes neste mundo e tantos males reais, não tem poder algum sobre eles. Por aí se vê que a sua indolência e toda a sua felicidade consiste em não trabalhar.

Quando a fome os persegue, e não há com que satisfazê-la, qualquer raiz, qualquer animal lhes serve de alimento. Daí a falta de previsão para o futuro.

Ao lavrador, entre nós, que tem o seu celeiro cheio, pouco lhe importa saber se o inverno será rigoroso ou não. Com maior razão o tapuia não pensa em futuros desta classe, porque não necessita de celeiro. A mandioca é retirada da terra que lhe serve de celeiro e imediatamente preparada por ele. Isto quando os gêneros de suas lavouras não passam de mandioca, milho, macaxeira, batatas, etc.

As árvores por todo o ano dão frutos — acabam umas e principiam outras, por conseguinte não é preciso plantá-las ou cultivá-las mesmo porque não o sabem. Se lhes faltam os frutos, não lhes falta a caça no mato nem o peixe nos rios e lagos. Para surpreenderem a caça, a natureza dotou-os de ardís e estratagemas, os mais apropriados para suprirem a imperfeição de suas armas.

É notável a propriedade com que arremedam as cutias, os porcos, os veados e outros quadrúpedes assim como os papagaios, cujubis, inambus, mutuns, macucos e outras aves; servindo estes arremedos para atraí-las e as porem nas pontas de suas flexas. Valem-se do mesmo estratagema para surpreenderem os caçadores arremedando as aves que eles mais procuram, até as colocarem ao alcance de suas armas.

Como o peixe é infinito nos rios Amazonas, Solimões e outros, nem a arte de pescar lhes é precisa; basta remexer a água com o timbó, cururu-timbo, o astacu e outras plantas venenosas. Basta armar uma ligeira tapagem na boca de qualquer riacho. E como pescar desta maneira requer menos atividade que o caçar, todos os que habitam as margens dos rios são mais pescadores do que caçadores; de fitófagos que são por natureza, vão desde a infância passando a ictiófagos. Por aí vemos que tudo quanto se vê neste artigo referente aos índios, é a existência de uma preguiça extrema e ilimitada embora dentro da própria natureza. Contudo, para o cotidiano consumo durante as suas emigrações econômicas ou militares, eles fazem provisões.

Para que não necessitem caçar ou pescar em dias festivos, para prevenir-se contra os estragos que lhes fazem nas roças as inundações repentinas, as chuvas e os calores sucessivos, as pragas de ratos e de formigas, eles se previnem para o futuro, mas de uma forma muito diferente da nossa. Os europeus para as suas longas excursões marítimas, cozem o pão duas vezes, recebendo o nome de biscouto (panis biscoctus); comem a carne,

o peixe e as hortaliças, salgadas; de outro modo não se conservam, sendo esta forma a de menor despesa. Bebem vinho e fumam tabaco. Em outros tempos os asiáticos diziam que os portugueses eram gentes comedoras de pedras, bebiam sangue e respiravam fogo. Os tapuias, quanto ao pão de viagem ou de duração, torram grandes beijus que duram muitos dias, o mesmo fazendo com as farinhas, se é que as usam. O pão dos índios espanhóis fica tão duro que só molhado se pode mastigar. As farinhas entre os gentios não são ordinariamente provenientes da preparação da mandioca. Quase todos eles, uma vez desmanchadas as roças que estão maduras, se servem da mandioca para a extração do amido ou da tapioca e, dela amassam grandes pães que são cobertos de folhas, preservando-os de impurezas; depois de secos ao sol, os enterram em covas proporcionais ao seu número e volume e lhes fazem fogo por cima. Daí resultam grandes pães de tapioca bem preservados da humidade e aptos a serem manipulados diferentemente à vontade de seu dono — ou em beijus para se comer ou em tacacás (que são caldos de farinhas) para se beber. Esta é a prática dos Pacés e de outras nações de gentios que habitam os confluentes do Japurá e mais rios que desaguam no Amazonas e Solimões. O beiju ou massa da mandioca ou simplesmente massa de amido, é o alimento mais freqüente. Os Tucunas da parte superior do Solimões, usam o milho depois de colhidas as espigas, as conservam na fumaça de tal forma arrumadas que não sobra espiga por defumar.

Como eles não têm sal marinho, este é substituído pelo sal fuliginoso que lhes subministra a fumaça de um fogo lento ao qual defumam o peixe e a caça, estendendo-os em uma grelha de paus. A isto se chama moquear. Se dermos a um tapuia um pouco de sal, de que todos são extremamente ávidos, ver-se-á que faz dele o mesmo uso que nós do açúcar. Ele vai dissolvendo-o com a saliva e dando com a lingua grandes estalidos, o que prova bem o grau de estímulo que sente. Eles em muitas partes não deixam de o ter em um dos dois estados: ou no de fóssil, que se desenterra do seio de algumas montanhas e terras, ou no de eflorescência na superfície dos lagos e lagoas. Um ou outro o recolhem e conservam impuro dentro de cabaças ou gomos de tabocas mais grossas e os dependuram ao fumeiro para os preservarem da umidade. A pouca umidade que retiram, é através das cinzas do caruru de cachoeira, das palmeiras paxiúbas e marajá e de outras ervas e árvores. Nota-se que não há um direito exclusivo de uso por aqueles que recolhem ou conservam o sal, o mesmo digo do peixe, da caça, etc. Isto que vou dizer é notável entre os índios quer sejam gentios ou domesticados. Sentados a comer, a ninguém

chamam ou convidam, também a ninguém excluem. Todos irmãmente metem a mão na mesma cuia; onde um bebe, todos bebem, o pouco chega para muitos e como tudo é para todos, o hóspede não tem o que agradecer.

Outro método de conservar o peixe é praticado por eles. Este mesmo é adotado pelos colonos portugueses estabelecidos em distâncias consideráveis dos portos marítimos, todas as vezes que lhes falta o sal nos centros destes sertões ou se o seu uso é muito dispendioso, além das suas posses, ou também quando o peixe a conservar é tão miúdo e espinhoso que não vale a pena disperdiçar sal. Eu já o descrevi em outra parte (Participação geral do Rio Negro. Tit. 27 — Dietética — Artigo — Piracuy) onde disse que a todo peixe grande, ou pequeno, inteiro como se pesca ou se flexa e com as suas escamas e espinhas, o põem a moquear, estendendo-o e voltando-o repetidas vezes ao ar de um fogo mais forte até lhe dissipar toda a umidade interna e externa e ficar o peixe de maneira a se quebrar entre as mãos. Neste estado então o despem da escama e os expurgam das maiores espinhas para o pulverizarem em farinha a qual passam por uma peneira e a torram ao forno como se faz a de mandioca, para a espalharem. O método de uso desta farinha de peixe, consiste em cozê-la em água, reduzindo-a a consistência de um apisto (os índios chamam de mungica), bebendo-o adubado ou com o tucupi (Artigo — Tucupy) ou com o molho de limão azedo e pimenta da terra. Os brancos adicionam-lhe azeite ou manteiga ou simples gordura do peixe. Tudo junto com gemas de ovos batidas e cebolas serve para preparar uma boa sopa.

A quem não possui bens móveis descendentes para deles herdarem, nem moeda entesourada que contar, nem tem longos cálculos que fazer sejam sobre o tempo ou espaço, certamente, para nada serve a aritmética. Os tapuias servem-se dela para os seus pequenos cálculos, correspondendo os dedos de suas mãos a outros tantos algarismos. Para significarem 20, mostram os dedos das mãos e dos pés. De 20 para cima, uns mostram repetidas vezes as pessoas e outros os dedos e outros os cabelos. Alguns tomam um grande punhado de areia e a espalham pelo chão. Quantas são as castanhas de caju que eles mostram guardadas em alguma cabaça tantos são os anos que eles querem dizer que têm de idade, pois o cajueiro só dá fruto uma vez por ano. Os índios domesticados e entre estes os de maior posto como os principais oficiais das povoações e pilotos das canoas de negócio, para darem ou tomarem contas, praticam o seguinte método: nas quinas de uma régua de madeira que é maior ou menor segundo a progressão do seu cálculo, abrem com uma faca uma dezena de pequenos dentes

com a diferença que o décimo é maior ou seja mais pronunciado, denotando dezena. Duas dezenas destas, formam na sua língua uma jangaba ou vintena na nossa. Por conseguinte dez dezenas ou cinco jangabas, fazem uma centena que entre eles se chama papassaba. Dez papassabas ou centenas, produzem um milheiro. Por meio desta forma contam os alqueires de farinha, de arroz, de milho, as arrôbas de salsa, de cravo, de café, de cacau, etc. Para suprirem as folhinhas e os diários, abrem ao comprimento de uma tabuleta de madeira, tantos furos quantos são os meses do ano. A cada um destes furos, correspondem pela largura da tabuleta, outros tantos, sucessivos, quantos são os dias de cada mês. O dia que corresponde ao domingo é notado com o sinal de cruz. No furo em que está introduzida uma cravelha, este denota o número e a denominação do dia em que se está. Se a algum deles perguntarmos por exemplo, a que horas se chegará à boca de tal rio, uma vez entendida a pergunta, há de se perceber a resposta; o sol servirá de relógio e o dedo indicador de mostrador. Se depois de apontar o indicador no nascente, com ele vier subindo até parar em um ponto equidistante do oriente e do meio dia, dá a entender pelas 9 horas; se parar em perpendicular entende-se pelo meio dia; se descreve o semicírculo inteiro denota 1 dia. Umas poucas voltas destas, indicam uns poucos dias. Por aí certifica-se que não é raro, apesar de seu fundo de estupidez, algumas espertezas tanto mais dignas de admiração quanto menos geradas do ensino.

O que faria um europeu criado como um destes tapuias, ignorantes da existência da geometria, geografia, hidrologia, etc., se lhe fosse perguntado a respeito de um rio, sua direção, confluentes, número de aldeias situadas? Posso responder o que fez um gentio quando a ele foram feitas estas perguntas; tomada uma corda, a estendeu pela terra de forma a representar as voltas do rio principal. À referida corda, lateralmente, da direita e da esquerda foram atados outros tantos cordões quantos eram os confluentes a representar, ajustando-os às distâncias que na sua mente tinham uns dos outros e também de forma a figurar as suas voltas. Finalmente, em cada um dos cordões laterais, deu tantos nós mais ou menos aproximados quantos eram as aldeias dos índios e suas distâncias umas das outras. Assim o problema que se lhe propôs foi resolvido sem ser preciso levantar qualquer carta. Isto me sucedeu no rio Branco com um gentio da nação Macuxí que casualmente encontrei na povoação do Carmo. Este índio reparou, na palhoça que eu habitava, o que eu estava a riscar. Era um pequeno mapa de população que ele supôs ser o rio Branco. Sem me dizer alguma palavra, tomou o meu bastão que eu trazia no canto da palhoça e com a ponta pôs-se a riscar na areia do pavi-

mento uma encadeação de grandes e pequenos rios. Na foz do Arauru, segundo ele, o que para nós é o Tacutu, riscou a fortaleza de S. Joaquim e tantos quadrados quantas eram as palhoças a ela anexadas. Aproveitando a ocasião, oferecendo-lhe papel, o convidei a fazer com a pena e tinta o que até o momento tinha feito com bastão. Prontamente se pôs a riscar uma carta onde as cordilheiras eram marcadas por sucessivas séries de ângulos mais ou menos agudos e as malocas dos gentios por círculos maiores e menores. Sem adicionar coisa alguma além dos nomes que me dizia, mostrei a carta a sua Excia. o Sr. João Pereira Caldas, ao Governador da Capitania, ao Dr. Astrônomo José Simoens de Carvalho e a muitos outros.

A respeito da religião, é verdade que algumas tribos não têm nenhum conhecimento de um ser supremo e nem praticam culto religioso. Isto naturalmente deve acontecer ao homem constituído na infância da sociedade, estando em semelhante estado as potências intelectuais tão débeis, que não deixa distinguir-se dos outros animais. Nem a ordem, nem a beleza do universo fazem a menor impressão aos seus sentidos. Na sua língua não há uma só expressão que designe a divindade. Vive, porém, não faz mais do que vegetar. Olha, porém não reflete; aprende, mas não raciocina. Pelo que se vê, os seus espíritos não se acham exercitados pela filosofia nem iluminados pela revelação. Seria absurdo pretender que seja capaz de reconhecer a existência de um Ser invisível, quem não reflete nem discorre. É o mesmo que quiséssemos encontrar neles o mesmo conhecimento quando crianças que quando homens. Contudo não é geral esta ignorância para todos os americanos, seja na existência de Deus como na imortalidade d'alma. São pareceres de muitos observadores sobre as idéias que tinham os Nathchez e naturais de Bogotá, os mexicanos e peruvianos. Os americanos de Manaus e do rio Negro que já escrevi a respeito (Participação geral do rio Negro. Fit. 16 artigo — Superstição), em matéria de religião, acreditavam com uma espécie de Manicheismo que haviam dois deuses; um chamado Mavari, autor de todo o bem, e outro por nome Sarauá, autor de todo mal. Entre as muitas superstições que praticam os gentios Purus, habitantes de um confluente do Solimões de mesmo nome, é célebre a do jejum expiatório ao qual se entregam por preceito de religião, sendo tão rigorosa a abstinência conforme a doutrina religiosa. De tal forma a praticam que não a dispensam mesmo se lhes vier alguma enfermidade, de maneira que muitos chegam a morrer de desfalecimento, preferindo antes a morte para cumprirem a lei do que violá-la para viver (Memória sobre os gentios, de 4 de junho de 1788). Apesar das idéias tão extravagantes das

suas crenças, seus sacrifícios, bailes e funerais, sempre deixam transparecer a idéia de Deus através de sua revelação. Quanto a esta última, o homem animal (diz S. Paulo) não percebe «as coisas que são de Deus», elas lhes parecem uma estulticia e ele não as pode compreender porque as tais coisas para se discernirem, pedem uma luz espiritual. Isto, no entanto, não serve de base para os ímpios (como algumas tribos que carecem da idéia de Deus), venham a argumentar a favor de seu partido. Eles, mesmo se opondo (diz o Padre Jamim) aos selvagens estúpidos do Novo Mundo que andam errantes pelos montes, sem lei, nem culto, sem templos e sacrifícios, são uns homens que apenas conservam a figura de homens, de razão obscurecida, embrutecida e sepultada na matéria. De forma alguma devem fazer-nos força contra uma verdade reconhecida por todos os povos da Terra (Pensamentos lógicos. Cap. 2). Nós não fazemos juízo das faculdades do corpo humano pelos mudos, surdos, cegos e nem coxos e querem que o façamos dos ditames da linguagem humana por uns homens toscos, estúpidos e idiotas? Que estravagância! Respondamos pois aos filósofos que nos dão imagens inversas de uns doutores tão sábios, o mesmo que respondeu um poeta moderno: «En a bon droit, libertins, vous êtez mepresables. Lors que, dans ces forets, vous cherchez vos semblabes». Pelo que pertence ao cristianismo, confessemos com De Buffon, que as missões têm formado mais homens nestas nações bárbaras do que as armas vitoriosas dos príncipes que as subjugaram. Assim eu posso testemunhar dos gentios Cureluz, habitantes da margem oriental do rio Apaporis, confluente do Japurá, segundo o que deles ouvi e o que eu mesmo vi. Ouvi do tenente-coronel Theodosio Constantino de Chermonte, primeiro comissário da quarta partida da diligência da demarcação de limites, que achando-se na sua aldeia, ambas as partidas: portuguesa e espanhola, aos 2 de julho de 1782, depois de ambas terem sido bem recebidas e agasalhadas dos referidos gentios. Ele, primeiro comissário português havia representado o principal Catiamani que eles queriam um vigário para os batizar e instruir e que por conta deles deixasse o seu sustento como também a fatura do negócio preciso para se inteirar a sua côngrua. Foi o mesmo tenente que presenciei, estando eu em Barcellos, capital do Rio Negro, dizer da sua parte ao filho do capitão-general João Pereira Caldas, que ali chegou a 3 de fevereiro de 1787.

A doçura, o bom exemplo, a caridade e o exercício da virtude constantemente praticado pelos missionários tocaram estes selvagens e venceram a sua desconfiança e ferocidade. De motu próprio, eles têm vindo muitas vezes pedir que se lhes ensine uma lei que faz todos os homens perfeitos, à qual se têm sujeitado. Nenhuma

outra coisa faz tanta honra à religião como a de ter civilizado estas nações e lançado os fundamentos de um império sem outras armas que não a da virtude (Tom. 6 pág. 299).

Constituição moral

Uma vez começando pela afeição conjugal, o primeiro de todos os afetos humanos, posso dizer que o melindre e a ternura que a mulher merece de seu marido entre os povos civilizados não tem correspondência nos americanos. A tapuia na realidade não é mulher e sim escrava de seu marido. E a este é dado somente a atividade de roçar, caçar e pescar. A mulher é que planta (quando isto se pratica), colhe e transporta o cesto de mandioca na cabeça para a sua palhoça. Se tem filho, o traz junto a si nas costas ou a um lado do corpo. Ela é quem prepara o beiju ou a farinha, espreme os vinhos para as suas bebidas, vai buscar e conduzir água e em suma faz tudo, passando pelos empregos mais humilhantes. Os serviços pessoais que o tapuia consagra àquela com quem deseja casar não são os meios para a conseguir. Depende tão-só comprá-la de seus pais, ou melhor dizendo, dar em troca dela o que eles desejam, levando em conta que entre os gentios não existem moedas. Uns são monógamos e outros polígamos. O país é fértil e abundante, de maneira que não exige nenhum cuidado em relação a uma numerosa família quando assim pedem as suas instituições e costumes. Usam mais de uma mulher. Porém elas não são gerais, nem para todos nem para os da sua parentela. Por mais frios que eles sejam, isto não procede da falta de ciúmes, do apetite do coito ou da liberdade de o terem quando e como o apetecem (sabe-se que entre eles não há lei nem religião que os modere). Pelo contrário, o que eles tratam logo de esconder e recatar em vista de gente estranha são as mulheres, raparigas e os filhos, os quais eles zelam e guardam como as meninas de seus olhos. Se alguns índios, depois de domesticados, tratam de bagatela a infidelidade conjugal, eles, subornados por dádivas ou importunações, entregam as mulheres. Mas logo ao primeiro acesso de algum crápula, exprimem o seu ressentimento e dão a entender bem claramente o ardor de vingança que neles domina. O que se diz em prova de sua debilidade é que a veemência do apetite do coito é bem menor que entre os europeus mais morigerados. Eu não confirmo nos que tenho visto. É verdade que todos habitam as margens dos rios, onde o céu é benigno, o terreno fértil e a subsistência abundante. E, por conseguinte, as paixões que excitam as necessidades, como a fome, a peste e a guerra, não enfraquecem ou distraem a do amor. Talvez aí esteja

a diversidade das minhas observações; porque o certo é que quanto mais nutrido e folgado anda o corpo, tanto mais ardente se faz aquele apetite.

Não é fácil de se ver um índio empenhado em ganhar a afeição de sua amada, seja por diligências assíduas, por carícias externas e outras dessas demonstrações inventadas pelos amantes civilizados. Elas, por sua parte, não necessitam de tantos serviços pessoais, nem têm formada em si a idéia da especialidade de favor que tais serviços lhe fazem. Se elas demonstram amor pelas obras e serviços pessoais que fazem, pela facilidade de condescenderem em tudo quanto diz respeito ao tratamento corporal daquele a quem se consagram, pelas suas maneiras externas, pela correspondência de obséquios, pelos risos de alegria, pelas lágrimas de tristeza, pelos gemidos de dor, é muito difícil alguém julgar o afeto das mulheres.

O amor dos pais a seus filhos, enquanto são pequenos e necessitam de seus socorros, que eu saiba até agora, não traz nenhuma dúvida por parte dos observadores. Este amor dura tanto como o de qualquer outro animal. O filho, chegando à idade de poder por si próprio diligenciar o seu sustento, o trato dos pais fica inteiramente absorvido de obrigação e o filho passa a senhor de si e de suas ações. Nunca se ouve o pai aconselhá-lo, louvá-lo e responder-lhe. Em uma mesma palhoça, que se sabe não existir nenhuma repartição, vivem irmãmente, o pai, a mãe, os filhos, as filhas e as noras. Tudo aquilo que entre os povos civilizados só se faz com grande recato, em ordem de respeito e decência, eles, sem alguma malícia, praticam um ao lado do outro.

A indiferença da relação entre pai e filho enfraquece muito aquela união e o amor de família que faz o caráter permanente das famílias civilizadas.

As mães, logo que acabam de parir, lavam a si e a seus filhos. As filhas, chegada a idade de lhes repontar o menstruo, logo a primeira vez que são assistidas, a cerimônia de sua purificação é precedida de um baile lustral. A filha é retirada a um tendal levantado alguns pés acima do pavimento da palhoça e ali os seus pais a conservam pelo tempo que lhe dura o menstruo, fazendo-lhe fumo por baixo e alimentando-a com caldos de farinha de mandioca. Isto ainda é hoje praticado ocultamente em algumas das nossas povoações, onde índias, muito antes de serem assistidas, são tidas como prostitutas por efeito da corrupção dos costumes. Da idade de nove anos para cima principiam a prostituir-se, primeiramente com os chamados capitariz, índios rapazes de doze a dezessete anos; depois, com os homens de todas as idades e

condições. As prostitutas não deixam de trazer algumas vantagens a seus pais, por duas razões: 1º) em vista da pobreza em que vivem, nunca deixam de ser lucrativos os seus disfarces: os brancos a sustentam e vestem tanto a elas como aos seus parentes; os índios lhes fazem as roças e com isso lhes pagam. 2º) porque as prostitutas não perdem casamento, visto que aos olhos de um índio a honra deste gênero é coisa bem insignificante, donde se segue que cedo principiam e cedo acabam. Uma índia dos 17 até aos 20 anos, fica tão estragada nas forças, no aspecto, e com a aparência tão mortificada como uma mulher de 30 anos na Europa. O pouco vigor nativo de sua constituição física, enfraquecido e esgotado por diferentes causas: designação de substâncias, debilidade de alimentos, freqüência de deboches, trabalho doméstico e rural, esforços dos partos e a criação dos filhos; com todos estes obstáculos, a sua fecundidade entra em jogo e são poucas as índias que parem numa idade de 30 anos para cima.

Constituição política

Pela palavra nações de índios de forma alguma se deve entender o mesmo que na Europa. O europeu, que lê ou ouve dizer que tal ou tal rio é habitado por tantas ou tantas nações, enganar-se-á ao pensar que algumas delas é por exemplo (o que eu não digo) como a alemã, a francesa, a portuguesa, etc. Não é nem sequer aquela parte de habitantes que cabem na menor província de qualquer destes reinos.

Chamam de nações de índios uma sociedade tão pequena e insignificante em número de indivíduos que às vezes não ultrapassam mais de 300, 400 e 600 almas. É para se admirar que algumas tão pequenas corporações ocupem às vezes espaços maiores que os maiores reinos da Europa. Assim, lhes é preciso repartir as famílias em pequenas tribos para poderem subsistir, segundo o seu modo de viver. As grandes corporações não podem achar a subsistência precisa, porque não tratam da lavoura, comércio e de criações de gado. Mesmo divididas, não subsistem bem se não estão situadas em distâncias proporcionadas à abundância ou carestia que há nos rios ou territórios da sua habitação. Desta forma, dão lugar uns aos outros para cada tribo desfrutar uma porção de terreno, proporcionais ao seu número e às suas necessidades. E cada uma delas, se não for errante e de curso, estabelece uma ou mais aldeias.

«Mas o que são estas aldeias? As casas de que se compõem (diz Mr. Barrère) têm um ar de extrema pobreza e uma perfeita

imagem dos primeiros tempos. Elas são tão simples (diz o abade de La Croix), que, por maior que seja, basta um dia para a construir. Todas as referidas aldeias (continua Barrère) que ordinariamente estão edificadas em algum alto ou na margem de algum rio, confundidas umas com as outras, e sem ordem, formam uma perspectiva das mais tristes e desagradáveis. Ali nada se vê senão o horrível e selvagem. Mesmo o silêncio que reina e que só de quando em quando é interrompido pelo som desagradável de alguma ave ou animal, é capaz de inspirar apenas o terror».

Na constituição política das nações, cada maloca é governada pelo seu membro principal. Não há um só que governe a todos, ou uma parte escolhida para esse fim, ou todos eles representados por alguns, como as diferentes formas de governos que vemos na Europa. Evidentemente se vê que a sua união política, ainda para os casos de interesse comum, é muito incerta e precária. Durante a paz é que duram mais os efeitos desta independência natural. Como eles não têm magistrados, cada um faz justiça a si mesmo, tendo cada um o direito de vingança nos casos de crimes; o filho vinga a morte do pai, o marido a da mulher, o amigo a do outro amigo. Bem poucas ou nenhuma idéia têm do que seja subordinação civil. O mais que fazem nas ocasiões de calamidade e perigo comum é consultar a experiência dos mais velhos.

Quando se trata de uma guerra ofensiva ou defensiva então todos eles reconhecem que são membros de um só corpo, o qual necessita de uma só cabeça. Dá-se lugar de chefe ao que mais valor tem e de mais experiência for. Este não obriga ninguém, uma vez declarada a guerra, a servir nela quem quer que seja mas sim para dirigir aos que querem alistar-se como soldados. Para ocuparem os postos de oficiais é preciso em primeiro lugar que o pretendente tenha dado repetidas provas de uma extraordinária firmeza d'alma ou ter antes sofrido sem limites. Os sucessos da guerra são os que fazem perpetuar as honras desta patente. O noviciado do posto de chefe ou de capitão consiste em uma rigorosa repetição de atos, não de valor mas de paciência. O menor sinal de falta dela é o quanto basta para o inabilitar. Se ele passa muitos dias sem comer, nem beber e guardar o jejum que se lhe impõem por ordem para prova do seu sofrimento; se por muitas horas que o estão flagelando, não produz um só gemido; se na sua maca onde o deitam e o cobrem de formigas, as mais vorazes, se deixa estar tranqüilo, sem emoção nem de espírito nem de corpo; se ao fumo de algumas ervas de mau cheiro ele nem se sufoca nem volta a cara, então se julga digno do posto. Há quem diga que a sua sensibilidade a dores é menor do que a nossa, pela contextura de sua pele e de sua constituição física. O certo é que

não se ouve um índio gemer de dor, sendo capaz de sofrer a amputação de um braço e de uma perna sem dar o menor suspiro. Não é que lhes faltem acenos ou vozes para manifestarem seus gostos e dores, mas é que eles, fora do tumulto das paixões, não são homens que desperdicem palavras. Acostumados a pensar pouco, também falam pouco. Daí ser o aspecto de um tapuia o de um homem sério e melancólico. O seu falar é tão lento como são lentas as suas cogitações. Não se vê neles uma demasiada atenção ao que se lhe diz. Com aquela mesma taciturnidade com que se deitam, com ela acordam. E se não há o que fazer, assim perseveram dias inteiros. Ora, quem não está acostumado a comunicar com franqueza os seus sentimentos é por natureza desconfiado, a ninguém abre o seu coração, a ninguém se fia, e seu caráter é o de reserva em todas as suas deliberações. Bem o mostra a experiência; para a execução de seus planos, por exemplo, para uma fuga, para um motim, nada é capaz de abalar aquela inimitável constância que guarda entre eles a insidiosa máxima de um impenetrável segredo e de uma refinada dissimulação. Andando ou trabalhando, se não são índios criados entre os brancos, não lhes ouvimos o cantar nem o gemer.

Canta o caminhante Ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite, o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os ursos grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando
O trabalho menos sente. (Camões Pihytm. part. 2ª.)

Porém isso entre os tapuias de forma alguma se verifica. Nas suas línguas, tanto para prosa como para verso, não deixa de haver energia suficiente e propriedade. Tendo sido a extinta nação tupinambá a mais dominante por estas partes, também a sua língua foi a mais geral. A limitada esfera de suas idéias era harmônica, vasta e enérgica. Pobre de termos que significassem idéias abstratas. Era muito semelhante à grega pela composição de seus vocábulos. Estes eram apropriados à natureza e ao caráter das coisas. Em alguns casos assemelhavam-se à língua inglesa nas posições dos nomes — sempre que concorriam dois substantivos, o que era posto em primeiro lugar ficava sendo o genitivo do segundo. Desta forma para eles dizerem buraco de pedra, o

substantivo Itá (pedra) dava-o o primeiro lugar e o outro substantivo Coara (buraco) o segundo lugar. Proferindo em seu idioma, resulta o termo Itá-Coara.

O seu alfabeto carecia das letras I, L, S, Z e nem usava o rr dobrado ou áspero. As letras A com til (ã) davam energia a algumas palavras: Xaco-ã — eu já vou; amano-ã — já morreu; aari-ã — isso não. A letra E tinha a força de obrigar o verbo a significar o que se fazia, independente de coisa ou de pessoa: aço-é (eu mesmo vou ou vou por mim, sem me levarem). I em princípio era relativo: I tayucá, nós matamos; no fim do nome era diminutivo — comandá, fava e comãnda-i, favinha; taguara, cão e taguara-i, cãozinho. A mesma letra I, com til (ĩ) junto ao verbo torna a sua ação por acaso ou sem força — ainconhanguĩ faço de minha propriedade o meu motu; acepiacĩ, vejo como se não visse. O jota servia, como na língua latina, ora de vogal ora de consoante. As línguas antigas usavam-no com dois pontos nas duas extremidades para se pronunciar com um som médio entre L e I.

A letra U era sempre vogal. As línguas se serviam do K todas as vezes que pretendiam tornar a escritura com propriedade na pronuncia de algumas dicções como a do verbo Aker, dormir; onde não tinha lugar para a pronúncia da segunda sílaba, o C áspero nem o Q.

As letras I, C e T, serviam de relativos, correspondentes ao qui, quo, quoc dos latinos.

Se alguém se interessar a respeito da ortografia, ortologia desta língua, como também pela sua etmologia, prosódia e sintaxe, poderá consultar as obras apontadas abaixo.

Os missionários jesuítas, encarregados das missões dos índios, a estudaram profundamente desde o princípio, para mais facilmente lhes introduzirem e arraigarem as máximas da religião cristã. Porém pouco depois a língua foi se deixando penetrar pela dos europeus que pela sua excessiva familiarização, tornou-se indispensável, destinando a língua nativa à extinção.

A parte da referida língua impressa em Coimbra em 1695 por José de Anchieta, por ser o primeiro parto deste gênero, saiu muito diminuta e confusa, porém dela se extraiu, juntando às observações de Marcgrav, um dicionário de termos mais usuais.

O opúsculo que em 1618 saiu pela primeira vez, foi o que em 1686 surgiu pela segunda vez sob o título de Cathecismo-Brasil da doutrina cristã, com o cerimonial dos sacramentos e

atos paroquiais, composto por padres doutos da companhia de Jesus, aperfeiçoado e editado pelo padre Antonio de Araújo com as emendas do padre Bartholomeu de Leão.

Em 1687 se imprimiu em Lisboa a Arte Gramática da Língua Brasílica, tendo por autor o jesuita Luiz Figueira. Este coligiu e ordenou as principais regras que deduziu de suas observações. Nelas se pode ver o que era esta língua, hoje em dia tão viciada que nem os tapuias a entendem, conforme tenho experimentado. Dominou-a perfeitamente o governador e capitão general Alexandre de Souza Freire que governou o estado pelos anos de 1728 até 1731. Nela compôs diferentes versificações que andam entre as mãos dos curiosos. Entretanto, tendo a língua original que compôs aquela arte declinado de todo, e estando a língua geral viciada, Sua Majestade leva a bem, que se façam as instruções cristãs e civis aos índios somente na língua portuguesa e que nela se comuniquem. Sem mais estender-me em semelhante assunto, darei as questões de que tratam os historiadores do Novo Mundo. Eu também pergunto: como se povoou a América? Por onde passaram os homens de um continente para outro? E por que parte do globo os dois hemisférios se comunicaram entre si?

Será que os americanos não descendem dum pai comum mas antes, formam uma descendência separada, como assim me parece verdadeiro: 1º — A separação de seu hemisfério; 2º — a diversidade de sua côr; 3º — a de suas feições; 4º — a de suas línguas; 5º — a estupidez de sua alma; 6º — a debilidade de seu corpo; 7º — a novidade de seus usos e costumes?

Porém a isto se opõe a infalibilidade da palavra divina pela qual estamos instruídos que de um só homem descendem todos os demais que povoam a Terra. Será que eles são descendentes de alguns restos de antigos habitantes que escaparam do dilúvio, derramando-se tais restos por um país vasto e inculto, como também me parece verossimil: 1º) a analogia de algumas palavras; 2º) a de alguns usos e costumes?

Contudo, apesar de estarmos instruídos com a mesma infalibilidade sobre o número de homens que escaparam, são tão débeis as razões de verossimilhança fundadas em relações acidentais de costumes e semelhanças equívocas de palavras que não ficará no mundo nação alguma a quem não possa competir a honra de ter povoado a América.

Será que foi ela a princípio unida ao antigo continente mediante algum istmo, e este depois desaparecesse ou se quebrasse pela ação de outro dilúvio ou de algum terremoto; ou então

transformado naquele grupo de ilhas vulcânicas que em 1769, o capitão Krenitzin reconheceu par parte da Rússia, o qual ainda observou algumas que lançavam fogo e em todas observou indícios de suas antigas erupções? Porém, ainda que caiba no possível, não passa de uma conjectura sem fundamento seja na história ou na tradição.

Será que algum navio europeu, extraviando-se do seu rumo fosse casualmente ter à costa da América e ali a sua tripulação começasse a povoar o continente? É uma outra conjectura sem fundamento como a primeira.

Será que pelo norte da Europa tenham algumas famílias da Groenlândia passado para a América, como parece verdadeiro: 1º — a descoberta de que a ponta de contato mais próxima entre os dois continentes velho e novo, está na extremidade setentrional de um e outro; 2º — a identidade, dos animais que se acham nas províncias setentrionais do novo mundo, são as mesmas que os das partes do antigo continente, situadas em latitudes correspondentes; porque ainda que nas províncias americanas debaixo dos trópicos ou vizinhas a eles, todos os seus animais indígenas são diferentes daqueles que habitam as partes correspondentes do antigo mundo. Contudo nas setentrionais da América, o urso, o lobo, a raposa, a lebre, o gamo, a cabra montez e o alce são os do norte da Europa. 3º — A confirmação da atual vizinhança entre os dois continentes adquirida pelos russos depois que a parte ocidental da Sibéria sujeitou à sua denominação, desde então pelas tradições destes povos, sobre uma viagem em 1648, se concluiu felizmente à volta do promontório do N.E. da Ásia, animando-os a prosseguir aquele descobrimento. Para o seu prosseguimento, saíram em 1741 dois navios construídos no mar de Kanstchatka com os dois capitães Beming e Tschirikow, os quais havendo navegado a L. e descoberto uma terra que lhes pareceu do continente da América, depois de passarem a se comunicar com alguns habitantes das ilhas que formam uma cadeia L.O. entre a dita terra, ou imaginado continente e a costa da Ásia, neles descobriram muita semelhança com os povos da América setentrional porque até a mesma insígnia de paz que usam, usavam também os referidos habitantes.

Para a mesma finalidade, em 1768, em outra viagem foi mandado o capitão Krenitzin. Não somente foi confirmada a primeira descoberta quanto à navegação que se havia feito mas também foi ampliada e corrigida na parte em que haviam erros. O que os dois capitães, Beming e Tschirikow supuseram em 1741 ser promontórios ou cabos do continente Americano, Krenitzin viu

que não era mais do que a mesma continuação daquela cadeia de ilhas que eles tinham visto em tempo muito enevoado e raras eram as vezes em que se podia observar o sol e as estrelas. Observa-se, contudo, que sobre as posições dos lugares que uns e outros visitaram, não há exatidão. Este país onde Berring tocou estava situado a 58º e 28' de latitude e a 236º de longitude à ilha do Ferro. E onde o tocou Ticirkoss, estava a 56º de latitude e a 241º de longitude. Donde se segue que o primeiro chegou a 6º do porto de Petropasvlosvska onde se fez a vela, e o segundo a 65º. Todavia, pela carta de Krenitzin, parece que não avançou mais de 200º a L. e tão-somente a 32º de Petropasvloska.

Ultimamente, através de algumas relações circunstanciadas feitas pelos missionários Lutheranus e Moravos que ali haviam passado, a respeito daquele país e seus habitantes, viemos a saber que a costa ao N.O. da Groenlândia estava separada da América por um pequeno estreito que, no fundo de uma baía onde ele acaba, era provável que se unissem os dois continentes, os habitantes de ambos se correspondiam entre si. Por aí se vê que os esquimós da América se pareciam perfeitamente com os groenlandeses, tanto na figura como nas roupas e modo de viver; que os marinheiros que sabiam algumas palavras dos groenlandeses, contaram que eles tinham sido entendidos pelos esquimós e que um missionário Moravo, bem versado na língua dos groenlandeses, tendo visitado aquele país, havia com muita admiração sua, descoberto que eles falavam a mesma língua e por ela fora bem recebido por todos e agasalhado como irmão (Grantz. Hist. da Groenlândia, citada por Robertson na sua Hist. da América, tom. 2, pág. 46).

Ou será que pelo N.E. da Ásia, a América recebeu os seus primeiros povoadores? Qual destas duas hipóteses é a mais provável: a que sustenta que pelo N.O. da Europa recebeu os groenlandeses ou a que supõe que pelo N.E. da Ásia recebeu os tártaros? Veja o parecer ao qual me inclino:

«Ainda que seja possível que a América tenha recebido do nosso hemisfério os seus primeiros habitantes ou seja pelo N.O. da Europa ou pelo N.E. da Ásia, há boas razões para supormos que os ascendentes de todas as nações americanas desde o cabo de Horn até as extremidades meridionais do Lavrador, vieram antes da Ásia que da Europa. Os esquimós são os únicos povos da América que pela sua figura e caráter têm alguma semelhança com os europeus. Esta é, evidentemente, uma espécie de homens, particularmente distinta de todas as demais nações deste continente, pela língua, costumes e hábitos.

Há alguma autoridade para se fazer subir a sua origem à fonte. Eu já a indiquei (O A. tem dito em outra parte — que muitos fatos decisivos estabelecem uma consangüinidade entre os esquimós e os groenlandeses. Tom. 2, pág. 47). Porém entre todos os outros povos da América, está saltando aos olhos, uma semelhança tão viva, tanto na constituição física como nas qualidades morais que, não obstante diferenças produzidas pela influência do clima como pela desigualdade de seus progressos na civilização, que somos obrigados a olhá-los como ramos de um mesmo tronco.

Pode-se-lhes achar alguma variedade no colorido, porém em todos eles se acha a mesma cor primitiva. Cada tribo tem algum caráter particular que a distingue das outras, mas em todas elas se reconhecem certas feições, comuns a toda sua raça. Uma coisa digna de reparo é que em todas as particularidades, físicas ou morais que caracterizam os Americanos, acha-se mais semelhança com as das tribos bárbaras espalhadas pelo N.E. da Ásia do que com qualquer outra das nações estabelecidas ao N. da Europa. Pode-se logo chegar à sua primeira origem e concluir que os seus ascendentes asiáticos, havendo se estabelecido naquelas partes da América, onde os russos descobriram a vizinhança dos dois continentes, dali se foram espalhando gradativamente por estas diferentes regiões.

Esta idéia se conforma com as tradições dos mexicanos sobre a sua própria origem e por mais imperfeitas que fossem, sempre as haviam conservado com o maior cuidado e mereciam mais crédito do que as de qualquer outro povo do Novo Mundo. Entre eles passava por certo que os seus ascendentes tinham vindo de um outro país remoto e situado ao N.E. do seu império. Eles indicavam certas paragens onde haviam pousado aqueles estrangeiros, por ocasião da jornada, que iam sucessivamente fazendo, para os sertões das províncias. E aquela era precisamente a rota que eles deveriam seguir na suposição de terem vindo da Ásia. A descrição que os mexicanos faziam da figura, costumes e do modo de vida dos seus maiores por aquele tempo, é uma descrição fiel das tribos selvagens dos tártaros, de quem me fez supor, serem os mexicanos descendentes.»

Depois de ter perguntado quem povoou a América, indago: quem a descobriu? Segunda questão bem pouco relativa ao assunto tratado, porém, de minha parte, deixa ver nada menos que uma assiduidade de trabalho em ler e combinar tudo quanto posso, não obstante o pouco vagar que tenho para estender um passeio mais largo na esfera das especulações.

Seria o piloto de quem se lembra Gomera dizendo ter sido extraviado de uma das costas da Europa e levado a O. por um vento L. fora dar em outra costa desconhecida; ao voltar da qual ele e três marinhos haviam escapado da morte pelas mãos da fadiga e da necessidade. Sendo recebido e agasalhado o dito piloto em casa de Cristóvão Colombo, seu íntimo amigo, lhe revelara, antes de morrer, o mistério da sua navegação? Assim afirmam os espanhóis para obscurecer a glória de Colombo. Os historiadores mais sinceros, fundados nas razões seguintes, escrevem: primeira — não se determinou ao certo o nome nem do piloto nem do navio e muito menos o seu destino. Não se produziu alguma daquelas provas necessárias para constituírem probabilidade.

Segunda — estas provas não dão aqueles que pretendem explicar o oposto, ou seja, onde saiu o navio e para onde se dirigia; uns dizem que navegava de um dos portos de Andaluzia em direção às Canárias ou à ilha da Madeira. Outros sugerem a partida de Biscaia para Inglaterra. Outros que era navio português da costa de Guiné, onde traficava. Como estes não concordam entre si, também nenhuma probabilidade conciliam as suas afirmativas.

Terceira — não se determinou o ano em que tal descoberta se fez. Em referência a ela nenhuma palavra foi dita pelos dois contemporâneos de Colombo, André Bernardes e Pedro Martyr e nem depois, por Herrera.

Seria o Alemão Martinho Behaim a quem Stuven, sem aliás produzir prova alguma, chama verdadeiro descobridor do Novo Mundo? Assim dizem os alemães equivocados ou a favor de sua nação. Isto porque, o geógrafo Martinho de Bohemia que realmente existiu no século XV, do qual diz Herrera ter sido português natural das ilhas ou do Fayal ou dos Açores, amigo particular de Colombo, apelidado de Bohemia, não deixou nenhuma certidão aos alemães, de ter nascido na Alemanha. Além do mais até agora lhe perguntamos pelo ano de sua viagem, pelo porto, onde se dirigia e pelo roteiro de sua navegação, etc.

Seria o príncipe Madoc de quem diz Powel que, desgostoso das disputas que se sucediam no século XII entre os filhos de Owen Guyneth, rei da parte setentrional das Gallicas, resolveu buscar além dos mares uma habitação menos incômoda e com efeito o conseguira, navegando a O., onde descobrira um país desconhecido e do qual voltara às Gallicas para adquirir e transportar novos companheiros — isto se passando em 1170 mas daí por diante não se ouviu mais falar em tal príncipe nem desta nova colônia? Isto é dito por alguns franceses que não refletem.

Primeiro: ainda que suposta a autenticidade de um fato escrito mais de quatro séculos depois de sucedido — de o príncipe Madoc ter descoberto um país desconhecido, não quer dizer que este fosse a América, podia muito bem ser ou a ilha da Madeira ou outra qualquer.

Segundo: sustentar que era América sem outro fundamento, além da analogia de algumas palavras mericanas e francesas. é o mesmo que pretender iluminar a verdade de um ato com provas ambíguas e obscuras. Quando por outra parte não nos respondem à pergunta que fazemos, porque razão, tendo-se preservado entre os índios certas palavras francesas até o tempo em que os descobrimos, não se conservaram igualmente em três séculos de diferenças alguns indícios da religião cristã?

Seriam os noruegueses que depois de descoberta a Islândia em 874 e de estabelecida na Groenlândia outra colônia em 982, dali estenderam para O. as suas excursões marítimas pelas quais descobriram o novo país, melhor que o seu, e ao qual, segundo escreve Snorro, por algumas vinhas que ali acharam, deram-lhe o nome de Winland? Todavia, a que parte da América aportaram estes descobridores? O que na relação de semelhante viagem anda escrito a respeito do comprimento dos dias e das noites na latitude de 58º ao N.? Porém ainda ali o país não produz vinhas, etc.

De tudo o que se tem escrito da história, se divide em: eclesiástica, filosófica, política e militar. Entrar em uma enumeração circunstanciada de todos e de cada um de seus autores, seria repetir desnecessariamente o que já se fez em parte até o ano de 1737. Ao espanhol Antonio de Leço Pinélo se deve — «o epítome da biblioteca oriental e ocidental que contém os escritos das Indias Orientais e Ocidentais» — Eu me limito somente ao que se refere ao Brasil.

Ainda que em 1624 tenham sido separadas do governo geral do Brasil as conquistas do Maranhão e Grão-Pará, com o título de estado, eu pelo Brasil entendo aquela parte da América, compreendida entre os rios: Amazonas e da Prata.

Quanto aos referidos historiadores, sejam eles nacionais ou estrangeiros, não farei mais do que apontar os nomes e as obras daqueles que se dedicaram a outro qualquer ramo da história que não tenha sido a natural:

NACIONAIS:

Anchieta — O jesuita Joseph de Anchieta — Gramática da língua brasílica.

Araújo — O jesuita Antonio de Araújo — Catecismo brasílico, composto em língua brasílica, por P.P. Doutos da companhia de Jesus.

Berredo — Bernardo Pereira de Berredo, Gor. e Cap. am. Gal. que foi do estado do Maranhão — Annais Históricos do referido estado.

Durão — O eremita Augustiniano Fr. Jose de Sta. Rita Durão — O Caramuru — poema épico do descobrimento da Bahia, (ver art. — Estrangeiros — Duarte de Albuquerque)

Figueira — O jesuita Luiz Figueira — Arte de Gramática da língua brasílica.

Freire — Francisco de Brito Freire — A Nova Lusitania.

Galvão — Antonio Galvão — Descobrimento do Mundo até a era de 1550.

Gama — Jose Brasilio da Gama, denominado na Arcádia, Termindo Sepilio — O Uraguai — poema épico.

Magalhaens — Pedro de Magalhaens — Tratado das coisas do Brasil.

Marques — O jesuita Simão Marques — Brasilia Pontifícia; seu Speciales Facultates pontificio, quo Brasilia Episcopis conceduntur et singulis decenniis innovantur.

Pereira — Nuno Marques Pereira — Compêndio narrativo do Peregrino da América.

Pita — Sebastião da Rocha Pita — História da América Portuguesa, até a era de 1724.

Raphael — O monge beneditino Fr. Raphael de Jesus — Castriôto Lusitano.

Santa Theresa — O carmelita descalço Frei João Jose de S. Theresa que escreveu em italiano — Istoria delle Guerre del Regno del Brasile.

Silveira — O cap. am. Simão Estaço da Silveira — Relação Sumária das coisas do Maranhão.

Vasconcellos — O jesuita Simão de Vasconcellos — História do Brasil.

Vieira — O jesuita Antônio Vieira — História do Brasil — por ele mesmo citada na vida do padre Jose de Anchieta, que também recomendo a leitura.

MANUSCRITOS

Relação da jornada de Jerônimo de Albuquerque para a conquista do Maranhão.

Manuscrito sem o nome do autor.

Relação histórica e política dos tumultos do Maranhão — manuscrito de Francisco Teixeira de Moraes.

Relação breve de todo o estado do Maranhão e particularmente do grande rio Amazonas — manuscrito de capucho Frei Jerônimo de S. Francisco.

História do Maranhão pelo jesuíta XXX. Genealogia das famílias de S. Paulo — por Pedro Taques.

Roteiro das viagens desde a cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses nos rios Amazonas e Negro, ilustrado com algumas notícias de agricultura de algodão e dois mapas: o primeiro relativo à agricultura e rendimento de Macapá em cada ano decorrido desde 1773 até 1779 e o segundo sobre a escravatura da dita vila no ano de 1782 — pelo Coronel Governador da capitania do rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada.

Memória dos mais terríveis contágios de bexigas e sarampo ocorridos neste estado desde o ano de 1720 em diante, posteriores às que manifestam os Anais Históricos do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo, nos anos de 1621 (§ 487) e de 1663 (§ 11) — pelo Tenente-Coronel Theodorico Constantino de Chermont.

Este mesmo Tenente-Coronel Theodorico, relata a introdução do arroz no estado do Grão-Pará, com a história da origem e dos progressos que fizeram as máquinas de descascar e branquear; fala sobre as madeiras que podem servir para aduelas, examinadas por ordem do governador e Capitão-General João Pereira Caldas; cita a respeito de uma porção de cabos formados de casca do Guambecima e ainda relata a respeito do uso que faz dos caniços, para os tubos de espoletas.

Extrato del Diário del viaggio al Fiume Marié in septmb d'1775, per él Decimento promesso, escriturato dalli due Principali Manacaçary, e Adnana suo fratello — per Antonio Giuseppe Landi, Acadêmico Clementino, e Publico Professore de Architectura e Prospectiva nell Instituto delle Scienze di Bologna, Architteto Pensionario de S. Maestá Fidelissima e uno di quelli seguinte sucessi — Adirnstanza del Dotore Alexandro Piz.

Brasilia Médica de Antono José de Araújo Braga, cirurgião da Gente de Guerra empregada na Diligência da Demarcação para servir de resposta à carta que lhe dirigiu o doutor naturalista A.R.F. em data de 20 de fevereiro de 1789.

Observações sobre a agricultura da Maniba, dos grãos e das frutas de árvores, cultivadas pelos lavradores da capitania de S. José do rio Negro, conforme as recomendou o doutor naturalista A.R.F. em carta de 15 de setembro, que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias: do Pará e de S. José do rio Negro — por seu autor o padre José Monteiro de Noronha.

Diário da viagem que, em visita e correição das povoações da capitania de S. José do rio Negro, fez o ouvidor e intendente geral da mesma, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, nos anos de 1774 e 75. Foi informado de algumas notícias geográficas da mesma capitania, e outras, concernentes à história civil, política e natural.

Coleção das ordens expedidas pelo Capitão-General João Pereira Caldas no tempo em que governou o estado do Grão-Pará sobre os diferentes objetos relativos aos presentes exames do doutor naturalista Alexandre Roiz Ferreira — pelo mesmo governador e capitão-general.

Reflexões breves sobre os principais motivos que obstaram ao mais desejado progresso da lavoura e comércio do estado do Grão-Pará, desde a nova forma de administração que principiou com o felicíssimo reinado do senhor D. José, o 1º em 1750, indicados os motivos, pela mesma ordem, e sucessos dos diversos governos em que experimentaram e sugerindo ao fim, alguns meios que parecem mais próprios a remediar o atraso — por A. R. Ferreira.

Notícias de como no estado do Grão-Pará, em observância as resoluções reais, se continuou a praticar uma maior introdução de escravos aos mais moderados e favoráveis preços, pela Companhia Geral do Comércio — A. F. Ferreira.

Notícias da redução de paz e de amizade da feroz nação do gentio Mura, nos anos de 1784, 85 e 86 — Alexandre R. Ferreira.

Notícias sobre a guerra ordenada contra as nações de índios que infestavam a capitania do Piauí quando subordinada ao governo geral do Grão-Pará; e sobre os sucessos da mesma guerra — A. F. Ferreira.

Plano do qual saíram todos os anos do porto de Macapá em média cem mil arrobas de arroz. Acompanhado de uma me-

mória sobre o ano de 1786 — por Antônio Villela do Amaral, morador da Vila de Barcellos.

Anais do descobrimento das minas de Mato Grosso e da fundação da Vila Bella da Santíssima Trindade que contêm os fatos anuais e memoráveis desde o ano de 1734 até 1772. A partir deste ano os anais continuam até 1789.

Relação noticiosa e exata do que se tem passado nestas fronteiras de Mato Grosso e Santa Cruz de la Sierra, desde o ano de 1759 até o princípio do ano de 1764 — pelo Tenente-Coronel Antônio Filipe da Cunha Pontes.

Memórias Cronológicas da capitania de Mato Grosso principalmente da Provedoria da Fazenda Real, intendente do ouro Phelippe José Nogueira Coelho.

Relação cronológica dos estabelecimentos, fatos e sucessos mais notáveis que aconteceram nas minas do Cuiabá, desde o seu estabelecimento, escrita pelo advogado José Barboza de Sá e corrigida e ampliada pelo cap. Joaquim da Costa de Cerqueira sendo este obrigado a escrevê-la, no ano de 1786, na conformidade da Real Ordem de S. Majestade, de 20 de julho d 1782.

Descrição da capitania de Goiás e todos os sucessos mais notáveis da sua época dividida em 13 partes. Sem o nome do autor.

Divertimento admirável para os historiadores observarem a Máquina do Mundo reconhecido nos sertões da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso. Dizem que o seu autor é Manoel de Abreu. Também se diz que a história da capitania de Goiás foi escrita por Ignacio Joaquim Taques.

Histórias da capitania de Minas Gerais — por Claudio Manoel da Costa.

N.B. — Deve-se também juntar às obras impressas apontadas, o que muitos outros escreveram a respeito do Brasil em outras obras de diferentes títulos e assuntos como por exemplo:
Barros — João de Barros. Na primeira das suas Décadas.

Castro — Damião Antônio de Lemos Faria e Castro — História Geral de Portugal e suas conquistas.

Faria — Manoel Severim de Faria — Vida do insigne historiador João de Barros.

Fonseca — Vida do Padre Melchior de Pontes.

Góes — Damião de Góes — Crônica de El Rei D. Manoel e do Príncipe D. João.

Mariz — Pedro de Mariz — Diálogos de várias histórias e notícias dos nossos reinos e conquistas.

Menêzes — O Conde de Eiriceira D. Luiz de Menêzes em o Tomo 4.º da História de Portugal restaurado.

Osório — Jerônimo Osório — De Rebus gestis emmanuelis.

Seabra — José de Seabra da Silva — Dedução cronológica de tudo quanto fiz em Portugal, a sociedade denominada de Jesus, desde a sua entrada neste reino em 1540 até a sua expulsão em 1759. Coleção dos breves pontifícios e leis régias que foram expedidas e publicadas desde o ano de 1741 sobre a liberdade das pessoas, bens e comércio dos índios do Brasil. Deve-se ler todos os papéis impressos de diferentes títulos, principalmente os memoriais e cartas instrutivas de 8 de outubro de 1757 e de 10 de fevereiro de 1758 dirigidas à santidade de Clemente XIII por Sua Majestade Fidelíssima para expulsar de seus reinos e domínios, pela força, os regulares denominados da Companhia de Jesus, etc.

Souza — Manoel de Faria e Souza — História do Reino de Portugal.

Souza — Frei Luiz de Souza — História de S. Domingos; particular do reino e conquistas.

Teixeira — O Eremita Augustiniano Frei Domingos Teixeira — Vida de Gomes Freire de Andrade.

ESTRANGEIROS:

Abbeville — Cláudio de Abbeville — Histoire de la Mission des Peres Capucins em L'Isle de Maragnon et terres circonvoisins.

A Cunha — Christovão da Cunha — Relação do Rio das Amazonas.

Bar... — Historiador de Anvesr, o qual escreveu na língua latina a história da Guerra do Brasil, entre os portugueses e holandeses e de tudo quanto se passou no governo do Conde J. Maurício de Nassau, Generalíssimo dos holandeses no Brasil.

Coelho — Duarte de Albuquerque Coelho — Memórias de Artes de La Guerra del Brazil.

Laeth — João de Laeth — Descriptio ultriusque Americae.

Oviêdo — Gonzal Hernand de Oviêdo — Relatione de la navigatione par la grandissima fiume Maragnon.

Pagan — Relation de la Grande Rivière des Amazones.

Patricio — o padre Joan Patricio — Historia de los Mamelucos paulistas.

Rodriguez — o jesuíta Manoel Rodriguez — Maragnon y Amazonas.

Stadius — oficial alemão que serviu nas tropas de Portugal. Relation de la manière dont les peuples du Brésil transtent les prisionniers.

Tamajo — D. Thomaz Tamajo — Restauracion de la ciudad del Salvador y Bahia de Todos os Santos en la Provincia del Brasil.

Mercurio Francez — Suite de l'Histoire de L'Auguste Règence de l'Reine Maria de Medicis.

Journal du voyage, fait par Ordre du Roy a L'Equateur — Edit. in 4.º. Paris 1711.

N. B. — Semelhantemente em muitas outras obras importantes de diferentes assuntos, escreveram espanhóis, franceses e italianos alguns artigos que tratam da história geral do Brasil e que se acham dispersos.

M. R. Robertson, principal da Universidade de Edimburgo e Historiógrafo de S. Maj. de Britânica, no prefácio à história que escreveu da América, prometeu juntar-lhe a das colônias portuguesas e outros estabelecimentos europeus nas ilhas da América.

Da História Filosófica, segundo os diferentes ramos em que se divide a filosofia, alguns autores são nacionais.

Na Matemática:

Sabe-se dos importantes descobrimentos matemáticos que teve pelo dedicado gosto, o Infante D. Henrique (Le talent de bien faire). Muito lhe deverão os portugueses antes e depois de sua morte.

Descobrimento da ilha de Porto Santo em 1418, por João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira (diga-se de passagem que pelos franceses e castelhanos se deu a conquista das Canárias).

Da outra ilha da Madeira em 1420, pelos mesmos descobridores acompanhados de Bartholomeu Perestrêllo (diga-se também, que o Cavalheiro Inglês Roberto Machim nela chegara primeiro que os portugueses, para desfrutar a companhia de sua Anna Arfet).

Da navegação além do cabo do Boyador em 1433, por Gil Annes.

Das ilhas de Cabo Verde em 1446 por Diniz Fernandes. Sendo que em 1449 mandaram povoar as ilhas dos Açores tendo sido a primeira delas descoberta em 1432 por Gonçalo Velho Cabral.

Descobrimento da travessia da Equinocinal em 1471 pelos interessados no comércio exclusivo, concedido em Lisboa ao negociante Fernando Gomes.

Dos reinos de Benin e de Congo em 1484, quando se alcançou acima de 500 milhas da outra parte da Equinocial. Os olhos europeus viram, pela primeira vez, novo céu e novas estrelas.

Do Cabo da Boa Esperança em 1486 por Bartholomeu Dias.

Da navegação do oriente em 1498 por Vasco da Gama.

E por último do Brasil em 1500 por Pedro Alvares Cabral.

Todas estas viagens foram feitas pelos portugueses e os roteiros para a navegação foram acompanhados de carta, as primeiras que os estrangeiros viram e usaram. Quem delas se serviu com bastante proveito foi Cristóvão Colombo que folheou o diário e as cartas dadas pelo seu sogro Bartholomeu Perestrêllo, para navegação da ilha da Madeira, no seu projeto de descobrimento da Ásia.

Pedro Nunes, o nosso insigne matemático, sendo obrigado a falar no início de seu tratado, em defesa da carta de marcar, diz:

— Não há dúvida (diz ele em uma das suas passagens freqüentemente copiadas pelos estúdiosos da História Portuguesa) que as navegações deste reino, de 100 anos, a esta parte têm sido as maiores, mais maravilhosas, de mais altas e mais discretas conjeturas, que as de outras gentes do mundo.

Os portugueses ousaram enfrentar o grande mar oceano, de maneira que fomos os primeiros autores a citar os europeus estabelecidos nos seus novos sistemas naturais. Um deles é o famoso médico de Ferrara, João Manardo, que nas suas epístolas médicas impressas em Leão de França em 1549, pretende mostrar contra Aristóteles e Averroy que as terras abaixo do equinocinal eram habitadas: Siquidem lusitanorum in extremo occidente habitantium hominum, per oceanum Atlanticum, ad Austrum primo, deinde ad orientem navigatio, dare nos docuid, sub oquatore, diversis in locis, inquibus, nec mare nec aliares impedit, varias gentes habitare. De todos os nossos descobrimentos, quantas foram as viagens tantos foram os roteiros e as cartas portuguesas que se levantaram.

As demarcações de limites, na América meridional, entre as duas coroas Portugal e Espanha, abriram outras tantas portas

para os reconhecimentos das ilhas das costas e do continente do Brasil quantos foram e têm sido os tratados relativos aos estados que as coroas nela possuem. Assim encontramos:

A escritura com pacto de — Retro vendendo — outorgada em Saragoça a 22 de abril de 1529.

O tratado concluído em Tordesilhas, a 7 de junho de 1594.

Os dois tratados de Lisboa de 13 de fevereiro de 1668 e de 7 de maio de 1681.

Os dois tratados de Utrecht de 13 de julho de 1713 e de 6 de fevereiro de 1715.

O de Madrid, assinado a 13 de janeiro de 1750.

O de Paris, assinado a 10 de fevereiro de 1763.

O de S. Ildefonso a 1 de outubro de 1777.

E por último o do Pardo a 24 de março de 1778.

El Reis da Espanha, pelo que se deixa ver nos artigos 5.º e 6º do Tratado de Paz concluído em Munster com a República da Holanda, sacrificou todos os domínios católicos da Coroa de Portugal nas Índias Orientais e Ocidentais, na Paz de Vestphalia. Sendo alguns franqueados aos holandeses para que em todos os sentidos os reconhecessem (o que realmente foi feito).

A mesma inclinação para a matemática que herdou a Sereníssima Casa de Bragança juntamente com o Reino, fez com que, em tempos mais modernos, o Sr. Rei D. João V, mandasse vir da Itália os dois jesuítas napolitanos: João Batista Carboni e Domingos Capaci chegados a Lisboa em 19 de setembro de 1722. Ambos foram empregados para fazerem várias observações astronômicas em grande parte do Reino. O segundo foi mandado vir ao Brasil em 1729 acompanhado de outro jesuíta português Diogo Soares, para ordenarem as cartas geográficas deste país e assentarem em seus verdadeiros sítios, os meridianos do Brasil e dos seus principais portos e cabos, respeitando os já estabelecidos na Europa e ilhas de Cabo Verde. Uma vez dividido o trabalho entre os dois, o jesuíta Soares não descuidou de sua incumbência: levantar diferentes cartas do rio da Prata, do sítio da Nova Colônia e muitas outras daquele vasto domínio.

Os portugueses empregados por ordem de Sua Majestade para a execução do referido tratado preliminar de limites de 13 de janeiro de 1750, com o exercício de engenheiros em todas as 4 repartições: Rio de Janeiro, S. Paulo, Mato Grosso e Pará, foram os seguintes: *com a patente de Sargento-Mor* — José Custódio de Sá e Faria e Sebastião José da Silva; *com a de Capitão* —

Francisco Xavier Paes de Menezes e Bragança e Gregório Rebello Guerreiro Camacho; *com a de Ajudante* — Guilherme Joaquim Paes de Menezes e Bragança; *Aventureiro* — João da Silva Paes de Menezes.

Em conseqüência de outro tratado de limites de 1.º de outubro de 1777, foram e estão atualmente empregados nas mesmas repartições com o exercício de Astrônomos: Dr. José Simoens de Carvalho, Dr. Antônio Pires da Silva Pontes, Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, Dr. José Joaquim Victorio da Costa, Bacharel José de Saldanha Rebêllo, Bacharel Francisco de Oliveira Barboza, Capitão de Bombeiros Joaquim Felis da Fonseca Manso, Capitão-de-Auxiliares Francisco Sanches de Horta; *engenheiros*: *com a patente de Tenente-Coronel* — Francisco João Rócco e Thedoro Constantino de Chermont; *com a patente de Sargento-Mor* — Eusébio de Ribeiros e Henrique João Wilkeins; *com a de Capitão* — Pedro Alexandrino de Souza Pinto, Ricardo Franço de Almeida Serra, Joaquim José Ferreira, João da Costa Ferreira e Alexandre Portella, etc.

Os estrangeiros que fizeram observações astronômicas exatas foram poucos. Porém os que levantaram cartas das costas, enseadas, cabos e portos do Brasil, são tantos quantos os náuticos e oficiais hábeis da marinha inglesa, francesa, espanhola e holandesa que as navegaram, seja de passagem ou por invasão. De todas elas se tem marcado os rumos, examinado as barras e sondado os canais, principalmente depois que o invadiram por várias vezes, as armadas holandesas e francesas. Sabe-se que entre as muitas costas e portos acometidos pelas armada dos Estados Gerais, temos a citar: a Bahia de Todos os Santos em 1604 por uma armada pelo General Paulo Wasncarden; a mesma Bahia em 1624 por outra armada comandada pelo General Jacob Willkens e pelo Mestre-de-Campo João Dorth; pela terceira vez em 1638 por outra armada comandada pelo Conde João Maurício de Nassau; a foz do rio Amazonas até a fortaleza de Santo Antônio do Curupá em 1625, por mais ou menos 200 holandeses cujos Capitães eram: Nicolao Hosdan e Philippe Porcél; a Baía da Traição em 1626 por uma armada de 34 naus comandadas pelo General Walduino Henrique; a Fortaleza de Ceará em 1637 por 2 navios comandados pelo Sargento-Mor Gusman que havia saído do Recife de Pernambuco; as vizinhanças da referida fortaleza de S. Antônio do Curupá no rio Amazonas em 1639 por um patacho holandês que foi abordado e rendido pelo Comandante português João Pereira de Caseres; a cidade de S. Luiz do Maranhão em 1641 por uma armada de 18 naus de que era General João Cornelles, que fora para ali expedida pelo Conde J. Maurício de Nassau, Ge-

neral das armas de Pernambuco; a mesma cidade em 1643 pelo reforço de um navio, duas barcas e cinco lanchas também expedidas de Pernambuco por ordem do comandante Andrezon; além destes, muitos outros portos que foram omitidos para não alongar muito.

Os mesmos reconhecimentos foram feitos em todas as vezes que foram invadidos pelos franceses. De Lery que acompanhou o Mr. de Villegagnon na sua expedição ao Brasil em 1556 e aqui residiu bastante tempo, escreveu a sua «História Navigacionis in Brasiliam».

A maior parte das costas do Brasil, antes e depois do ano de 1594, foi reconhecida por Mr. de Villegagnon o qual na expedição daquele ano aqui deixou Mr. Des Vaux para as explorar. A ilha de Maranhão em 1510 por Mr. Daniel de la Touche, Senhor de la Ravardière. A mesma ilha em 1612 pelo mesmo De la Ravardière acompanhado de Francisco de Racily, o Barão de Sancy e os Senhores de Pizieu e de Pratz. A Fortaleza do Cabo Norte, da Invocação de Santo Antônio do Macapá em 1637 pelos 40 franceses que a guarneceram por ordem do Marquês de Terrol, governador de Caiena.

Em tempos não muito distantes, chegou às costa do Rio de Janeiro a esquadra de 1710 comandada por Mr. du Clerc que fundeou na Ilha Grande passando depois à cidade de S. Sebastião. Em 15 de setembro do referido ano foi ocupada a Ilha das Cobras e depois a referida cidade pelas 18 naus comandadas por Dugai Trovin, fazendo os franceses observações e reconhecimentos. Por último, em fevereiro de 1777, a Ilha de Santa Catarina foi tomada pela Armada Espanhola para ali expedida sob as ordens do General D. Pedro de Ceballos Gusmão; os reconhecimentos devem ser unidos àqueles que, para sua particular instrução, adquiriu o inglês Roberto Makduval, por ocasião governador e chefe da esquadra portuguesa.

Os mesmos reconhecimentos nos portos do mar, pelos sertões do Brasil fizeram os estrangeiros empregados com o exercício de engenheiros por ocasião da demarcação de 50. São os seguintes: *com patente de Coronel* — O genovês Miguel Angelo Blasco; *com a de Capitão* — o suiço João Bartholomeu Havelle e os alemães: João André Schwebel, Gaspar João Gerardo de Gransfeld e Carlos Ignacio Reverend; *com a de Capitão-Tenente* — o holandês Joseph Rollen Wandrech; *com a de Tenente* — os alemães: Adão Wentrel Hetcho, Manoel Gotz e Ignacio Satton; *com a patente e soldo de Ajudante* — os italianos: Henrique Antônio Gatuzzi e José Maria Cavagna; *com o soldo somente de aju-*

dantes — os alemães: Phellippe Frederico Strums e Adão Leopoldo de Brecening e o francês João Bento Piton; *Desenhista* — os italianos: Carlos Francisco Ponzoni e José Landi.

A estes se devem ajuntar, além dos jesuítas estabelecidos no Brasil, muitos homens hábeis que vestiam aquela roupa por disfarce ou profissão.

Contudo alguns estrangeiros se dedicaram às observações astronômicas como entre muitos, o matemático alemão H. Cratitz que acompanhou o médico holandês Guilherme Pison que, juntamente com os deputados da Companhia Geral do Comércio das Indias Ocidentais do Brasil, então ocupado por aquela república, se uniram para ali exercitar por partido, a profissão de médico. Por zelo, entregaram ao Dr. Gol, para serem publicadas, as obras astronômicas do referido Cratitz, depois de seu falecimento em viagem à África. O mesmo Pison foi acompanhado por outro matemático alemão Jorge Marcgrav que pelo espaço de seis anos fez todo o gênero de observações astronômicas e meteorológicas no Brasil. Todavia como também faleceu em viagem à África, as suas obras mesmo imperfeitas e indigestas como as acharam, foram entregues a João de Laeth por ordem do Conde de Nassau, para as ordenar e publicar. Assim se cumpriu. A ele é devido o cuidado que teve em verter ao alfabeto vulgar tudo quanto Marcgrav, receoso de alguém, por sua morte, se apossar do seu trabalho, havia escrito em outro alfabeto seu particular e secreto. Também lhe são devidas algumas ilustrações e notas que juntou. Sabe-se por sua testemunha quais foram as observações de Marcgrav, porque ele, Laeth dando conta dos seus estudos matemáticos, se serviu das mesmas palavras daquele filósofo para mencionar os títulos de suas obras — autem Auctor Operi suo promittere.

Progymnastica Mathematica Americana

Tribus, ectionibus comprehensa. Prima, sectio est. Astronomica et optica.

Omnium siderum australium intra tropicum cancri polum antarcticum existanctium instaurationem observationes varias, multas, omnium planetarum, deliquiorum, solis, luno indeque extructa singular: nova, véras.

Theorias infeiorum planetarum, veneris Mercurii, observationibus propriis superstructas: refractionum, parallaxium doctrinam, obiquitatem maximam ecliphco descripitam; nom aliqua de maculis solis, varias raritates vranicas alias continens.

Altera sectio est.

Geographica et Geodaetica

Longitudinum terrestrium doctrinam èvrum que initium memerandi constituens: terrae totius veram dimensionem ex observationibus propriis demonstrans acantiquorum && modernorum geographorum errores de tegens.

Tertia ex duabus antecedentibus exetructa.

Tabula Mauritti Astromicae

Também andam inseridas nas suas obras as tábuas meteorológicas, que apareceram.

Do padre Capaci está escrito que, depois de discorrer por grande parte do reino onde fez várias observações geográficas, fora mandado ao Brasil em 1729. Coube-lhe o setor das observações astronômicas. As notas que fez a respeito, mandou à corte; e estas entraram em contato com as academias de França e da Inglaterra. Quanto à geografia, Capaci levantou uma carta da capitania do Rio de Janeiro. Não chegou a terminar aquela que havia principiado desde a referida capitania até a de Minas Gerais por lhe sobrevir a morte em S. Paulo em fevereiro de 1740.

Em 1749, De La Condamine desceu o rio Amazonas, e as observações que fez anotou em seu diário de viagem.

Muitas outras observações constam nos diários e escritos, publicados por Lery, Gentile, Frosier, Dampierre, Courserac, Kerguelin, De La Rabbinais, De La Flote, Solander Boungainville, Banks, Perusse e outros que examinaram os referidos portos e costas. Alguns deles escreveram peças concernentes à História Natural.

Na demarcação de 50, foram empregados com exercício de astrônomo, os estrangeiros: o veneziano Bartholomeu di Panigai; o genovês Bartholomeu Pincete; o placentino Stefano Brami; os alemães Xaverio Haller e Ignacio Zamartonio; o polonês Dr. Angelo Brunelli; o paduano Dr. Michele Antônio Ciera.

Em Medicina

A Brasília Médica de Guilherme Pison compreende 4 livros que tratam de: 1.° — De Aere, Aquis et Locis; 2.° — De Morbis Endemicis; 3.° — De Venenalis et Antidotis; 4.° — De Facultatibus Simplicium.

Todos são de suma importância para os estudiosos em medicina brasileira, tanto pela exatidão das novidades como pela variedade de suas observações.

Antes que omita, por razão de importância, temos o «Erário Mineral» por seu autor Luiz Gomes Ferreira.

Anda pelas mãos dos curiosos o «Governo de Mineiros» «História das Enfermidades de Minas Gerais» por José Antônio Mendes.

«Relação cirúrgica e Médica» na qual se declara especialmente um novo método de curar a infecção escorbútica ou Mal de Loanda, e todos os seus derivados conseqüentes, fazendo para tal, menção a dois remédios específicos e muito particulares — por João Cardoso de Miranda.

Contam que, durante o governo do Exmo. Marquês de Lavradio, José Henriques Ribeiro de Paiva foi médico de sua câmara na cidade do Rio de Janeiro, o qual sob os auspícios de S. Excia., fez algumas observações médicas, naturais que ainda não foram publicadas.

Na História Natural

Já foi dito em outra parte que a História Natural é tratada mais particularmente no Brasil e não em toda a América.

O que Pison deixou escrito no Livro IV — De Facultatibus simplicium — não passam de descrições naturais e virtudes médicas de algumas serpentes no reino animal, demorando-se principalmente nas plantas de reconhecido préstimo para o curativo das enfermidades endêmicas.

Mais do que Pison, se estendeu Jorge Marcgrav na sua Historia Rerum Naturalium Brasilia. Ela se acha dividida em 8 livros que tratam: os 3 primeiros de plantas, o IV.º de peixes, o V.º de aves, o VI.º de quadrúpedes e de serpentes, o VII.º de insetos, o VIII.º da região do Brasil e seus íncolas. Não sei até o presente de outras obras impressas, sejam elas por nacionais ou estrangeiros.

Nacionais — A mesma afeição que teve o Infante D. Henrique às matemáticas e em geral a todas as ciências naturais, o Infante D. Alexandre, irmão do El Rei D. João IV.º, teve às ciências naturais. Como grande perscrutador também encontramos o jesuíta Antônio Vieira e Alexandre, o Rei da Macedônia.

Alexandre, o Infante de Portugal, a estudou e honrou. O mesmo têm feito muitos outros nacionais, de todas as ordens e condições.

O autor dos anais históricos do estado do Maranhão nos assegura ter achado na biblioteca do Conde de Vimieiro, um ma-

nuscrito sem o nome do autor, intitulado — Relação Geral de toda a conquista do Maranhão — o qual (diz ele) fora escrito por Frei Christovão de Lisboa, tio do Secretário das Mercês, Gaspar de Faria Severim, e que na maior parte trata da História Natural.

Em outra biblioteca, de D. Antonio Alvares da Cunha, ele viu outro manuscrito intitulado — História Natural e Moral do Maranhão e Pará por Frei Christovão de Lisboa, bispo eleito de Congo e Angola.

O jesuíta Diogo Soares que acompanhou o padre Capaci, não somente satisfez a obrigação que lhe tocou de trabalhar nas cartas geográficas da capitania do Rio de Janeiro, mas também escreveu uma história natural dos rios, montes, árvores, ervas, frutos e animais do Brasil.

Também dela trataram os outros dois jesuítas, José da Costa e Simão de Vasconcellos.

Havendo o Senhor Rei D. José, o 1º de saudosíssima memória, ordenado a reforma geral dos estudos na Universidade de Coimbra, mandou que entre eles se cultivasse o da História Natural. Cultivou-a, em nossos dias, seu augusto neto, o Senhor D. José, Príncipe do Brasil, que sucedeu seu irmão o Sr. Dom João. Antes de S.S.A.A., a tinham cultivado e honrado seus augustos tios, os sereníssimos senhores D. Antônio e D. José. Sempre a estudaram e protegeram, os Exmos. Martinho de Mello, o Castro, Marquês de Angeja (falecido) e Luiz Pinto de Souza Coutinho.

O primeiro que se doutorou nesta faculdade, na Universidade de Coimbra, foi o Exmo. Visconde de Barbacena, filho.

D. Alexandre da Terceira Ordem de S. Francisco que passou a Bispo de Pekim, estudou a História Natural como uma disciplina preparatória para as matemáticas, na mesma Universidade de Coimbra.

Quanto ao Brasil, S. Exa. o Sr. Luiz Pinto de Souza Coutinho, o terceiro governador e Capitão-General das capitanias de Mato Grosso e Cuiabá passou a ser mensageiro de Sua Majestade Fidelíssima, na corte de Londres. De todas as suas escrupulosas averiguações concernentes à História Natural, tanto em viagem desde o Pará até aquela capitania, como dentro delas, comunicou a Mr. Robertson algumas notícias e manuscritos seus, o qual ingenuamente se explica, à S. Exa. pelo teor que consta no prefácio da sua história; e por esta razão me dispenso em tentar tocar esta matéria.

Da ordem do Exmo. Marquês de Lavradio quando Vice-Rei do Brasil, se estabeleceu e cultivou no Rio de Janeiro, um pequeno horto botânico sob a inspeção do médico da sua câmara, ajudado pelos conhecimentos de seu pai e de seu irmão Manoel Joaquim Henrique de Paiva. Jamais se viu tanto adiantamento de botânica, química e farmácia! Uns dos manuscritos que vi do referido médico tratava extensamente da cochonilha. Tanto desta como de muitas outras produções naturais, a Sua Exa. enriqueceu o Real Gabinete de História Natural, fazendo ali aparecerem pela primeira vez, os mais belos e decorados quadros de borboletas brasileiras, além de muitas aves, pedras e cristais preciosos. Uma boa parte da decoração deste gabinete é devida ao bom gosto e delicadeza do sucessor de S. Exa. o Exmo. Luiz de Vasconcellos e Souza em cumprimento das ordens expedidas pelo Ilmo. e Exmo. Martinho de Mello e Castro, fundador e conservador do referido gabinete. O Exmo. Luiz de Vasconcellos fez recolher, acondicionar e remeter entre muitos outros produtos naturais, a mais rara, mais variada e mais industriosa coleção de aves preparadas que jamais se viu na Europa.

Na Capitania do Maranhão pelo tempo que governou o Exmo. José Telles da Silva, não deixou Sua Excia. de mandar observar e recolher muitos produtos naturais, empregando nestas e outras diligências, o talento e a aplicação que sempre teve João Machado, ex-aluno da Faculdade de Filosofia de Coimbra. Ele fez por ordem de sua Excia. uma excursão filosófica à capitania do Ceará; e quando a Sua Excia. voltou para a corte, fez transportar, para que se pudesse vê-los, alguns gentios Gemelas que são na verdade dignos de serem vistos pelos europeus, tal a deformidade trabalhosa de seus lábios.

Da capital de Mato Grosso, volta para a corte de Lisboa o quarto governador e Capitão-General Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. Este, não cessou de empregar pelo espaço de quase 17 anos as mais eficazes diligências para completar um Gabinete Mineralógico por ser esta a parte da História Natural cujo aumento favorecia, mais particularmente a sua situação. Deste gênero de produções é transportada para a Europa a mais vasta, mais selecionada e mais rica coleção que se pode desejar. Sua Exa. juntou mais alguns animais preparados, desenhos de todo o gênero de produções dos três reinos e prospectos.

A capitania de Minas Gerais é governada pelo Exmo. Visconde de Barbacena, Luiz Antônio Furtado, o primeiro Dr. que teve a Faculdade de Filosofia depois da felicíssima restauração das letras na Universidade de Coimbra. É também Secretário da

Academia Real das Ciências de Lisboa, bem conhecido pelos seus talentos e estudos jurídicos, matemáticos e filosóficos. Aproveitando Sua Exa. a ocasião para ampliar a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, a Geografia, a Hidrografia, etc. — o que facilmente consegue aquele que pode, quer e sabe.

Dentro da mesma capitania e no distrito da cidade de Mariana, existe o Dr. Joaquim Roiz Vellozo, o segundo Dr. que teve a referida Faculdade e a quem o Real Gabinete deve uma grande parte de seu escolhido herbário brasileiro. Ele o enriqueceu com bastantes esqueletos de plantas, fora as suas observações mineralógicas, instituídas particularmente em minas próprias.

Ao Dr. Astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes foi oferecido um teatro bem vasto para as milhares de observações filosóficas que enriquecem os seus diários, não somente das sucessivas viagens que fez pelos rios Amazonas, Negro, Branco e Madeira, mas também as viagens no interior da capitania de Mato Grosso pelos rios Mamoré, Guaporé, Paraguai, Cuiabá, etc.

Na cidade da Bahia estão residindo os dois Bacharéis José da Silva Lisboa, Professor Régio de Filosofia Racional e Moral e Serafim Francisco de Macedo. Ambos profundamente instruídos nas línguas orientais e nas ciências filosóficas e matemáticas. Os dois, já neste tempo, talvez tenham prevenido a expectativa do público na participação dos frutos de seus trabalhos e aplicações.

Na cidade do Pará encontra-se o Capitão Luiz Pereira da Cunha, remetido para o Real Gabinete e por minha comissão lhe deixei um sem número de produções dos três reinos, merecendo entre elas, uma distinta estimação as muitas plantas vivas que têm feito transportar para o Real Jardim Botânico. A respeito do desvelo com que aquele útil patriota se interessa o quanto pode em repetir e variar as suas remessas, já por duas vezes se tem dignado o Exmo. Ministro da Repartição de Ultramar de lhe significar da parte de sua Majestade, a aceitação e o apreço que delas faz.

Eu, há seis anos e meio que trato de observar e recolher algumas participações e memórias e as tenho posto na presença de Sua Majestade assim como os diferentes objetivos de minha comissão. As que me têm sido possível ordenar de modo que se possa ler, são as seguintes: Dissertação sobre a Alvacora, de 18 de setembro de 1783; Viagem à Ilha Grande de Joannes, de 20 de dezembro; Descrição do engenho de descascar e branquear o arroz, segundo o fez construir na Ilha de Cutijuba, o seu dono o Capitão Luiz Pereira da Cunha, de 27 de fevereiro de 1784;

Estado presente da agricultura do Pará, representado a Sua Exa. o Sr. Martinho de Souza Albuquerque, de 15 de março; Miscelânia Histórica, para servir de explicação ao prospecto da cidade do Pará, de 8 de novembro.

Memórias — Sobre as tartarugas que foram preparadas e remetidas nos caixões n.º 17 da primeira remessa do rio Negro, de 3 de fevereiro de 1786.

Sobre os peixes-boi que foram preparados e remetidos da Vila de Santarém, de 4 de fevereiro.

Sobre as cuias que fazem as índias da Vila de Monte Alegre, para serem anexadas às amostras que se remeteram no caixão número primeiro da primeira remessa de 5 de fevereiro.

Sobre as salvas e outros utensílios curiosos que fazem de palhinha, as índias das Vilas de Santarém e Alter do Chão; de 5 de fevereiro.

Sobre a louça que fazem as índias do rio Negro; para ser anexada às amostras que foram remetidas nos caixões números 1, 5 e 8 da primeira remessa; de 5 de fevereiro.

Sobre o isqueiro ou caixa de guardar a isca para o fogo e sobre os lisos das canas e dos caniços com relação às artes; de 9 de fevereiro.

Sobre os instrumentos que os gentios usam para tomarem o tabaco de Paricá; de 13 de fevereiro.

Sobre os gentios Curutus que habitam no Rio Apaporiz; acompanhada de uma tábua que representa a planta e o alçado em perspectiva de cada uma das suas malocas; de 20 de fevereiro de 1787.

Sobre os gentios Mauás que habitam no rio e seus confluentes; de 20 de fevereiro.

Sobre os gentios Jurupexunas que habitam no rio Purus e em alguns outros da margem austral do rio Japurá; de 20 de fevereiro.

Sobre a Marinha Interior do Estado do Grão-Pará, particularmente em relação ao Ilmo. Exmo. Sr. Martinho de Mello e Castro na qualidade de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha; de 26 de março.

Sobre o peixe Pirarucu; de 30 de abril.

Sobre os gentios Caripunas que habitam a margem ocidental do rio Jatapu que desagua na margem oriental do rio Uatuman; de 28 de agosto.

Fig. 3 — Cephalopterus ornatus (Geoffroy Saint-Hilaire, 1809)
Pavão-do-mato — Livro Museu Nacional — Aves, Estampa 7.

Sobre os gentios Uariquenas que habitam nos rios Içana e Ixié, confluentes da margem ocidental da parte superior do rio Negro; de 29 de agosto.

Sobre os gentios que voluntariamente desceram para as povoações dos rios Negro, Solimões, Amazonas e Madeira; de 30 de agosto.

Sobre as máscaras e farsas que fazem para os seus bailes, os gentios Jurupexunas; de 31 de agosto.

Sobre os gentios Cambebas que antigamente habitaram as margens e ilhas da parte superior do rio Solimões; de 17 de setembro.

N.B. — das muitas outras memórias e dissertações particulares sobre alguns animais e plantas como o cacau, café e o tabaco, estão prontas as suas minutas, porém, até agora não se tem podido reduzir à sua devida forma.

Participações — Nas quais compreende a história geral e particular do estado presente de cada uma das povoações do rio Negro, acompanhadas dos seus respectivos mapas da população, da colheita e das cabeças de gado de cada uma delas.

Ditas da parte superior — Participação do lugar de Moreira; de 17 de janeiro de 1786. Da Vila de Thomar; de 30 de janeiro. Do lugar de Lamalonga; de 5 de fevereiro. Da povoação de Santa Izabel; de fevereiro. Ditas das ditas anexas à Fortaleza de S. Gabriel; de 30 de março. Ditas das ditas anexas à Fortaleza de S. José de Marabitenas' de 14 de junho. Ditas das viagens aos rios Cauaburys, Padauiry e Maracá; de 18 de junho.

Ditas da parte inferior — Participação da Vila Capital de Barcelos; de 31 de outubro. Do lugar de Poiares; de 16 de novembro. Do lugar de Carvoeiro; de 12 de dezembro. Da Vila de Moura; de 11 de maio de 1787. Do lugar de Airão; de 7 de junho. Da Fortaleza da Barra; de 30 de junho. De todo o rio em geral; de 28 de (?).

Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamíferos observados nos territórios dos três rios Amazonas, Negro e Madeira, com descrições circunstanciadas de quase todos os naturalistas modernos e antigos e principalmente a dos Tapuias; de 28 de fevereiro de 1790.

Estão prontas mas ainda não foram copiadas as minutas seguintes:

Viagem ao rio Branco.

Relação circunstanciada dos três rios Madeira, Mamoré e Guaporé até a capital de Mato Grosso.

Observações filosóficas e políticas sobre as minas de Mato Grosso e Cuiabá, enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso etc. Umas e outras têm sido feitas mediante os auxílios que para este fim me têm dado os meus patrocinadores.

Inperennem grati animi significationem

PRIMEIRO

O Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Mello e Castro do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, seu Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, etc.

Adiantou as obras do Real Jardim Botânico da Ajuda e o enriqueceu de um sem número de plantas indígenas e exóticas; promoveu as experiências químicas que por ordem de Sua Exa. continuaram a ser feitas no Real Laboratório. Estabeleceu o Real Gabinete de História Natural. Chamou o Naturalista da Universidade de Coimbra e o apresentou à Sua Majestade para o encarregar da História filosófica e política dos estabelecimentos portugueses no Estado do Grão-Pará. Proveu-o de mão cheia, de todos os livros e instrumentos preciosos e nomeou dois desenhistas e um jardineiro botânico para o acompanharem, exercitando cada um o emprego de sua profissão. E para todos alcançou de Sua Majestade uma grande ajuda de custo. Consignou o ordenado de quatrocentos mil réis por ano ao naturalista, e de trezentos aos demais empregados, além do sustento cotidiano e das despesas de transportes. Contemplou o irmão do naturalista em um dos canonicatos da sede arquiepiscopal da cidade da Bahia. Honrou-o e protegeu-o por obras e palavras.

Quare — ... Erit ille mihi sempre Deus: ... tener nostris ab ovilibus imbuet agnus.

SEGUNDO

O Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza e Albuquerque do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, seu governador e Capitão General das capitanias do Pará e Rio Negro, etc.

Honrou-o com sua companhia na viagem de Lisboa para o Pará. Ali lhe ofereceu a honra de residir, se quisesse, no Palácio de sua residência. Sem a menor demora o expediu para a ilha

Grande de Joannes, permitindo-lhe, quando voltou, a honra de acompanhar a Sua Exa. na viagem que fez ao rio Tocantins. Protegeu todas as suas dependências públicas e particulares.

Previu as suas necessidades para a viagem ao rio Negro, munindo-o de uma portaria franca para tudo quanto precisasse. Ordenou que fosse construída uma canoa cômoda e decente para o seu transporte. Recolheu no seu palácio e fez acondicionar e remeter os volumes dos produtos naturais. Promoveu a Alferes dos índios, das suas povoações, dois índios: Cipriano de Souza e José da Silva por terem servido de preparadores dos referidos produtos, com a mesma habilidade e sujeição que o naturalista havia demonstrado. Tudo informou a Sua Majestade e todos os seus pedidos foram atendidos por Exa.

Quare — Infreta dum fluvii current dum montibus umbrae lustrabum convexa, polus dum sydera pascet, semper honos, nomen que suumt laudes que manebunt.

TERCEIRO

O Ilmo. e Exmo. Senhor João Pereira Caldas, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, seu Governador e Capitão General nomeado para as capitanias de Mato Grosso, Cuiabá e nos respectivos distritos de seus governos e do Estado do Grão-Pará. Encarregado de execução do tratado preliminar de limites e demarcaçãc dos domínios reais, etc.

Preveniu, antes da chegada do naturalista à Vila Capital de Barcellos, uma decente acomodação, para ele e os demais empregados. A todos recebeu, agasalhou e beneficiou, contemplando-os na Mesa ordenada por Sua Majestade para os empregados na Diligência da Demarcação. Instruiu e enriqueceu o naturalista de um sem número de conhecimentos, fazendo-lhe a honra de lhe confiar repetidas cópias das ordens compreendidas nos bandos, editais, portarias, avisos, cartas circulares e particulares, expedidos por Sua Exa. e pelos seus predecessores, sobre as diferentes repartições e dependências da população, agricultura, comércio, navegação e das manufaturas do estado. Solicitou de sua parte, adquiriu e ofereceu muitos produtos e curiosidades naturais, e com as quais multiplicou e engrandeceu as remessas que fez aprontar e expedir. Recomendou-o aos comandantes e diretores de ambas povoações todas as vezes que o expediu para as suas diligências: a primeira para a parte superior do rio Negro e a segunda para o rio Branco. Deu informações a respeito dele à Sua Majestade e o distinguiu com todas as demonstrações de proteção e amizade.

Quare — Ante pererratis amborum inibus, exul. Aut ararim parthus bibet, aut germania... Quam nostro llius labatur pectore vultus.

Passo a inventariar os mamíferos que pertencem a esta primeira repartição do viveiro da natureza. Seguindo a distribuição de Lineu quanto às classes, porém, com o devido respeito a tão grande mestre, nem todas as classes eu sigo as ordens. Tais são as que estabeleceu para a referida classe dos mamíferos, tirando os seus caracteres principalmente dos dentes. Deles e dos pés, já havia tirado Brisson. Dos pés serem vinculados ou ungulados, tiraram Rayo, Klen, Halden e Brunnick. Vejo que no sistema de Lineu ficaram reduzidos a pequenas ordens, o manatus e o delphinus; o vespertilio e o noctilio; o rinoceronte e o elefante; e para se familiarizar e reduzir a uma mesma ordem, por exemplo: o cão (que é quadrúpede e terrestre) e a foca (que é pinada e pelágica); ambos opõem-se às leis das afinidades. Veja portanto a sinopse do método que sigo, dividindo em três famílias gerais, da maneira seguinte:

MAMAIS

I — QUADRÚPEDES

TERRESTRES

UNGÜICULADOS

— com as unhas planas e ovais.
— S. N. Primates
1 Homo
2 Simio
3 Lemur
— Com as unhas agudas
— S. N. Bruta
4 Bradypus
5 Myrmecophaga
6 Manis
7 Dasypus
— S. N.
8 Canis
9 Felis
10 Viverra
11 Mustela
12 Ursus
13 Didelphis
14 Talpa
15 Sorex
16 Erináccus
— S. N. Glires
17 Hyxtrix
18 Lepus
19 Mus
20 Sciurus

UNGULADOS

— De unha inteira
— S. N. Belluoe
21 Equus
— De unha rachada
— Não ruminantes
— S. N. Bruta
22 Elephas
— S. N. Belluoe
23 Rhinoceros
24 Sus
— Ruminantes
— S. N. Pécora
25 Camellus
26 Moschus
27 Cervus
28 Capra
29 Ovis

ANFÍBIOS

UNGÜICULADOS

30 Bos
— S. N. Glires
31 Castor
32 Ray. Lutra
— S. N. Belluoe

UNGULADOS

33 Goter Hydrochoeris
34 Hippopotamus
35 Gesn. Rosmarus

II — ALADOS

VOADORES

— com os pés alados, ou com o tronco, e os membros contornados de uma membrana ambiente
— S. N. Primates
36 volans — *Lemur*
37 *Vespertilio*
38 *Noctilio*

— com os hipocôndrios fixos
— Mihi Genus 39 *Glis*
— Species
a) *murinus* s. *Mus volans*. Lin.
b) volans s. *Sciurus volans* Lin.
c) *sagitta* s. *Sciurus sagitta* Lin.

III — PINADOS

NADADORES

— sem fístula na cabeça
— S. N. Belluoe
40 *Manatus*
— S. N. Ferae
41 *Phoca*

— com fístula na cabeça
— S. N. Cete
42 Monodon
43 Baloena
44 Physeter

45 Delphinus

Heu quam polymorpha inhis nutura? quoe dam propria facie distincta; nonnula piscibus, (Ictymorpha) alia homini similia (Antropomorpha) Sunt Aqualilia, terrestria, amphibia, volitantia. His tegmen nudum, iis pilosum; his maxilloe dentatae, aliis e dentulae; quibusdam artuum fines ungula tecti, unguibus amati. Statio quoque, statura, vox, sua fere cuique. Quoe dam carnivora, agilia, inquieta, solitaria; alia phytiphaga, insectivora, polyphaga, ignava, gregaria. Riminant aliqua, alia minime. Hybernant non pouca, persistunt non nulla; alia cuniculus inhabitant, dum coe tera, domicilio destituta, incerta lege vagantur, noctu, and interdiu; animalibus aliis, aut, vegelantibus infensa.

(Scopol. Int. ad Hist. Nat. XII pág. 485)

1ª ORDEM — DOS QUADRÚPEDES

1ª DIVISÃO — DOS TERRESTRES

UNGUICULADOS — Com as unhas planas e ovais

I — Gênero HOMO (Syst. Nat.)

1 — *Homo sapiens*

Abá Mira — Homem.

1ª) — Var. *americanus*

Tapuia — apegau a (macho), Cunhã a (fêmea)

Índio (*a*), americano (*b*), caboclo (*c*).

N.B.: (*a*) Que pelo nome de índios, foram os espanhóis os primeiros que trataram os americanos, tendo entre eles justificado esta denominação o engano em que veio e voltou do descobrimento da América o genovês Cristóvão Colombo. Porque ele sustentou a idéia de que os países que descobriu faziam parte da Ásia, a qual se estendia sob a denominação geral de Índia. Em razão de sua autoridade e da viagem que acabava de fazer, moveu os Reis Católicos, Fernando e Isabel, a aceitarem seu engano, tratando S.S.M.M. pelo nome de Índias as primeiras descobertas na ratificação que fizeram, em 1493, de todos os privilégios estipulados no antecedente Tratado de Santa Fé, de 17 de abril de 1492. Esse engano foi depois emendado com a distinção de Ocidentais, que se acrescentou à denominação de Índias, em vista da verdadeira situação da América. Porém, aos seus habitantes, se conservou o antigo nome de índios, que foi o primeiro que lhe deram os europeus.

(*b*) que Gentil Homem Florentino, que na expedição do ano de 1499 acompanhou o espanhol Alonso Oyeda, deu ao Novo Mundo o nome de Américo Vespúcio, denominando-a de América, e aos

seus habitantes de americanos. Não que fosse Vespúcio que a descobrisse, porque antes dele já havia feito isso o seu primeiro descobridor, Colombo, principalmente nas três viagens que fez; a primeira em 1492, que foi quando descobriu a Ilha de Guanani, uma das Lucaias, ou das Bahamas, à qual deu o nome de São Salvador, as de S. Maria, Conceição, Fernando, Isabel e Cuba, a do Haiti, à qual deu o nome de Hispaniola, e a de Cibao. A segunda, em 1493, quando descobriu uma das Caraíbas, ou ilhas do vento, à qual deu o nome de Descada, e sucessivamente, as de Dominica, Maria Galante, Guadeloupe, Antigua, São João do Porto Rico e Jamaica, e fundou, em honra da Rainha da Espanha, a cidade de Santa Isabel, que foi a primeira fundada na América pelos europeus. A terceira, em 1498, em que descobriu a ilha de Trinidad, na costa da Guiana, perto da foz do Orinoco, às costas das províncias de Paria e de Cumâna, e as outras ilhas de Cubagna e Margarida, que depois se fizeram tão célebres pela pesca das pérolas. Como porém Américo Vespúcio foi o primeiro que escreveu e publicou uma circunstanciada relação do Novo Mundo, encantando as atenções dos europeus com aquela nova e maravilhosa perspectiva, onde tudo era produção natural, costumes e instituições diversas, conseguiu atribuir a si mesmo a honra de ser o seu primeiro descobridor. Por este modo, a pretensão ardilosa de um feliz impostor, roubou ao autor de tão grande descoberta a glória que era toda sua (História da América, T.I., pág. 201) e o prêmio de seus estudos e trabalhos foram as enfermidades e desgostos de que faleceu.

Por toda a parte por onde andava, trazia consigo, para monumento da ingratidão dos espanhóis, os ferros que o mandou carregar Francisco de Provadilha, quando o remeteu preso da Hispaniola para a Espanha. Ele os tinha sempre dependurados na sua canela, e quis que, por ocasião de sua morte, os sepultassem com ele em seu jazigo (Vida de Colombo, cap. 86, pág. 677). Como o demonstra a razão, de acordo com a revelação de que a todas as ações humanas preside a justiça de Deus, não se poderão considerar as desgraças de Colombo como uma vingança aos americanos da nação para a qual ele os descobria e conquistava? Ele mesmo, com a aparente justiça de punir a opressão dos espanhóis praticada através dos caciques de Ciboa, lhes declarou a guerra, e impôs as taxas de 1495, depois que viram que, o ouro, as mulheres e os mantimentos, eram os motivos de suas aspirações. Hernan Cortez, em 1512, mandou queimar vivo, numa fogueira que fez de todas as armas dos mexicanos, o infeliz Gualpopoca, que era filho de Montezuma, o Imperador do México. Ao mesmo Motezuma, com uma atrocidade sem exemplo, prendeu a ferros e deixou-o morrer insultado às mãos de seus vassalos. Seguindo seu exemplo, Francisco

Pizarro, de comum acordo com o padre Vicente Valverde, praticou, em 1532, a perfídia de não somente prender o simples Atahualpa, inca do Peru que, de boa fé, vinha visitá-los em seu quartel, mas também, depois de darem um golpe baixo, passaram à espada quatro mil peruanos e lhes saquearem seus bens. Ao mesmo Atahualpa, condenaram primeiramente a ser queimado vivo, como inimigo da Corôa de Espanha, porém, como requereram o batismo (único meio, como lhe propôs o padre, de se moderar sua pena), mandaram-no atar à um poste, onde foi estrangulado. Isso lhe custou a vida não só pela avareza de seus conquistadores, mas também pela zombaria que lhe fez o chefe espanhol, quando viu que era tal que nem sabia ler.

(*c*) Caboclos verdadeiramente são filhos de índio com preta.

Entre nós, desde o princípio, se chamaram os filhos:

a — de pai e mãe europeus — MAZOMBOS.

b — de europeu com tapuia — MAMELUCOS.

c — de europeu com preta — MULATOS.

d — de tapuia com preta — CABOCLOS, CURIBOCAS.

e — de pai e mãe pretos, nascidos no Brasil — CRIOULOS.

Estes são os que o habitam, sendo os naturais os referidos tapuias.

MONSTRUOSOS POR ARTIFÍCIO

(Das Capitanias do Pará e Maranhão)

a — CAMBEBA ou OMÁGUA

(Voyage de l'Amerique Meridionale, endescendant la Riviere des Amasones. Par Mr. De La Condamine. Pág. 72). Com a cabeça chata, em figura de mitra. Memória de 17 de setembro de 1787.

b — UEREQUENA ou ORELHUDO

Com as extremidades das orelhas rasgadas e distendidas até os ombros. Mem. de 30 de agosto de 1787.

c — MIRANHA

Com as ventas furadas exteriormente. Mem. de 4 de junho de 1788.

d — TURÁZ e CARIPUNAS do rio Madeira.

Com um furo na cartilagem que divide interiormente as ventas. Relação do Rio da Madeira. Tit.

e — GAMELA

Com o lábio inferior rasgado circularmente e distendido por uma rodela de madeira, ficando orlada com o lábio em forma de gamela. Há muitas nações de gentios com os lábios e as orelhas furados.

f — JURUPIXUNA ou BOCA-PRETA

Com a face mascarada de cinza das folhas da palmeira Pupunheira. Memória de 20 de fevereiro de 1787.

g — MAUÁ

Com o ventre espartilhado e cingido pelas entre-cascas das árvores. Memória de 20 de fevereiro de 1787.

h — TUCURIA

As mulheres com o clitóris castrado.

MONSTRUOSOS POR NATUREZA

i — CATAUXÍ ou PURUPURU

Com as mãos e os pés malhados de branco. Memória de 4 de junho de 1788.

I — Será certo, que entre as muitas nações de gentios que habitam no Juruá, confluente do rio Solimões, existe a dos CAUANÁZ, espécie de pigmeus de estatura tão curta, que não passam de cinco palmos?

II — Será certo, que a dos UGINAS, no mesmo rio, consta de tapuias *caudatos?* Veja-se a certidão abaixo:

«Frei José de Santa Thereza Ribeiro, da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da antiga observância, etc. Certifico e juro *inverbo sacerdotis* aos santos Evangelhos que, sendo eu missionário na antiga Aldeia de Paravari, a qual depois se mudou para o lugar que hoje se chama Nogueira, chegou à dita Aldeia, no ano de 1751 ou 1752, um homem chamado Manuel da Silva, natural de Pernambuco ou da Bahia, vindo do Japurá com alguns

índios resgatados. Entre esses índios, trazia um bruto, infiel e de idade mais ou menos de 30 anos, o qual, me certificou Manoel da Silva, tinha rabo. Por eu não ter dado crédito a tão estranha novidade, mandou chamar o índio e o fez despir-se, com o pretexto de tirar algumas tartarugas que eu tinha num curral, para, deste modo, eu poder examinar a sua verdade: com efeito vi, sem parecer engano algum, que o citado índio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar e do comprimento de meio palmo, coberto de couro liso e sem cabelos. Afirmou-me o mesmo Manoel da Silva que o índio lhe dissera que todos os meses cortava o rabo para não ser muito comprido, pois crescia bastante. Não examinei a nação do índio e a parte certa onde habitava, nem se tinham rabo os demais índios de sua nação. Porém, há quatro anos mais ou menos, chegou-me a notícia que, no rio Juruá, há uma nação de índios com rabo.

Por tudo ser verdade, passei esta de minha letra e sinal, Castro de Avelaens em 15 de outubro de 1768». (Roteiro de Viagem da Cidade do Pará para a Capitania de S. José do Rio Negro).

Fundado neste documento, foi que depois, falando destes gentios, o Dr. Francisco Xavier Ribeiro Sampayo escreveu o que consta do seguinte extrato:

«Diz-se que os índios desta nação têm rabo de comprimento de três ou quatro palmos, ou mais. Atribui-se à origem desta nação o ajuntamento das mulheres com os monos coatás, e, por isso, se chamam coatá-tapuia. Parecerá esta relação uma fábula ou, melhor dizendo, uma quimera, mas nada tem de impossível a relatada origem, como mostra o testemunho de um grande número de índios que desceram o Juruá e conheceram aquela nação e, sobretudo, o incontestável documento de uma certidão jurada que eu vi escrita pelo Reverendo Padre Frei José de Santa Thereza Ribeiro, com o qual falei na vila de Serpa, na ocasião em que se recolhia para a cidade do Pará, etc.» (Diário de viagem em correição e visita das povoações da Capitania de S. José do R. Negro nos anos de 1774 e 75).

Reflita agora o leitor:

a — Que se tivessem os ascendentes de semelhantes índios procedidos do cruzamento das mulheres com os monos coatás, nunca se propagariam a ponto de constituírem nação, porque as espécies híbridas não se multiplicam. Sabe-se que o macho e a mula são estéreis, sendo que ambos procedem de espécies diferentes, porém do mesmo gênero — *Equus*. De jumento e égua procede

o mulus, e de cavalo e burro o hinnus. Ora, os coatá-tapuias, ou descendentes dos coatás, procederiam não apenas de espécies, mas também de gêneros diferentes, ou seja *Homo* e *Simia*.

b — O que aquele Padre certifica ter visto, foi um índio com cauda, e não uma nação de índios caudatos. Nem de semelhantes índios têm dado notícia alguma tanto os portugueses como os espanhóis, que, aliás, têm se entranhado muito pelos rios para trazerem tapuias ou extraírem as drogas dos sertões.

c — Que a mesma cauda que viu não tinha o comprimento de um palmo nem de quatro, ou mais, como dizem outros. O que informou o chefe daquele descimento, sobre a palavra do índio, que para não crescer a cauda a cortava todos os meses, não encontra exemplo na Natureza entre os quadrúpedes caudatos, como o macaco, o cão, o gato e outros, nos quais, uma vez cortada a cauda, nunca mais cresce, muito menos em tão pouco tempo, como o de um mês. Isto acontece apenas às cobras, entre os anfíbios e a alguns lagartos, etc.

d — Poderia ter sucedido que, por uma aberração da natureza, se tivesse prolongado a extremidade da espinha dorsal naqueles índios num processo vertebral que parecesse e realmente fosse uma cauda, sem que daí se pudesse deduzir fundamento algum para a admissão cega e gratuita de uma nação de tapuias caudatos.

e — Sei que no tomo 6º das Amenidades Acadêmicas de Lineu, pág. 70 — tab. 76 — fig. 2º, se faz menção do *Lucifer*, ou *Homo caudatus* de Maupert (Epist. 7º de Kop It 79; de Boncio Tav. 85) o qual se parece com o de gênero quadr. 859, e com o de Aldrouando Digilo 249. Porém, dado o caso que ele pertencesse ao gênero *Homo*, o que até então não se pôde determinar pela falta de conhecimentos circunstanciados, sendo estes aliás precisos para se determinar se era homem ou símia. Nunca pertenceria à mesma espécie que nós, e os tapuias até hoje conhecidos. Visto que no mesmo tomo 6º da obra citada, e na mesma tábua, se representa na figura 1º a do homem noturno (orangotango nas Índias orientais. — Pongo, em Loanda. — Enjocko, no Congo. — Pigmeu de Guiné e selvagem pelos Portugueses. — Brill, por Bosman. — Baris ou Barris por muitos viajantes), que Lineu distingue pelo nome específico de *troglodytes;* Boncio pelo homem silvestre e de orangotango (Tav. 84, Tab. 84) e Kop, pelo de kakurlacko (It. c. 86) do qual diz o citado Lineu (Syst. Nat. de 1776, pág. 33):

«Speciem Troglodytoe, ab Homine sapiente distinctissiman nec nostri Generis illam, nec sanguinis esse, estatura quamvis simillimam, dubium non est, ne itaque varietatem credas, quam vet sola membrana nictitans absolicte negal, et mamum logitudo.»

Donde se segue que, basta o comprimento das mãos para *distinguir* o orangotango da nossa espécie, que é a mesma dos tapuias conhecidos. Com maior razão os coatá-tapuias se distinguiriam da espécie dos demais tapuias em parte, pela mistura com o sangue de mono, e por outra, a diferença da cauda. Veja-se em semelhantes matérias o que, com o seu bom senso ordinário, escreve o autor da História da América:

«Se a mão da natureza parece não ter seguido mais que um só modelo na formação da figura do homem americano, a imaginação aqui tem criado fantasmas tão bizarros como diversos. As mesmas fábulas que se haviam espalhado pelo antigo continente, ressuscitaram no novo mundo, e a América também foi povoada de seres humanos de forma monstruosa e fantástica. Diziam que certas províncias eram habitadas por pigmeus de três pés de altura, que outras produziam gigantes de uma enorme grandeza. Alguns viajantes publicaram descrições de certos povos que tinham apenas um olho. Outros pretendiam ter descoberto homens sem cabeça porém com os olhos e a boca no peito. Sem dúvida, a variedade da natureza em suas produções é tão grande que seria presunção querer fixar limites à sua fecundidade (*Mihi contuenti se se, persuasit rerum natura, nihij incrediblle existimare de ca,* Plin. 153) e rejeitar indistintamente toda a relação que não se conformasse à nossa experiência e às nossas curtas observações. Porém precipitar-se logo a adotar sobre provas as mais ligeiras, tudo quanto apresenta um caráter de maravilhoso, vem a ser este outro extremo ainda menos digno de um espírito filosófico...

À medida que se vão adiantando os conhecimentos, e que a natureza vai sendo observada por olhos mais exercitados, assim também se vê que vão desaparecendo as maravilhas que encantavam os séculos da ignorância, puseram-se em esquecimento os contos espalhados na América por viajantes crédulos. Em vão se tem buscado os monstros que eles descreveram e sabe-se hoje em dia que todas essas províncias onde pretendiam ter achado habitantes de uma forma extraordinária, são realmente habitados por povos que em nada diferem dos outros americanos» (Tomo 2, pág. 78).

II — Gênero SIMIA (Syst. Nat.)

Macaco, bugio, mono.

II — a Diurnos, barbados e com a cauda longa e convoluta (Notoe primariae simiarum sunt cauda recta, s,, prehensilis, Nates calvae s, tectoe, unguis rotundati, e, subulati. Mentum barbatum, s, imberbe. Syst. Nat., pág. 41).

2 — GUARIBA

Cercopithecus niger, pedibus fuscis: Brisson, Quad. 194. *Cercopithecus*: Meerkatz, Jonst. Quad. T. 61. fig. 3. Guariba: Marcgrav, Brasil, pág. 226. Quenons appelees Oarines, toutes noirs, etc. grandes, comme les grands chiens. Miss. du P. Abewille, pág. 152. Singes de la baie de Campeche. Dampierre, Tom. 3, pág. 304. Ouarine: De Buffon, Hist. Nat., T. 30, pág. ... Belzebul, caudata, barbata, nigra, cauda prehensili extremo, pedibus que brunneis: Linn., Syst. Nat., spec. 12.

É um macaco grande. Do tamanho de uma rapôsa, diz Marcgrav; do de um cão grande, Abeville Binnef (Voyag. de Binnef. págs. 342 e 345); de muito maior corpulência que a lebre, Dampierre. De Buffon, depois de tratá-lo como o maior dos animais quadrumanos do Novo Continente, dizendo que, em corpulência, excede aos mais corpulentos bugios, e que, em grandeza, se aproxima aos monos (Voyag. págs. 7 e 8), ultimamente o descreve do tamanho de um galgo (pág. 18), que é o que lhe dá De La Condamine (Voyag. sur la riviere des Amazons, pág. 164).

Quanto à mim, pelo que tenho visto, a mais justa das proporções acima é a que mais o aproxima aos monos da África. Os machos são poucos maiores que as fêmeas. Todo o seu corpo, desde o vértice da cabeça até a cauda, excetuada a parte inferior de sua ponta, é coberto de pelos, que embora pelo corpo sejam menores que os da barba e colo inferior, não deixam todos de serem compridos, lisos e luzidios. E, à exceção dos pelos dos braços, das pernas e da metade da cauda até a sua ponta, todos os outros são pretos e azevichados.

A cabeça é ossuda, grossa e proporcional ao seu corpo; a face é larga e quadrada; os olhos são redondos, pretos e vivos; orelhas curtas e arredondadas; nariz largo e chato na base, com as ventas abertas nos lados e não na parte inferior, sendo a cartilagem que as divide muito grossa; a boca é aberta proporcionalmente, com trinta e seis dentes em ambas as maxilas, e as barbas compridas; a garganta com o nó proporcionlmente muito mais grosso que o dos outros animais. A estrutura do osso hióide é singular.

O tronco é toroso e mais ou menos ajustado às proporções acima; os assentos são cobertos e sem calosidades. Possuem quatro pés, e a cauda lhes serve de quinto, porque com ela se firma e prende nos ramos das árvores; todos são cobertos de pêlos fuscos e pardos, em cada um tem cinco dedos, com outras tantas unhas ovaladas. A cauda é comprida, e, até mais da metade do seu comprimento, coberta de pêlos pretos como os do corpo. Po-

rém, com a ponta convoluta e na sua parte superior vestida de pêlos fuscos como os das mãos e dos pés, e na inferior calosa, preta lisa e sem pêlos.

Em todo grupo dos macacos americanos, tem esta espécie um lugar bem distinto, tanto pelo seu talhe, como pela sua voz, a qual são como um tambor e se faz ouvir a uma grande distância (De Buffon, pág. 8). Andam aos lotes, não pela terra, mas saltando de uma à outra árvore, o que executam com indizível celeridade, e fazendo mil momices com os olhos e com a bôca. Tomam infinidade de posturas extravagantes, e até rangendo com os dentes quando se enraivecem ao se verem perseguidos, o que se for até por duas pessoas, então o seu furor os transporta à excessos de quebrarem galhos das árvores para fazerem tiro com ele, o mesmo fazendo com sua própria urina e com os seus excrementos (Dampierre, Tom. 3, pág. 304).

São ferozes e indomáveis, mas, ainda que não o fôssem, não convidam muito à domesticá-los, tanto pelo seu ar imprudente, como por sua voz lúgubre e pavorosa. Cotidianamente, ao nascer e ao pôr do sol, juntam-se aos lotes, pelos matos adentro e pelas margens dos rios, e, dado o tom por um deles, que está sentado no meio da roda e pelos sinais que faz com a voz e com as mãos, representando o mestre daquela berraria, principiam os da roda a gritar, enquanto o mestre não lhes faz o sinal para que se calem (Marcgrav. Brasil, pág. 226). Durante o furor da berraria, têm alguns assistentes do mestre o cuidade de lhe limparem a baba que cai. O que engrossa a sua voz, e a faz ser ouvida na distância de uma e até duas léguas, é termna garganta um tambor ósseo, em cuja cavidade retumba o som produzido pelo ar expelido dos pulmões, parecendo, ao ouvir-se de longe, o mesmo que o de uma corneta. Amam-se ternamente, e coadjuvam-se até a morte, principalmente no caso de algum deles ser ferido, quando ao seu redor se juntam os sãos, tenteando com os dedos a ferida e lhe comprimindo os lábios para vedarem o sangue, enquando não acodem outros, que trazem algumas folhas e, com elas mascadas, obstruem a abertura da ferida (Oexmelin. Hist. des Aventuries, Tom. 2, pág. 251 e seg.). Também no Pará, Rio Negro e Madeira, até as suas cachoeiras, as fêmeas são da mesma cor que os machos, porém um pouco menores. Elas são muito fiéis em acompanhá-los e em criar e defender seus filhos, os quais andam abraçados com suas mães pela parte mais estreita do dorso, sendo carregados nas costas, à maneira das pretas da África.

Oexmelin afirma terem um filho e Dampierre dois. Os que tenho ouvido é que nunca passam de dois, a não ser por monstruosidade. As mães nem por morte os desapegam de si, antes, para se surpreender o filho, o mais seguro expediente é fazer o tiro nela, com a qual êle cai abraçado, se é que cai, porque se, na ação de cair, encontra algum ramo ou galho de árvore onde enrosque a cauda, fica alí dependurada até que os corvos ou a mão do tempo a destruam e consumam. Não se tem visto que elas menstruem como as fêmeas dos monos da África.

A espécie que se tem descrito, varia tão somente na cor, como tenho visto nas variedades:

2ª — GUARIJUBA, GUARIBA AMARELO

Parece ser a mesma que diz o Padre Gumilla, os índios do Orinoco chamam de ARABATA. Tem o pêlo comprido como o de guariba preto, porém louro e reluzente.

2b — GUARIBA VERMELHO

Cercopithecus, barbatus, maximus ferrugineus stentarosus; S. Alouata; Singe rouge: Berrere, Franc. Equinoct., pág. 150. Cercopithecus barbatus, saturate spacideus; Le singe rouge de Cayenne: Brisson, Regn. Animal, pág. 206.

USOS

MÉDICO — Os empíricos do país receitam a sua carne por via de dieta aos que padecem de queixas venéreas. Por conselho seu, os caçadores têm o cuidado de arrecadarem escrupulosamente as rótulas dos joelhos de todos que matam, para enfiarem em cordões, que servem como pulseiras aos achacados de corrimentos. Delas se fazem as celebradas contas de Macau, que, dizem eles, trazidas no braço esquerdo curam por virtude oculta, toda qualidade de hemorróidas. Ao mesmo tambor ósseo atribuem-se virtudes extravagantes.

ECONÔMICO — Das peles dos guaribas machos, curtem-se ótimos cordovões. Umas e outras curtidas com o pêlo servem para coldres, chairéis, capeladas para capa das armas e patronas de caçar. E, algum dia, as do guariba preto, para as mitras dos granadeiros. De seus intestinos fazem-se cordas de viola.

DIETÊTICO — Os índios e os pretos comem a sua carne fresca ou de moquém, isto é, defumada. Também os brancos a comem, no caso de lhes faltar outra carne. O que mais influi na repugnância em comê-la, ainda em concurso com outras caças, é a preocupação. Os guaribas sustentam-se de frutos, e, ainda que também comam alguns insetos, estes não comunicam nenhum mau cheiro ou sabor às suas carnes, como tenho experimentado. Vencida uma vez a repugnância em comê-la, é certo que, desde logo, se perde o mau conceito que se antecipa de seu sabor. Ela é branca e, ainda que ordinariamente pouco gorda, não deixa de ser tenra, delicada e de bom gosto. De suas cabeças fazem-se boas sopas. Binete (Voyg. de Desmarchiz. Tom 3 págs. 3.311 e 338) a compara com a do carneiro e Oexmelin com a da lebre, contanto que, ao cozê-la, seja um pouco mais carregada de sal, de maneira a disfarçar um adocicado natural, que aliás lhe persiste. A sua gordura continua ele) é tão ou ainda mais amarela que a do capão, e é muito saborosa. Eu não a tenho comido senão assada e o que posso afirmar é que, quanto ao sabor, outras muito piores comem os preocupados.

II b — Barbados, com a cauda reta.

3 — CUXIU

É do tamanho de um gato grande. Tem os pêlos longos, pretos e luzidios. A disposição do cabelo da cabeça representa um penteado de espartadura. A cabeça é pequena e redonda. Face preta e nua. Olhos negros. Nariz pequeno e chato, aberto dos lados, e não por baixo. O tronco é reto e delicado. Os assentos cobertos e sem calosidades. Quatro pés com cinco dedos cada um, e outras tantas unhas. Cauda delgada, reta e felpuda.

São macacos vivos e inquietos. Sustentam-se de frutos e de alguns insetos. As fêmes parem dois filhos e não se menstruam.

USOS

ECONÔMICO — Da sua cauda, por ser felpuda, fazem-se espanadores de oratórios, livrarias, etc. As suas peles são estimadas.

DIETÉTICO — O mesmo que o dos guaribas (espécie 1).

II — c — Imberbes, com a cauda longa e convoluta.

4 — MARICÁ-AÇU, BARRIGUDO

Possui a estatura de uma guariba grande. Tem o pêlo denso, macio e pardo alvadio pelo dorso. O vértice da cabeça, a face, as palmas, as solas e os testículos são azevichados. O ventre é obeso. A cabeça é grande e ossuda. Os olhos pretos. Nariz grosso e rasgado pelos lados. Focinho rombo. O tronco é grosso e toroso. Os assentos cobertos e sem calosidades. Cinco dedos em cada pé, com unhas pretas, oblongo-ovaladas e agudas. Cauda convoluta e sem pêlo na parte inferior de sua extremidade.

Todos são poltrões. Sustentam-se do mesmo que as outras espécies. As fêmeas não padecem fluxo periódico. Parem tão somente dois filhos.

USOS

ECONÔMICO e DIETÉTICO — São os mesmos que os dos outros macacos. Os gentios aproveitam os pêlos para entretecerem com o fio da piteira, fazendo uns trancelins, nos quais se prendem penas da asa e cauda das aves, para lhes servirem de fitas com que ornam a cabeça.

5 — *Simia paniscus L.*

COATÁ

Cercopithecus major, niger, faciem humanam referentes Barrer, Franc. Equinoct., pág. 150. Cercopithecus inpedibus anterioribus, pollice carens, cauda inferius versus apicem pili destituta. Le Belsebuth. Briss., Regn. Animal, pág. 211. Simia fusca, major, palmis tetradactylis, cauda prehensili, ad apicem subtu nuda. Browns Jamica. Cap. 5. S. 5º Coiata De Buffon. Hist. Nat. Tom. 30, pág. 22. Paniscus, caudata, imberbis atra cauda prehensili, palmis tetradactylis. Lin., Syst. Nat. Ph. 14.

Tem os pêlos negros rudes, lisos e luzídios. Os que lhe cobrem as espáduas ainda são mais compridos que os resto do corpo; e os do alto da cabeça descem todos para a testa. O ventre é obeso. A cabeça é pequena e comprida. A face é nua e de uma cor de carne avermelhada. Testa elevada. Olhos grandes e pretos. Orelhas curtas e nuas, muito semelhantes às do homem. O nariz é chato e aberto pelos lados. O focinho

é alongado. Pés alongados, com quatro dedos nos dianteiros e cinco nos traseiros. Unhas planas e pretas. A cauda é cilíndrica, mais comprida que o corpo, incluida a cabeça, e com a ponta sem os pêlos por baixo, além de convoluta.

O seu natural é meigo e dócil. São muito conviventes entre si. Escreve-se que também comem peixes e vermes (Dampierre, Voyag. Tom. 4, pág. 288). O que tenho visto fazer o seu sustento ordinário são raizes, frutos e sementes. As fêmeas parem dois filhos, e não são sujeitas ao fluxo mensal.

Os índios distinguem três variedades de coatás:

5ª — A maior de todas. Tem uma dentadura forte e investe contra os cães e outros animais que a perseguem. Custa mais a domesticar-se. Atira paus, pedras e o que acha à mão, quando alguém a irrita.

5b — A mediana, se distingue por uma malha avermelhada debaixo da maxila inferior.

5c — A ordinária, menor que a e b.

USOS

Os mesmos que os das espécies anteriores.

6 — CAIARÁRA

Possui estatura medíocre e delicada. O pêlo da parte inferior do corpo é de um alvadio claro, o que se faz mais escuro no dorso e ainda mais no vértice da cabeça. Esta é pequena e redonda. Olhos castanhos. Orelhas curtas e nuas. O nariz é chato e rasgado nos lados. Tronco reto e delicado. Os assentos cobertos e sem calosidades. Possui unhas ovais nos cinco dedos de cada um de seus pés. Cauda longa e convoluta.

São muito dóceis e meigos, pelo que se familiarizam muito com os homens.

Nem nos demais setores de sua vida, nem nos seus usos econômicos e dietéticos, há outra circunstância a particularizar.

7 — TAPUÁ, MACACO DE PREGO

O seu corpo é fusco, porém a cabeça, os pés e a cauda são pretos. O peito é de cor de ferrugem. A cabeça é pequena e redonda. A face é preta em alguns e encarnadas em outros. Os

olhos são castanhos e aproximados. Orelhas plicadas, como uma dobra sobre a face externa. Nariz largo e chato. Focinho curto e grosso. O tronco é reto, curto e delicado. Os assentos cobertos e lisos. Possuem cinco dedos em cada pé, com unhas plantas, ovaladas e pretas. Cauda longa, pilosa e curva. Sempre a trazem enroscada, cingindo com ela o pescoço. A glande do pênis se dilata numa chapeleta, como a cabeça de um prego, no centro da qual fixa o orifício da uretra. As fêmeas têm o clitóris proeminente, do feitio do pênis dos machos, o que, à primeira vista, faz confundir os sexos.

São macacos muito vivos e inquietos, porém meigos e dóceis, se bem que com alguma extravagância no seu afeto, pois, a algumas pessoas, sem motivo real e manifesto, mostram uma extremada inclinação, e, a outras, um implacável rancor. Sustentam-se de frutos e insetos. As fêmeas parem dois filhos e não se menstruam. Variam muito na cor e no tamanho.

USOS

Os mesmos.

8 — MICO

Não excede o comprimento de um pé. Tem o pêlo denso, o qual, na parte superior do corpo, é de um trigueiro carregado, que declina um tanto para o preto, e, na parte inferior, é quase alvadio. A cabeça é pequena e redonda. A face é redonda, chata e guarnecida de pêlos. Olhos castanhos. Orelhas grandes e nuas. Nariz elevado e guarnecido de pêlos. Focinho curto e grosso. O tronco é curto e fornido. Assentos cobertos e sem calosidades. As unhas correspondentes à cada um de seus cinco dedos são ovalo-convexas, exceto as dos polegares dos pés, que são planas. Cauda mais comprida que o corpo e convoluta. O clitóris nas fêmeas é demasiadamente grande e termina numa chapeleta, como a glande do pênis dos machos.

São muito tímidos e comedidos, e, ainda sem motivos reais ou aparentes, estão sempre a carpir, de maneira que na maior parte do tempo, passam em ar de lamento. Sua voz natural é a de um rato.

8º — Desta espécie de macaco há uma variedade de que se distingue por ter os pêlos debaixo do pescoço, do peito, do redor das orelhas e das faces, brancos.

USOS

Econômico e Dietético — Os mesmos.

II d — Imberbes, com a cauda longa e reta.

9 — PARAUACU

É do tamanho de um macaco prego (Espécie 7). Tem o corpo felpudo como os cães fradiqueiros. Os pêlos são ordenados, pretos e com as pontas brancas. A cabeça é pequena e redonda. A face redonda, nua e preta. Olhos castanhos. Nariz chato. O tronco é reto e delicado. Os assentos cobertos e lisos. Cauda longa, reta e felpuda.

Também são macacos vivos e inquietos. Saltam pelas árvores com indizível celeridade. Sustentam-se de frutos e insetos. As fêmeas não estão sujeitas ao fluxo periódico.

USOS

Os mesmos.

10 — UAIÁ-PEÇÃ

É um macaco pequeno, do tamanho de um saguim, porém mais fornido que ele. Tem o corpo bem povoado de pêlos densos, compridos e castanhos, com uma malha branca nos ângulos da boca e sobre os olhos. A cabeça é pequena e redonda. Os olhos grandes e castanhos. Nariz chato. O tronco é curto e fornido. Assento coberto e sem calosidades. Cauda longa, reta e pilosa.

Variam muito na cor e vivem com os outros, sem novidade que circunstanciar.

11 — SAGUIM

Caymiri ou Sapajou. Mission du P. Abbewille, pág. 252. Cercopithecus pilis ex fulvo flavescente, et candicante, variegatis vestitus, ex flavo rufescentibus. Sapajou jaune. Briss. Regn. Animal. pág. 197. Saimirí. Sapajou aurore. Sapajou orange. Sapajou jaune. Sapajou de Cayne. De Buffon. Hist. Nat. Tom. 30, pág. 89.

Tem, quando muito, até onze polegadas de comprimento. O seu talhe é bem proporcionado. A face é da cor da carne. A testa é tão pequena que quase não a tem. Testa, fontes, vértice

da cabeça, parte superior do pescoço, espáduas, lado externo do braço e coxa e a maior parte da cauda, desde a sua raiz, são vestidas de pêlos de diversas cores, grisáceas, rufo-esverdeada e amarelada. Nos pêlos da parte superior do corpo, sobre a mistura das cores grisácea e rufa, predomina a de um laranja-avermelhado. Nos pêlos da parte inferior, encontram-se as cores esbranquiçada e amarela, misturadas diferentemente. As mãos e os pés são de uma bela cor de laranja.

A cabeça possui o vértice oval e alongado, desde a testa até a nuca, a qual é chata pela sua parte superior. Face nua, arredondada e cor de carne. Testa tão pequena que quase não a tem. Olhos grandes e encovados, cada um dentro de um círculo cor de carne. Orelhas agudas na parte superior e guarnecidas de pêlos. Nariz elevado entre os olhos, porém grosso e chato na base. Focinho curto e contornado de um malha pardacenta, que se estende aos ângulos da boca e ao nariz. Tronco curto e delicado. Assentos cobertos e lisos. Cinco dedos em cada pé, com as unhas dos polegares planas e as outras convexas. Cauda maior que o corpo, reta e com ponta preta.

A vivacidade de seus olhos, a variedade e o brilho de suas cores e a destreza de seus movimentos, concedem a esta espécie uma bem merecida estimação. Porém ela é muito sujeita à morte e sensível às mudanças de clima e alimentos. As fêmeas parem dois filhos e não padecem de fluxo periódico.

USOS

Os mesmos.

12 — SAGUIM

Tamarin à Cayenna. Binnete. 321. Barrer. pág. 151. Tamay au Maragnon. Abbevill. Mission ao Maragnon. pág. 225. Cercopithecus, minimus, niger, Leontocéphalus auribus elephanthinis Barrer. Franc. Equinoct. pág. 151. Cercopithecus niger pedibus croeis. Pronov. 200 ph 20. Cercopithecus, niger, minimus, manibus, e pedibus croceis. Edw. av. 196. t. 196. La tamarin. De Buffon. Hist. Nat. P. 30. pág. 120. Mydas. Simia caudata, imberbis, labio superiore fisso, auribus quadratis, nudis, unguibus subulatis, pedibus croceis. Lin. Syst. Nat. pág. 42; Sp. 27.

O seu corpo é bem proporcionado com o comprimento de sete a oito polegadas. É todo coberto de pêlos, que, da cabeça

até à cauda, são de um fusco preto e um tanto eriçados, porém, macios. Os das mãos e dos pés são curtos e de um amarelo alaranjado. A cabeça é pequena e redonda. A face cor de carne. Olhos grandes e castanhos. Orelhas grandes, largas, quadradas e nuas, com as extremidades cercadas. Nariz chato e com as aberturas laterais. Focinho curto e redondo. Boca pequena e com o lábio superior partido, como o da lebre. Tronco curto e reto. Assentos lisos e cobertos. Cinco dedos em cada pé e outras tantas unhas compridas, convexas, curvas e agudas, exceto as dos polegares das mãos, que são redondas como as humanas. Cauda reta, mais comprida que o corpo e guarnecida de pelos curtos.

É um sagüim muito vivo e fácil de domesticar, ainda que pouco sofredor das mudanças do clima. As fêmeas parem dois filhos e não estão sujeitas às evacuações mensais.

13 — MACACO-LEÃO

Marikina au Maragnon. Abbevil. Mission au Maragnon, pág. 252. Cercopithecus minor, dilute olivaceus, parvo capite. Acarimá à Cayenne. Barrer. Franc. Equinoct., pág. 151. Cercopithecus ex albo flavicans, faciei circum ferentia, saturate rufa. Le petit singelion. Briss. Regn. Animal. pág. 200. Le Marikina. De Buffon. Hist. Nat. T. 30. pág. 141.

O seu comprimento é de oito até nove polegadas. Chamam-lhe macaco-leão por uma espécie de cabeleira que contorna a sua face e um pequeno floco de pêlos que remata sua cauda. Todo o seu corpo é coberto de pêlos densos, compridos, macios como a seda e lustrosos. Os que contornam a face são dourados, e os do resto do corpo e da cauda são de um amarelo muito pálido e esbranquiçado, porém todos eles luminosos. A cabeça é pequena e redonda. Face ruça e guarnecida de pêlos muito curtos mais densos na testa e menos na barba. Olhos separados pela elevação do nariz, na sua origem. Orelhas grandes, largas, redondas, nuas e escondidas debaixo da crina que contorna a face. Nariz elevado na sua origem, porém largo e chato na base. Focinho curto, grosso e arredondado. Tronco curto, reto e delicado. Assentos cobertos e sem calosidades. Pés compridos, com cinco dedos em cada um, unhas amareladas, compridas, curvas e agudas, exceto as dos polegares dos pés traseiros, que são curtas e chatas. Cauda reta e mais comprida que o corpo, terminada num floco de pêlos como o leão. Os

testículos são muitos grandes e a glande do pênis é bastante comprida, dilatando-se numa chapeleta.

Dentro os sagüins, este é o mais robusto e sofredor das vicissitudes do tempo. Ele possui todas as demais qualidade de agilidade, viveza e docilidade, que se manifestam nos outros, sem nenhuma outra particularidade física ou moral que mereça nota.

14 — SAGÜIM

Pinehe a Maynas. De La Condamine. Voyage sur la rivière des Amasones, pág. 163. Cercopithecus minimus, mexicanus, capillitio niveo. Edw. av. 195. t. 195. Cercopithecus pilis canescentibus, nigro mixtis, cauda rufa. Briss. quadr. 19. Le Pinche De Buffon. Hyst. Nat. T. 30. pág. 149. Oedipus. Simia caudata, imberbis, capillo de pendente, cauda rubra, unguibus sabulatis, Lin. Syst. Nat. pág. 14, Sp. 25.

Tem de comprimento oito ou nove polegadas. Distingue-se por uma como que cabeleira, que representam os pêlos do alto da cabeça e os dos lados da face, os quais a contornam, e são densos, compridos, lisos, macios e brancos. Os da parte superior do corpo são de um trigueiro grisalho, e os da inferior, incluídas as mãos e os pés, são brancos. Toda a sua pele é preta, assim como a garganta e a face.

A cabeça é pequena e quadrada. A face preta, o que faz realçar muito a brancura dos pelos que a contornam, e é guarnecida de uma penugem pardacenta. Olhos pretos. Orelhas pretas, largas e agudas como as dos cães. Nariz com as ventas um pouco salientes. Focinho grosso e arredondado. Tronco curto e reto. Assentos cobertos e lisos. Cinco dedos em cada pé, com unhas amareladas, compridas e curvas. Cauda reta, mais comprida que o corpo, cor de sangue desde o princípio até o meio, daí até a ponta é toda preta.

É um dos belos sagüins do Brasil. Tem uma voz doce e semelhante ao canto dos pássaros. Porém é extremamente delicado e sensível às variações da atmosfera, e, por isso, difícil de transportar vivo para a Europa.

As fêmeas têm a vulva grande, com os lábios grossos. A glande do clitóris representa uma chapeleta e fica no meio de um prepúcio. Elas não estão sujeitas às evacuações lunares.

15 — JURUPIXUNA, BOCA-PRETA

Ordinariamente não excede o comprimento de sete ou oito polegadas. Tem o pelo curto, denso, macio e de uma cor verde-flavicante, exceto os do fio do lombo, das mãos e dos pés, que são amarelos. O bico da testa é bastante profundo. A face, ao redor dos olhos, é de um alvadio encarnado. Os olhos, base do nariz, boca e ponta da cauda são pretos.

A cabeça é alongada da testa para a nuca. Face redonda e guarnecida por uma penugem branca. Testa estreitíssima e com o bico profundamente descido. Olhos redondos e pretos. Orelhas nuas e semelhantes às do homem. Nariz pequeno e chato. Focinho curto e redondo. Cinco dedos em cada pé, com outras tantas unhas oblongo-ovadas e obtusas. Cauda reta, mais comprida que o corpo, com os pelos da mesma cor que este até pouco abaixo de sua metade e com a ponta preta.

Também são belos estes sagüins, e, pela sua esperteza e docilidade, se fazem dignos de estimação. São infinitos pelas margens dos rios Amazonas, Negro, Solimões e Madeira. Os deste último são maiores e de cor amarela mais sulfurada.

16 — XAGOIN, SAGÜIM

É menor que o jurupixuna (Espécie 15). Tem o pelo preto malhado de amarelo pelo dorso, comprido, ondulado e bem composto. As mãos e os pés são pretos. O fêmur, as pernas e o princípio da cauda são rufos. A testa e a boca são algumas vezes malhadas da mesma cor de gema que têm as malhas do dorso.

A cabeça é pequena e redonda. Face azevichada. Olhos pretos e à flor da face. Nariz pequeno e chato. Tronco reto e delicado. Assentos cobertos e lisos. Cinco dedos em cada pé, com as unhas pretas, compridas e agudas. Cauda reta, comprida e preta.

São muito meigos e dóceis, porém, também muito sujeitos à morte. A sua urina é almiscarada.

17 — OUTRO SAGÜIM

Tem nove polegadas de comprimento. O seu corpo é coberto de pelos densos, compridos e macios, de um alvadio escuro pelo dorso e flavicante pelo abdome. As pernas pela sua parte exterior, são de um amarelo de gema. A cauda é toda preta. A cabeça é pequena e redonda. Olhos redondos e pretos. Orelhas nuas e luniformes. Nariz pequeno e chato. Tronco delgado e reto. Assen-

tos cobertos e sem calosidades. Cinco dedos em cada pé, com as unhas pretas, oblongas, comprimidas, curvas e agudas. Cauda comprida, reta e toda preta.

Não tem qualidade distinta alguma, pela qual se faça estimável.

18 — OUTRO, sem nome trivial.

O seu comprimento alcança de nove a dez polegadas. Desde a cabeça até as axilas, tem os pelos todos níveos, incluídos os dos braços. Dali para baixo, todos principiam pretos e acabam com as pontas louras. Os da parte interna das pernas e inferior da cauda são de um louro dourado e reluzente. A cauda, na sua parte superior, é toda preta. A cabeça é pequena e redonda. Olhos redondos e pretos. Nariz pequeno e chato. Focinho curto e grosso. Tronco reto. Assentos cobertos e lisos. Cinco dedos em cada pé, com unhas pretas, compridas e agudas. Cauda reta e do tamanho do corpo.

19 — OUTRO, do qual me foi apresentada somente uma pele, tirada por um índio e já muito estragada.

Era pequeno e fusco, e tinha o vértice da cabeça, os lados da face, a garganta, os braços e as pernas ferrugíneas. A face, as palmas e as solas eram pretas. As unhas compridas e agudas. A cauda, do meio para baixo, era de um alvadio sujo, e da mesma cor era uma malha que tinha na testa.

II e — Noturnos, com a cauda longa e reta.

20 — HIÁ

É pouco maior que o jurupixuna ou boca-preta (Espécie 15), porém mais encorpado. Tem o pelo denso, macio e fusco-flavicante na parte superior. A testa possui três rajas pretas que se estendem ao longo da cabeça, que é redonda. Os olhos são grandes, redondos e com a pupila oblonga e perpendicular, como a dos gatos, de dia, e de noite redonda e ampliada. Orelhas pretas e luniformes. Nariz chato. Tronco reto e grosso. Assentos cobertos e sem calosidades. Cinco dedos em cada pé, com as unhas pretas e oblongo-ovaladas. Cauda reta, longa e pilosa.

A sua vida é noturna. Os índios se agouram com ele ao ouvi-lo gritar de noite ao redor ou em cima de suas palhoças. Aquele, em cuja maca sucede cair a urina de algum hiá, afirmam que infalivelmente morre. E, como acredita que vai morrer, privando-se logo da comunicação e do alimento, assim lhe vem a suceder, porque acaba caindo nas mãos da melancolia e da languidez.

COM AS UNHAS AGUDAS

III — Gênero BRADYPUS (Syst. Nat.)

21 — AÍ, PREGUIÇA

Arcto pithecus. *Gesner. Incon. Animal.* pág. 96. Fig. ibidem. Aí Brasiliensibus, Lusitanis Preguiça. Marcgrav. Brasil, págs. 321 e 322. Ignavus. Clus. Exot. pág. 110. T. 373. Aí seu Tardigradus gracilis, Americanus. Seba, Vol. 1, pág. 53. Tab. 33. Fig. 2. Ignavus Americanus, risum flelio miscens. Ignavus Marcgravii, Klein. De Quadruped. pág. 34. Tardigradus pedibus anticis, et posticis tridactylis. Tardigradus Le Paresseux. Briss. Regn. Animal. Pág. 34. Aí. De Buffon. Hist. Nat. T. 26, pág. 47. Bradypus tridactylus, pedibus tridactylis, cauda brevi. Lin. Syst. Nat. pág. 50. Gen. 7. Sp. 1º.

O seu maior comprimento, desde a ponta do focinho até a raiz da cauda, pouco mais se estende ao de um pé. Tem o corpo todo vestido de pelos longos, densos, chatos, mais largos do que grossos, áridos ao tocar como a palha, e griséos. Os da cabeça e do pescoço são mais compridos e descidos para diante, assim como os fios do lombo, que além de serem mais compridos, são fuscos. A garganta é loura. Tem duas mamas, uma de cada lado do peito. A cabeça é pequena e arredondada, sobre um pescoço curto. Face guarnecida por pelos curtos, rudes, eriçados e de cor esbranquiçada. Testa estreita. Olhos pequenos, redondos, pretos, lacrimosos e sonolentos. Nariz liso, arrebitado e preto. Boca não muito larga e quase sempre saliente sem um só incisivo, mas com dois dentes que parecem presas, um de cada lado. Ambos obtusos mais compridos que os molares e opostos. Tronco prostrado e quase nunca erigido em posição vertical, senão quando trepa. Os pés dianteiros muito divergentes e mais compridos que os traseiros. Ambos sem dedos e sim com três unhas fortes, compridas, comprimidas, curvas e de uma cor flavicante. Cauda curta e ovalo-obtusa.

A razão pela qual lhe puseram o nome de preguiça é porque lhe custa muito a mover-se. Porém, esta dificuldade de movimento, segundo a variedade e entusiasmo dos escritores, que assim têm dito em seus escritos, é objeto de milhares de exageros. A preguiça, escrevem uns, tem tanta dificuldade de se mover, que, em 15 dias, mal andará o espaço de um tiro de pedra (Hist. das Índias por Maffei, pág. 71). O mesmo, sem discreparem, dizem Herrera (Descript. des Ind. Occid. pág. 252) e Pison (Brasil, pág. 322). Não é preciso galgo para a alcançar, acrescenta Desmarchais,

porque basta uma tartaruga (Tom. 3, pág. 301). São-lhe necessários oito ou nove minutos, escreve Dampierre, para estender um pé à distância de três polegadas (Voyag. Tom. 3, pág. 305). Não dá cinqüenta passos em um dia, diz Binnet (Voyag. à Cayenne, pág. 341), e, desta forma, muitos outros que omito. É certo que não há outro quadrúpede cujos exercícios corporais sejam tão lentos e constrangidos, e esta, sem dúvida, parece uma espécie desgraçada, mostrando-se a Natureza para com ela muito mísera e mesquinha, como com nenhuma outra. Em nenhuma outra se vê a tontura, a estupidez, o desleixo de si mesmo, a falta de armas, para ofender e defender-se, e, em uma palavra, o desamparo total da Proteção contra o Mal dos viventes.

Sustenta-se de folhas de embaúba e, para as poder tirar de seus ramos, é necessário trepar nas árvores, passando alguma fome, enquanto a lentidão de seu movimento lhe retarda a chegada. Ali se conservam enquanto duram as folhas, passando sem beber água muitos dias e semanas, enchendo-se tão-somente daquele alimento, para a recepção do qual, tem quatro ventrículos, como os quadrúpedes ruminantes. Contudo, ela tem uma constituição forte e sua vida é tenaz. Marcgrav, que abriu uma viva, refere que, depois de tirados os intestinos, ainda se movia, contraindo as pernas, como quando estava viva e inteira. O coração, depois de passada meia hora que lhe havia sido arrancado, ainda palpitava (Brasil, pág. 222). Teme muito as chuvas e o seu anúncio a obriga a lamentar-se.

Distinguem-se no Pará três variedades:

21a — A maior que habita tão somente as matas. É mais escura, tem dentadura mais forte e dizem que quando irritada morde.

21b — A preguiça branca é a mais vulgar. Habita nas árvores da terra firme pelas margens dos rios e nas suas ilhas.

21c — A menor de todas e tem no dorso uma malha cor de fogo. As fêmeas parem um filho e o trazem abraçado consigo.

USOS

ECONÔMICO — De suas peles curtem-se alguns cordovões. Curtidas com o pêlo são muito procuradas pelos charéis e capeladas. Delas secas ao sol, também com os pêlos, vi algumas cabeleiras, à imitação de perucas holandesas, que traziam os principais de alguns gentios. De suas unhas fazem as miras das zarabatanas.

DIETÉTICO — Os índios e pretos comem a sua carne.

IV — Gênero MYRMECOPHAGA (Syst. Nat.)

22 — *Myrmecophaga jubata L.*

TAMANDUÁ-GUAÇU, TAMANDUÁ-BANDEIRA, PAPA-FORMIGAS

Tamanduá-Guaçu. Brasil. Marcgrav, pág. 225. Mange fourmis, ou renard americain, Voyage de Desmarchais, Tom. 3, pág. 307. Tamanduá maior, cauda panniculada. Barrer. Franc. Equinoct., pág. 162. Tamanduá-guaçu, id., est, Myrmecophaga omnium maxima, Klein. De quadruped., pág. 45. Vab. 5º. Myrmecophaga, rostro longissimo, pedibus anticis tetradactylis, posticia pentadactylis, cauda longissimis pilis vestita. Briss., Regn. Animal, pág. 24. Le Tamanoir. De Buffon. Hist. Nat. Tom. pat. 189. Myrmecophaga palmis tetradactylis (plantis pentadactylis), cauda jubata. Lin. Syst. Nat., pág. 52. Gen. 8, sp. 3º.

O seu corpo, sem incluir a cauda, chega a ter quase quatro pés de comprimento. Ele é robusto e peludo, com os pelos do focinho curtos e rudes, separados uns dos outros, variáveis nas cores gríseo escuro e preto e macios ao passar a mão na sua direção. Os do alto do corpo, descendo desde a nuca pelo fio do lombo até a raiz da cauda, são muito mais compridos, imitando uma crina, de um amarelo pálido na raiz, pretos no meio e esbranquiçados para a ponta. Quanto mais se aproximam da cauda, mais compridos são; ásperos, chatos, áridos ao tocar como a palha, e todos pretos com as pontas brancas. Pelo peito lhe passa uma faixa preta, à maneira de um peitoril, que lhe acompanha os lados do corpo até mais da metade do seu comprimento. Em outros, os pelos dos pés dianteiros são todos brancos.

A cabeça é oblonga e estreita, sobre um pescoço curto. Face prolongada num focinho comprido. Olhos pequenos, proporcionais ao comprimento do focinho, redondos, pretos e situados nos lados da cabeça. Orelhas curtas, ovalo-obtusas e muito afastadas dos olhos. Focinho comprido, quase cilíndrico e estreito, com o nariz e a boca na sua extremidade. Nariz com as ventas muito aproximadas. Boca estreita e pequena, sem dente algum, nem incisivo, nem canino e nem molar, porém com as gengivas calosas. A língua é comprida e redonda. O tronco é alongado e robusto. Os pés dianteiros com quatro unhas e os traseiros com cinco. Nos primeiros as unhas medianas são maiores que as duas outras laterais, porém todas são compridas, robustas, arqueadas e agudas. Pulsos grossos e fornidos. A cauda, de mais de dois pés de comprimento, é larga e embandeirada, com os pelos mais compridos que os do

corpo, dispostos à maneira de um penacho nas cores preta e esbranquiçada ou louro, e, em alguns, toda preta.

Habita as matas e campinas, onde faz seus covis nos tocos de grandes árvores ou em covas, que ele mesmo abre. Dorme muito, e sempre com a cabeça entre os braços. O seu andar é compassado e grave, de maneira que facilmente se deixa alcançar por quem o segue. Andando, vai sempre movendo e agitando a cauda, a qual lhe serve de umbela contra o sol e a chuva e mosquiteiro, contra os insetos. Sentindo-se perseguido, deita-se de costas, com os quatro pés abertos, esperando com as unhas o animal, que não receia semelhante abraço. Luta com a onça, se ela não o surpreende à traição, e morrem ambos, um nas unhas do outro. Sustenta-se de toda qualidade de formigas saúvas, tocandiras, maniuaras e de cupins. Introduz, para este fim, a língua nos buracos dos formigueiros, recolhendo-a ao senti-la crivada de formigas. Tem pele dura e a vida tenaz.

USOS

MÉDICO — os empíricos receitam, para as febres rebeldes, as cinzas de seus pelos, bebidas na água.

ECONÔMICO — dos mesmos pelos fazem-se algumas catrabuchas. As peles, secas ao sol, depois de espichadas e estendidas em tábuas, servem aos gentios de arneses e também de escudos.

DIETÉTICO — sendo sua carne muito dura e de mau sabor, os índios e pretos a comem moqueada.

23 — TAMANDUÁ-MIRIM, TAMANDUÁ-PEQUENO

Tamandua-i: Marcgrav, Brasil. pág. 226. Myrmecophaga, rostro longissimo, pedibus anticis tetradactylis, posticis pentadactylis, cauda fere nuda: Briss. Quadr. 26. Tamanduá: De Buffon, Hist. Nat., T. pág. 194. Myrmecophaga tetradactyla, palmis tetradactylis, plantis pentadactylis, calda calva: Lin., Syst. Nat., pág. 52, Gen. 8. Sp. 4º.

Distingue-se do anterior por ser muito menor e menos encorpado, sendo do tamanho de um cão ordinário, por não ter o focinho tão comprido e por ter os pelos mais finos, de um alvadio flavicante, se bem que igualmente pretos pelo fio do lombo até a cauda e todos eles duros e luzidios. Tem a mesma faixa peitoral preta.

A cabeça é redonda na parte superior, e, tomada juntamente com o focinho, tem uma figura cônico-aguda. Face também prolongada num focinho comprido. Olhos pequenos, redondos e pretos, situados nos lados da cabeça. Orelhas direitas e ovalo-obtusas, do comprimento de uma polegada. Focinho comprido, estreito, agudo, incurvado para a ponta e preto. Boca pequena, estreita e sem dentes. Língua comprida, redonda e metida num canal dentro da maxila inferior. Tronco robusto. Nos quatro dedos dos pés anteriores, outras tantas unhas, com as duas interiores maiores e mais grossas que as exteriores. As cinco unhas posteriores compridas, fortes, arqueadas e agudas. Cauda comprida, guarnecida até mais da metade do seu comprimento de pelos mais compridos que os dorsais, porém calva na extremidade, como a dos ratos, e convoluta como de alguns macacos, para se dependurar nos ramos das árvores.

É de índole dura e tão feroz que, tocado com um bastão, na falta de dentes, o agarra com as unhas e só dificilmente o larga. Dorme o dia todo e sai à noite. Tem vida tão tenaz que, num deles que Marcgrav fazia a dissecção anatômica, observou que, apesar de ter passado oito dias sem comer e de já estar quase todo esfolado, ainda vivia. Sustenta-se do mesmo que a espécie anterior e vive como ela, com a diferença que esta, como a que segue, trepa pelas árvores.

24 — TAMANDUAÍ, TAMANDUÁ-PEQUENINO

Myrmecophaga rostro brevi, pedibus anticis didactylis, plantis tetradactylis, cauda villosa: Briss., Quadr. 98. Tamanduá. s. Coati Americana, alba: Seba, vol. 1, pág. 60, Tab. 37, fig. 3ª. Le fourmiller le plus petit. Fourmiller. Le petit mangeur de fourmis. Animal americain que les naturels de Guiane appelent on ou atiriou aou: De Buffon, Hist. Nat., T. 20, pág. 191 e 195. Myrmecophaga didactyla, palmis didactylis, plantis tetradactylis, cauda villosa: Lin., Syst. Nat., pág. 51. Gen. 8, sp. 11ª.

É o menor de todos os tamanduás. O comprimento do corpo, sem contar a cauda, apenas em seis chega a sete polegadas. O seu pelo é muito denso e macio, de uma cor loura e reluzente, como se fôra dourado. Quase não se distingue o pescoço. A cabeça é grossa e proporcional ao corpo. Olhos pequenos, redondos e pretos. Orelhas pequenas e escondidas debaixo dos pelos. Focinho proporcionalmente muito mais curto que nas outras duas espécies. Língua comprida, estreita e um pouco chata. Tronco fornido e proporcional. Os pés dianteiros com duas unhas somente, a exter-

na mais comprida e mais grossa que a outra. Os traseiros com quatro: grossas na base, retas e agudas. Cauda comprida, pilosa, com a extremidade nua e convoluta.

Habita as árvores e sustenta-se de cupins, formigas e outros pequenos insetos.

V — Gênero DASYPUS (Syst. Nat.)

25 — *Dasypus unicinctus* L.

TATU-GUAÇU — TATU-GRANDE

Tatouassou: Abbevill., Mission au Maragnon, Paris 1614, pág. 247. Tatus maior, moschum rédolens. Tatou Kabassou: Barrer., Franc. Equinoct., pág. 163. Tatus. Armadillo. Africanus: Seba, vol. 1º, pág. 47, tab. 30, figs. 3 e 4a. Cataphractus scutis duodos, cingulis duodecim. Armadillo Africanus: Briss., Regn. Animal., pág. 43. Le Kabassou. ou Tatou à doze bandes: De Buffon, Hist. Nat., t. 21, pág. 52. Dasypus unicinctus, tegmine tripartito, pedibus pentadactylis: Lin., Syst. Nat., pág. 53, Gen. 10 sp. 1ª.

É o maior de todos os tatus, porque o seu comprimento e volume excede ao de um grande leitão. Tem toda a parte superior do corpo guarnecida de uma concha ou casco ósseo e escamoso, o qual se divide em doze zonas ou cíngulos transversais, móveis por meio de dobradiças e compostos de peças exatamente quadradas. O casco das espáduas é formado de quatro ou cinco fileiras, composta cada uma de grandes peças quadrangulares. As que compõem as fileiras da parte inferior do dorso, são quase semelhantes às das espáduas. As da guarnição da cabeça são grandes e irregulares. Por entre as juntas das zonas dorsais, escasseiam alguns pelos, como os do leitão. Pelo peito e ventre, por cada fêmur e por cima da cauda, possui vários rudimentos de escamas redondas, duras e polidas, como todo o casco. É guarnecido, por cima do casco, de uma película muito superficial, mesclada das cores amarela e escura, a qual se descola de toda aquela ossificação e mostra que as peças em si são brancas.

A cabeça é larga, grossa e guarnecida de peças ósseas grandes e irregulares. Olhos redondos, pequenos, pretos e fundos. Orelhas largas, distantes uma da outra e com a face externa guarnecida de pequenos rudimentos ósseos. Focinho curto e largo. Boca pequena e estreita, sem incisivos ou caninos, mas somente com nume-

rosos molares. A língua fina, comprida e assuvelhada. Tronco convexo e abaulado, com o seu casco atravessado de doze cíngulos. Cada pé com cinco unhas estreitas e desiguais, a do dedo médio maior que as laterais, e as dos pés dianteiros maiores. Cauda curta e nua, isto é, sem concha, porém toda salpicada de tubérculos amarelos e escuros.

Habita as matas, em grandes tocos ou em covas que ele mesmo faz. Aí se encerra de dia e somente à noite sai e diligencia o sustento. Este é composto de frutos e raízes, sendo por isso animal nocivo às roças, hortas e jardins. Entrando pelas tocas dos índios, devora suas batatas, macacheiras, melancias, etc.

A carne desta espécie não é tão boa de se comer como a das outras, por causa de um certo almíscar, que lhe persiste. Seu andar não deixa de ser ligeiro, porém, verdadeiramente, ele não pode saltar, nem correr ou trepar. Os únicos meios que tem, para escapar às perseguições, é se contrair numa bola ou se refugiar em alguma cova que já ache feita, isso quando ele mesmo não a faz num instante, mais depressa que uma topeira. Transporta-se dos países quentes para os frios sem estranhar o clima. Dizem que as fêmeas parem quatro filhos, todos os meses.

USOS

MÉDICO — O autor da anotação no capítulo 8 de Marcgrav, transcrevendo Monardo, ou Ximenes, sobre as virtudes médicas que aqueles autores atribuíram aos cascos dos tatus, escreveu que, pulverizado e tomado internamente em pequena dose, era um excelente sudorífero; que o das lâminas da parte inferior do dorso, dado em pó, era bom contra doenças venéreas; que em massa, aplicada interiormente, extraía as espinhas de qualquer parte do corpo; o primeiro osso da cauda, aplicado nos ouvidos, removia a surdez, etc. Não sei se semelhantes virtudes até agora foram autorizadas pela experiência dos doutos, porém, quanto a mim é verdade o que diz Buffon, que o casco e os ossos do tatu são da mesma natureza que o dos outros animais.

ECONÔMICO — Dos referidos cascos, depois de ajeitados e secos ao sol, fazem os índios os seus baús e bolsas para guardarem as suas curiosidades.

DIETÉTICO — Ainda que sua carne seja almiscarada, alguns brancos e geralmente os índios e pretos, a comem fresca e defumada.

26 — *Dasypus novemcintus* Lin.

TATU-ETÉ, TATU VERDADEIRO

Armadillo s. Aiotochili Nieremberg, Hist. Nat., pág. 158. Armadillo. s. cahicamo: Gumilla, Hist. Nat. do Orinoco. Avignon, 1758. T. 3º pág. 225. Armadillo reliquum dorsi novem ambitur, circulis, Mus Worm, pág. 355. Tatu-eté Marcgrav, Brasil pág. 231. Tatu. s. Armadillos Americanus: Seba, vol. 1º pág. 45, tab. 29, fig. 1ª Tatu porcinus, Tatu simpliciter, porcellus cataphractus, Armadillo communiter: Klein, de Quadruped., pág. 48. Cataphractus scutis duobus, cingulis novem. Armadillo Guianensis: Briss., Regn. Animal., pág. 142. Le cachicame, ou Tatou à neuf bandes: De Buffon, Hyst Nat., t. 21, pág. 48. Dasypus novem cinctus, cingulis novem, palmis tetradactylis, plantis pentadactylis: Lin., Syst., Nat., pág. 54. Gen. 10. Sp. 6º.

Esta espécie é menor que a primeira. Também é guarnecida de casco ósseo, o qual principiando na testa, em forma de espelho, desce até o focinho e se compõe de peças irregulares, continua guarnecendo o vértice, a nuca, o pescoço, o dorso e a cauda. Todo o seu casco é atravessado de nove zonas, ou cíngulos, que o cingem pela parte superior, ficando pela inferior a pele nua e descoberta, a qual é porosa e semeada de ralos pelos sedosos e alourados. Os mesmos pelos escapam por entre as juntas das zonas dorsais.

A cabeça é pequena, comprida e estreita. Olhos pequenos, redondos, pretos e fundos, situados nos lados da cabeça. Orelhas compridas, direitas e vizinhas uma da outra. Focinho muito alongado e afilado. Boca grande, sem incisivos nem presas. Tronco cingido de nove zonas, com o dorso malhado de cor de ferro. As pernas são curtas e os pés pequenos; nos dianteiros possui quatro unhas, sendo as externas mais compridas que as internas; nos traseiros tem cinco, todas compridas, estreitas e pouco curvadas. Cauda cônico-alongada, guarnecida de pequenas peças ósseas, dispostas em anéis, e de escamas onde não ocorrem as peças.

Vive como os outros tatus. Sua carne é branca e muito saborosa, sendo, portanto, uma caça estimável.

27 — TATU-PEBA, ENCOBERTO.

Tatus S. Echinus Brasilianus: Aldrouand. De Quadruped. digit vivip., pág. 478, fig. pág. 480. Tatu, péba, Brasiliensibus; Encoberto, Lusitanis.: Marcgrav, Brasil, pág. 231. Tatu s. Armadillo prima. Marcgravii. Ray, De Quadruped., pág. 233. Ca-

taphractus sentis duobus, cingulis sex. Armadillo Mexicanus: Briss. Regn. Animal., pág. 40. L'encobetr, ou le tatou à six bandes: De Buffon, Hist. Nat., Tom. 21, pág. 40. Dasypus sexcinctus, cingulis, senis, pedibus, pentadactylis: Lin., Syst. Nat. pág. 54, Gen. 10, Sp. 4º.

A figura e a grandeza de seu corpo, e mesmo a cabeça, nenhuma diferença têm das de um leitão. A porção do casco que lhe guarnece a cabeça é comprida, larga e composta de uma só peça até a zona móvel, que lhe cinge o pescoço para as flexões da cabeça. A porção do dorso é cingida em seis zonas, compostas de grandes peças quadradas, saindo entre as juntas alguns pêlos esbranquiçados e semelhantes aos que ocorrem por baixo do pescoço e no ventre, onde não hã guarnição óssea. A cor do casco é de um amarelo acastanhado.

A cabeça é semelhante à de um leitão. Olhos pequenos, redondos, pretos e encovados. Orelhas pequenas, direitas, um pouco alongadas, sem pelos ou escamas e fuscas. Focinho agudo. Boca estreita, com dezoito dentes em cada maxila. A língua é comprida, estreita e aguda. Cauda comprida e alargada, mais grossa na base do que na extremidade, estreitando-se pouco a pouco até ficar aguda.

O nome tatu-peba, entre os índios, significa tatu chato. Com efeito, a sua cunha não é tão convexa como nas outras espécies. Todos são obesos, e, ainda que sua carne seja muito branca, é boa de se comer. Alguns brancos a rejeitam por eles cavarem nos cemitérios.

28 — TATU-APARA, TATU-BOLA

Armadillo s. Tatu, genus alterum clus. exot., pág. 109. Tatu apara: Marcgrav, Brasil, pág. 232. Tatu. s. Armadillo: Pison, Brasil., pág. 160. Tatu apara. Armadilli tertia species. Marcgrav: Ray, De Quadrupede, pág. 234. Tatu s. Armadillo Orientalis: Seba, pág. 62, Tab. 38, fig. 2 e 3a. Tatus apara Marcgravii: Barrer. Franc. Equinoc., pág. 163. Cataphractus scutis duobus, cingulis tribus: Briss., Regn. Animal., pág. 38. L'Apar, ou le tatou à trois bandes: De Buffon, Hist. Nat., T. 21, pág. 35. Dasypus tricinctus, cingulis tribus; pedibus pentadactylis: Lin. Syst. Nat. pág. 53. Genus I, Sp. 2º

Tem quase o mesmo tamanho do tatu-peba (Espécie 27). Sua cunha é cingida em três zonas móveis, composta de peças quadradas. Cada peça é constituída de pequenas escamas lenticulares, de uma cor branca amarelada.

A cabeça oblonga, e quase piramidal, é guarnecida de um casco completo de uma só peça. Olhos pequenos, pretos e *porcinos*. Orelhas curtas e arredondadas. Focinho agudo. Boca estreita, com a língua fina e *assuvelhada*. O tronco é cingido em três zonas. Cinco dedos, com outras tantas unhas, nos quatro pés. As duas unhas internas dos pés dianteiros maiores que as externas; a quinta unha exterior ainda menor que as outras; as dos pés traseiros mais curtas e iguais. Cauda do comprimento de duas polegadas, também quase piramidal e toda guarnecida de uma concha móvel pelos seus gonzos em roda.

Chama-se tatu-bola por causa da figura que toma ao dormir ou para escapar de alguma perseguição. Ele se contrai e arredonda como uma bola, fechando-se com tanta força, que, para abri-lo, é preciso forçar com tenacidade. Seu pênis é muito proeminente. Sua carne é branca e saborosa e Marcgrav a prefere à do coelho, se for cozida e depois frita na manteiga.

VI — Gênero CANIS (Syst. Nat.)

29 — *Canis familiaris* Lin.

JAGUARA-MEMBAUA, CÃO DOMÉSTICO

JAGUARA SUAIUARA — Cão felpudo da Europa

JAGUARA PIROCA — Cão pelado

Tanto esta espécie, como suas variedades, foram introduzidas pelos europeus. Os tapuias não dão nomes distintos, que eu saiba, aos cães galgos, aos perdigueiros, ditos de lebres, aos dogues, ditos de água e aos de fila. Se alguma diferença fazem é apenas no tamanho: Jaguaruçu — cão grande e Jaguara-i ou mirim — cãozinho ou cão pequeno.

30 — JAGUARA-CAAPORA — CÃO DO MATO

Vide os gêneros *Mustela* e *Didelphis*

31 — AUARÁ, RAPOSA

É a mesma espécie que a da Europa, e tem os mesmos costumes. Habita mais as campinas do que as matas, porém também as infesta quando pressente alguma caça. Na Vila de Monte

Alegre me fizeram presente de uma raposa reduzida a tal grau de domesticidade que, durante o espaço de um ano em que a conservei, sempre que saía acompanhava-me a toda parte, como se fosse qualquer cão doméstico. Curte-se a pele dessas raposas para os mesmos usos que fazem os europeus.

N.B.: Nas capitanias do Pará e Rio Negro, e da mesma forma em todo o rio Madeira até a foz do Beni, não vi nenhum nem soube que houvesse lobos. Porém, da foz do Guaporé para cima, em toda a capitania de Mato Grosso, há bastante.

VII — Gênero FELIS (Syst. Nat.)

32 — *Felis onça* Lin.

32a — JAGUARETÊ PINIMA, ONÇA PINTADA

Jaguará Brasiliensibus, Lusitanis Onça; Marcgrav, Brasil., pág. 235. Pardus. S. Linx Brasiliensis: Ray, Quadr. 168. Felis Onça, cauda mediocri, corpori flavescente, ocellis nigris, rotundato angulatis, medio flavis: Lin., Syst. Nat., pág. 61, Genus 13, Sp. 4º.

Espécie de gato, a mais feroz da América. Excede muito ao lobo, tanto em volume como em agilidade e ferocidade. Tem o corpo todo vestido de pelos curtos e densos, malhado de preto sobre um fundo louro ou griséu-esbranquiçado. As malhas são redondas ou anguladas, ordinariamente com uma pinta loura no centro. O abdome, que ainda é mais esbranquiçado, é semeado de pintas pretas, assim como os pés.

A cabeça é grande, grossa, ossuda, larga, com o vértice explanado e em tudo semelhante à do gato, porém com um pescoço curto e grosso. Testa convexa. Olhos redondos, acesos e luzidios no escuro. Orelhas curtas, direitas, distantes e arredondadas. Focinho rombo e barbado de cerdas, como no gato. Boca grande, com a língua tão áspera como uma carda. Dentes cônicos, grossos na base, rijos e agudíssimos. Seu hálito é intolerável. O tronco é forte e toroso, mais comprido que alto. Pés dianteiros mais fornidos, grossos e largos que os traseiros. Os pulsos grossos e robustos, principalmente o esquerdo, pois é com ele que atira a primeira bofetada. As patas largas e armadas com cinco unhas; as traseiras têm somente quatro. Todas as unhas são grandes, rijas, grossas, encurvadas em meia lua e agudíssimas. Ela as traz recolhidas entre os dedos, como em um estojo, de onde as distende na ocasião de ataque. Cauda medíocre, reta e semeada de pintas pretas e oblongas.

Habita o centro das matas e bordas dos rios, onde dorme estendida sobre os ramos ou troncos inclinados das árvores, de maneira que fica com os braços e pernas dependurados.

Caça mais de noite do que de dia, e não tem o olfato tão delicado como o do cão. Por isso, somente caça ou avança no que vê. Trepa nas árvores à espera de que passem as varas dos porcos monteses, para cair sobre o último. Brinca com a caça antes de matá-la, como faz o gato com o rato, quando não tem muita fome. Senta-se ao notar gente e, meneando a cauda, encurva-se se resolve avançar. Porém, esta resolução nunca é absolutamente livre de temor, senão quando a fome é grande ou ela anda no cio.

A onça não investe contra o homem pelo prazer que tenha em lhe causar a morte, mas somente no caso de extrema necessidade. Fora deste caso, nem mesmo sendo provocada ela deixa de se retirar. Salta grandes distâncias, subindo pelas altas tranqueiras dos currais, onde mata a rês que lhe aparece e, com ela presa nos dentes, desce com a maior facilidade e a arrasta para o seu pouso. Prefere beber-lhe o sangue e saciar-se nas suas entranhas do que na carne sólida e musculosa. Na falta de caça, desce até as margens dos rios e os atravessa, se preciso, pondo-se a pescar com a mão. É notável a força com que ela divide em duas metades uma tartaruga e surpreende e arrasta uma anta, peixe-boi ou jacaré. As fêmeas após parirem são ferocíssimas. Surpreendida, quando pequena, a onça deixa-se domesticar, porém, depois de adulta, nunca chega a remover de quem a cria a suspeita de infidelidade. Desta primeira casta de onça pintada, os índios distinguem as duas variedades abaixo:

a 1) — PACOVA-SOROROCA — por imitar as malhas da folha daquela planta quando secas. Possui as malhas maiores e mais largas.

a) 2) — URUJAUARA — possui as pintas miúdas e delicadas.

32 *b* — SUÇUARANA, ONÇA-PARDA

Suguaçu-arana: Marcgrav, Brasil., pág. 235.

Difere da primeira por ser toda ruça ou castanha da cor do veado do mato.

32 *c* — JAGUARUNA, ONÇA-PRETA

Jaguarete: Marcgrav, Brasil., pág. 235.

Difere das duas primeiras (32 a 32b) por ser de uma cor preta ondeada e luzidia.

USOS

MÉDICO — Os empíricos atribuem aos seus dentes inúmeras virtudes médicas. Não se pode persuadir essas pobres gentes de que os dentes são ossos. Alguns os trazem ao pescoço, encastoados em ouro ou prata.

ECONÔMICO — Sabe-se o quanto são belas e preciosas as suas peles.

DIETÉTICO — Os índios comem a carne da onça suçuarana.

33 — MARACAJÁ, GATO DO MATO

Margaia au Maragnon; espèce de chat sauvage; Abevil, Mission au Maragnon, pág. 250. Tepe; Maxtlaton: Hernand, Nov. Hesp., pág. 9. Maraguao. S. Maracajá: Marcgrav, Brasil., pág. 233. Felis fera tigrina; Marakaia: Barre., Franc. Equinoct., pág. 153. Felis silvestris, tigrinus, ex hispaniola: Seba, vol. 1, pág. 77, Tab. 48, fig. 2º Felis ex griseo flavescens, maculis nigris variegata... Felis. Sylvestris, tigrina. Le chat sauvage, tigre: Briss., Regn. Animal., pág. 266. Le Margay: De Buffon, Hist. Nat., Tom., 27, pág. 30.

Pela sua grandeza e figura é um gato silvestre, porém, pela sua natureza e cor da pele, não é menos que uma pequena onça. É toda coberta de pelos curtos e densos. Em algumas partes, raiados de listas pretas longitudinais e, em outras, com malhas da mesma cor, redondas e anguladas sobre um fundo fouveiro. Tão bela é a sua pele como pérfido seu coração.

A cabeça é grossa, larga e quadrada. Olhos grandes e redondos, que luzem de noite. Orelhas curtas, direitas e arredondadas. Focinho curto e barbado, como o dos gatos. Tronco fornido, grosso e mais comprido do que alto. Unhas em número, figura e grandeza semelhante às da onça (Espécie 32). Cauda reta, comprida, pilosa e variada das mesmas cores que o corpo.

Varia muito nas cores e no tamanho, de maneira que os índios dividem esta espécie nas mesmas variedades que a onça. Assim, o seu maracajá pinima ou pintado, que acima foi descrito, pode ser:

33 *a*) — PACOVA SOROROCA, com as malhas largas.

33 *b*) — URUJAUARA, com as pintas delicadas.

Da mesma forma, em relação às onças suçuarana e jaguarana, fazem as mesmas distinções no maracajá quanto às suas cores.

Trepa pelas árvores para caçar e devasta as galinhas e outras criações. Sem embargo, tive uma na Vila de Barcellos, tão mansa como qualquer gato.

34 — *BICHANO*, GATO

É a espécie domesticada pelos europeus e por eles mesmos introduzida no Brasil.

VIII — Gênero VIVERRA (Syst .Nat.)

35 — *Viverra nasua* Lin.

QUATI

Le Coati Cuti: Thevet, France Antarctique, pág. 95 e 96. Coati: Marcgrav, Brasil, pág. 228, Coati-mondi. Hist. de L'Academie, T. 3º, part. 2º, pág. 17. Vulpes minor, rostro superiore longiusculo, cauda annulatim, ex.nigro, fruto variegata: Barrer, Franc. Equinoct., pág. 167. Ursus naso producto, et motibi; annellée: Briss., Regn. Animal., pág. 236. Le Coati: De Buffon, Hist. Nac., T. 17, pág. 204. Viverra nasua, rufa, cauda albo anulata: Lin., Syst. Nat., pág. 64 gen. 14 sp. 2º

É do tamanho de um gato grande. Tem os pelos curtos e ásperos, castanhos ou amarelos com as pontas pretas e não muito ordenadas. Os do fio do lombo são mais rijos e pretos. Por cima e por baixo do corpo e nos lados dos olhos há alguns malhados de branco. A garganta e o peito são flavicantes. Outros têm diferentes *verrugas* na pálpebra superior, debaixo do olho, na boca e debaixo da goela.

A cabeça é comprida e semelhante à da raposa. Face alongada num focinho comprido e agudo. Olhos pequenos e pretos. Orelhas curtas, redondas, e pretas por cima. Focinho comprido, agudo, negro e móvel, com o ápice truncado para dentro e sem lacuna por baixo. Nariz com as ventas situadas na face anterior do ápice do focinho, fazendo parte delas uma profunda e ampla fissura de cada uma das margens laterais. Boca rasgada, com a maxila inferior mais curta que a superior, a língua franjada

nas margens. Os incisivos da maxila superior são seis, distintos uns dos outros, e os laterais maiores que os intermediários. Os da maxila inferior também são seis, porém com os intermediários convergentes. Todos são agudos e muito penetrantes, de maneira que, quando irritados, degolam os cães que os perseguem. Tronco bem talhado e pode ser disposto em todas as atitudes para os diferentes movimentos. Os pés traseiros maiores que os dianteiros. Uns e outros com cinco unhas comprida, fortes, comprimidas e agudas. Cauda ereta, mais comprida que o corpo, fusca e anelada de branco ou castanho.

Habita as matas e margens dos rios, porém dorme nas árvores, em ninhos que faz de seus ramos. Sustenta-se de ovos e é fácil de domesticar. Faz-se digna de reparo a inclinação que tem de comer sua própria cauda, até diminuí-la de sua terça ou quarta parte. Varia muito na cor e no tamanho.

36 — *Viverra nasua* Lin.

QUATI

Ursus naso producto, mobili; cauda unicolori: Briss., Quard. 262. Viverra subfusca, cauda concolore: Lin., Syst. Nat., gen. 14 sp. 3º

Lineu faz consistir sua diferença em ser quase fusca e ter a cauda de uma só cor. Porém, quanto a mim, semelhante diferença não produz mais que uma variedade.

USOS

ECONÔMICO — suas peles são aproveitadas.

DIETÉTICO — Os índios comem sua carne.

37 — *Viverra putorius* Lin.

MARITATACA, JARITATACA

Yzquiepatl.: Hernand, México, pág. 332. Seba, T. 1º pág. 68, tab 42, fig. 1º. Putorius americanus, stiatus. Le Putois rayé: Briss., Regn. Animal:. pág. 250. Les moussêtes: De Buffon, Hist. Nat., T. 27, pág. 83. Viverra Putorius, fusca, lineis quator dorsalibus, parallellis, albidis; Lin., Syst. Nat. pág. 64, gen. 14, sp. 4º

Pelo seu talhe, observou Catesby (Hist. Nat. de la Caroline, T. 2, pág. 62) que não difere do *Putorius* comum, e, pela sua

grossura, escreveu Kalm (Voyag. de Kalm, pág. 442 e seg.) que quase nenhuma diferença faz do *Martes*. Todo o seu corpo, em geral, é felpudo e malhado de preto e branco, porém, com as malhas diferentemente dispostas, segundo a diferença das variedades. O seu pelo é comprido, fino, denso e macio. O exemplar que é o objeto desta descrição tem, ao comprimento do corpo e sobre fundo preto, duas litras brancas de cada lado, que, com a que desce pelo fio do lombo até a cauda, fazem cinco, todas paralelas.

A cabeça é comprida. Olhos vivos, pequenos, redondos e pretos. Orelhas curtas e arredondadas. Focinho barbado de alguns pelos compridos e agudos. Boca pequena com os dentes agudos e penetrantes. Tronco convexo e mais comprido do que alto. Membros curtos e armados de cinco unhas cada um; as dos dianteiros compridas, comprimidas e agudas, e as dos traseiros menores. Cauda quase tão comprida como o corpo e felpuda como a da raposa, a qual a maritataca traz sempre alçada.

É este um dos belos animais da América pelas diferentes qualidades que tem, como a viveza natural, o talhe airoso do corpo, a variedade das cores, a finura dos pelos e ainda a facilidade de se domesticar. É também, por outra parte, um dos mais detestáveis, pela insuportável catinga que exala, quando algo o inquieta ou irrita. Por esta razão, têm-se satisfeito os viajantes de cobrirem-no de impropérios e nomes odiosos, sendo um deles o Padre Charlevoix, que até o tratou de Enfant du Diable (Hist. de la Nov. Franc., T. 3, pág. 113). O modo pelo qual exala a tal catinga nem todos o explicam uniformemente. Que a exala pelos excrementos, escreveu o Capitão Wood (Suit. des Voyag. de Dampier. T. 5, pág. 181), porém não são muitos os da sua opinião. Dizem que é difundida pela urina o citado Charlevoix, Catesby (Carolin., T. 2, pág. 62), Kalm (Voyag., pág. 417), Fevillé (Journal. Paris 1714, pág. 272), *Gmelin* (Voyag., T.6, págs. 212 e 213) e outros. Ultimamente, Padre Gumilla escreve que a referida catinga procede de ventosidades que solta (Orinoco Ilustr.). Deste último modo é que, em todo o Brasil, tenho ouvido dizer a este respeito. Tal é a arma de que a natureza proveu este pequeno animal para a sua defesa. Ele também trepa nas árvores quando se vê perseguido. Porém, ainda assim, não satisfeito de estar trepado, nunca deixa de exalar a catinga. Ela, com efeito, é tão ativa e persistente que nem os cães de caça a podem tolerar; uns recuam e cessam de persegui-lo, outros, para repetirem suas avançadas, esfregam repetidas vezes o nariz no chão. E, se não for exagero o que dizem a maior parte dos viajantes, muito pestilente deve ser ela, o que, até agora, não

tive ocasião de experimentar. Refere o autor da História dos Incas, que, por mais fechadas que estejam as portas de uma casa, ao passar um destes animais lá fora sente-se sua catinga a mais de cem passos. Sua urina, diz Charlevoix, empesta o ar num raio de meio quarto de légua. Se esta cai sobre alguma roupa, diz Kalm, é dificílimo de extinguir seu mau cheiro. Uma mulher que matou um, quando entrou uma noite em sua casa, adoeceu por alguns dias pelo pestilente cheiro que, num momento, encheu não somente toda a casa, mas também quantas provisões e víveres ali se conservavam, de maneira que foi preciso botar tudo fora. No dia que matei um, diz Catesby, caiu sobre minha vestimenta uma gota de sangue e, sem dúvida, também de urina, o que bastou para empestar, de sorte que me vi obrigado a voltar à casa e mudar de roupas.

Sustenta-se de pássaros, dos quais quebra os ovos para comer os filhos. Também gosta de alguns lagartos, aranhas e outros insetos e vermes. Da sua espécie encontram-se algumas variedades que se distinguem pela cor e comprimento dos pelos. É certo que há uma delas que é toda escura e sem malhas brancas, nem a cauda felpuda e com quatro unhas, e não cinco, nos pés dianteiros, porém, apesar de todas terem a mesma figura, o mesmo instinto e a mesma catinga, esta parece ser uma espécie distinta. Quanto às diversidades que se conhecem, além da que foi objeto desta descrição, são as seguintes:

37*a* — Le Squashe da Nova Espanha, ou Guaze, o qual é todo escuro, não tem a cauda felpuda e nem cinco mas apenas quatro dedos nas mãos.

37*b* — Le Chinche, que é todo branco pelo dorso e preto nos flancos, com uma tinta branca que lhe desce desde a nuca até o nariz, e a cauda felpuda é branca, porém variada de preto.

37*c* — Le Mapurita, que é o menor de todos e tem a cauda semelhante à do chinche, porém com o corpo listado de branco sobre um fundo preto, sendo as listas longitudinais desde a cabeça até o meio do dorso, e transversais às dos rins e da parte inferior do dorso até o princípio da cauda.

USOS

ECONÔMICO — suas peles são estimadas.

DIETÉTICO — Catesby diz que comeu sua carne e que achou de bom gosto. Dampierre acrescenta que é muito sã. Os índios todos a comem.

Nem a carne ou a pele conservam a catinga que tem o animal quando vivo.

38 — IRARA, PAPA-MEL.

Chega a ter dois pés de comprimento. Seus pelos são curtos, densos e pretos, os da parte superior do pescoço são de um amarelo esmorecido. Possui na garganta uma malha cor de gema.

Os olhos são redondos e pretos. Orelhas pequenas e redondas. Focinho obtuso e barbado de *cerdas*. Boca medíocre. Os incisivos são seis em cada maxila, com a diferença que os dois últimos são maiores. As presas são separadas. Todos os dentes são cônicos e agudos. Tronco comprido e reto. Cinco dedos em cada pé, com outras tantas unhas córneas, encurvadas e agudas. Cauda comprida, reta e menor que o corpo.

Sustenta-se de mel silvestre e de frutos. Anda muito sutilmente pelo chão e trepa nas árvores. Os índios a consideram como espécie de macaco.

USOS

ECONÔMICO — Suas peles são curtidas.

39 — JUPARÁ

O que serviu de objeto desta descrição tinha treze polegadas de comprimento, desde a ponta do focinho até a base da cauda. O seu pelo era curto, denso, macio e amarelo com as pontas pretas.

A cabeça é redonda. Testa convexa. Olhos redondos e pretos. Orelhas pequenas e agudas. Nariz cor de carne, assim como os lábios laterais. Focinho redondo. Boca rasgada, com os dentes agudos. Tronco curvado. Cinco dedos em cada pé, com as unhas grossas, encurvadas e agudas. Cauda reta, mais comprida que o corpo e escura para a extremidade.

É animal noturno, que passa o dia dormindo dentro dos tocos das árvores. Sustenta-se de frutos.

USOS

ECONÔMICO — Os caçadores fazem de suas peles patronas, bolsas, guarda-fechos das armas, etc.

IX — Gênero MUSTELA (Syst. Nat.)

40 — JAGUARA-CAAPORA, CACHORRO DO MATO

Não tenho visto deste animal, mais que uma pele muito mal tirada pelo índio que o matou. Representava ser da estatura e do feitio de um furão. Sua pele era toda preta por cima e malhada de branco por baixo. Persegue as cutias e as devora, daí o nome acutiuara. Domestica-se facilmente.

X — Gênero URSUS (Syst. Nat.)

41 — *Ursus lotor* Lin.

GUAXINIM

Ursus, cauda elongata. Act. Stockh. 1747. Tab. 9º, fig. 1º. Mus indicus alius: Pesner, quadr. 741. Vulpi affinis americana: Ray, quadr. 179. Felix montana, americana: Seba, vol. 1º, pág. 68, tab. 42, fig. 1º. Mapach: Nieremb., Nat. 175. Vulpes americana, Mapach, dicta, Anglice Ratton. S. Racoon: Sharlet, pág. 15. Racoon. S. Coane. Jamaic. Tom 2, pág. 329. Racoon: Kalm, It. 2, pág. 228, 327 e 3º, pág. 24. Coati Brasiliensium: Klein, De Quadruped., pág. 72. Le Raton: De Buffon, Hist. Nat., t. 17, pág. 177. Ursus lotor, cauda annulata, fascia per oculos transversali, nigra: Lin., Syst. Nat., pág. 70, gen. 16, sp. 3º.

No seu comprimento e figura assemelha-se muito à raposa. Seu corpo é curto, grosso e felpudo. O pelo é comprido, denso, macio, todo gríseo no seu maior comprimento, com a ponta preta. Passa-lhe por baixo dos olhos uma faixa preta transversal, cortada no meio por uma linha perpendicular também preta.

Cabeça da mesma forma e grandeza que a da raposa. Olhos grandes, redondos e de uma cor azul-esverdeada, o esquerdo ordinariamente ofuscado por uma malha preta. Orelhas curtas e redondas. Focinho afilado. Nariz um pouco arrebitado. Boca com o lábio superior mais comprido que o inferior e, em cada uma das maxilas, possui seis incisivos e duas presas como as dos cães. Tronco curto, convexo e grosso. Pés dianteiros mais curtos que os traseiros, todos guarnecidos de cinco unhas fortes e agudas. Cauda reta, tão comprida como o corpo, felpuda e alternada de anéis pretos e brancos, os do princípio da cauda mais estreitos e menos distantes uns dos outros.

Habita comumente as matas costeiras. Anda pelo chão e trepa nas árvores até os últimos ramos, o que executa com grande agilidade. Porém, salta mais do que anda, e os seus saltos são oblíquos. Quando anda pisa nas pontas dos pés e quando descansa firma-se nos calcanhares. Estes lhe facilitam a elevação do corpo sobre os pés treseiros, como também a posição oblíqua e vertical. Come tudo, seja carne crua ou cozida, peixe, ovos, vermes, insetos, cana de açucar, grãos, raízes, etc. Gosta muito de leite e açucar, se lhe dão. Todo o seu alimento, ele lava e ensopa na água antes de comer, levando à boca com as mãos. Só na falta de carne é que come frutos. Contudo, é muito fácil de domesticar.

USOS

ECONÔMICO — Sua pele é aproveitada.

XI — Gênero DIDELPHIS (Syst. Nat.)

42 — *Didelphis marsupialis* Lin.

MUCURA-AÇU, GAMBÁ, TUPALUMA, RAPOSA DO BRASIL.

Carigueya: Pison, Brasil, pág. 323. Carigueya. Tajibi: Marcgrav, Brasil, pág. 222. Tlaquatzin: Ximen., Descript. Americ. Tlaquatzin: Hernand, Mexic., pág. 330. Cerigon: Meffex, Hist. des Ind., t. 2°, pág. 46. Servoi: Staden, Bras., pág. 129. Opossum: De Lact., Hist. du Nouv. Mund., pág. 88. Carigueya. S. Marsupiale americanum Anathomy of an opossum, by Edward Tyson, 1698. Oppossum: Catesby, Carolin., append., pág. 29. Faras S. Ravale: Gumilla, Hist. do Orinoco. Rat. sauvage: Dumont, Mem. sur la Louisiane, pág. 83. Rat. de bois: Charlevoix, Nov. Franc., t. 3, pág. 333. Rat de bois. Pág. du Pratz. Hist. de la Louisiane, T. 2°, pág. 94. Semi Vulpa: Gesner., de Quadruped.digit.visip., pág. 223. Vulpes maior, putoria cauda teret et glabra: Barrer., Franc. Equinoct. pág. 166. Philander: Brisson, Regn. Animal, pág. 286, 288,289. Le sarigué, ou l'opossum: De Buffon, Hist. Nat., t. 21, pág. 135. Didelphis marsupialis, mammis 8 infra abdomen: Lin., Syst. Nat., pág. 71, gen. 17, sp. 1°.

Tem a estatura de um coelho comum e a cabeça como a da raposa. Seu corpo é mal composto de pelos de diversas cores e tamanhos; os da cabeça, pescoço, baixo ventre e quartos tra-

seiros são mais curtos; os da cabeça mais esbranquiçados que os do resto do corpo, sendo pelo dorso e lados de uma cor grísea e cinzenta, variada de preto e branco. Os do ventre são escuros e os das pernas mais ainda.

As fêmeas têm na parte exterior do ventre uma bolsa ou cavidade, com a sua abertura tão estreitamente fechada que, para examiná-la, é preciso abri-la com os dedos. Veja-se a circunstanciada descrição que dela foi dada por Edward Tison, depois da dissecação anatômica que fez com todo escrúpulo e cuidado.

«No ventre da fêmea — diz ele — há uma fenda do comprimento de duas a três polegadas, formada por duas peles que compõem uma bolsa mais peluda por fora, onde estão encerradas as mamas. Os filhos recem-nascidos são aí recolhidos para mamarem, ou para se refugiarem de algum mal que receiem ou quando se espantam, mesmo depois de adultos. Ela se abre e fecha à vontade do animal. A mecânica desse movimento se faz por meio de muitos músculos e de dois ossos, que pertencem apenas à essa espécie de animal e que estão situados diante dos ossos do púbis, nos quais e atam pela base. Esses ossos têm quase duas polegadas de comprimento, diminuindo de grossura da base para a extremidade. Eles sustentam os músculos que fazem abrir a bolsa e servem de ponto de apoio aos músculos antagonistas, que fazem fechar a bolsa tão exatamente que, estando o animal vivo, não se pode ver a abertura a não ser abrindo-a com os dedos. O interior da bolsa é todo semeado de glândulas, que filtram e lançam uma substância amarelada de mau cheiro tão grande que tomam todo o corpo do animal.»

A cabeça possui o vértice e a testa lançados em linha reta sobre um mesmo plano, vindo daí que a testa não possui convexidade. Face prolongada num focinho comprido, desde a largura maior, entre as orelhas, diminuindo até a ponta. Olhos pequenos, salientes, vivos, redondos e pretos. Orelhas compridas, largas, redondas, retas, nuas, de cor preta ou fusca e com as pontas não cartilaginosas, como nos outros animais, mas membranosas e diafanizadas, como as asas dos morcegos e com o conduto auditivo muito largo. Nariz com as ventas luniformes, perpendiculares e muito separada uma da outra. Sua cartilagem é chata, muito larga e dividida em duas partes por uma pequena fenda vertical. Focinho comprido, cônico, agudo e barbado de cerdas, como nos gatos, sendo estas mais compridas no lábio superior, além de rudes, agudas, pretas e algumas espalhadas sobre os olhos e face. Boca rasgada até debaixo dos olhos, com a maxila superior um pouco mais comprida. Língua comprida,

estreita, rude, áspera, arredondada na ponta e frangeada nas margens anteriores. As presas da maxila superior saem fora da boca. Os incisivos, em número de dez na maxila superior e oito na inferior, com os dois intermediários muito pequenos. Tronco com o peito largo, proporcional ao seu volume. Os pés dianteiros mais curtos. Todos com cinco dedos, sendo que os dianteiros têm unhas curvas, agudas e menores e alguns dedos maiores que outros. O polegar traseiro é separado e sem unha. Debaixo de todos os dedos estão as calosidades carnosas. Cauda tão ou mais comprida que o corpo, guarnecida de pelos apenas no seu princípio e daí para a ponta com a pele nua, lisa e escamosa. O ápice da cauda é convoluto. A glande do pênis e do clitóris é bifurcada.

Habitam os matos, onde andam pelo chão e trepam nas árvores, porém, ele não anda com o mesmo desembaraço com que trepa. A femea pare de quatro a seis filhos, os quais, por terem sua exclusão mais prematura que a dos outros quadrúpedes, vão acabar de aperfeiçoar seu crescimento dentro da citada bolsa ou cavidade do ventre das mães, formada pela duplicação da pele que vem do púbis e da face interna de cada fêmur.

Sustenta-se de aves, répteis, insetos, cana de açúcar, batata, casca de árvores, folhas, frutos e não perdoa os licores fermentados. Devasta as criações de galinhas, patos e pombos. Tem uma catinga que se espalha por toda a pele mas que não penetra na carne. Sem embargo, os cães não a comem, pela impressão que faz ao olfato a referida catinga. Ele dá a uma planta o nome de mucura-caá, ou erva de mucura. É facil de se domesticar.

O tajibi de Marcgrav, que nós damos o nome de cachorro do mato, e que Lineu faz diferente espécie pela discussão crítica de De Buffon, provavelmente parece não ser mais que o *saruê* macho. Pois, com ele difere da fêmea por não ter bolsa, não admira que a cada um se chamasse por diferente nome: o macho pelo de tajibi e a fêmea pelo de *saruê*.

USOS

MÉDICO — A cauda depois de pisada e bebida em água, na dose de uma oitava, atribuem-se as virtudes médicas de antinefrítico, solutivo, afrodisíaco, *em menagoga*, mundificante, *elaclificate*, etc. Assim se lê na Annotação a Marcgrav (pág. 223). Pela realidade destas e outras virtudes semelhantes, respondam os experimentados.

DIETÉTICO — Que a sua carne é boa de comer e saudável, certificam, por experiência própria, vários escritores, como Ráphe, Dumont e Du Pratz, que a comparam à carne do leitão. O que eu posso assegurar é que, em alguns bocados que comi, não notei a menor catinga, antes me pareceram bons. Há alguns brancos no Pará que trocam uma galinha por uma mucura. Quanto aos índios e pretos, jamais deixam de comê-la, ainda em concurso com outras caças.

43 — MUCURA-MIRIM, RATO DO MATO

Mus Sylvestris, americanus: Seba, vol. 1º, pág. 46, tab. 31. fig. 1º e 2º. Philander, saturale spadiceus in dorso, in ventre dilute flavus, pedibus albicantibus. Philander americanus. Le Philandre d'Amerique: Briss., Regn. Animal, pág. 291. La Marmose: De Buffon, Hist. Nat., t. 21, pág. 52 e 53. Didelphis murina, cauda semipilosa, mammis senis: Lin., Syst. Nat., pag. 72, gen. 17, sp. 4º.

Difere da espécie anterior por não ter bolsa, na cor do pelo e no tamanho. Quanto a este, é o mesmo que o de um rato grande. Os pêlos dos lados da cabeça, da maxila inferior, da garganta, do peito e do ventre, dos lados da parte inferior do corpo e face interna dos braços e pernas são esbranquiçados, um pouco foveiro nos lados do corpo e pescoço. Os da parte superior são cinzentos e os da inferior esbranquiçados. A fêmea, em lugar da bolsa, tem no início das coxas duas dobras longitudinais, dentro das quais os filhos se recolhem para mamarem. As mamas são quatorze.

A cabeça é mais larga, com o vértice convexo. Olhos também proeminentes, redondos, pretos e contornados de uma malha preta circular, mais larga na pálpebra superior. Orelhas menos arredondadas. Focinho mais curto e agudo, porém igualmente barbado de cerdas. Boca rasgada, com as maxilas armadas de 50 dentes ao todo, como a espécie mucura-açu. Tronco da mesma formação que a espécie anterior, porém muito mais curto. Membros com dedos e unhas semelhantes, em número e figura. Cauda mais comprida que o corpo, guarnecida de pelos apenas na base, e, daí para baixo, nua e escamosa, como nos ratos, com o ápice convoluto. A glande dos órgãos genitais de ambos os sexos tem a mesma bifurcação.

Todas as suas inclinações e costumes são os mesmos do saruê. Diz-se que o nascimento dos filhos ainda é mais prematuro nesta espécie, e eles são mais numerosos.

USOS

DIETÉTICO — Os índios comem sua carne.

XII — Gênero HYSTRIX (Syst. Nat.)

44 — *Hystrix prehensilis* Lin.

COANDU, OURIÇO-CACHEIRO, PORCO-ESPINHO

Coendou: Mission du P. Abewil. au Maragnon, Paris, .. 1614, pág. 249, vers. Hortzllaquatzin. S. Tlacuatzin. Hystrix... spino. Sus novoe Hispanice: Hernand., Mexic., pág. 322. Hostzllacuatzin: Nieremberg, pág. 164. Cuandu Brasiliensibus: Marcgrav, Brasil., pág. 233. Cuandu: Pison, Brasil., pág. 99. Le Coandou: De Buffon, Hist. Nat., t. 25, pág. 229, tab. 54. Hystrix prehensilis, pedibus tetradactyli, cauda elongata, prehensili, seminuda: Lin., Syst. Nat., pág. 76, gen. 21, sp. 2º.

Ainda que alguns naturalistas o tenham confundido com o verdadeiro porco-espinho, vê-se logo que não é, comparando-se os caracteres de um com os de outro. O coandou é menor, tem o corpo guarnecido de espinhos, excetuada, a ponta do focinho, as mãos, pés, o ventre e a metade da cauda. Os espinhos são como agulhas, grossos, brancos na base e amarelos na maior parte do seu comprimento e com as pontas pretas. Eles são entremeados de pelos como cerdas, compridos, rudes em parte, fuscos e, em parte, amarelos.

A cabeça é comprida. Olhos redondos, saindo à flor da pele e luzídios. Orelhas pequenas, planas e quase escondidas entre os espinhos. Focinho liso, curto, grosso e barbado de cerdas compridas, finas e pretas. Nariz com as ventas largas e redondas. Boca com o lábio superior fendido. Os dois incisivos obliquamente truncados e saindo fora dos lábios e sem presas. Língua com tubérculos. Tronco convexo e fornido. Os pés dianteiros com quatro dedos e os traseiros com cinco. Unhas grandes, curvas, agudas. As dos pés traseiros maiores. Cauda comprida, guarnecida de espinhos até o meio e nua para baixo, com a ponta convoluta. O ápice do penis é tuberoso.

Habita as árvores, de onde desce sem grande segurança, enroscando a ponta da cauda pelos ramos e galhos, por não se fiar nos pés. Dorme todo o dia e sai de noite. Sustenta-se de frutos, e, por isso, se acham muitos nos cacauais. Exala uma terrível catinga e, sendo irritado, todo ele se eriça e joga os

espinhos contra quem o persegue. Tenho visto alguns cães bem atribulados por trazerem o focinho crivado deles. Não que eles mesmos por si próprios penetrem pela carne até as vísceras, como dizem Pison e de Laet.

USOS

MÉDICO — O mesmo de Laet, refere-se ao que ouviu dos índios, que, pulverizados oito ou nove espinhos e bebido o seu pó, era antinefrítico, afrodisíaco e *céflico*.

ECONÔMICO — Seus espinhos servem aos gentios de agulhas para furarem suas orelhas e nariz.

DIETÉTICO — Marcgrav diz que comeu a sua carne, e que a achou boa e muito saborosa. O coandou sendo assado em espeto, é o mesmo que um leitão, escreve Diniz na sua Descrição da América (Paris, 1762, t. pág. 324). Em todo o estado do Grão Pará é uma caça que todos comem.

XIII — Gênero LEPUS (Syst. Nat.)

45 — *Lepus brasiliensis* Lin.

TAPETI, COELHO DO BRASIL

Tapiti: Abewille, Mission au Maragnon, pág. 221. Tapiti Brasliensibus; Marcgrav, Brasil., pág. 223 e 224. Tapiti: Pisosn, Brasil., pág. 102. Ray, Quadr., 205. Citli. Lepus novoe Hispanioe: Hernandes, Nou. Hispan., cap. 3, pág. 2. Lepus brasiliensis. Cauda nula: Lin., Syst. Nat., pág. 78, gen. 22, sp. 4º.

Possui a grandeza de uma lebre e a figura de um coelho. Tem a mesma cor dos pelos leporinos, com a diferença que os do tapeti são um pouco mais escuros. São também finos, densos e macios, um pouco acastanhados na testa e esbranquiçados na garganta. Alguns têm o pescoço cingido de um colar branco. A garganta, o peito e o ventre são brancos.

A cabeça é comprida, estreita e arqueada desde os ângulos das orelhas até a ponta do focinho. Olhos pretos, grandes e ovais. Orelhas de uma grandeza desproporcional ao seu corpo. Nariz com as duas ventas como que reunidas em uma só abertura. Focinho grosso e barbado de cerdas compridas. Boca com o lábio superior fendido no meio. Tronco alongado e quase que

igualmente grosso por todo o seu comprimento. Membros semelhantes aos das lebres.

O seu modo de viver, a sua fecundidade e a qualidade de sua carne, são as que fazem deste animal uma quarta espécie do gênero *Lepus*, no Systema de Lineu.

USOS

ECONÔMICO — Suas peles são aproveitadas.

DIETÉTICO — O mesmo que o das lebres e coelhos.

46 — PREÁ, RATO DO MATO

Apereá Brasiliensibus: Marcgrav, Brasil., pág. 223. Apereá: Pison, Brasil., pág. 103. L'Apereá: De Buffon, Hist. Nat. t. 30, pág. 214.

Este animal, assim como as espécies *porcellus, aguti, paca* e *leporinus*, do gênero *Mus* no Systema de Lineu, parece que devem constituir um gênero à parte, entre os gêneros *Lepus* e *Mus*. O preá, na verdade, não é coelho nem rato, contudo, ele participa das qualidades e caracteres de um e de outro. É menor que o tapeti, sua cor é a das nossas lebres e não tem cauda.

A cabeça é um pouco mais alongada e aguda que a da lebre. Orelhas arredondadas, como a dos ratos, porém tão curtas que não têm a largura de um dedo em altura. Focinho agudo e barbado de cerdas, que também se observam nos lados dos olhos. Boca como láb o superior fendido no meio e dois incisivos somente em cada maxila. Tronco mais comprido que alto. Os pés dianteiros são mais curtos e possuem quatro dedos enquanto os traseiros três, munidos de unhas curtas, sendo a mediana, nos traseiros, mais comprida que as laterais.

Vive como o coelho.

USOS

ECONÔMICO — Sua pele é aproveitada e nos seus excrementos aparece bastante nitro.

DIETÉTICO — O mesmo que o do coelho.

XIV — Gênero MUS (Syst. Nat.)

47 — *Mus porcellus* Lin.

COBAIA, RATO DO MATO, PORQUINHO DA ÍNDIA CAVIA

Cavia cobaya. Brasiliensibus: Marcgrav, Brasil., pág. 224. Cavia cobaya: Pison, Brasil., pág. 102. Cuniculus indiens: Gesner., De Quadruped., pág. 106. Mus. s. cuniculus americanus. s. Guineensis; porcelli pilis et voce; Cavia cobaya Brasiliensibus dietus: Ray, De Quadruped., pág. 223. Cavia cobaia Brasiliensibus; quibusdam, Mus. Pharaonis; Tatu pilosus; porcellus, mus indiens; Klein, De Quadruped., pág. 49. Lapin des Indies. Cuniculus ecaudatus, aurilus albus, aut. rufus, ant. exutroque variegatus: Briss., Regn. Anim., pág. 147. Le Cochon d'Iinde: De Buffon, Hist. Nat., t. 16, pág. 1, tab 1º. Mus Porcellus, cauda nulla; palmis tetradactylis, plantis tridactulis: Lin. Syst. Nat., pág. 79, gen. 24, sp. 1º.

É quase do tamanho de um coelho. Porém seu corpo parece informe, porque de tal modo se confundem com êle a cabeça e o pescoço que só pelas orelhas é que se distinguem uma parte da outra. Os seus pêlos são moles, lisos, densos e macios, do comprimento de uma polegada. O corpo é malhado de diferentes cores: branca, preta e castanha, variadas em tamanho, figura e posição, como sucede aos animais domésticos. Contudo, há alguns totalmente brancos, outros só com malhas brancas, sem as pretas.

A cabeça é grossa e sem convexidade na testa. Olhos grandes, redondos, pretos e proeminentes. Orelhas mais curtas que as da lebre, porém também grandes, ainda que não pareça porque uma parte delas é encoberta por pêlos occipitais longos. Elas são verticais, redondas e mais largas que altas. Nariz com as ventas redondas e afastadas uma da outra. Focinho obtuso e peludo. Boca com o lábio superior meio fendido verticalmente. Os incisivos são dois em cada maxila. Tronco alongado, quando o animal se põe em movimento, e inchado nos flancos, quando está quieto. Pés dianteiros com quatro dedos e traseiros com três.

Admira-se neste animal, mais que tudo, a sua pronta e prodigiosa multiplicação. As fêmeas, depois de cinco ou seis semanas de nascidas, já são cobertas pelos machos. O tempo de

prenhez não se estende por mais de três semanas. Os primeiros partos são menos numerosos, principiam por quatro a seis para chegarem até doze. Na criação dos filhos não empregam mais que quinze dias ou, no mais tardar, três semanas, quando outra vez apetecem ao coito. Todos os demais costumes e inclinações são os mesmos que os do coelho.

Domesticam-se e multiplicam-na Europa, porém, são muito sensiveis às impressões do frio.

USOS

ECONÔMICO — Suas peles são aproveitadas, se bem que não façam delas o maior apreço.

DIETÉTICO — Sendo domesticados, sua carne não tem o melhor sabor.

ACUTI, CUTIA

Acuti ou Agouti: Histor. du Nov. Mond., Ley de 1640, pág. 484. Agutí, vel Acuti: Marcgrav, Brasil., pág. 224. Aguti: Pison, Brasil., pág. 102. Couti: Rennefort, Hist. des Indes, Paris, 1688, pág. 203 mus Silvestris. Americanus cunniculi, magnitudine, porcelli pilis et voce: Ray, de Quadruped., pág. 226. Cunniculus, omnium vulgarissimus, Aguti vulgo: Barrer., Franc. Equinoct., pág. 153. Cavia Aguti, vel Acuti Brasiliensib.: Klein, De Quadruped., pág. 50. Cunniculus caudatus, auritus, pilis ex rufo, et fusco. mixtis, rigidus, vestitus: Briss. Regn.Anim., pág. 143. L'Agouti: De Buffon, Hist. Nat., t. 17, pág. 227. Mus Aguti, cauda abbreirata, palmis tetradactylis, plantis tridactylis; abdomine flavescente: Lin. Syst. Nat., pág. 80, gen. 24, sp2.

48 — ACUTIPIRANGA, CUTIA VERMELHA

Esta é a mais freqüente das três castas de cutias que há no Estado. Também tem a grandeza, os mesmos hábitos e costumes de um coelho.

O seu corpo é alongado e vestido de pelos grossos, ásperos e luzidios como seda, castanhos ou ruivos na maior parte do seu comprimento e com as pontas fuscas ou pretas. Os da parte superior do pescoço e posterior do dorso são mais compridos. Os dos lados do corpo e do ânus são de uma cor alaranjada, do ventre e debaixo da maxila inferior são amarelos. A cabeça

é comprida e estreita, com o vértice chato. Olhos proeminentes, vivos, grandes, pretos e ovais. Orelhas curtas, largas e delgadas, como as dos ratos. Nariz mais avançado e menos obtuso que o do coelho. Boca com o lábio superior fendido no meio; a maxila superior um pouco mais comprida; apenas dois incisivos em cada maxila; focinho barbado. Tronco alongado e mais baixo na parte anterior. Pés dianteiros mais curtos, com quatro dedos e outras tantas unhas. Pés traseiros com três dedos mais compridos e grossos. As unhas compridas, grossas e quase cilíndricas. Cauda muito curta e nua.

Habita os tocos das árvores e por entre as suas raizes, de onde sai à procura de seu alimento, que se constitui de frutos, raizes, folhas, canas de açúcar, etc. Senta para comer e leva com as mãos o alimento à boca. Come precipitadamente e é voracíssimo. Grunhe como o leitão. A fêmea, antes de parir, prepara um ninho de folhas e gramas para seus filhos. Pare duas a três vezes por ano e cada parto não conta mais de dois filhos, que mamam pouco tempo. Domesticam-se facilmente, porém roem tudo dentro de casa e estragam as hortas e os jardins. Quando irritadas, eriçam os pêlos, principalmente os da parte inferior do dorso, e, com os pés dianteiros batem no chão, como os coelhos.

Dessa espécie, contam-se duas variedades, a saber:

48a — ACUTI-PIXUNA, CUTIA PRETA

Difere da espécie acima apenas na cor, sendo toda preta pelo fio do lombo e ruça pelo restante do corpo. São abundantes no Rio Negro.

48b — ACUTIUAIA, CUTIA DE RABO

É menor do que as outras, sendo porém da cor da espécie descrita acima, diferindo apenas por ter a cauda um tanto maior do que ambas. Por isso, os índios lhe dão o nome de acutiuaia que, em português, significa cutia com cauda.

USOS

ECONÔMICO — A maior parte dos habitantes do Pará calçam-se de suas peles. Seus dentes são as goivas dos gentios.

DIETÉTICO — Sua carne é mais suculenta e saborosa quando elas estão gordas. Ao contrário, é dura e seca. Para comer as cutias é preciso prepará-las como os leitões.

49 — PACA, CAÇA REAL

Paq ou Paque: De Lery, Voyag. au Brésil, Paris 1578, pág. 157. Pac: Abevill, Mission au Maragnon, Paris 1614, pág. 251. Paca Brasiliensibus: Marcgrav, Brasil., pág. 224. Paca: Pison, Brasil., pág. 101 (Les Pacas De Laeth, Descript. utring. Americ., pág. 484). Mus brasiliensis, magnus, porcelli pilis et voce, Paca distus: Ray, De Quadruped., pág. 126. Cuniculus maior, palustris, fasciis albis notatus; Barrera, Franc. Equinoct., pág. 152. Cuniculus caudatus, auritus pilis obscure fulvis, rigidis, lineis, ex alboflavicantibus ad latera, distinctis. Paca, Le Pak: Brisson, Regn. Animal., pág. 144. Le Pac: Binef, Voyage a Cayenne, Paris 1664, pág. 340. Le Paca: Maffei, Hist. des Indes, Paris 1665, pág. 70. Le Paca: De Buffon, Hist. at., t. 21, pág. 121, tab. 43. Mus Paca, cauda abbreviata, pedibus pentadactylis, lateribus flavescente-lineatis: Lin., Syst. Nat., pág. 81, gen. 24, sp. 6º.

O seu tamanho é o de um leitão, ao qual se assemelha muito pela forma do corpo, pelo som da voz, que é um grunhido, pelo modo de andar, de comer, que não é levando o alimento à boca como a cutia, pelo gosto e alvura de sua carne e pela gordura e grossura de sua pele. O pescoço é quase tão grosso como a cabeça. O corpo é coberto de pelos curtos, rudes e densos. É fusco na parte superior, com três listras paralelas de cor cinzenta flavicante pelos lados e alvadio no ventre.

Cabeça grossa e um tanto ovalada, com o vértice elevado. Olhos grandes, ovais, proeminentes e pretos. Orelhas curtas e arredondadas. Nariz com as ventas compridas, largas e muito afastadas uma da outra. Focinho curto, obtuso e barbado de cerdas compridas, das quaise se vê um pequeno feixe abaixo do ângulo posterior do olho. Boca com o lábio superior fendido e um pouco mais avançado que o nariz. A maxila superior mais comprida que a outra e ambas com dois incisivos. Tronco curto e grosso. Cinco dedos em cada pé, sendo os dianteiros menores. Todas as unhas grandes, fortes, estreitas, agudas e amareladas.

Habita as margens dos rios e os lugares úmidos e quentes. Sustenta-se do mesmo que a cutia e cava a terra com as mãos

para tirar dela alguma raiz ou para fazer seu domicílio. Sai ao nascer e ao pôr do sol para procurar seu sustento. Quando irritada, morde. Grunhe como o leitão. Também é prodigiosa sua multiplicação.

USOS

ECONÔMICO — Alguns aproveitam sua pele. Seus dentes servem aos gentios para o mesmo fim que os da cutia.

DIETÉTICO — Para mim, é a melhor caça do Brasil. Sua carne é tão gorda que não precisa ser lardeada. Chamusca-se sua pele e prepara-se como o leitão.

50 — GABIRU, RATO

É a mesma espécie que os gregos deram o nome de Mys e os latinos de Mus, os italianos chamam rato-de-casa, os espanhóis raton, os alemães ratz, etc. Seus costumes são os mesmos que os dos europeus, assaz conhecidos pelos incômodos que causam dentro das casas onde habitam. Como são onívoros, tudo lhes apetece e estragam: peixe, carne, toicinho, sebo, queijo, manteigas, pão, raizes, grãos, frutos, sem perdoarem os óleos, sejam animais ou vegetais, nem os licores espirituosos. É notável a propensão que têm de roerem tudo que encontram, sejam vestidos de seda, lã, algodão, ou os próprios móveis e utensílios domésticos. Não é a dureza que ilude sua voracidade, ao contrário, quanto mais duras e compactas são as madeiras dos móveis, mais as preferem. Mesmo nos muros e paredes das casas êles abrem grandes buracos. Não se pode obstar sua prodigiosa multiplicação, mesmo por mais perseguidos que sejam pelas doninhas, gatos, cobras e corujas, e por mais que nós procuremos destrui-los com venenos ou eles mesmos se devorem uns aos outros na falta de alimento.

Dessa espécie também na América se observam as mesmas variedades de cor que têm os da Europa: uns são quase negros, outros fuscos, cinzentos, pardos e até totalmente brancos. Acredita-se que os ratos tenham sido transportados da América para a Europa numa embarcação antuerpina (Poppin. Orb. Illustr., 196). Ao contrário, escrevem outros que, da Europa é que eles foram transportados para a América (Dutertre, Descript. des Antilleg., Paris, 1667, t. 2, pág. 303). Como quer que

seja, o que mais se casa com as nossas observações é que semelhante espécie mais parece originária dos climas temperados do que dos frios e, nos paizes quentes, chega a parecer um flagelo sua inexplicável multiplicação. Do mesmo modo multiplicam-se as espécies *terrestris. musculus* e *silvatica*, de número 10, 13 e 17 do Systema de Lineu.

Do animal que os tapuias chamam coró, pode-se dizer, entretanto, que no sistema natural não se determinou seu lugar competente, que é o de uma espécie de rato noturno, com o pêlo acastanhado e fusco e a cauda longa e pilosa. Grita muito alto de noite, com o que os índios se agouram. Quando grita, deixa perceber a voz — coró — de onde lhe vem este nome. Habita as margens das terras firmes que bordam os rios e nas ilhas, sustentando-se de frutos, entre os quais os do cacau, que estraga muito.

Pelo nome de sauiá, designam os índios muitas outras especies de ratos, principalmente as duas abaixo:

50a — Sauia-açu é um ratão silvestre muito maior e mais grosso que o rato doméstico. Possui o feitio de uma paca, à qual se assemelha muito na cor, com a diferença de não ter os lados listados.

50b — Sauiá-santiua é todo coberto de espinhos, isto é, de cerdas rijas, chatas e ásperas. Elas principiam pretas e acabam com as pontas amarelas, *assoveladas* e acamadas umas sobre as outras.

XV — Genero SCIURUS (Syst.Nat.)

51 — *Sciurus flavus Lin.*

ACUTIPIRU, RATO DE PALMEIRA

Sciurus, cauda ereti, pilis brevibus, auriculis subrotundis: Amoenil. Acad. 1º, pág. 281. Sciurus flavus, auriculis subrotundis, pedibus pentadactylis, corpore luteo: Lini, Syst. Nat. pág. 86, gen. 25, sp. 4º. É um animal pequeno, do tamanho de um sagui, tão ligeiro como um pássaro, inocente em seus costumes, dócil, vivo, esperto e industrioso. Com a sua forma elegante, a fisionomia delicada e a bela figura do seu corpo, ainda mais realçada pela beleza de sua cauda, a qual lhe serve como um penacho, trazendo-a sempre alçada para se abrigar debaixo.

Tem o pelo curto, denso e macio, de cor de gema com a ponta branca. Os pêlos da cauda são mais compridos.

A cabeça é chata dos lados, com a parte posterior do vértice como que elevada e semelhante à do coelho. Testa chata. Olhos grandes, redondos, pretos, vivos, salientes e situados na parte superior dos lados da cabeça. Orelhas medíocres e arredondadas. Focinho menos alongado que o do coelho e barbado de cerdas. Boca com a maxila inferior mais curta que a superior, e ambas com um intervalo desprovido de dentes, não tendo mais de 22, entre incisivos e molares. Os primeiros não passam de dois em cada maxila, e são cortantes na extremidade e alaranjados na face anterior. Os superiores são mais curtos. Tronco grosso, proporcional ao seu comprimento e arqueado. Membros pouco compridos, porém com os pés grandes e os dedos grossos, excetuado o polegar da mão, que consta quase que apenas de unha. As unhas, cinco em cada pé, são tão agudas que o animal trepa sem a menor dificuldade em qualquer árvore, por mais lisa que seja sua casca. Cauda mais comprida que o corpo, alçada à maneira de um pára-sol e com os pelos mais compridos que os do corpo e disposto em forma de penacho.

Habita as árvores de terra firme e das ilhas, de onde tira o sustento, que ordinariamente, são as amêndoas das sementes, caroços, frutos, glandes, etc. Salta mais do que anda, e é raro achá-lo desabrigado pelos campos e outros lugares, porque só desce das árvores quando elas são muito açoitadas pelo vento. Jamais se aproximam das casas e outros edifícios para ali causarem algum daqueles estragos que fazem os ratos. Os buracos dos troncos das árvores lhes servem de celeiros, para as provisões de inverno. Senta para comer e leva a comida à boca com os pés dianteiros, como as cutias. Tem uma voz clara e mais aguda que a da fuinha: um baixo grunhido anuncia a sua cólera. Seus ninhos são redondos e armados nos encontros dos ramos das árvores e o material que usa para a sua construção são os gravetos e alguns musgos. As mãos e os dentes lhes servem de pente, com que asseia e ordena os pelos. As fêmeas parem três ou quatro filhos.

USOS

ECONÔMICO — Os pelos da cauda servem para pincéis. A cauda inteira serve aos naturais de pequenos espanadores para livros, imagens, etc. Os dentes são os sarjadores dos gentios.

DIETÉTICO — Sua carne é comida, porque não tem mau cheiro ou sabor.

52 — ACUTIPURU-PIXUNA, RATO DE PALMEIRA PRETO

Sciurus Mexicanus: Hernand., Hist. Mexic., pág. 182. Sciurus niger, L'Ecureuil noir: Brisson, Regn. Animal., pág. 151. Sciurus niger: Catesby, Carolin., pág. 73, vol. 2. L'Ecureuil noir de L'Amerique: De Buffon, Hist. Nat., t. 20, pág. 158. Sciurus niger: Lin., Syst. Nat., pág. 86, sp. 2º.

53 — OUTRO RATO DE PALMEIRA

3º Sciurus griseus, subtus flavescens. Syst. Nat., pág. 88, sp. 9º.

Esta espécie e a *niger*, se em alguma coisa diferem da primeira é na cor e no tamanho.

UNGULADOS — com as unhas inteiras.

NÃO RUMINANTES

XVI — Gênero EQUUS (Syst. Nat.)

54 — *Equus caballus* Lin.

CAUARU, CAVALO

Foi introduzido pelos europeus e, do seu gênero, só esta espécie se tem propagado pelo Grão Pará, particularmente pela ilha Grande de Joannes. Até agora não se teve o cuidado de introduzir e multiplicar as boas raças.

UNGULADOS — de unha rachada.

XVII — Gênero SUS (Syst. Nat.)

55 — *Sus scrofa* Lin.

TAIAÇU, PORCO

Também desta espécie não se introduziram no Estado as boas raças, sendo raros as que nele se multiplicam. Da espécie que é própria do país farei, como os naturais, as distinções

abaixo, não porque sejam espécies diferentes, mas porque suas variedades possuem diferentes nomes. As denominações de taiaçu-caapora e taiaçu-etê, compreende todos os porcos do mato. A espécie é uma só porém as suas variedades são:

55a — TAIAÇU-GUAÇU ou TAIAÇUNUM — é o maior porco do mato. Todo preto ou antes cinzento escuro. Ê menos freqüente e feroz que o seguinte.

55b — TAIAÇU-ETE ou TAIAÇU-IARUM (PORCO DE QUEIXADA BRANCA, entre os potrugueses) — menor que o anterior e tem a mesma côr, porém difere por ter uma malha branca nos lados da maxila inferior e por ser mais feroz. Anda em varas de 60, 100, 200 e 300 indivíduos. Habita as matas sem covil certo.

55c — TIAÇU-I ou TAIAÇU-TIRICA — menor que os anteriores e ainda mais feroz que eles.. Ê todo ruivo da cor de uma cutia.

55d — TAIAÇU-CAITITU — como as variedades acima, anda descrito sob a denominação de taiaçu.

Porcus Americanus: Seba, Mus. 1, tab. 111, t. 4. Taiaçu: Pison, Hist. Brasil., pág. 98. Cauigoara: Marcgrav, Brasil., pág. 229. Barth. Cent. 3 n. 44. Taiaçu. s. Aper mexicanus, moschiferus: Tison, aet. n. 153. Ray Synop. Quadrup, pág. 97. Quavhtla Goymatt. Quapizott: Hernand., Mexic. 161. Sus. minor umbilico indorso: Barrer., Fran, Equinoct. pág. 637. Sus ecaudatus; folliculum inchorosum indorso gerens. Aper Mexicanus. Le sanglier de Mexique: Bris., Regn. Animal pág. 312. Pecaris, espece de cochons sauvages: Dampierre, tom. 4, pág. 69. Couchon, qu'on appelle Pecari: Wafer. a la suite de Dampierre. Roven. 1715, tom. 4, pág. 222. Le Pecari ou le Tayaçy: De Buffon, Hist. Nat. tom. 20, pág. 26. Sus Tajacu, dorso cistifero cauda nula; Lin., Syst. Nat. pág. 103, gen. Sus, sp. 3º.

A variedade taititui ordinariamente não excede o tamanho de um marrão.

O seu corpo é coberto de cerdas longas, densas, rudes, ásperas e variadas nas cores preta, branca e foveira. O carater que particularmente distingue a espécie taiaçu, onde entram esta e as outras variedades mencionadas, consiste num certo orifício que tem escondido debaixo das cerdas da parte posterior do dorso, entre os quartos traseiros, por onde flui um certo humor

um pouco semelhante ao leite e de uma péssima catinga, o qual se separa de uma grossa glândula interior de figura oval, convexa por cima e plana por baixo.»

A cabeça é grossa, sobre um pescoço curto e grosso. Testa convexa. Olhos *porcinos*. Orelhas curtas e direitas Focinho menos alongado que o do porco doméstico, proporcional ao comprimento da cabeça, porém trombudo com ele. Boca com incisivos na maxila superior e 6 na inferior. As presas não passam de 2 em cada maxila e os molares de 12. Tronco grosso. Membros curtos. Cauda propriamente não possue. Substitui-lhe no lugar um pequeno tubérculo, que serve para defender e cobrir o orifício do ânus.

São inumeráveis em todas as províncias quentes da América Meridional. Habitam as matas, onde se sustentam de raizes, cascas, grãos, castanhas e frutos silvestres, além de estragarem as roças quando se aproximam delas. Também devoram os sapos, cobras e lagartos. O taiaçu ruivo e o de queixada branca são os mais ferozes. Vendo-se perseguidos pelos cães ou caçadores, reunem-se e, com um grunhido grosso e horrível, eriçam os pêlos, batem os dentes e cercam os que os perseguem para atrapalharem, no caso de não encontrar alguma árvore onde trepem. Basta a sua catinga para afugentar os outros porcos. As fêmeas parem muitos filhos e mais de uma vez ao ano. Domesticam-se e perdem sua ferocidade natural quando surpreendidos pequenos. Assim é tão incerto e precário o seu tino que, uma vez pego um bacorinho e conduzido à distância de alguns passos pode-se seguramente largá-lo sem temer que fuja, porque desde logo ele se esquece da mãe e acompanha a quem o pegou. Tornam-se tão mansos, principalmente os caititus, que os tenho visto dentro e fora de casa acompanharem os homens como os cães domésticos.

USOS

DIETÉTICO — Antes de se chamuscar e esquartejar o porco, é preciso primeiramente cortar-lhe em roda toda a glândula posterior de modo a não deixar derramar pelas carnes a referida catinga, senão ninguém as come. Elas são boas de se comer contanto que não tenham sido cevadas com algumas frutas silvestres que lhes comuniquem algum mau cheiro ou sabor. Melhores se fazem mediante a castração, contudo jamais adquirem a mesma altura de toicinho que os porcos domésticos.

RUMINANTES

XVIII — Genero CERVUS (Syst. Nat.)

56 — *Cervus capreolus* Lin.

SUGUAÇU-APARA, VEADO GALHEIRO

Mazama: Hernand., Hist. Mexic., 324. Suguaçu-apara: Marcgrav, Brasil., 235. Cervus corninus ramosis, teretibus; erectis; summitate bifida: Lin., Syst Nat., pág. 94, sp. 6º.

Como este animal, excetuada alguma variação que se observa nas pontas do chifres, em quase tudo se conforma perfeitamente ao *capreolos* da Europa, bastará fazer dele as mesmas distinções que fazem os naturais, a saber:

56a — SUGUAÇU-APARA ou VEADO GALHEIRO — assim dito pelos galhos que tem nos chifres. Ê um veado grande de pêlo avermelhado claro e que habita as campinas.

56b — SUGUAÇU-ANHANGA — também é um veado grande e vermelho, porém com o fio do lombo e o focinho preto os chifres lisos e pequenos.

56c — SUGUAÇU-CARIACU — é menor que os anteriores. com os chifres lisos, pelo menos nos primeiros anos. O pêlo é pardo e o ventre mais branco. Habita as matas.

56d — SUGUAÇU-PIRANGA — Veado pequeno que habita o mato e tem os chifres lisos e o pêlo miúdo e cor de fogo.

56e — SUGUAÇU-TINGA — veado pequeno e branco ou antes, cinzento claro.

USOS

MÉDICO — O mesmo que tem as raspas de seus chifres na Europa.

ECONÔMICO — Todos dão boas peles para bolas, meias de couro, borrachas, luvas. correias, etc. A do veado vermelho serve para palmilhas, sapatos etc.

DIETÉTICO — De todos eles a carne é comida fresca ou defumada. Suas boas qualidades dependem de clima, sexo, idade, natureza dos pastos, etc. A do veado branco é mais delicada. Geralmente, depois do veado passar de dois anos já tem

a carne dura. Os de terrenos planos e úmidos não são tão bons como os dos paízes secos, elevados e interceptados por colinas. As fêmeas, qualquer idade que tenham, tem a carne mais tenra que a dos machos.

XIX — Genero CAPRA (Syst. Nat.)

57 — *Capra hircus* Lin.

SUGUAÇU-ME, BODE, CABRA

Também é um quadrúpede introduzido pelos europeus. Propaga-se com muita facilidade pela capitania do Pará e Rio Negro. Todas possuem o pêlo curto.

XX — Genero OVIS (Syst. Nat.)

58 — *Ovis aries* Lin.

SUGUAÇU-ME, CARNEIRO, OVELHA

Não se criam bem como as cabras e estranham muito o calor.

XXI — Genero BOS (Syst. Nat.)

59 — *Bos taurus* Lin.

TAPI-IRA, BOI, VACA

Multiplica tanto no Pará, para onde foi transportado da Europa, como se vê nas povoações e campinas da Ilha Grande de Joannes, e como se espera ver na parte superior do rio Branco, confluente do Negro. Assim houve o cuidado de se introduzir e multiplicar as boas raças, visto ser esta espécie que, quando viva, produz ao homem tantos e tão vantajosos interesses, como: a lavoura das terras, os estêrcos, os transportes, o leite, o queijo e a manteiga. Passando a dar, depois de morta, as utilidades dietéticas e econômicas: as carnes frescas ou salgadas, os intestinos para ensacar as carnes, o sebo, os cascos, os ossos, os couros, chifres, pêlos da cauda, etc.

2ª DIVISÃO — dos anfíbios

a — UNGULADOS — com unhas

XXII — Genero MUSTELA (Syst. Nat.)

60 — *Mustela lutris* Lin.

IAUA-CACACA, LONTRA

Jiva, quoe et carigueibe ju appellatur a Brasiliensibus: Marcgrav, Brasil., pág. 234. Lutra Brasiliensis: Ray, Sinop. Animal. Quadrup., pág. 189. Lutra atri coloris, macula sub gulture flava: Brisson, Regn. Animal., pág. 278. Lutra nigricans, cauda depresa et glabra: Barrre, Franc. Equinoct., pág. 155. Loutre du Bresil: De Buffon, Hist. Nat., t. 14, pág. 183. Mustela lutris, plantis palmatis, pilosis, cauda corpore paulobreviore: Lin., Syst. Nat., pág. 66, t. 1, sp. 1º.

Tem o tamanho de um cão comum e a cabeça um tanto semelhante à de um gato. Seu corpo é oblongo-arredondado, fornido e coberto de pêlos curtos, densos, macios e de cor escura luzida. Toda a parte inferior do pescoço é malhada de louro, desde o princípio da maxila inferior até quase a bifurcação das clavículas. A cabeça é oblonga, grossa, larga e com o vértice deprimido e inclinado num pescoço curto e quase tão grosso quanto a cabeça. Olhos redondos, pretos e com algumas cerdas raras em cima. Orelhas mínimas, arredondadas e distantes não somente uma da outra mas também dos olhos. Nariz grosso e largo, com as ventas oblongas e abertas. Focinho é rombo e boleado, barbado de cerdas como nos gatos. Boca rasgada, com a maxila superior mais comprida que a inferior, a língua com as margens franjeadas e os dentes cônicos e agudos. Tronco alongado, redondo e fornido, mais comprido do que alto e prostrado quando o animal se move pela terra. O seu andar é vagaroso, informe e irregular. Membros curtos, grossos e largos. Os dedos palmados como os do pato, sendo o interior menor que os exteriores e em número de cinco em cada pé, com outras tantas unhas oblongas, encurvadas e agudas. Cauda pouco menor que o corpo, grossa na base, comprimida e aguda para o ápice.

Habita covis que faz nas barreiras das margens dos rios ou em tocos e buracos que encontra nas raízes das árvores

aquáticas. O seu natural é cruel e voraz. Sustenta-se de peixes, sapos, rãs e ratos de água, matando mais do que come. Somente na falta de semelhante alimento é que come alguns ramos mais delicados e cascas de árvores fluviais, ou também ervas mimosas das muitas que nascem na primavera. Porisso ela foge dos rios que são estéreis em peixes e também dos que são mais freqüentados pelos navegantes. É suscetível de educação e domesticidade se bem que incomoda a quem a educa com os guinchos altos e agudos que dá. Quatro a seis semanas após criar os filhos, a lontra os abandona e se desencarrega de os alimentar. Sendo irritada, morde cruelmente.

USOS

ECONÔMICO — Aprecia-se muito suas peles para os regalos de inverno.

DIETÉTICO — Por mais magra que esteja a sua carne, sempre conserva um odor desagradável.

b — UNGULADOS — com os cascos.

XXIII — Genero HYDROCHOERIS (Goter Scopol)

61 — *Hydrochoeris tapirus* Goter Scopol

TAPIRETÉ, ANTA

Tapireté: Pison, Brasil., pág. 101. Tapireté. Brasiliensibus, Lusitanis Anta: Marcgrav, Brasil., pág. 229. Tapihire: Thevet. Singularites de la France Antarctique, pág. 96. Tapirousson: De Lery, Voyage au Bresil, pág. 151. Sus aquaticus, multisulay. Tapireté. Brasiliensibus. Marcgravii an Vitulus Jonstoni? Tapirus. Maypouri: Barrere, Franc. Equinoct., pág. 160. Tapirus, Le Tapir ou Manipouris: Brisson, Regn. Animale, pág. 119. L'Cia, vagra, au Perou; d'anta par les espagnols, etc. Les portugais: De La Condamine, Voyage de la Riviere des Amazones, pág. 163. Hyppopotamus amphibius, pedibus quadrilobis, habitat in Nilo... terrestris pedibus posticis trisulcis. Tapireté habitat. in Brasilia: Lin., Syst. Nat., Edit.Xa, pág. 74. Le Tapir, ou Anta: De Buffon, Hist. Nat., Tom. 24, pág. 271. Tapirus. Brunnich: Scopol. Int. ad. Hist. Nat. pág. 492.

É o maior dos quadrúpedes do Novo Continente, de maneira que DE Buffon o chama Elefante da América. Marcgrav o compara a um bezerro de seis meses (Brasil., pág. 229). A.

Cunha a uma mula (Relation de la Reviere des Amazones, tom. 2, pág. 177) e De Buffon a uma pequena vaca (tom. 24, pág. 274).

O Manipori, diz o Padre Fauche, é uma espécie de mula selvagem (Lettre dattee d'Oyapok. 20. e Avril 1738). Pouco menor que uma mula, diz Herrera (pág. 251). De Lery diz que é meia vaca e meio burra, se bem que desses animais difere por ter a cauda muito curta e so dentes muito mais cortantes e agudos (Voyage au Brésil, pág. 161). Do mesmo parecer é Thevet que diz que a tapira lhe parece participar tanto de burra quanto de vaca (pág. 96). A maior que vi, há seis anos atrás, foi morta em viagem e pesava cerca de 12 arrobas menos 2 e ¼ libras, e o seu tamanho era o de um garrote de dois anos. Isto basta para mostrar sua estatura. O habitus é o de um porco: sua pele é sólida e muito grossa, principalmente pelo fio superior do lado do pescoço e na anca. Os pelos são curtos e luzidios, de uma cor fusca, ou de sombra, uniforme por todo o corpo quando adulta, porém, quando menores, o corpo é listado de branco como os veados. Sua crina consta de pelos mais compridos e mais grossos do que os do corpo, entretanto é como tosada, imitando a dos muares. Ela os eriça quando se vê acuada pelos cães.

Cabeça grossa, oblonga e ossuda, sobre um pescoço comprido, grosso e enfreado. Face porcina. Olhos também porcinos, pequenos e pretos. Orelhas grandes móveis para diante e arredondadas. Focinho agudo, nervoso, encurvado e prolongado numa pequena tromba, que o animal pode contrair ou dilatar à vontade, mediante um nervo muito forte que a guarnece. Esta tromba é fendida inferiormente em várias fissuras longitudinais. Boca com as duas maxilas agudas, todavia a inferior é mais curta. Cada uma possui 10 incisivos comprimidos e cortantes. Depois de um intervalo sem dentes, principiam os molares, também em número de 10 em cada maxila. Tronco musculoso, maciço e arqueado como o dos porcos. Membros grossos e fornidos, com quatro unhas ocas e pretas nos dianteiros, inclusive uma menor que é adjunta das maiores, e três nos traseiros. Em todos a unha do meio é maior. A base dos dedos é guarnecida de uma membrana semelhante à dos pés dos galos, que serve para nadar. Cauda num pequeno processo nérveo, cônico e sem cabelo.

É um animal tão valente que, quando corre expedito pelo interior do mato, nenhum outro é capaz de acompanhar a rapidez de sua marcha. Habita os pantanais e margens dos rios ou lagos, saindo a pastar mais de noite que de dia. Tanto anda por terra como nada pelos rios. Também mergulha a comer a grama

e raízes mimosas que nascem debaixo d'água. Destrói as hortas e roças como também os canaviais. Come com muita avidez a abóbora, melancia, ananás, batata, inhame, arroz e o milho, se bem que dentre as frutas silvestres o cajá é o que melhor sirva para ceva. Vindo daí o nome que os índios do Pará dão a esta fruta: tapiribá ou fruta de tapir. Pelas margens dos rios freqüenta os barreiros salinos para se cevar, sendo esta a razão dos caçadores esperarem-na nestes locais a que chamam de «comida de anta». Sua voz é um assovio forte. Acuada pelos cães, eriça a crina e sentindo-se ferida, por bala ou flexa, lança-se precipitadamente ao rio e depois de um grande mergulho vai surgir a grande distância. Os caçadores quando lhes é possível procuram acertar seu tiro dirigindo a pontaria à testa, ouvidos ou espinha do pescoço, etc., dando preferência a bala ou perdigoto, pois à munição de chumbo por mais grossa que seja ordinariamente não cedem, tão elástico e compacto é o seu couro. As fêmeas parem um só filho.

Os paraenses distinguem duas castas de anta:

61 a — é toda ruça, a maior é mais mansa; tem os pelos variados de cinzento escuro e branco.

61 b — é castanha, menos corpulanta que a anterior, porém com as patas mais alongadas e mais feroz que ela.

Todas quando surpreendidas pequenas perdem a sua braveza e chegam a se domesticar tanto que acompanham as bestas e carneiros e dão outras provas de sua docilidade.

USOS

MÉDICO — Atribui-se uma virtude antistérica ao fumo de suas unhas. Os naturais fazem de suas banhas um grande uso para diversas fomentações. Acredita-se que tenham uma eficaz virtude de desembaraçar o movimento dos membros tolhidos.

ECONÔMICO — Todo mundo sabe o uso que têm suas peles depois de preparadas e curtidas. Os índios servem-se delas, secas ao sol, para guarnecerem seus broquéis. Também alguns europeus preparam delas algumas talas para chicotes. Os que a usam como solas para sapato, dizem que são muito lúbricas e põem em risco de se escorregar.

DIETÉTICO — Apesar de sua carne não ter bom sabor e de ser muito pesada, nem por isso se deixa de a comer, principalmente assada. Observa--se que é sumamente nociva aos que padecem de doenças cutâneas.

62 — CAPIVARA

Capybara: Pison, Hist. Brasil., pág. 99. Capybara: Pison, Hist. Brasil. pág. 99. Capybára Brasiliensibus: Marcgravii: Ray, Sin. Quadr. pág. 126 e 127. Cochon d'eau: Desmarchais, Voyage par le P. Labat. Tom. 3º, pág. 315. Capivard: Voyage de Froger, Amsterdam 1715, pág. 127. Sus maximus, palustris. Porcus fluviatilis. Tonston. Capibara Brasiliensibus. Marcgravii, Le cabiui, que l'on nomme aussi caionara: Barrer, Fran. Equinoct, pág. 160 et 161. Hydrochoerus, Le cabiai: Briss., Regn. Animal., pág. 117. Le cabiai: De Buffon, Hist. Nat. Tom. 25, pg. 183. Hydrochoeris, plantis tridactylis, cauda nulla: Lin. Syst. Nat., pág. 103 Gen. Sus. Sp. 4º.

O feitio é de uma paca e o tamanho é de um porco de dois anos. O corpo é mal revestido de pêlos, que parecem cerdas, se bem que um pouco mais delicados que os porcinos. Elas são ruivas, com as pontas pretas. As do fio do lombo são mais compridas. Cabeça comprida, grossa e chata nos lados, sobre um pescoço curto e grosso. Olhos grandes e pretos. Orelhas curtas, direitas, nuas, com pontas cerceadas e da mesma cor do focinho. Nariz redondo, cinzento escuro e com as ventas afastadas uma da outra, largas e redondas. Focinho grosso e barbado de cerdas longas e pretas. Boca pequena e com o lábio inferior menos avançado do que o nariz. A maxila superior é mais comprida que a inferior e chanfrada abaixo do nariz de maneira que, por mais fechada que o animal tenha a boca, sempre deixa descobertos os dois incisivos superiores. Todos os incisivos são compridos, encurvados e com um só sulco na face anterior, enquanto os molares, em número de oito em cada maxila, apresentam três sulcos profundos cada um. O último molar superior tem sozinho o tamanho dos três primeiros. Tronco grosso e arriado. Membros curtos e grossos, com quatro unhas nos dianteiros (incluída a menor e mais recuada) e três nos traseiros. A base dos dedos é guarnecida de um prolongamento de pele como a dos pés da anta. A unha média dos dianteiros é maior que as duas laterais, a quarta é muito pequena. Elas são planas e pretas. Cauda é um pequeno tubérculo.

Habita as margens dos rios e terras baixas e inundadas. O seu natural é tranquilo e tímido e ela é inofensiva aos outros animais. Sustenta-se de capim, sendo chamada por isso de capiuara, contudo ao se deparar com algumas plantações, tais como cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, batata, melancia, abóbora, etc., não deixa de aproveitar. Seu andar é saltitante, como a paca.

Para descansar, ou quando se vê acuada, senta-se como o cão e o gato. Perseguida, lança-se aos rios e, mergulhando, desaparece ao inimigo. As fêmeas parem muitos filhos.

2ª ORDEM — DOS ALADOS

1ª DIVISÃO — *Dos que têm asas nos membros*

XXIV — Genero VESPERTILIO (Syst. Nat.)

63 — *Vespertilio spectrum* Lin.

ANDIRA-GUAÇU, MORCEGO GRANDE

Canis volans, maximus, aurilus, ex Nova Hispania: Seba, vol. 1, pág. 92, tab. 58, fig. 1. Vespertilio cynocephalus, maximus, aurilus, ex Nova Hispania: Klein, De Quadrup., pág. 62. Pteropus, auriculis longis, patulis, naso membrana antrorsum inflexa, aucto: Briss., Regn. Animal., pág. 217. Le Vampire: De Buffon, Hist. Nat., t. 20, págs. 74 e 83. Vespertilio spectrum, ecaudatus, naso infundisbili formi, lanceolatum: Lin., Syst. Nat. pág. 46, gen. 4, sp. 2º.

É da grossura de um pombo e com as asas abertas ocupa dois palmos de extensão. Cabeça canina. Orelhas grandes, direitas e abertas. Nariz com as ventas afuniladas e guarnecidas de uma membrana que se eleva em forma de crista aguda e aumenta a deformidade da face. Focinho alongado. Boca guarnecida de quatro incisivos agudos e aproximados em cada maxila. Os molares da frente são menores e mais obtusos que os outros. Tronco volumoso. Quatro dedos nas asas, o primeiro anexo ao segundo, e cinco nos pés. O polegar dos primeiros e os cinco dos últimos são armados de unhas curvas e agudas.

Habita as matas nos buracos de paus, de onde sai para fazer suas incursões nos currais e galinheiros. É um flagelo comum à maior parte dos países quentes da América, diz Mr. De La Condamine (Voyage sur la Rivière des Amazones, Paris 1745, pág. 171.) Não respeita nem mesmo aos homens, abrindo em suas veias grandes e perigosas cisuras, quando estes por descuido deixam de se cobrir quando dormem sem mosquiteiro, de maneira que alguns passam dos braços do sono para os braços da morte. (Gumilla, Orinoco Ilustrado). Tenho visto apenas alguns homens e meninos bastante pálidos e debilitados pela grande perda de sangue ocasionada pelas mordidas de morcegos, o que sucede

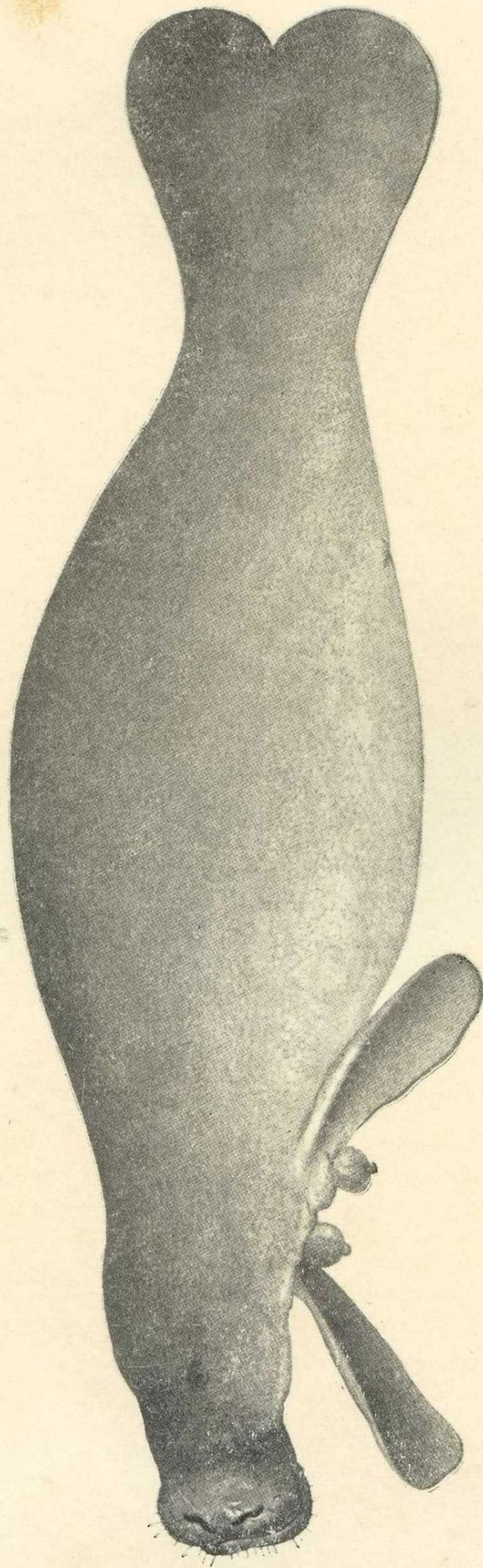



Fig. 4 — Trichecus inunguis (Pelzeln, 1883)
Peixe-boi (fêmea) — Livro 21.1.3. *Biblioteca Nacional, Estampa* 43

mais frequentemente na Ilha Grande de Joannes, pela grande quantidade de gado vacum e cavalar que ali se cria. A espécie *perspicillatus* também habita o mato e persegue o homem, o gado e as criações. A outra espécie, *murinus*, não se afasta das casas, dos templos e dos edifícios, onde é perseguida e devastada pelas corujas. O andiraí, do Pará, é o menor de todos e vive nas margens dos rios preso aos troncos das árvores, donde sai para alimentar-se de insetos e frutos silvestres.

3ª ORDEM — DOS PINADOS

1ª DIVISÃO — *Sem fístula na cabeça*

XXV — Genero TRICHECHUS (Syst. Nat.)

64 — *Trichechus manatus* Lin.

IUARAUÁ, PEIXE-BOI

Manat: Arted., Gen. 79. Syn., Manatus: Rondelet., Pisc. 490. Manat: Gesn., Pisc., 213. Manat: Hern. Mexic. 323. Manat: Phocae. Genus clus. Exot. Pág. 133, Manat: Aldr., Pisc. 728. Vacca marinha: Ray., Quadr. 193. Manatus. le Lamartin: Briss. Regn. Animal. Quad. 49. Le Lamantin: Binnete; Voyage en L'Ille de Cayenne, pág. 346. Manati. Lamanati. Lamantin: De la Condamine, Lettre a M. De Buffon de 28 Mai 1764. Voyage sur la rivière des Amasones, in 8º, pág. 154. Le Lamantin, Hist. Nat. Tom. 27, pág. 207. Trichechus Manatus, dentibus laniariis inclusis: Lin. Syst. Nat. Gen. 6, pág. 49 Sp. 2ª.

O peixe-boi, que Mr. De La Condamine observou e mediu, tinha o comprimento de sete pés e meio (medida de Ray) e a grossura de dois pés (Voyag. sur la Rivière des Amason., in 8º, pág. 154). Dentre os muitos que Mr. Adanson mediu e pesou, quando esteve no Senegal, diz ele que os maiores não excederam o comprimento de oito pés e o peso de 100 libras, e que uma fêmea de cinco pés e três polegadas pesava 194 libras (Lamantin du Senegal). Lineu dá doze pés e 100 libras ao que descreve (Sys. Nat., Edit. 12º, pág. 49, sp. 2ª). O exemplar que o autor da viagem às ilhas da América descreveu tinha quatorze pés e nove polegadas de comprimento (Nouveau Voyage aux Isles de l'Amerique, Paris, 1722, t. 2, pág. 200). Há alguns, diz Oviedo, que têm quinze pés de comprimento e seis de grossura (Hist. Na-

Occidental Sib. 13), de maneira que, para transportá-los, é preciso uma junta de bois. Clurio certifica que viu uma pele que tinha dezesseis pés e meio de comprimento e sete e meio de largura (Exot. 133). Outras peles, afirma Gomara, que se estendem a vinte pés (Hist. Gen., Cap. 31). Binnet compara a sua grossura à de um boi e a figura à de um tonel (Voyag. en Ille de Cayenne, pág. 346). Os que habitam os lagos do Orenoco, diz Gumilla, pesam de quinhentas até setecentas e cinqüenta libras (Orinoco Illustr.). Eu não tenho visto tanto em relação ao do Estado do Grão Pará. A respeito destes informam os práticos e escreveu o Doutor Ouvidor Geral da Capitania do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo, que de comprimento ordinário tinham três a quatro metros (Diário de Viagem em visita e cor. das povoações do rio Negro, pelos annos de 1774 e 1775). Até o momento em que escrevo estas memórias, não tenho visto de tal tamanho. Em Monte Alegre tive a ocasião de observar e medir até seis exemplares dos que ali se chamavam grandes, porém nenhum deles chegou a três metros. Com esta medida, assegurou-me o soldado José Gomes Rodrigues Pereira que tinha visto alguns na Villa de Faro, onde estivera destacado pelo tempo de três anos, mas que acima de três metros não viu nenhum. O mesmo soldado me asseverou que os tinha visto pesar até 225 kg.

Este é um animal grosso de figura informe, cuja grande grossura vai sempre diminuindo até a causa. Tem o corpo todo coberto de uma pele, ou antes, um couro liso, rude e compacto, de cor ardósia escura ou cinzento preto, semeado de algumas raras cerdas longas, grossas e rijas. Tem duas mamas eliticas e axilares. Cabeça cônica de uma grossura mediocre, em relação ao volume do corpo; sem nenhum pescoço, ou antes, ele é tão grosso e curto que se não fosse o pequeno movimento que dá à cabeça, jamais se poderia distingui-lo do resto do corpo. Olhos mínimos em relação à cabeça, redondos e pretos. Não possuem orelhas, vendo-se apenas de cada lado da cabeça um orifício mínimo. Nariz com as ventas regulares, da figura de uma meia lua, com a sua convexidade para a parte da cabeça. Focinho quase cilíndrico, carnudo e grosso, com a sua face anterior achatada; é composto pelo nariz, lábio superior e as extremidades das duas maxilas. Boca pequena, com as duas maxilas quase igualmente largas, os lábios grossos e carnudos, porém o superior achatado na frente e barbado de cerdas rijas e encurvadas; possui apenas molares. Tronco grosso e uniforme, diminuindo sempre de grossura para a parte da cauda. Os membros são duas barbatanas dos lados do peito, semelhante às das tartarugas marinhas. Cauda horizontal, deprimida e do feitio de uma pá.

A semelhança que este mamal aquático tem com o boi e, mais precisamente, com a vitela, na configuração da cabeça, do focinho, nos costumes e usos dietéticos das diferentes partes do seu corpo, fez com que fosse dado o nome de peixe-boi ao macho e de vaca-marinha à femea. Como os espanhóis, diz Oviedo, dão o nome de mãos aos pés dianteiros de todos os quadrúpedes, a analogia que têm as barbatanas do peixe-boi com as mãos daqueles animais fez com que ganhassem o nome de manati, que quer dizer peixe com mãos. Porém desta etimologia se afasta Mr. De la Condamine, pois, segundo consta da carta que dirigiu ao Mr. De Buffon, datada de 28 de maio de 1764, o nome manate foi posto neste animal pelos galibes da Guiana e os caraíbas das Antilhas que falam quase a mesma língua com pouca diferença. Os índios do Pará lhe dão o nome de iuaraua.

Suposto que no rio Arari e outros da Ilha Grande de Joannes, que eu visitei, na baía do Marapatá, alguns exemplares são arpoados, contudo não chegam a ser tantos nem tão grandes como da Vila de Curupá para cima. Mesmo do Curupá até Almeirim não são tão vulgares como no lugar do Outeiro e nas vilas de Monte Alegre e Franca, onde há muitos lagos cobertos pelas plantas canarana e jeticarana, de que eles se sustentam. Nos lagos da Vila de Faro é prodigiosa a sua quantidade. Também há bastante nos da Vila de Sylves, sobre o rio Amazonas, e, com a mesma abundância, nos rios Branco e Uaracá, afluentes do Negro, e nos rios Solimões e Madeira. Mais raro são os peixes-boi de manteiga, assim chamados porque nelas se desfaz quase todo o seu corpo e são mais curtos e mais altos. Todos os que correm nos rios de cachoeira não passam para cima de seus saltos.

Durante todo o ano se arpoa o peixe-boi, porém mais ainda na vazante dos rios, nos meses de agosto, setembro e outubro e nas repontas das enchentes. Nesta época andam no cio, quando se matam muitos, principalmente se o arpoador tem a felicidade de prender uma fêmea e com ela arma negaça para os machos. Para os arpoarem, saem numa canoa pequena, dois ou três índios, providos de arpões de duas farpas, ao romper-se e ao pôr-se um dia sereno e sossegado, sem vento que altere o rio, ou também em noites de luar é boa ocasião de se navegar na esteira deles, pelas margens dos rios ou dos lagos, evitando todo o rumor que fazem as pás dos remos na água, pois seriam pressentidos. Nessas horas e em semelhantes lugares estão os peixes-boi comendo as citadas plantas, ora somente com a cabeça de fora, ora com a maior parte do dorso. É preciso avançar sobre eles no maior silêncio possível, até chegar à distância de os arpoar com sucesso. A arpoadela melhor sucedida é aquela que atinge o toutiço.

Quando não se encontram nas margens dos rios, corta-se uma grande touça de capim e deixa-se a canoa ir entre ela pela correnteza abaixo, até virem comer o capim. Esta experiência é autorizada pelos sucessos quotidianos daqueles que a praticam. Sucede outras vezes o peixe-boi estar comendo no fundo, o que se pode notar pelos movimentos do capim na superfície da água, e, neste caso, é preciso tocar seu dorso com um talo do mesmo capim de modo que ele, tão sensível, suba atemorizado até a superfície. Há certos lugares nos lagos em que eles costumam boiar, brincando uns com os outros, onde os arpoadores fazem suas esperas. Também se praticam as tapagens que, quando os rios não enchem repentinamente, são lucrativas, mas, se sobrevirem as enchentes inesperadas, todo o trabalho é perdido, porque o peixe escapa por cima dela.

Quando são arpoados, levam consigo o arpão e com ele a canoa presa ao cabo, e vão seguindo enquanto não sangram de todo. Quando desfalece, é puxado para junto da canoa e, com um pau, dão algumas pancadas na cabeça e focinho do peixe-boi que geme de tal modo, que chega a comover por ser parecido com um gemido de criança. Daí parece proceder o nome que os franceses lhe dão de lamantin — lamento. Para o embarcarem depois de morto, encostam a canoa na terra e depois de alagada colocam-na debaixo do seu corpo até que fique embarcado nela. Em seguida retiram a água.

USOS

ECONÔMICO — De suas banhas são preparadas as manteigas para conservar as lingüiças que os naturais fazem, pelo método que se mostrará abaixo. O peixe-boi manteiga é que serve para preparar a manteiga, que é aplicada não só para as lâmpadas domésticas, mas também para o calafate das canoas, misturada com breu. O método de fazer a manteiga consiste em frigir as banhas simplesmente. Se estas estão frescas, a manteiga serve para se temperar a comida, não persiste mau cheiro ou sabor e é mais saborosa que a do porco. Isso não acontece quando a deixam fermentar um pouco antes de frigi-la, ficando rançosa e adquire logo mau cheiro.

Sua pele serve para os habitantes fazerem apenas chicotes, porém não se tem deixado de tentar algumas experiências com ela. Assim foi a da cola, que dela tirou o Tenente Coronel Theodoro Constantino de Chermont, o qual observou que se conservava quando guardada em frascos, derramando-se logo que era

exposta ao ar. O mesmo Tenente Coronel tentou curti-la na ilha de Marajó, mas não obteve o êxito que esperava. Cobriu uma pele com cinzas quentes, repetindo tantas vezes quanto mostrava, pelas manchas, que ainda continha gordura. Em seguida, passou a cobril-la de pó de tijolo, o que também repetiu até sumirem as manchas. Finalmente aplicou-lhe cal, com as mesmas repetições. Depois de passa-la pelas três mencionadas preparações, infundiu-a em água de cal e levou-a ao curtume. O resultado que tirou de todas essas experiências foi aprofundar um pouco mais a superfície curtida da parte da carne e ainda menos da parte da flor, conservando-se no interior sem curtir como antes e mostrando uma cor hialina.

Suas pás servem para as índias moverem a farinha nos fornos. Os índios fabricam delas suas colheres e de suas costelas torneiam algumas peças curiosas.

DIETÉTICO — é este um dos animais mais úteis do Estado do Pará. A carne fresca comida cozida, assada ou frita, principalmente a ventrecha, em tudo se parece com a do porco, participando portanto das suas qualidades. Por estas e outras razões, perguntou-me sériamente o Padre Martinho Pereira Lima, então Vigário de Santarém, se o peixe-boi era peixe ou mamal, porque em sua consciência tinha escrúpulos de a comer ou ver comer nos dias de jejum ou de abstinência da carne.

De sua carne se fazem as importantíssimas provisões de peixes secos e de salmoura, as chamadas mexiras e as linguiças, que são de um consumo notável em todo o Estado. Para se fazer o peixe seco, destinado às ocasiões em que falta o fresco, e para as rações das canoas de viagens dos índios, o peixe depois de escalpelado é retalhado e salgado. Apreciam tanto o sal por estas partes que, com um alqueire, salgam apenas entre 14 e 20 arrobas.

Também o comum desse peixe seco é não aguentar muito sem principiar a esverdear-se e apodrecer, acontecendo algumas vezes a tripulação inteira de uma canoa adoecer gravemente em razão do alimento estragado. Nem se pode suportar o péssimo cheiro que evapora debaixo das cobertas, onde vem, nas canoas, em conseqüência de não haver sido espremido o óleo em que abundam as postas, todas lardeadas em banha, e de ter-se dado quantidade escassa de sal.

Um bom peixe-boi, aproveitadas as banhas para manteiga, chega a dar 3 ou 4 arrobas de peixe seco. Nas povoações vende-se a arroba por 500 a 640 réis, e na cidade por 800 e até 1.000 réis.

Do lombo aproveita-se principalmente o peixe de salmoura.

Esta consiste em sal, vinagre, ou limão em sua falta, cravo e pimenta da terra, conservando-se assim dentro dos potes em que são vendidos. Nas povoações cada um custa 640 e na cidade 1.000 réis. Assim conservado, pode-se considera-lo como o atum do Estado, da mesma forma que pirarucu seco é considerado o bacalhau.

A mexira é feita do seguinte modo: retalhada em postas compridas a ventrecha é levada ao fogo para uma fervura, penduram-se as postas para escorrer a água e, depois de repartidas em pedaços pequenos, são frigidas em manteiga da banha do mesmo peixe. Como são conservadas no óleo extraído das banhas, além de terem sido fritas, aguentam bastante tempo sem se estragarem. Por isso todos preferem a sua compra, não só porque aguentam muito, mas porque são gostosas de se comer. Os naturais a comem na maioria das vezes frita, só ou com ovos, outras vezes cozida com feijão e, casualmente, cozida apenas em água e sal, aproveitando a manteiga da conserva para comer e para as lâmpadas. Custa nas povoações de 800 a 1.000 réis e na cidade 1.200 réis cada pote.

As linguiças não têm nenhuma diferença, quanto ao modo de fazer, das de Portugal. Sendo bem temperadas são tão boas como aquelas. Cada pote custa nas povoações 800 e na cidade 1.200 réis.

Apesar de tantas utilidades que se tiram deste animal, sua pesca até agora não tem tido nenhum policiamento. Um peixe-boi para chegar ao seu devido crescimento deve gastar anos, mas sempre se arpoam quantos apareçam. Não se distingue o tempo em que as fêmeas estão prenhes, porque, prenhes ou não, elas são arpoadas. Elas não parem mais de um filho por ano, e o filho tirado do ventre da mãe assim morta de nada serve. Não se distingue o tempo de criação, pois é até felicidade para o arpoador surpreender o filho para arpoar a mãe. Não se distinguem também as idades, porque pequenos ou grandes todos são arpoados. Por isso nenhuma admiração deve causar a sua raridade em alguns lagos, onde, não há muitos anos, eram abundantes.

Sua Majestade conservava antes dois pesqueiros reais, um nos lagos de Vila Franca e outro nos de Faro. Deles tirava o peixe seco e a manteiga necessários para o provimento da gente empregada no seu serviço, mas não tirava tanto quanto correspondesse ao número de índios empregados nos dois pesqueiros e, por conseguinte, às outras despesas. O contrário disto havia entendido o Governador e Capitão Fernando da Costa Ataíde, quando criou os dois pesqueiros na esperança de tirar deles o proveito pre-

meditado. Reconheceu isso o seu sucessor, João Pereira Caldas, percebendo igualmente a distração dos índios em conta de 4 de setembro de 1778, dirigida ao Real Erário por sua Junta, em resposta ao que havia ordenado sobre a moderação de despesas, escrevendo o seguinte: «Que o Pesqueiro Real, que se havia estabelecido no rio Tapajoz, nos lagos Sapucuá e Grande, por motivo das obras de Macapá, Mazagão e Vila Vistosa, foi mandado suspender inteiramente, pondo em arrecadação todos os seus imóveis». O mesmo sucedeu ao de Faro.

Governando depois o Capitão General José de Napoleão Tello de Menezes, arrematou o contrato do pesqueiro real de Vila Franca pela quantia de dez mil cruzados, dentro do triênio consignado para as obras do rio Tocantins. Veja o que consta a esse respeito o exórdio de um papel que me dirigiu o atual administrador, Dionísio G. Lisboa, em resposta às minhas perguntas: «Encarregando-me o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira de lhe declarar, como administrador do Real Pesqueiro dos Lagos de Vila Franca, o rendimento do dito, seu estabelecimento e as mais circunstanciadas, me pareceu declarar-lhe em resposta ao referido: Que, quanto ao rendimento do pesqueiro, o fato de em alguns anos avultar mais o número de arrobas de peixe e de potes de manteiga do que em outros, é motivado por se verificarem mais cedo as enchentes dos lagos, circunstância esta que faz diminuir as pescarias. Certifico, contudo, que os dois anos de minha administração renderam 3$873 em arrobas de peixe e 1$163 em potes de manteiga, fazendo-se para isso a mortandade de 1.500 peixes-bois, pouco mais ou menos que qualquer dos referidos gêneros. São igualmente de avultadas quebras, as quais com bastante prejuízo tem experimentado o presente contrato do referido pesqueiro».

2ª Divisão — *Com fístula na cabeça*

XXVI — Gênero DELPHINUS (Syst. Nat.)

65 — *Delphinus delphis* Lin.

PIRÁ-IAGUARA, BOTO

Art. Gen. H. Syn. 105. Delphinus: Bell., Pisc. 9. Rond. Pisc. 459. Delphinus antiquorum: Raö Pisc. 12. Will. Delphinus Delphis, corpore oblongo, subtereti, rostro attenuato, acuto: Lin., Syst. Nat., pág. 108, gen 40, 2º.

Parece peixe, mas realmente não o é, segundo os caracteres muito alheios àquela classe. Por ser um animal aquático, em tudo

se conforma com os outros, excetuada somente a figura do corpo e dos membros. Ele é oblongo, de uma cor preta-azulada e, em partes, malhado. Tem o dorso quase redondo, o focinho estendido, delgado, agudo e com dentes em ambas as maxilas, que são *assoveladas*. Vê-se na cabeça uma fístula em figura de meia lua. Distinguem-se duas castas: grande e pequeno, a que se dá o nome de tucuxi.

USOS

ECONÔMICO — do fígado e das banhas faz-se muito azeite para as lâmpadas.

Ó JAHOVAI

Omnia isia animantia in Te sperant,
ut des illes escam tempore suo,
Te ipsis dante illam colligunt,
aperiente manum Tuam satiantur bono;
Te recipiente spiritum eorum pereunt,
et inpulverem revertuntur;
Te emittente spirituum tuum, creantur,
renovas faciem terrae.
Gloria Domini erit Soecula
lae tatur Jehova operibus suis.
Canam Jehova in diebus vitae meae.
reflectam sapientiae e jus radios quam diu
superero.
David, Psalm. 103
Vila Bela, 28 de Fevereiro de 1790.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

(Códice B.N. 21.1.11)

O colega Luiz Carlos Souto preparou a lista dos nomes científicos atualizados das espécies mencionadas por Alexandre Rodrigues Ferreira nesta «Memória». Na relação é mantida a mesma ordem dada por aquele autor.

2 — *Alouatta belzebul* (Linnaeus, 1766)
2a — *Alouatta seniculus* (Linnaeus, 1766)
2b — *Alouatta seniculus* (Linnaeus, 1766)
3 — *Pithecia satanas* (Holffmannsegg, 1807)
4 — *Lagothrix cana* (Geoffroy, 1812)
5 — *Ateles paniscus* (Linnaeus, 1758)

6 — *Cebus nigrivittatus* (Wagner, 1848)

7 — *Cebus apella* (Linnaeus, 1758)

8 — *Cebus* sp

9 — *Pithecia monachus* (Geoffroy, 1812)

10 — *Callicebus* sp

11 — *Saimiri sciureus* (Linnaeus, 1758)

12 — *Saguinus midas* (Linnaeus, 1758)

13 — *Leontideus rosalia* (Linnaeus, 1766). Como já havia notado Carvalho (Arq. Zool. S. Paulo, v. 12:22, 1965), Rodrigues Ferreira deve ter obtido a espécie de algum comerciante, pois não habita na região em que esteve.

14 — *Saguinus oedipus* (Linnaeus, 1758)

15 — *Saimiri sciureus* (Linnaeus, 1758)

16 — *Saguinus tamarin* (Link, 1794)

17 — *Callithrix argentata* (Linnaeus, 1766)

18 — *Saguinus bicolor* (Spix, 1823)

19 — *Saguinus* sp

20 — *Aotus trivirgatus* (Humboldt, 1811)

21 — *Bradypus tridactylus* (Linnaeus, 1758)
21a — *Choloepus didactylus*
21b — *Bradypus tridactylus* — fêmea
21c — *Bradypus tridactylus* — macho

22 — *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus, 1758)

23 — *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758)

24 — *Cyclopes didactylus* (Linnaeus, 1758)

25 — *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758)

26 — *Dasypus novemcinctus* (Linnaeus, 1758)

27 — *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758)

28 — *Tolipeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758)

29 — *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758)

31 — *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766)

32 — (a1 e a2) — *Leo onca* (Linnaeus, 1758)
32b — *Felis concolor* (Linnaeus, 1771)
32c — *Felis onca* — forma melânica

33 — *Felis pardalis* (Linnaeus, 1758)

34 — *Felis catus* (Linnaeus, 1758)

35 — *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766)

36 — *Nasua nasua* (Linnaeus, 1758) — Não resta dúvida que Rodrigues Ferreira quis se referir, com o nome de *Viverra narica*, a exemplares mais escuros da espécie acima.

37 — *Conepatus* sp

38 — *Eira barbara* (Linnaeus, 1758)

39 — *Potus flavus* (Schreber, 1774)

40 — *Grison vittata* (Schreber, 1778)

41 — *Procyon cancrivorus* (Bronquiart, 1792)

42 — *Didelphis marsupialis* (Linnaeus, 1758)

43 — *Marmosa* sp

44 — *Coendou prehensilis* (Linnaeus, 1758)

45 — *Sylvilagus brasiliensis* (Linnaeus, 1758)

46 — *Cavia aperea* (Erxleben, 1777)

47 — *Cavia porcellus* (Linnaeus, 1758)

48 — *Dasyprocta aguti* (Linnaeus, 1766)
48a — *Dasyprocta fuliginosa* (Wagler, 1832)
48b — *Myoprocta* sp

49 — *Agouti paca* (Linnaeus, 1766)

50 — *Rattus rattus* (Linnaeus, 1758)
50a — Echimydae
50b — Echimydae

51 — *Sciurus spadiceus* (Olfers, 1818)

52 — *Sciurus igniventris* (Wagner, 1842)

53 — *Sciurus* sp

54 — *Equus caballus* (Linnaeus, 1758)

55 — *Sus scroffa* (Linnaeus, 1758)
55 a — *Tayassu pecari* (Link, 1795)
55 b — *Tayassu pecari*
55 c — *Tayassu tajacu* (Linnaeus, 1758)
55 d — *Tayassu tajacu*

56 a — *Ozotocerus bezoarticus* (Linnaeus, 1758)
56 b— *Mazama americana* (Erxleben, 1777)
56 c — *Odocoileus virginianus cariacou* (Boddaert, 1784)
56 d — *Mazama simplicicornis* (Illiger, 1811)
56 e — *Mazama simplicicornis* (Illiger, 1811)

57 — *Capra hircus* (Linnaeus, 1758)

58 — *Ovis aries* (Linnaeus, 1758)

59 — *Bos taurus* (Linnaeus, 1758)

60 — *Pteronura brasiliensis* (Zimmermann, 1780)

61 — (*a* e *b*) — *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758)

62 — *Hydrochoeros hydrochaeris* (Linnaeus, 1766)

63 — *Phyllostomus* sp.

Ao descrever os hábitos do «andirá-guaçu», Rodrigues Ferreira menciona o sanguivorismo, que, em sua época, acreditava-se fosse praticada pelas espécies grandes de Phyllostomidae, mas que na verdade é restrita aos membros da família Desmodidae.

64 — *Trichechus inunguis* (Pelzeln, 1883)
65 — *Inia geoffrensis* (Blainville, 1817)

X. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

CATÁLOGO DE OBRAS EXISTENTES NO MUSEU REAL DA AJUDA — LISBOA

Índices dos Desenhos de que constam os 2 (dois) volumes (*), *existentes no* MUSEU ZOOLÓGICO DE LISBOA, *da Expedição Filosófica do Pará, cometida ao ilustre Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*

VOLUME I

Os desenhos de n.º 1 a 17 são de indígenas.

ANIMAIS QUADRÚPEDES

18. CUXIU — É a *Pithecia satanas,* Geoffr. — cujo tipo foi do Museu da Ajuda em 1808.

19. MACACO-USSÚ — Freire
Lagothrix cana Geoffr.

20. Não tem inscrição alguma
Ateles paniscus (?) L.

(*) No Volume I (B.N. 1.11.1.0) — Desenhos de Gentios, Animais Quadrúpedes, Aves, Anfíbios, Peixes, etc. São citados apenas 56 espécies de animais. No mesmo volume (Museu Nacional) constam 161 espécies. No presente Catálogo são mencionadas 131 espécies.

No Volume II (B.N. 1.11.1.2) as gravuras são do Pará e Amazonas — Prospetos de cidades, Vilas, Povoações, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras, etc. — No Volume II (Museu Nacional), idem. Neste Catálogo são registradas as gravuras da Viagem ao Madeira e Mato Grosso, num total de 76.

No final da relação das estampas consta a seguinte observação: «Estes volumes têm escrito nas guardas que estão juntas dos frontispícios o seguinte: Este volume de desenhos originais da Expedição Filosófica do Doutor Ale-

21. JUPARÁ no Pará e no Forte do Príncipe SAHÁ

22. PREGUIÇA

Bradypus tridactylus? L.

23. TAMANDUÁ-MIRIM

Myrmecaphaga tetradactyla — L.

24. TATÚ

Dasypus novemcinctus — L.

25. LOBO

Canis jubatus — Desm.

26. SUAÇURANA

Felis concolor — L.

27. SUAÇURANA-VERMELHA

Felis concolor — L.

28. PUCOVA-SURUROCA-YAVARA

Felis onça

29. ONÇA-PRETA

Felis onça, var.

30. MARACAJÁ na Capitania do Pará. — JAGUARÁ-TI-RICA na de Mato Grosso, Gato do Mato pêlos brancos.

Leopardus nictis? F. Cuv.

---

xandre Rodrigues Ferreira, entregue em 1842 por uma portaria do Conde de Thomar ao Ministro do Brasil «Drummond» foi encontrado em 1861 em poder de uma mulher a quem o Diretor da Seção de Zoologia do Museu o comprou». Oferecido à Biblioteca do Museu por José Vicente Barboza du Bocage.

Provavelmente sejam esses os desenhos originais de animais e da viagem a Mato Grosso que se perderam após serem copiados por ordem do Ministro Drummond e enviados ao Rio de Janeiro. Atualmente entre nós existem apenas os originais do Volume II referentes ao Pará e Amazonas. Pela grande diferença de citações relativas ao número de gravuras de animais pelos diversos autores pode-se deduzir que várias delas se extraviaram. As estampas de animais são todas cópias dos originais, exceto as do Livro B. N. 21.1.3 (72 estampas a aquarela também atribuídas à Viagem Filosófica), não mencionadas em qualquer relação.

31. QUATI
Nasua fusca? Desm.

32. IRARA, CÃO-DO-MATO
Galera barbara, (L)?

33. CACHORRO-DO-MATO
Galictis vittata, L.

34. MUCURA
Didelphis cinerea? Neuwied (?)

35. PACA — Linn — CAVIA PACA

36. ACUTY-NAY — COTIA-DE-RABO — Lin.
Cavia Aguti — Freire

37. COTI-YUBA, COTIA-AMARELA
Dasyprocta aguti — Erxl.

38. COTIA-PRETA — Linn.
Cavia aguti variet. *nigra*
Dasyprocta nigricans? Natt.

39. APERIÁ
Cavia aperea, Erxl.

40. TATYTÚ-PEQUENO; PORCO-DO-MATO — Freire
Dicotylus torquatus Cuv.

AVES

41. URUBÚ-TINGA — Linn.
Vultur papa — Janeiro de 1788 — Codina

42. CANCAN
Ibicter americanus — Bodd

43. PAPAGAIO COM O BICO E PÉS BRANCOS
Este desenho representa a ave de um verde uniforme com o vertex tingindo-se de um amarelo alaranjado. Pálpebras implumes, brancas, assim como o bico e os pés.

44. PARAVAHI — R. Parú, 17 de abril 1787 — Freire
Pionus purpureus (Gm.)

45. PERIQUITO-DAS-SERRAS do Rio Branco — Freire

46. BOARAYUBÁ
Heliopsitta guarouba (Gm.)

47. N.º RAMPHASTOS... segue uma descrição latina. José Joaquim Freire — Ano de 74
Rhamphastos vaillanti, Wagl.

48. GUIRÁ-MEMBY
Cephalopterus ornatus, Geoffr.

49. R. Pará 12 de dezembro de 1786 — Freire
Icterus croconotus, Wagl.

50. Paraensibus SURUCUÁ — Freire
Pharomacrus pavoninus, (Spix)

51. SURUCUÁ-DO-PARAGUAY — Desenho por acabar
Trogon collaris? Vieill.

52. QUIRIRÚ DE MARAJÓ
Octopterys guira? (Gm.) O desenho representa o ex. com a cauda curta e terminada por uma faixa preta. Seria ex. com esta parte estragada?

53. PICA-PAU — Linn. *Picus.* Freire
Megapicus rubricollis? Gm. — Este desenho apresenta toda a região inferior vermelha até ao uropygio, sendo nesta parte mais clara.

54. PATO-DE-CASTELLA
Cairina moschata, L. Var. branca

55. Paraensib CARARÁ. Do Parú — Ano de 1785 (letra do Dr. Ferrª) R. Parú, 14 de dezembro de 1875 — Codina.
Plotus anhinga, L. juv.

56. IPICUY — Freire
Heliornis surinamensis — Gm.

57. CANITAÚ — Desenho da ave e do ovo
Chauna chavaria, L.

58. MYCTERIA TUJUJÚ
Tem descrição latina. Pará. C.
Mycteria americana, L.

59. *Ardea cocoi,* L. J.

60. *Ardea cinerea*
Tem descrição latina. Pará. C.
Desenho de um exemplar adulto da esp. precedente.

61. *Eurypyga helius.* Pall. Pará. C.

62. CURICÁCA
Cercibis oxycerca (Spix)

63. INHAMBÚ-TOROM — Freire
Tinamus Sp?

64. INHAMBÚ-PINIMA — Freire
Nothocercus variegatus, (Gm)

65. PERDIZ-DE-MATO-GROSSO
Rhynchotus rufescens. Temm.

66. INAMBÚ
Crypturus parvirostris? Wagl.

67. JACAMI — Freire
Psophia viridis — Spix

68. Paraensib... YACAMY de Monte-Alegre. Ano de 1785 (letra do Dr. Ferrª). Tem uma descrição latina a lápis.
Psophia obscura, Natterer

69. *Canchroma cochlearia* — L. juv. Freire

70. SARY-EMÁ
Cariama cristata, L.

71. ARACUAÃ-DO-PARÚ — Ano de 1785 (letra do Dr. Ferrª). Freire
Ortalida motmot, L.

72. *Penelope jacutinga,* Spix. juv. Freire

73. MUTUM — Linn. *Crax mitu.* Codina. Janeiro 1788.
Crax mitu? Juv.?

74. URU-MUTUM — Lin. Gen. *Crax* Freire
Crax urumutum, Spix

75. MUTUM-PINIMA — Linn. *Crax.* Ano de 1785
Crax pinima? Pelzeln
Tem 3 linhas a lápis descritivas, meio apagadas.

76. MUTUM-UASSU — Freire
Crax mitu (L.)

77. *Numida meleagris* — Por que motivo faria o Dr. Ferreira desenhar esta espécie africana? Encontrá-la-ia aclimatada no Pará?

78. *Pipra erythrocephala* — L. Freire

79. Paraensib TANGARÁ-DO-PARÚ. Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferrª) R. Parú, 14 de dezembro de 1785
Tanagra esp?

80. Lin. Syst. Nat. *Ampelis Pompadora.* Freire
Xipholaena pompadora, L.

81. Paraensib. UANAMBÉ-DO-PARÚ. Ano de 1785 (letra do Dr. Ferreira) Pará, 14 de dezembro de 1785. Codina
Gymnoderus foetidus, (L.)

ANFÍBIOS (*)

82. YURARÁ — Tartaruga ordinária com 3 palmos e uma polegada de comprimento.

83. TRACAJÁ — Desenhos de 3 cágados de 2 cabeças

84. *Testudo corticolis*

85. MUÇUAM, ou URUUANÁ MEMBICA — Tartaruga do salgado, tem de comprimento o casco 2 palmos e 2 polegadas: não se come, apenas os ovos.

86. A mesma vista de peito para cima. Tão flexível por esta parte que cede à menor compressão que se lhe faça.

(*) O termo «anfíbios» é aqui usado também para os répteis (J.C.M.C.)

PEIXES

87. Chamam-lhe os Manáus TUMOYÚ — Freire

88. MUSU

R. Pará, 17 de abril de 1787

89. (1) SARAPÓ, ou TUAUANÁ

(2) ARARY-PYRA — Do Rio Aripuana

90. ITUY — Peixe de palmo e meio até 2 palmos de comprimento, raro, porque bem poucos são os nacionais que o conhecem. Dizem alguns que o rabo deste peixe estava comido, porém este foi o estado em que se viu — Freire.

91. ITUY-DE-TOMAR — Todo a corpo é coberto (como já está principiado) de malhas brancas; à primeira vista não tem escamas — Freire.

92. CAMORIM

93. Paraensib... TUCUNARÉ-PINIMA — Do Parú — 1785

D. Pará, 14 de dezembro de 1785 — Freire

94. ACARÁ-UAÇÚ do rio da Madeira — Freire

95. Paraensib — UACARÁ-PEXUNA do Rio Negro — 1785

Do Pará, 14 de dezembro de 1785 — Freire

96. Paraensib. ACARÁ-YUÁ do Rio Negro

Ano de 1785 — Codina

97. JACUNDÁ-PIRANGA, do rio Içana — R. do Pará, 12 de dezembro de 1778 — Freire

98. PALUMBETA — Freire

99. PIRARUCU — José Joaquim Freire

100. Paraensib... ARAUANAÃ do rio Amazonas — Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferreira) R. Parú, 14 de dezembro de 1785 — Freire.

101. TURIYRA do Rio Emininінis. Este peixe pouco mais chega a crescer do que dois palmos. R. Pará, 12 de dezembro de 1786 — Codina

102. PIQUIRA — de sua verdadeira grandeza. — Cuiabá

103. PEIXE-CAXORRO

104. PEIXE-REY — No Pará CAXORRO

105. PIRY-PIRY. Quase o seu tamanho natural; não tem dentes.

106. CORY-MATÁ ou PAPA-TERRA — Cuiabá

107. DOURADO — Chega o seu maior tamanho até 3 palmos.

108. Chega até palmo e meio (sic)

109. YUTAUÃ-ARANA do rio Emininінis. Este peixe chega o seu maior comprimento a palmo e meio.

110. Paraensib... TAMBAGUY-JUBA. A escama é miúda e tem seu vivo branco, do rio Amazonas (Letra do Dr. Ferreira) Ano de 1785 — Rio Pará, 14 de dezembro de 1785 — Codina.

111. PACÚ-PIVA — O seu maior tamanho é de palmo.

112. Paraensib... PACÚ-TINGA — do rio Amazonas — Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferreira) — R. Parú, 14 de dezembro de 1785 — Codina.

113. SAU-Á

114. CAUIXI — O seu maior tamanho chega a meio palmo.

115. Paraensib... PACÚ-PIRANGA do rio Negro — Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferrª).

(*)

117. PIÁBA — No Pará TAPIY

118. Paraensib... PIRÁ-PITINGA-MIRIM — rio Amazonas — Ano de 1785 (letra do Dr. Ferrª) R. Pará, 14 de dezembro de 1785 — Freire.

119. Paraensibus UACARY-GUAÇÚ — Domini 111 mi ac Ex mi Domini Joanis Pereira Caldas.

R. do Pará, 12 de dezembro de 1876.

N.B. É o desenho da *Loricaria Spinosa*, Ferreira, cuja descrição se lhe juntou, ao qual se refere o

(*) O número 116 é omitido na relação (JCNC).

Sr. Felix de Brito Capello no seu trabalho sobre esta espécie (*Chaetostomus histrix*) inserto no II vol. do Jorn. de Scienc. Mathem phys. e Naturais da Academia das Sc. de Lisboa, pg. 64

120. (a) MANDOBÉ-MIRY-MORUTINGA

(b) ACARY-YURUPARI-CATIMBÁO

Cachimbo do diabo pela língua geral dos índios — Freire.

121. Paraensib... CANDIRÚ-GUASSÚ do rio Amazonas — Ano de 1785 — R. Pará, 14 de dezembro de 1785 — Freire.

122. Gen Linn. *Silurus* — Paraensib... PIRÁ-YAPEA-NHA do Parú — Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferrª) — Freire.

123. JAÚ-DO-RIO-JAURÚ

124. BARBADO

Tem o lado do desenho da cabeça em separado do do peixe a inscrição seguinte: «Cabeça vista por baixo. Está fechada, e tem todo o comprimento do queixo de cima que aqui apresenta» — Freire.

125. PIRAU-YBA do rio Amazonas. Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferrª) — Freire.

126. Paraensib... PIRÁ-CATINGA do Rio Amazonas — Ano de 1785 (letra do Dr. Ferrª) — Freire

127. Paraensib... PIRARARA do Parú. Ano de 1785 — (Letra do Dr. Ferrª) — Freire

128. CANDIRÚ
TURIS

Pau de mangue furado pelo Turis. — Freire

INSETOS

129. Desenho do ninho e o inseto — Freire

130. Paraensib... CÁBA

Formica Paraensib... TUCANDYRA

Lusitan... GRYLLO

Paraensib... TUCÚRA
Ano de 1785 (Letra do Dr. Ferr[a]) — Codina.

131. Aranea Paraensib... YANDÚPIÇÁ — *Tela lutea.* — Do rio Negro — Codina

132. Desenhos de 4 esp. de insetos — Freire

133. Desenho de um miriapode — Freire

134. Desenho de minho e inseto e explicação das fig — Freire.

135. Desenhos de larvas e planta.

Doc. B. N. n.º 1.21.2.23 n.º 2 (pasta)

Por este Catálogo pode-se deduzir que além das Memórias encontradas atualmente em manuscrito, Alexandre Rodrigues Ferreira tinha preparado mais duas outras:

1. Descrição latina do matamatá, *Testudo corticollis* (23 de janeiro de 1784).

2. Descrição latina do Guacari-guaçu, *Loricaria spinosae*.

Desta última se apossou desonestamente Vandelli mudando o nome do peixe para «*histrix*» e enviando-a ao ictiólogo francês Lacépede. Por morte deste os desenhos e o manuscrito de Vandelli foram aproveitados por Valenciennes que descreve a espécie na sua obra «História Natural dos Peixes», tomo 15, página 486, com o nome de «*Rinelepis histrix*» (1840). Coube ainda a Felix de Brito Capelo descrever a mesma espécie colocando-a no gênero *Chaetostomus* (Jorn. Sci. Math. Lisboa vol. 2: 64, 1870, pl. 7 (Rio Negro). Atualmente é conhecida como *Pseudacanthicus histrix* (Valenciennes, 1840). Vide relação número 119.

Na transcrição do texto foi mantido tanto quanto possível o original da Biblioteca Nacional.

Ainda constam do «Inventário dos Papéis do Senhor Doutor Alexandre»... pertencentes à sua viagem... entregues ao Senhor Félix de Avellar Brotero em 5 de julho de 1815, as seguintes memórias, não encontradas no Brasil:

1. Memória sobre a tartaruga Matá-matá (3 págs. fol.)

2. Descrição da Matá-matá 1784
(6 págs. fol.) — mencionada acima.

3. Descrição do peixe Arauanaã
1787 (2 págs. fol.)

4. Relação de todos os pássaros e bichos do Estado do Grão-Pará que se remeteram às Quintas Reais pelo Exmo. Sr. João Pereira Caldas 1763-1779 (19 págs. fol.)

XI. LISTA DOS ANIMAIS QUE FAZEM OBJETO DAS CAÇADAS E DAS PESCARIAS DOS ÍNDIOS*

MAMMALIA

I – PRIMATES (Macaca)

Diurnos .... Macacos

1 Guariba... { pexuna / guarijuba }
2 Coatá.
3 Cochiú.
4 Itapuá.......... De prego
5 Caiarára
6 Parauacu[2]
7 Maricauaçú...... Barrigudo
8 Guayapessá.
9 Xaguim... { tinga / pexuna }

Nocturnos:

1 Hiá.
2 Jupará[3]

II – BRUTA

1 Juarauá......... Peixe-boi
{ ordinário / dito de manteiga }
2 Ay............. Preguiça
{ *a*) Guaçu / *b*) Merim / *c*) Tatá }
3 Tamanduá:
{ *a*) Guaçu, de bandeira na cauda / *b*) ordinário sem ella / *c*) Tamanduahy }

II – BRUTA

4 Tatú { *a*) Guaçú / *b*) Tinga / *c*) Peba / *d*) Bola / *e*) Tatuy }

---

1 Capitulo XXVII, artigo 5 "Revista Trimensal" de 1888, (pag. 94 — 102). Occasionalmente pretendo occupar-me mais detalhadamente d'esta lista, procurando, onde fôr possível, dar uma interpretação dos synonymos scientificos. — (Dr. E.A.G.).

2 Evidentemente deve ser Parauacu; o *n* será erro typographico — (Dr. E.A.G.).
3 Cercoleptes caudivolvulus — um Ursideo. — (Dr. E.A.G.).

(*) Lista constante do "*Diário da Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*" (4.ª parte, 1786), etc. (Códice B.N. 21.1.23), reproduzida na Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 51, pt 1, 94-101, 1888, publicada pelo Doutor Emilio Goeldi no seu livro "*Alexandre R. Ferreira*" (ENSAIO), Pará-Brasil, 1905, pag. 57-65

III – Ferae

- 1 Jaguarité .... } Onça
- 2 Sussuarama...... }
- 3 Coati:
  - *a*) Mondê }
  - *b*) Merim }
- 4 Irará .... Papa-mel
- 5 Mucura:
  - *a*) Guaçu }
  - *b*) Xixica }

IV – Glires

- 1 Coandú .... Ouriço
- 2 Uariru .... Ratos
  - *a*) terrestre }
  - *b*) aquatico }
- 3 Cutia:
  - *a*) Piranga
  - *b*) Pexuna
  - *c*) Acutuiaya
- 4 Paca
- 5 Sauiá:
  - *a*) Guaçú
  - *b*) Merim
  - *c*) Santina
- 6 Acutipurú....... } Rato de palmeira
  - *a*) Pirangauaçú
  - *b*) Pirangamirim
  - *c*) Pexuna

V – Pecora

- 1 Suaçú .... Veado
  - *a*) apara... }
  - *b*) tinga... }
  - *c*) anhanga }
  - *d*) caapora. }

(Nota-bene: Que a cabra (suapumé), a ovelha e o boi (tapira) são mammaes exoticos, assim como o são o porco doméstico, o cavallo, e o cão, etc.)

VI – Belluae

- 1 Taiaçú .... Porco
  - *a*) Uiaia
  - *b*) Caapora.... } De queixada branca
  - *c*) Taititú..... Sem ella

VI - Belluae................

2 Tapira-caauara.... Anta (tapireté)

a) cariacu (só differe em ser menor)

3 Capiuara........ Capiaura

AVES

I - Picae..................

Papagaios

1 Arára

a) vermelha
b) toda azul
c) azul e amarella

2 Paraua:

a) real
b) moleiro
c) curica
d) granadeiro
e) de campina

3 Parauay:

a) curica
b) roxo
c) amarello
d) verde com o papo amarello
e) tui verde com a cabeça amarella

4 Maracanan:

a) azul
b) verde
c amarella

5 Anacan:

a) todo pardo
b) azul-verde, com a cabeça roxa
c) verde, com ella parda

6 Periquito

a) amarello
b) verde
c) verde e amarello
d) verde com a cabeça alaranjada
e) verde, com ella roxa

I – PICAE

- 7 Tocana.......... Tocano
- 8 Araçary
  - a) de papo branco
  - b) agemado
- 9 Japu:
  - a) preto e amarello
  - b) todo amarello

II – ANSERES

- 1 Ipéca........... Pato
  - a) doméstico
  - b) silvestre.
    - uaçu..
    - mirim
- 2 Ipequi
- 3 Ireré
- 4 Potiri-uaçu..... Marrecão
  - a) liso......
  - b) penteado.
- 5 Poitiri-mirim..... Marreca
  - a) Pay
  - b) Petuma
  - c) Uananá
  - d) Uananay
- 6 Carará:
  - a) Guaçú
  - b) Carara-y
- 7 Miuá........... Mergulhão

III – GRALLAE

- 1 Jaburú
- 2 Tujujú
- 3 Magoarí
- 4 Uaçará.......... Garça
  - a) uaçú (real)
  - b) uaçary
  - c) fusca
- 5 Curicáca
- 6 Caracará
  - a) uaçú
- 7 Corocoró
- 8 Carão
- 9 Socó:
  - a) pinima
  - b) uaçú
  - c) socoy
- 10 Guará
  - a) una
- 11 Ayayá........... Colheira
- 12 Antirantim....... Gaivota
  - a) uaçú
  - b) mirim
  - c) y

III–GRALLAE

13 Jareuá .... Corta água
14 Caripirá
15 Arapapa
- *a*) branco
- *b*) pardo

16 Massarico:
- *a*) real
- *b*) mirim

17 Maguari:
- *a*) uaçú
- *b*) mirim

18 Guarirama:
- *a*) uaçu
- *b*) mirim
- *c*) penima

19 Pepessoca
20 Jacamin:
- *a*) preto
- *b*) cinzento

21 Saracura da Mata:
- *a*) grande
- *b*) pequena

Saracura da Campina:
- *c*) toda pintada

22 Jaçanan

IV–GALLINAE

1 Mitu .... Mutum
2 Pexuna:
- *a*) com o ventre branco
- *b*) com ele castanho

3 Penima
4 Anhanga
5 Uru
6 Jacu:
- *a*) reté
- *b*) peba

7 Aracuan
8 Inambu:
- *a*) torón
- *b*) macucáua
- *c*) peba
- *d*) çuiá....
- *e*) sururina
- *f*) penima
- *g*) corcovado

(N.B. Que os perús e as galinhas (sapucaias) são aves exóticas.)

V–Passeres

1 Picaçú .... Pomba (trocal)
- a) guaçu
- b) reté
- c) iróa
- d) Juruty
- e) Picuí

2 Unambé[1]
- c) Cuiucuiu
- b) azul
- c) cinzento e branco
- d) amarello

3 Guirauna .... Melro do Brazil

4 Jaçana

5 Juaná[2] .... Gallo da Serra

(N.B. Que os indios pela accasião da fome tudo comem até os corvos. Porém aqui só se faz menção da caça ordinaria entre elles.)

AMPHIBIA

I–Reptilia

1 Jurará .... Tartaruga
- a) Uaçu
- b) Acangaussú
- c) Petiu
- d) Uirapiquiz
- e) Tracajá
- f) Matamatá

2 Jabotim .... Cagados
- a) tinga
- b) piranga
- c) carumbê
- d) aparéma
- e) juruparige

3 Teiu .... Lagartos

4 Jacaré:
- a) uaçu
- b) tinga
- c) curubarána

5 Iguama

6 Gacurúarú

7 Cucuruaru

8 Arú

9 Jué

1 Com esta designação ainda se conhecem hoje no Pará as diversas espécies de *Cotinga*. — (Dr. E.A.G.)

2 É interessante que A.R. Ferreira chegou a observar a bella *Rupicola crocea*. Com os "corvos", de que falla na nota junto, naturalmente não se entende outra cousa senão os "Urubús" (Dr. E.A.G.)

II–Serpentes (Boia)

Terrestres: Cobras

1 Gibóia

Aquáticas:

2 Surucuju

III–Nantes (Janira)

1 Guaçu .... Raias

2 Tatá

3 Narinari

4 Jurupari

PISCES

I–LACUSTRES

1 Mussu
2 Tamatuá
3 Puraquê
4 Jandiá
  a) merim
5 Jucundá:
  a) Piranga
  b) Penima
  c) Curuba
6 Taraira
7 Geju
  a) Reté
8 Uaracapuri
9 Acará:
  a) araruá
  b) puá
  c) tuápuá
10 Uacarí:
  a) merim
  b) penıma
11 Itubi
12 Sarapó

II – FLUVIATILES

A) *Maiores*:

1 Pirauíba
2 Piraraucú
3 Dourado
4 Jandianaçú
5 Pirarára
6 Pirapiinana
7 Surubim
8 Pirainambu
9 Piramutaba
10 Tucunaré:
  a) guaçu
  b) puitanga
  c) paca
  d) penima
11 Pirapetinga
12 Tambaqui
13 Uaçu
14 Cuiucuiú
15 Arauaná
16 Pirapucú
17 Jatauarana
18 Uatucupá........Pescada

B) *Menores*:

19 Anujá
20 Mandubé
21 Mapará

II – FLUVIATLILES

22 Pacú:

a) tinga
b) pexuna
c) piranga
d) puitanga

23 Piranha:

a) tinga
b) pexuma
c) piranga
d) merim

24 Apapá
25 Jeraque
26 Uaracu

a) tinga
b) penima

27 Parácatimbau
28 Araripirá
29 Pirá-catinga
30 Pirá-tipioca
31 Pirá-andirá
32 Pirá-antan
33 Matupiri
34 Mandiy
35 Tarauíra
36 Acará:

a) tinga
b) piranga

37 Arauri
38 Curimatan
39 Caranatay

INSECTA

I – HYMENOPTERA

1 Taxiuá.......... Formigas

a) sauba
b) mandiuára

II – APTERA

1 Ussá.......... Caranguejos

a) Uaracairú
b) Uararú

VERMES

I – TESTACEI

1 Itan
2 Uruá

BOTÂNICA

XII. MEMÓRIA SOBRE AS MADEIRAS MAIS USUAIS DE QUE COSTUMAM FAZER CANOAS, TANTO OS ÍNDIOS, COMO OS MAZOMBOS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ

Muitas são as árvores que fornecem madeiras utilizadas na construção de canoas. Essas madeiras apresentam propriedades relativas à durabilidade, à dureza e ao peso, com uma escala variável, podendo ser mais ou menos duráveis, mais ou menos duras, leves ou pesadas. As madeiras do *pequeá-râna*, da *cupiúba*, dos *angelins preto, vermelho* e *de pedra* são pesadas, sendo a duração da primeira de três a quatro anos e dentre os *angelins* (*) a do preto é a mais durável; as do *pequeá-verdadeiro* são muito pesadas e afundam enquanto novas, porém, vão se tornando leves com o tempo e podem durar até seis anos ou mais; as de *itauba, cumaru, imbirajuba, acapu-râna* e *peki* dos igapós (alagadiços), são pesadas e duráveis; as do *pau-rosa*, dos *louros vermelho, preto e amarelo* são muito leves e duram quatro anos, sendo leves, também, as da *faveira cumandá-guassu* ou *fava grande*, que são ainda utilizadas para curar impingens, as do *pau-amarelo* e *guariúba:* as *de yandiroiarua* e as do *bacury* são leves e duráveis.

As canoas podem ser feitas ainda de outras madeiras como: *paracuúba, patajuba* e *embirarema* que são duráveis, sendo a primeira pesada e a segunda tendo a propriedade de não *afundar; jacaré-yúa*, leve e porosa servindo apenas para canoas de pesca e com duração semelhante à do *louro comum; acajáca-râna*, nome dado ao Rio Negro e à ponte da cidade pelos naturais da terra; *tauá*, leve e de pouca duração, servindo apenas para canoas de pouco porte; *muirá-rêma*, de pouca duração; *assacú*, cujo leite é tão venenoso que os rios onde essas plantas são freqüentes, se tornam doentios, como por exemplo, o Rio Japurá; *jutáy*, cuja casca é

(*) A fim de preservar a autenticidade das espécies citadas por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, conservou-se a grafia por ele empregada para designá-las, evitando-se assim os possíveis erros provenientes de uma tradução inadequada.

usada pelo gentio pagão na construção de canoas, e fornece uma resina chamada *jutaicica* que significa breu ou resina de jutáy.

Todas as madeiras duras estão sujeitas a ação do *Puru*, um verme que as fura, como acontece com o *angelim*, a *cupiúba*, o *pequeá*, o *cumaru*, o *pequeá-rãna* e a *yandiroiarúa*, o que não se verifica nas madeiras leves como o *louro* e a *guariúba*.

Qualquer uma dessas madeiras é utilizada pelos índios no fabrico de suas canoas, sem que seja preciso gasto algum, porque todo o material necessário é retirado da mata; utilizam o cipó do *murukitica*, o *cipó putânga* e o *cipó paranâ-rêmbo*, além das embiras das *mungúbas branca* e *amarela*, do *timbó titica*, do *guambé*, etc.; os fornos são de *louro* e *uacapu*; para calafetagem é usado o *breu branco chamado sicantaã tinga* ou o *breu preto* chamado *siquiryba*, produzindo esta última árvore de 150 a 180 kg de breu, e sua madeira é usada, geralmente, na fabricação dos coxos das garapas nos engenhos; o breu da *jutaicica*, também usado para vidrar louça; o do *anani* e o da *massaranduba*, misturados com um pouco dos anteriores, não necessitam de azeite.

O processo para a fabricação do breu líquido é o seguinte: derrete-se o breu e, como experiência, pinga-se um pouco numa vasilha com água; se ele está quebradiço e não pegajoso, vai se juntando ao breu derretido a manteiga de tartaruga, ou o azeite de peixe boi ou o azeite de *jandiróba*; se ficar muito ralo, e por essa razão não pegajoso, junta-se mais breu.

A estopa usada na calafetagem ou é a entrecasca do *castanheiro*, ou a do *cumaty* ou a do *macucu*; os mastros são feitos do tronco da *embira branca* por ser leve e durável; os remos são fabricados da madeira vulgarmente chamada *yapucuitanaiúa*, que significa «pau de remo» ou daquelas chamadas *carapanayúa*, *apitajica*, *amapá* e *mangá-uarâna*.

(Códice B. N. 21.1.29 n.º 1)

PEQUENO GLOSSÁRIO DOS NOMES CIENTÍFICOS CORRESPONDENTES A ALGUNS NOMES INDIGENAS CITADOS POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Acapú-rãna — Existem duas qualidades de *acapú-rãna*: o das terras inundadas, *Campsiandra comosa* var. *laurifolia* (Benth.) Cowan, que no Baixo Tocantins é conhecida como *capoeirana* e no Baixo Amazonas como *comandá-assú* ou *manaiara* e o das terras firmes, *Batesia floribunda* Spruce ex Benth., às vezes, também chamada *tento* ou *tenteiro* como as Osmosias. Todas essas espécies pertencem à família *Leguminosae*.

Amapá — Sob este nome vulgar são conhecidas duas espécies: *Brosimum ovatifolium* Ducke (*Moraceae*) e *Parahancornia amapá* (Hub.) Ducke (*Apocynaceae*).

Anani ou uanany — *Symphonia globulifera* L. f. (*Guttiferae*). Esta árvore produz uma resina amarela, que engrossa quando seca e, é utilizada pelos índios para grudar as pontas das flechas. Depois de passar por uma série de processos, é transformada em um betume preto, que é vendido, na Amazônia, com o nome de *cerol*,

Em Óbidos é conhecida, também como *anani*, uma árvore de terra firme pertencente ao gênero *Tovomita* (*Guttiferae*).

Angelim — Várias espécies são conhecidas por esse nome vulgar. Na Amazônia brasileira ele é aplicado, principalmente, a diferentes espécies do gênero *Hymenolobium* Benth., da família *Leguminosae*, sendo o *angelim comum* o *Hymenolobium excelsum* Ducke.

Angelim de pedra — *Hymenolobium petraeum* Ducke (*Leguminosae*); esta espécie recebeu esse nome vulgar devido à dureza de sua madeira.

Apitajica — Provavelmente corresponde à *Swartzia acuminata* Willd. (*Leguminosae*), que é conhecida vulgarmente pelos nomes de *pitaíca*, *paracutaca*, *muracutáca* e *potajuca*.

Assacu — *Hura crepitans* L. (*Euphorbiaceae*).

Bacury — *Platonia insignis* Mart. (*Guttiferae*); seus frutos são empregados para fabricar compotas e suas sementes são oleaginosas.

Breu branco, jauaricica ou almécega — Sob estes nomes vulgares é conhecido o *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March (*Burseraceae*), que é o breu branco verdadeiro, usado para calafetar embarcações. Trata-se provavelmente do *sicantãa tinga* citado por Rodrigues Ferreira, cuja finalidade é a mesma. São ainda vulgarmente conhecidos como *breu branco* o *Crepidospermum rhoifolium* Triana et Planch. e o *Protium Duckei* Hub., ambos pertencentes à família *Burseraceae*.

Breu preto, siquiryba, sucuriuba ou sucurúba — *Protium s.p.* (*Burseraceae*).

Castanheiro ou castanha do Pará — *Bertholletia excelsa* H.B.K. (*Lecythidaceae*).

Cumarú ou coumarou — *Coumarouna odorata* var. *tetraphylla* Ducke (*Leguminoseae*). É uma árvore da floresta de terra firme, que alcança grande altura na mata virgem e altura mediana na mata secundária. Seus frutos são chamados *cumarú* ou *fava cheirosa* no comércio amazônico e *fava tonca* na Guiana

Cumaty — *Myrcia atramentifera* Barb. Rodr. (*Myrtaceae*).

Cupiúba — *Goupia glabra* Aubl. (*Celastraceae*). Êsse nome vulgar provém do fato dessa planta ter um odor semelhante àquele exalado pelos cupins, quando amassados.

Faveira cumandá-guassú, fava grande, fava de bolacha ou fava de impingem- *Vatairea guianensis* Aubl. (*Leguminosae*).

Embira branca — Com este nome são conhecidas várias espécies da família *Thymelaeaceae*.

Itaúba — *Mezilaurus Ita-Uba* (Meissn.) Taubert ex Mex. (*Lauraceae*).

Jandiroba — *Carapa guianensis* Aubl. (*Meliaceae*).

Jutáy, jatahy ou jatobá — São assim denominadas as espécies brasileiras do gênero *Hymenaea* L. (*Leguminosae*), sendo mais difundido o nome vulgar *jatobá*, inclusive nas regiões onde se aplicam os dois primeiros nomes. De vez em quando, a esses nomes vulgares, são acrescidos ainda adjetivos que designam a espécie; assim, na Amazônia, o *jutahy grande* ou *assú* corresponde à *H. courbaril* L. e o *jutahy pequeno* ou *pororoca* corresponde à *H. parvifolia* Huber.

Louro vermelho — *Nectandra rubra* (Mez) C. K. Allen (*Lauraceae*).

Macucú — Nos arredores de Manaus, esse nome corresponde à *Aldina heterophylla* Benth. e à *A. latifolia* Spr. ex. Benth. (*Leguminosae*) e, no Baixo Amazonas corresponde a Rosáceas do gênero *Licania* Aubl.

Massaranduba ou maparajuba — Sob esses nomes vulgares são conhecidas várias espécies da família *Sapotaceae*, pertencentes principalmente ao gênero *Mimusops* L.

Munguba amarela e branca — *Pseudobombax* sp. (*Bombacaceae*).

Paracuúba ou *pracuúba* — Sob esses nomes vulgares são conhecidas várias espécies de diferentes famílias: *Mora paraensis* Ducke (*Leguminosae*), na região do estuário amazônico; *Trichilia LeCointei* Ducke (*Meliaceae*), também chamada *pracuúba da terra firme* e, *LeCointea amazonica* Ducke (*Rubiaceae*), também chamada *pracuuba do Baixo Amazonas ou pracuuba cheirosa*.

Pau amarelo — *Euxylophora paraënsis* Hub. (*Rutaceae*). Grande árvore encontrada na floresta úmida do Pará e que fornece uma das melhores madeiras.

Paul rosa ou louro rosa — *Aniba parviflora* (Meissn.) Mez. (*Lauraceae*). Sob esses nomes vulgares são conhecidas ainda outras espécies de Lauráceas como: *Aniba roseodora* Ducke, *Aniba terminalis* Ducke e *Ocotea costulata* (Nees) Mez; esta última é também chamada *louro cânfora*.

Pequeá ou *piquiá* — *Caryocar villosum* Pers. (*Caryocaraceae*). É uma das maiores árvores da Amazônia; além da madeira, são utilizados ainda os frutos, de onde se extrai uma gordura chamada *manteiga de piquiá*, empregada na alimentação e no fabrico de sabão.

Pequeá-râna — Provavelmente é o mesmo que *piquiarana*, nome sob o qual são designadas, na Amazônia, duas espécies de *Caryocaraceae*, muito semelhantes entre si: *Caryocar glabrum* Pers., da terra firme e *C. microcarpum* Ducke, dos igapós.

Uacapú — Provalvelmente é o mesmo que *acapú*, *Vouacapoua americana* Aubl. (*Leguminosae*), cuja madeira é muito apreciada no Pará.

Yapucuitanaiúa ou pau de remo — *Pseudochimarrhis turbinata* (DC.) Ducke (*Rubiaceae*).

XIII. MADEIRAS, QUE SERVEM, PARA CASA, E PARA OBRAS DE MARCENARIA

As madeiras fundamentais usadas para esteios de casas são as do *acary-quára* e as do *louro da terra firme*, que, como o tem demonstrado a experiência, não duram menos de um século. As *do acary-quára* das matas são consideradas melhores do que aquelas das ilhas alagadiças. São utilizadas, ainda, as do *uacapú*, *cumarú* (também aproveitadas na construção de engenhos) e *jutahy-mirim*, sendo essas duas últimas duráveis.

A madeira que tem maior aplicação para a marcenaria é a do *pau vermelho*, em virtude da sua espessura que permite o fabrico de mostradores de cômodas, aparadores e cadeiras; a mais espessa se encontra nas Cachoeiras do Rio Negro, embora a encontremos também no Rio Branco fronteiro ao Lugar de Carvoeiro, cuja aceitação seria maior se as suas mesclas entre vermelho e amarelo não se desvanecessem. Além dessas madeiras são utilizadas: as do *pau-pintado* ou *muirá-pinima*, que são muito sólidas e encontradas no Lugar de Ayrão ou Jahú, porém não são tão finas e suas cores não são tão vivas como daquelas do Rio Tapajós; as do *muirá quatiára*, que são perfeitas e produzidas em abundância no Rio Branco ou Araçá, confluente do Rio Negro; as do *nurunurú*, das ilhas alagadiças, que são finas, com manchas imitando o *violete*, e de cujos frutos se alimentam as piranhas; as do *pau-pirito* que são produzidas em abundância no Rio Negro; as do *pau-de-rêmo* que se apresentam de duas qualidades: a *carapanayúa*, que é fina e ao ser trabalhada mostra uma viva cor rosa que logo se desvanece, e a *araruyúa*, da qual são fabricados remos e coronhas de armas; as da *marupaúba*, que também são empregadas para forros de casas; as do *castanheiro*, as da *jasapucáya* e finalmente as da *massarandúba*.

(Códice B. N. 21.1.29 N.º 2)

PEQUENO GLOSSARIO DOS NOMES CIENTÍFICOS CORRESPONDENTES A ALGUNS NOMES INDÍGENAS CITADOS POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA:

Acary-quára, *aquariquara* ou *acariuba* — *Minquartia guianensis* Aubl. (*Olacaceae*), usada também para postes de rua.

Carapanayúa — É provavelmente o mesmo que *carapanaúba* — *Aspidosperma nitidum* Benth. ex Muell. Arg. (*Apocynaceae*).

Castanheiro — *Bertholletia excelsa* H.B.K. (*Lecythidaceae*).

Cumarú ou *coumarou* — *Coumarouna odorata* var. *tetraphylla* Ducke (*Leguminosae*). — É uma árvore da floresta de terra firme, que alcança grande altura na mata virgem e altura mediana na mata secundária. Seus frutos são chamados *cumarú* ou *fava cheirosa* no comércio amazônico e *fava tonca* na Guiana.

Jasapucáya — *Lecythis* sp.

Jutahy, jatahy ou *jatobá* — São assim denominadas as espécies brasileiras do gênero *Hymenaea* L. (*Leguminosae*), sendo mais difundido o nome vulgar *jatobá*, inclusive nas regiões onde se aplicam os dois primeiros nomes. De vez em quando, a esses nomes vulgares, são acrescidos ainda adjetivos que designam a espécie, assim, na Amazônia, o *jutahy grande* ou *açu* corresponde à *H. courbaril* L. e o *jutahy pequeno* ou *pororoca* corresponde à *H. parvifolia* Huber.

Massaranduba ou *maparajuba* — Sob esses nomes são conhecidas várias espécies da família *Sapotaceae*, pertencentes principalmente ao gênero *Mimusops* L.

Muirá-pinima ou *pau-pintado* — *Brosimum guyanense* Huber ex Ducke (*Moraceae*).

Pau-de-remo — *Pseudochimarrhis turbinata* (DC.) Ducke (*Rubiaceae*).

Uacapú — Provavelmente é o mesmo que *Acapú*, *Vouacapoua americana* Aubl. (*Leguminosae*), cuja madeira é muito apreciada no Pará.

Violete — Com esse nome são conhecidas, nos Estados do Norte do país, várias espécies do gênero *Dalbergia* L. f. (*Leguminosae*).

XIV. MEMÓRIAS SOBRE AS CASCAS DE PAUS QUE SE APLICAM PARA CURTIR COUROS

Várias são as árvores cujas cascas são empregadas para curtir couros e entre elas temos: as de *paricá-rãna, paricá-verdadeiro, uacapu, folhas-de-sapateiro, angelim* e *mângue* à qual se misturam folhas de *guayabêira*. As de *paricá-verdadeiro* são consideradas pelos curtidores como as melhores para solas, enquanto que as demais não têm a mesma aceitação pelos seguintes motivos: as de *paricárâna* deixam a sola branca e compacta, o que influi muito na sua duração; as do *mângue* deixam a sola vermelha e, quando curtidas por tempo mais demorado, racham e são pouco duráveis; as *folhas-de-sapateiro* ou *tatacajúba* são usadas exclusivamente para determinados couros miúdos, como camurças de peles de cabras, veados e cutias; as de *uacapú* apresentam o problema de torná-los apertados, daí não servirem para solas; as da *guayabêira* apesar de embranquecerem o couro, somente são aplicadas em couros miúdos; finalmente, as do *angelim* servem tanto para esses últimos tipos como para solas, tornando, porém, a ambos amarelos.

Uma das razões principais por que as cascas utilizadas para couros miúdos não servem para solas é devido à qualidade de sua tinta que é muito fraca.

(Códice B.N. 21.1.29 N.º 3)

PEQUENO GLOSSÁRIO DOS NOMES CIENTÍFICOS CORRESPONDENTES A ALGUNS NOMES INDÍGENAS CITADOS POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA:

Angelim — Várias espécies são conhecidas por este nome vulgar. Na Amazônia brasileira ele é aplicado, principalmente, à diferentes espécies do gênero *Hymenolobium* Benth., da família *Leguminosae*, sendo o *angelim comum* o *Hymenolobium excelsum* Ducke.

Guayabêira — *Psidium pomiferum* L.

Paricá-rãna — Sob este nome vulgar são conhecidas duas espécies de *Leguminosae*: a *Piptadenia opacifolia* Ducke, do Alto Amazonas e a *Senegalia polyphylla* (DC.) Britton & Rose apud Britton & Killip, do Baixo Amazonas.

Tatacajuba ou *folhas-de-sapateiro* — Provavelmente é o mesmo que *tatajuba*, nome sob o qual são conhecidas duas espécies de *Urticaceae*: *Chlorophora tinctoria* Gaudich. e *Bagassa guianensis* Aubl.

Uacapú — Provavelmente é o mesmo que *acapú*, *Vouacapoua americana* Aubl. (*Leguminosae*), cuja madeira é muito apreciada no Pará.

XV. MEMÓRIAS SOBRE AS PALMEIRAS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ CUJAS FOLHAS SERVEM PARA SE COBRIREM AS CASAS E PARA OUTROS USOS

As principais palmeiras utilizadas pelos índios e brancos pobres na cobertura de suas casas são: *assahy, ibacába, patauá, inajá, tucúm, curuá, ubuçú, ubim, yuá-uassá, murity, caranú, urucury* e *jupaty*.

As coberturas feitas com as folhas do *assahy* duram até dois anos, acamam-se melhor e são mais resistentes aos bichos, por essas razões, quando escassas, os habitantes procuram com elas cobrir, pelo menos, as cumieiras de suas casas; do seu tronco são tiradas as ripas que os indígenas denominam de *yuçáras*, empregadas na construção de casas, forros e frontais, cercados de quintais, varais onde é sêco o peixe ou a carne e jiraus de canoas onde se coloca a carga protegendo-a assim da umidade do casco, têm enfim toda a aplicação dada às ripas em Portugal; dos seus frutos é extraído o *vinho de assahy*, bebida de notável consumo entre os índios, mazombos e brancos vindos de Portugal e que aqui se estabeleceram. As de *ibacába* não são muito empregadas, quer pela pouca abundância, quer pela pequena duração; do seu tronco são tiradas as ripas que se racham facilmente ao serem cortadas na largura e comprimento desejados, por essa razão, são utilizadas apenas na falta do *assahy* e da *paxiúba;* dos seus frutos é extraída uma bebida cor de leite chamada *vinho de ibacába*, muito apreciada pelos índios e mazombos. As do *patauá* têm também pouca duração, porém seu tronco, quando jovem, não é utilizado por ser todo coberto de grandes espinhos dos quais são fabricadas as flechas usadas nas zarabatanas e, quando adulto, embora sem espinhos, também não é aproveitável pela dificuldade de se tirar ripas retas e que não rachem; dos seus frutos se extrai uma bebida cor de leite chamada *vinho de patauá*. As de *inajá* duram até três anos, sendo entretanto utilizadas apenas as folhas jovens que são tecidas para formarem uma espécie de porta para casas, esteiras e toldos de canoas chamados tupés; o seu fruto é comido cru ou assado. As de *tucum* podem durar até dois anos e das fôlhas novas são feitas cordas para sustentar redes, linhas para pesca e cordéis para

lancear peixes e tartarugas. A duração das coberturas feitas de *curuá* e *ubuçú* é dada pelo tipo de tecido, sendo o trançado miúdo mais durável que o largo; do *curuá* são utilizadas apenas as folhas jovens, resistindo de três a quatro anos, enquanto que aquele feito de *ubuçu* atinge de dez a doze anos, sendo um dos mais duráveis. As folhas de *ubim*, pela sua duração de cinco a seis anos, são preferidas para coberturas de casas e toldos de canoas; são utilizadas ainda para peneirar farinha, arroz, sal, etc., por se amoldarem bem dentro dos paneiros. As coberturas feitas com as folhas do yuá-uassú duram de quatro a cinco anos e são empregadas nas casas da região do Rio Solimões; seus frutos são comidos assados.

Em certas áreas não são encontradas as melhores palmeiras para coberturas, daí, utilizarem-se outras como o *murity*, o *caraná* (na parte superior do Rio Negro e na Ilha Grande do Joannes ou Marajó), o *urucury* e o *jupaty*.

A duração das folhas do *caraná* é de dois anos ou pouco mais; as do *urucury* são de pouca duração e seus frutos são comidos crus. Do *murity* e do *jupaty* são utilizados ainda os pecíolos e a casca que os recobre, sendo que esses pecíolos, depois de descascados, são empregados na confecção de velas para canoas, bastidores, forros de casas, rolhas para frascos, e da casca são tecidos paneiros onde é guardada a farinha, o arroz, o sal, etc., tipitis, tupés e outros tipos de cestos; dos frutos do *murity* é extraída uma bebida chamada *vinho de murity* e suas sementes são comidas quando verdes.

Além dessas palmeiras há outras que não são utilizadas para coberturas de casas, embora tenham outras aplicações. Entre elas temos: as de *tucumá, mocajá, murú-murú, yaxitara, jará, pupunheira, paxiúba, yaguary* e *piaçaba*.

As folhas do *tucumá, mocajá* e *murú-murú* são muito espinhosas; as folhas jovens do primeiro são aproveitadas para confecção de chapéus, baús, tabuleiros, salvas e tudo aquilo que pode ser feito com folhas de palmeiras; as índias mais hábeis nesse trabalho são as da Vila de Santarém, de Alter do Chão, de Vila Franca, etc.; dos frutos do *tucumá* se extrai uma bebida de cor amarela, chamada vinho de *tucumá* e uma espécie de mostarda chamada *ticupy;* os do *mocajá* e do *murú-murú* servem apenas como alimento. As folhas de *yaxitára, jará* e *pupunheira* são muito pequenas; as dessas duas últimas têm ainda pouca duração; da casca do pecíolo da *yaxitára* são feitos paneiros, tipitis, aturás, etc., guarnecendo ainda os tampos e bocas dos balaios que na maior parte são feitos dos talos de *guarumá;* as sementes do *jará* são comestíveis; a *pupunheira* é pouco abundante, porém, anuncia a proximidade de povoações, pois os índios plantam-na nas cercanias

de suas aldeias para se aproveitarem dos seus frutos que, depois de cozidos, são comidos por eles e pelos mazombos. Do tronco da *paxiúba* são tiradas as ripas que, além de terem a mesma utilidade das do *assahy*, ainda são empregadas na confecção de canos de zarabatanas, varetas de espingardas, cabos de fusos e de bilros, currais ou cacuris; os troncos inteiros e desbastados são usados em encanamentos de água. Na falta de outras palmeiras os pecíolos do *yaguary* são utilizados na fabricação de tipitis, paneiros, etc.; os seus frutos são comidos crus ou assados.

A palmeira *piaçaba* é muito rara nesse Estado e por esse motivo não foi, até o presente, utilizada na cobertura de casas, São encontradas apenas na Villa de Thomar, Capitania do Rio Negro e no Rio Padaury, confluente do Rio Negro.

(Códice B.N. 21.1.29 N.º 4)

PEQUENO GLOSSÁRIO DOS NOMES CIENTÍFICOS CORRESPONDENTES A ALGUNS NOMES INDÍGENAS CITADOS POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA:

Assahy — *Euterpe oleracea* Mart.

Caraná — Sob esse nome vulgar são conhecidas duas espécies: *Mauritia carana* Wallace ex Archer e *Lepidococcus macrocladus* (Burret) A. D. Hawkes, sendo esta última conhecida também como *carana-y*.

Curuá ou palha preta — *Orbignya spectabilis* Burret.

Ibacába — provavelmente é o mesmo que *bacába*, nome aplicado ao *Oenocarpus bacaba* Mart., também chamado *bacaba vermelha* e ao *Oenocarpus distichus* Mart., chamado ainda *bacaba branca* ou *iandi-bacaba*. Ambos produzem o *óleo de bacába*, que pode ser empregado, na alimentação, como substituto do azeite doce e, no fabrico de sabões.

Inajá — *Attalea regia* (Mart.) W. Boer.

Jará — *Cocos Weddelliana* H. Wendl.

Jupaty — Sob esse nome vulgar são conhecidas duas espécies: a *Raphia vinifera* Beauv. e a *Iriartea pruriens* Spr.

Mocajá ou *mucajá* — *Acrocomia sclerocarpa* Mart. Sob esse nome vulgar é também conhecida, às vezes, a *Acrocomia erioacantha* Barb. Rodr.

Murú-murú — *Astrocaryum murumuru* Mart.

Patauá — *Jessenia bataua* Burret.

Paxiúba — *Iriartea exorrhiza* Mart.

Paxiúba barriguda — *Iriartea ventricosa* Mart.

Piaçaba ou piassava — Sob esse nome são conhecidas, na Amazônia, duas espécies: *Leopoldinia piassaba* Wallace ex Archer e a *Orbignya racemosa* Dr.; esta última também é chamada *piaçaba verdadeira*.

Pupunha — *Guilielma speciosa* Mart.

Tucúm — Sob esse nome vulgar são conhecidas três espécies: *Bactris acanthocarpa* Mart., *Bactris cuyabaensis* Barb. Rodr. e *Astrocaryum sclerophyllum* Drude. Existe ainda o *tucúm-bravo*: *Bactris setosa* Mart.

Tucumá — *Astrocaryum tucuma* Mart.

Ubim — Sob esse nome vulgar são conhecidas duas espécies: *Geonoma paniculigera* Mart. e *Hyospathe elegans* Mart.

Ubuçú ou *Ubussú* — *Manicaria saccifera* Gaertn. var *mediterranea* Trail.

Urucury — *Attalea excelsa* Mart.

Yaguary — É provavelmente o mesmo que *jauari* e *yauary*: *Astrocaryum jauary* Mart.

Yaxitara — É provavelmente o mesmo que *jassitara,* nome sob o qual são conhecidas as seguintes espécies: *Desmoncus mitis* Mart., *D. horridus* Splitz. ex Mart., *D. polyacanthus* Mart. e *D. macroacanthus* Mart., sendo este último o mais conhecido.

XVI. "MEMÓRIA SOBRE AS PALMEIRAS", SÃO AS PALMEIRAS QUE EU VI, E ME INFORMARAM OS PRÁTICOS, QUE HAVIAM, NAS MATAS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ

As palmeiras vistas por Alexandre Rodrigues Ferreira e que, segundo lhe informaram os gentios, haviam no Estado do Grão-Pará, são as seguintes: *uassahy-uaçú, uassahy-mirim, bacába* ou *yucána, bacába pequena* ou *yucána mirim, patauá, tucumá-uaçú* ou *grande, tucumá-mirim* ou *pequeno, tucumá-hy, tucúm, mocajá, murutim, murú-murú- mumbáca, marajá-uaçú* ou *grande, marajá-mirim* ou *pequeno, pupunha-uaçú* ou *grande, pupunha-mirim* ou *pequena* e *paxiuba-uaçú*.

Uassahy-uaçú — nasce nas várzeas e em lugares úmidos nas margens dos rios; atinge 15m de altura e 44 a 66cm de diâmetro. Suas folhas são estreitas, resistem de dois a três anos e são utilizadas, na falta de outras mais duráveis, para coberturas das casas dos tapuias e brancos pobres; por serem pouco penetráveis pelos bichos, são procuradas para cobrir pelo menos as cumieiras das casas. Do seu tronco que é liso, são tiradas as ripas, chamadas pelos mazombos e índios de *yuçáras*, usadas para forrar essas cumieiras; sobre esse forro são colocadas as telhas ou folhas de palmeiras e um estuque entremeado de folhas secas; este processo é empregado para impedir a passagem da umidade, dos morcegos, baratas e ratos, uma vez que, todas as casas são de telha vã; essas ripas, também usadas em canoas, têm toda a utilidade de uma cobertura ou reparo; são sobrepostas às folhas de palmeiras com a finalidade de as manter unidas, evitando que o casco sofra o pisoteamento da tripulação e impedindo que a carga absorva umidade; servem ainda para cercados de quintais, currais de peixe ou cacuris e tendais ou jiraus para secar peixe, carne, café, cacau, etc. Da bainha das folhas é extraído o palmito, do qual se faz uma salada chamada *salada de uassahy* que é temperada com azeite, vinagre e principalmente pimenta em pó; é aproveitado também para pastéis, tortas e como hortaliça, sendo cozido com a

carne; seu gosto é de erva, um pouco adocicado e admite toda a qualidade de temperos. Dos frutos se extrai o *vinho de uassahy*, de notável consumo e feito da seguinte maneira: esfregam-se os coquinhos em água fria ou morna para maior rapidez da operação e, obtém-se uma tinta vinosa, que adoçada ou não com açúcar, produz uma bebida oleosa e um tanto amarga, com sabor de erva e que quando tomada em grande quantidade depois do jantar, causa indigestões. Os fabricantes desse vinho gastam 20 réis e o vendem a 320 e 400 réis, sem outras despesas além do gasto com a pequena porção de farinha usada para engrossá-lo. Os frutos servem ainda como alimentos dos *cujubis, mutums* e *jacus*.

Uassahy-mirim — têm todas as propriedades da antecedente, diferindo apenas por não crescer tanto e por seus frutos serem um pouco menores.

Bacába ou yucána — cresce em terra firme. Suas folhas têm a mesma disposição que as do *uassahy*, sendo, porém, um pouco mais largas e como estas são empregadas para toldos de canoas e coberturas de casas, na falta de outras palmeiras. Seu tronco tem a mesma aplicação que o do *uassahy*, sendo utilizado na falta deste último ou da *paxiúba*, que são mais duráveis. Frutifica de março a maio e dos seus frutos se extrai tanto o *azeite* como o *vinho de bacába*. No preparo do primeiro cozinham-se e escorrem-se os coquinhos de um dia para o outro até ficarem sem umidade, depois são socados num pilão até serem reduzidos a uma massa que é espremida no tipiti; o óleo que escorre é tão claro e doce como o azeite de oliva e como êle, empregado para temperar alimentos sem deixar cheiro ou sabor desagradável. O vinho é preparado pelo mesmo método daquele usado para o *uassahy* e como ele causa os mesmos ou maiores distúrbios; é uma bebida cor de leite e com sabor muito oleoso. Dos seus frutos também se alimentam os *cujubis, jacus* e os *mutuns*.

Bacába pequena ou *yucána-mirim* — tem as mesmas propriedades e usos da anterior, diferindo apenas por não atingir a mesma altura e por seus frutos serem um pouco maiores.

Patauá — cresce em terra firme. Suas folhas são pouco usadas em coberturas de casas e, somente utilizadas na falta de outras. O tronco jovem não tem serventia por ser crivado de agudíssimos espinhos, dos quais são fabricadas as flechas ou setas envenenadas disparadas pelas zarabatanas; o tronco adulto, sem espinhos, tem aplicação idêntica aos de *bacába* e *uassahy*, sendo utilizado na falta destes. Frutifica de março a maio. Do mesmo modo que os da bacába, os frutos produzem azeite e vinho de idêntica quali-

dade; servem também como alimento para os *cujubis, mutuns, jacus, etc.*

Tucumá — há três variedades de *tucumá*: *tucumá-uaçú* ou *grande, mirim* ou *pequeno* e *tucumá-hy*, que nascem nas matas de terra firme, diferindo entre si pela altura que atingem e tamanho dos frutos, que são amarelos quando maduros.

Tucumá-uaçú ou *grande* — as folhas jovens não são aproveitadas para coberturas de casas por possuírem agudíssimos espinhos nas margens; são utilizadas entretanto, para confecção de baús, tabuleiros, bandejas, pequenos cestos ou igaçáuas, chapéus, balaios, etc. As índias mais hábeis nesse trabalho habitam a Vila de Santarém, no Rio Tapajós, a Vila de Altér do Chão, de Óbidos, a Vila Franca, de Alenquer, etc.; os espinhos de jaramacarú, que é uma variedade do «cactus de Linz», são usados por essas rendeiras como alfinetes. Seu tronco não é utilizado por ser cheio de espinhos. Frutifica de março a maio. Dos seus frutos é extraído o *vinho de tucumá*, pelo seguinte processo: enterram-se os coquinhos cobertos de cinza e, depois de amolecidos, são socados num pilão; a massa obtida é desfeita em água e coada numa peneira ou gurupema, formando uma bebida amarela e adocicada, muito apreciada na cidade do Pará e vendida nas ruas pelas mulheres negras. As sementes são aproveitadas pelas índias para fazerem bilros para o fabrico das suas rendas, que da mesma são utilizados pelas mulheres brancas; são aproveitadas ainda para confecção de piões e seu miolo é comido simples ou assado.

Tucúm — assemelha-se muito ao *tucumá* e, como ele, nasce nas matas de terra-firme. Suas folhas não servem para coberturas de casas por possuírem muitos espinhos, porém, quando jovens, são desfiadas e torcidas a mão, formando linhas que têm todas as aplicações do barbante, servindo para pescar e lancear peixes e tartarugas, redes de dormir ou maquiras, etc. O tronco não tem utilidade. Frutifica de março a maio. Foi encontrada apenas na parte superior do rio Negro.

Mocajá — nasce em terra firme. Suas folhas e tronco não são utilizados por serem muito espinhosos. Frutifica de março a maio. Dos seus frutos se extrai o *vinho de mocajá*, que é feito pelo seguinte processo: colhem-se os frutos verdes que são colocados numa vasilha fechada para amadurecerem mais depressa e obter-se um início de fermentação, quando exalam então um aroma agradável; depois são partidos, descascados e socados no pilão junto com as sementes; à massa obtida adiciona-se água até obter-se a consistência de um caldo grosso; acrescentam-se sararás * [1] ou camarões

---

(*) Pequena espécie de caranguejo de água salôbra.

para torná-lo fluído; depois de fervido está pronta a bebida que pode ser tomada simples ou engrossada com arroz, farinha de trigo ou mandioca, para ficar mais substancial. Algumas pessoas adoçam-no com açúcar ou mel ou misturam-no com o miolo das sementes, cujo gosto é semelhante ao das castanhas do Maranhão. Esta bebida é muito consumida pelos mazombos. Os frutos também são comidos crus, assim como o miolo das sementes.

Murutim — cresce em lugares úmidos e baixos que conservam a água durante o verão; por essa razão os muritizais são procurados pelos caminhantes para saciarem sua sede. Suas folhas nascem no ápice do tronco, são grandes, redondas, fendidas até o meio e dispostas em forma de auréola; são utilizadas para coberturas de casas nas regiões onde não se encontram outras palmeiras, como por exemplo na parte superior do rio Negro. Seus pecíolos têm 3 a 4m e às vezes mais; depois de descascados, unidos, amarrados e cortados no formato adequado, são utilizados como velas de pequenas embarcações ou igarités; servem ainda para rolhas e muitas outras utilidades que sua flexibilidade admite, pois é mais flexível e poroso que a cortiça; com a casca desses pecíolos são tecidos os paneiros que são uma espécie de vasilha utilizada para guardar farinha, arroz, sal; os tipitis que são cilindros utilizados para espremer a massa da mandioca; os tupés que servem como esteiras, e ainda muitos outros utensílios. Seu tronco é liso e oco. Frutifica de fevereiro a abril. Seus frutos têm o aspecto e consistência dos frutos do pinheiro europeu, sendo porém menores e vermelhos quando perfeitamente maduros. Deles é feito o *vinho de murutim*, de cor amarelada e gosto de erva, pelo seguinte processo: colocam-se os frutos em infusão até amolecer a casca; depois são descascados e as polpas que cobrem as sementes são espremidas e amassadas, com as mãos, em uma vasilha com água; o líquido obtido é coado numa peneira ou gurupema; essa bebida é ingerida simples ou engrossada com farinha.

Murú-murú — cresce nos lugares úmidos, atingindo de 8,5 a 9m de altura. Suas folhas e tronco não têm utilidades porque possuem agudos espinhos negros, alguns com mais de 22cm de comprimento. Frutifica de fevereiro a abril. Seus frutos são amarelos e cobertos de espinhos moles e negros. As sementes têm a forma e a consistência do coco e servem de alimento aos índios.

Mumbáca — atinge 3,5 a 4m de altura e 1 a 1,5m de diâmetro; não é utilizada por ser muito espinhosa. Dos seus frutos, que são pequenos e vermelhos, somente se alimentam os índios.

Marajá-uaçú ou *grande* — cresce em lugares úmidos atingindo 60m de altura e 2 a 2,5m de diâmetro; é toda coberta de espinhos, daí, seu tronco e folhas não terem utilidades. Frutifica de março a abril. Seus frutos são pequenos, negros e quase esféricos, de gosto um pouco adocicado; deles e das sementes se alimentam os índios.

Marajá-mirim ou *pequeno* — com este nome Alexandre Rodrigues Ferreira se refere a duas qualidades de palmeiras. A primeira é semelhante ao *marajá-uaçú* ou *grande*, diferindo apenas no tamanho de seus frutos que são menores. A segunda, menor de todas, não ultrapassa de 24 a 30m de altura e 1 a 1,5m de diâmetro e cresce nas margens dos rios, ficando com as raízes sob a água durante as enchentes. Seu tronco e folhas não possuem utilidades por serem muito espinhosos. Seus frutos são negros, do tamanho e forma das «uvas ferraes» e não servem como alimento.

Pupunha-uaçú ou *grande* — suas folhas nascem em grande número no ápice de um tronco reto e liso, e ambos não são utilizáveis. Frutifica de julho a setembro. Seus frutos são do tamanho e forma de uma pera européia; têm cor vermelha quando perfeitamente maduros e alguns possuem ângulos, sendo por isso chamados *pupunha de gomos*. São muito apreciados, razão pela qual é uma das primeiras plantas que os lavradores do Estado do Grão-Pará costumam plantar na frente de suas casas, em suas roças e sítios. Depois de cozidos são vendidos na cidade do Pará, na proporção de 12 a 20 réis. Essas palmeiras são consideradas as balizas das povoações porque noticiam aos viajantes, ainda bem de longe, o povoado que eles procuram encontrar.

Ainda com este nome Barbosa Rodrigues descreve uma outra palmeira de frutos lisos, tronco e folhas espinhosas. Todas as propriedades e usos são os mesmos da anterior.

Pupunha-mirim ou *pequena* — sob esse nome o autor descreve duas palmeiras menores, tendo as mesmas propriedades das anteriores. Uma delas possui frutos amarelos e a outra frutos roxos; ambos têm gosto muito semelhante ao da batata inglesa e são comidos com manteiga.

Paxiúba-uaçú — possui grande número de raízes fulcrais. Suas folhas não são utilizadas. É chamada pelos brancos de *paxiúba barriguda*, porque seu tronco engrossa muito em certa altura, para logo depois voltar a sua espessura normal, formando uma espécie de barriga; por ser liso, oco, bem comprido e ter sofrível consistência, é usado no Estado como calha para conduzir água de um lugar para outro e, pelas mesmas razões, poderia ser usado também para canos de bombas. Frutifica de janeiro a março. Seus

frutos são negros como os da *bacába* e pouco maiores que as azeitonas, com sementes de consistência igual a do côco; não são utilizáveis.

(Códice B.N. 21.1.15)

PEQUENO GLOSSARIO DOS NOMES CIENTÍFICOS CORRESPONDENTES A ALGUNS NOMES INDÍGENAS CITADOS POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA:

Bacába — Sob esse nome vulgar são conhecidas duas espécies: *Oenocarpus bacaba* Mart., também chamado *bacaba vermelha* e *Oenocarpus distichus* Mart., chamado ainda *bacaba branca ou iandi-bacaba*.

Mocajá ou Mucajá — *Acrocomia sclerocarpa* Mart.; sob esse nome vulgar é também conhecida, às vezes, a *Acrocomia eriocantha* Barb. Rodr.

Mumbáca — *Astrocaryum mumbaca* Mart.

Murú-murú — *Astrocaryum murumuru* Mart.

Patauá — *Jessenia bataua* Burret.

Paxiúba-uaçú ou *paxiúba barriguda* — *Iriartea ventricosa* Mart.

Tucúm — Sob esse nome vulgar são conhecidas três espécies: *Bactris acanthocarpa* Mart., *Bactris cuyabaensis* Barb. Rodr. e *Astrocaryum sclerophyllum* Drude.

Tucumá — *Astrocaryum tucuma* Mart.

Tucumá-hy-Astrocaryum acaule Mart.; há ainda o *tucumã-hy da terra firme*: *A. candescens* Barb. Rodr.

Tucumá-uaçú — *Astrocaryum princeps* Barb. Rodr.

Uassahy-mirim ou *uaci-mirim* — *Euterpe jatapuensis* Barb. Rodr.

Não constam da presente edição, os seguintes «Memórias» botânicas atribuídas a Alexandre Rodrigues Ferreira, e que não foram encontradas na Biblioteca Nacional:

1. Relação das amostras de algumas qualidades de madeiras das margens do Rio Negro, 1788, 30 pág. de fol.
2. Diário sobre as observações feitas nas plantas, que se recolheram na Capitania do Rio Negro, 1780, 118 pág. de fol.
3. Diário sobre as observações das plantas que se recolheram no Rio Branco, 42 pág. de fol.
4. Diário das observações das plantas que se recolheram no Rio Madeira, 36 pág. de fol.
5. Relação das madeiras do Estado do Grão-Pará de que foram amostras à Secretaria d'Estado da Marinha, remetidas pelo Governador e Capitão-General João Pereira Caldas.
6. Relação dos nomes das madeiras próprias para a construção de embarcações, móveis de casa e outros destinos, que se tem descoberto no Estado do Pará (6 pág. fls.).
7. Memória sobre uma porção de coisa formado da casca do guambi-cima (10 pág. fol.).
8. Virtudes, preparação e uso da raiz de caninana nas enfermidades venéreas, tanto recentes como crônicas (4 pág. fol.).

Acredito que os três «Diários» mencionados nesta relação contenham os textos relativos às estampas botânicas em número de 668. (J.C.M.C.).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1 — CARVALHO, C. T. DE

1965 — Comentários sobre os mamíferos descritos e figurados por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1790.
Arquivos de Zoologia 12:7 — 70, São Paulo.

2 — COSTA E SÁ, MANUEL JOSÉ MARIA

1818 — Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira.
História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo V, pt. II, p. LVI-LXXXI.

3 — FONTES, GLÓRIA MARLY DUARTE NUNES DE CARVALHO

1966 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Aspectos de sua vida e sua obra.
Cadernos da Amazônia, 10:96 p., 34 figs., 2 mapas.
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus.

4 — GOELDI, E.A.

1895 — Ensaio sobre o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira mormente em relação às suas viagens na Amazônia e sua importância como naturalista.

Pará, Brazil, Alfredo Silva & Cia., Edit. 108 p. 22 cm.

5 — RODRIGUES, JOSÉ HONÓRIO

1952 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Catálogo de manuscritos e bibliografia.

Anais da Biblioteca Nacional, 72: 11-152; separata. 162 p.

6 — VALLE CABRAL, ALFREDO DO

1876-1877 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá.

Anais da Biblioteca Nacional, vol. 1:103-129 e 222-247; vol. 2:54-67 e 324-354.

ÍNDICE DAS MEMÓRIAS

A «VIAGEM FILOSÓFICA PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO NEGRO, MATO GROSSO E CUIABÁ», de Alexandre Rodrigues Ferreira, em fase de edição pelo Conselho Federal de Cultura, abrangerá os seguintes tomos:

ICONOGRAFIA:

Vol. I — Geografia e Antropologia.

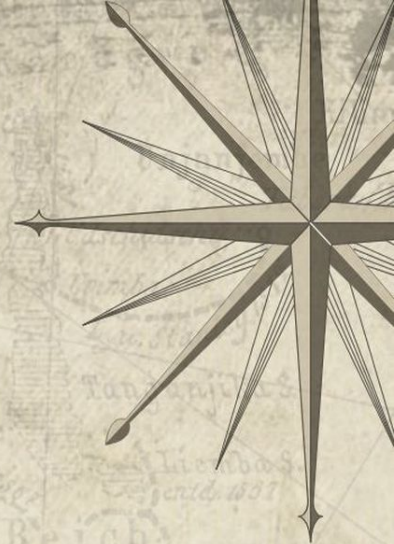
Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.
Editora Monumento S.A., São Paulo.
Artes Gráficas Gomes de Souza S.A. (AGGS),
Rio de Janeiro — 140 est. color., 1971.

Vol. II — Zoologia.

Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.
Editora Monumento S.A., São Paulo.
Artes Gráficas Gomes de Souza S.A. (AGGS),
Rio de Janeiro — 168 est. color., 1971.

Vol. III e seguintes — Botânica (em preparo).

MEMÓRIAS:

Geografia.
Antropologia.
Zoologia e Botânica.
Medicina e Assuntos Gerais.

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa